

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

**Polissemia dos sufixos aumentativos *-ão*, *-arro*, *-orro*,  
*-aço* e *-uço* e seus traços avaliativos sob a perspectiva  
diacrônica**

**Alice Pereira Santos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Português do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

**Orientador:** Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro.

São Paulo

2010

---

**ALICE PEREIRA SANTOS**

Polissemia dos sufixos aumentativos -ão, -arro, -orro, -aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Português do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração:

Filologia e Língua Portuguesa

Orientador:

Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Santos, Alice Pereira.

Polissemia dos sufixos aumentativos -ão, -arro, -orro, aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica / Alice Pereira Santos ; orientador: Mário Eduardo Viaro. -- São Paulo, 2010.  
339 f. : il.

Dissertação (Mestrado)--Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Morfologia Histórica. 2. Sufixo. 3. Aumentativo. I.  
Título. II. Viaro, Mário Eduardo.

CDD 469

## **SANTOS, Alice Pereira**

Polissemia dos sufixos aumentativos -ão, -arro, -orro, -aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Português do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado em:

### Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**Aos bons!  
Não.  
Aos melhores!  
À melhor família  
Aos melhores amigos.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Dr. Mário Eduardo Viaro, pela orientação e apoio ao longo da realização dessa pesquisa, pela oportunidade de trabalho e pelos ensinamentos.

À professora Dr<sup>a</sup>. Valéria Gil Condé pelas indicações bibliográficas e sugestões que auxiliaram bastante no desenvolvimento deste estudo. Agradeço também sua participação no exame de qualificação, momento importante na definição dos passos finais dessa investigação.

Agradeço à professora Dr<sup>a</sup> Elis de Almeida Cardoso Caretta, pela participação no exame de qualificação e pela disciplina “A Criação Lexical no Texto Literário”, a qual proporcionou a ampliação dos horizontes deste estudo, sendo de grande relevância para o mestrado que se encontrava em estágio inicial.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa, a qual viabilizou a realização desta pesquisa.

Agradeço aos integrantes do Grupo de Morfologia Histórica do Português, cito, em especial, a Nilsa Aréan-García, pela presteza e pelo auxílio em assuntos acadêmicos e não-acadêmicos; o Marco Syrayama de Pinto pela diligência e colaboração com relação às palavras do árabe; Leandro Mariano e Zwinglio de Oliveira Guimarães Filho, pela contribuição no fornecimento de dados; elaboração de gráficos e de programas computacionais que enriqueceram a análise dos sufixos estudados.

Aos amigos que estiveram ao meu lado e àqueles que, mesmo de longe, contribuíram, cada um a sua maneira, na travessia desta jornada: Alessandra, Amália, Ariane, Fernanda, Karlus, Paula e Vicente.

Agradeço aos meus pais, Eliezer Santos e Nira Pereira Santos, e ao meu irmão, Eliezer Santos Junior, pelo carinho, compreensão e pela confiança em mim depositada.

## RESUMO

A pesquisa que aqui se apresenta trata dos sufixos aumentativos *-ão*; *-aço(a)*; *-uço(a)*; *-arro(a)* e *-orro(a)*. Essa investigação pautou-se em aspectos etimológicos, morfológicos e semânticos. Sendo assim, foi possível apontar a origem e delimitar os significados que cada afixo assume em português. Além disso, puderam-se verificar as transformações e o desenvolvimento semântico desses elementos formativos. Para tanto, utilizou-se, como base inicial para o estudo, o Dicionário Houaiss, do qual foram extraídos os vocábulos derivados a partir dos sufixos arrolados acima. A análise diacrônica forneceu indícios do percurso histórico, revelando as influências de algumas línguas românicas. Por isso, em muitos momentos também foi necessário recorrer ao estudo desses formantes lexicais no galego, espanhol, catalão, francês e italiano para esclarecer o trajeto por eles percorrido. Realizou-se ainda uma comparação, no que se refere à função aumentativo-intensiva desses elementos derivacionais. A pesquisa empreendeu também uma análise acerca da produtividade e frequência de uso. A primeira apoiou-se na observação das criações neológicas e a segunda foi estipulada a partir de páginas da *internet*, escritas em português. Esse procedimento permitiu observar a situação atual dos sufixos em apreço.

Palavras-chave: Morfologia histórica; Derivação sufixal; Sufixos *-ão*, *-aço*, *-uço*, *-arro*, *-orro*; Aumentativos; Polissemia.

## ABSTRACT

The research that is here presented is about the augmentatives suffixes *-ão*; *-aço(a)*; *-uço(a)*; *-arro(a)* and *-orro(a)* from Portuguese language. This investigation is based on etymological, semantical and morphological aspects. This way, it was possible to point the origin to establish boundaries for the meanings that each affix holds in Portuguese. In addition, it was also possible to verify the semantical development and transformations of those elements. In order to do that, the Houaiss Dictionary was used as original source of this study, from where words with the suffixes mentioned before could be extracted. The diachronic analysis showed some evidences of the historical pathway and the influence of some Romance languages. Because of that, for many times it was necessary to study those lexical pieces in Spanish, Catalan, French, Italian and Galician to clarify the way they have been through. It was also possible to compare them, when talking about the intensive-augmentative function of those derivational elements. Still, the research was an analysis about the productivity and frequency of usage. The first one, the productivity, was based on the observations of neological creations and the second one, the frequency, was based on the research on the internet. During this process it was possible to observe the behavior those suffixes have nowadays.

**Keywords:** Historical Morphology; Suffixal derivation; Suffixes *-ão*, *-aço*, *-uço*, *-arro*, *-orro*; augmentatives; Polissemia.

## Sumário

Lista de abreviaturas.....	13
Lista de gráficos.....	14
Lista de quadros.....	15
Lista de figuras.....	17
Lista de tabelas.....	18
<b>Introdução.....</b>	<b>19</b>
<b>Pressupostos teóricos.....</b>	<b>22</b>
<b>Objetivos.....</b>	<b>26</b>
<b>Metodologia.....</b>	<b>28</b>
<b>Estrutura do trabalho .....</b>	<b>32</b>

### Capítulo 1

<b>Valores semânticos do sufixo <i>-ão</i>: entre a homonímia e a polissemia .....</b>	<b>33</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>33</b>
<b>1. Singularidade da sequência final <i>-ão</i>: fusões, analogia e convergências .....</b>	<b>35</b>
<b>2. Do <i>Corpus</i> .....</b>	<b>43</b>
<b>3. Estudo semântico do sufixo <i>-ão</i> em dicionários .....</b>	<b>46</b>
3.1. Derivados de origem latina .....	46
3.1.1. Sufixo <i>-anum</i> .....	46
3.1.2. Sufixo <i>-anem</i> .....	55
3.1.3. Interseção dos sufixos latinos.....	56
3.1.4. Sufixo <i>-onem</i> .....	58
3.1.4.1. Valores semânticos.....	59
3.1.4.2. Traços semânticos .....	65
3.2. Derivados de origem neolatina .....	76
3.2.1. Espanhol.....	76

	<b>10</b>
3.2.2. Francês .....	83
3.2.3. Italiano.....	92
3.3. Palavras de origem portuguesa .....	96
<b>4. Proposta de Genealogia: Descrição dos significados ao longo dos séculos.....</b>	<b>109</b>
<b>5. A questão dos interfixos nas derivações com o sufixo -ão.....</b>	<b>117</b>

## Capítulo 2

<b>Sufixo -aço: Valores Semânticos do Sufixo no Português e influência do espanhol</b> .....	<b>124</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>124</b>
<b>1. Polissemia ou homonímia: origem do sufixo -aço e de seus valores semânticos</b>	<b>126</b>
<b>2. Análise das palavras derivadas com o sufixo -aço presentes no Dicionário Houaiss.....</b>	<b>128</b>
<b>3. Palavras derivadas com o sufixo -aço: Pesquisa em textos dos séculos XIII ao XX</b> .....	<b>142</b>
3.1. Análise quantitativa .....	142
3.2. Análise Semântica.....	145
<b>4. Análise da frequência de uso das palavras derivadas com o sufixo -aço.....</b>	<b>150</b>
<b>5. Genealogia: desenvolvimento semântico do sufixo -aço.....</b>	<b>158</b>
<b>6. Sufixo -uço: raízes latinas e influência do formante -aço .....</b>	<b>161</b>
<b>7. Análise dos verbetes do Dicionário Houaiss.....</b>	<b>163</b>
7.1. Descrição dos grupos semânticos .....	165
7.2. Idiossincrasias da língua portuguesa: o elemento formativo -ouço .....	169
7.3. Desenvolvimento semântico do sufixo -uço e conexões com -aço. ....	172
<b>8. A criatividade e expressividade: a derivação sufixal em -uço/ -ouço.....</b>	<b>173</b>
<b>9. O sufixo -uço(a) nas línguas românicas .....</b>	<b>175</b>
9.2. Italiano .....	175
9.2. Espanhol.....	177
9.3. Catalão .....	178

9.4. O caso do galego e do asturiano ..... 180

### Capítulo 3

**A gênese de um sufixo: o caso dos formantes lexicais -arro(a) e -orro(a) .....183**

**Introdução .....183**

**1. Proveniência e desenvolvimento morfossemântico.....184**

1.1. Terminações -arra e -orra e sua relação com alguns sufixos do basco ..... 185

1.2. A sequência final -rr- e sua presença para além da Península ibérica..... 186

1.3. Empréstimos das línguas iberorromânicas ..... 187

1.4. Reanálise, ressemantização e re-estruturação vocabular ..... 188

**2. Análise dos verbetes do Dicionário Houaiss.....195**

2.1. O sufixo -arro(a)(s) ..... 195

2.1.1. Descrição e apresentação dos grupos semânticos do sufixo -arro(a) ..... 196

2.2. Sufixo -orro(a)..... 199

2.2.1. Descrição e apresentação dos grupos semânticos do sufixo -orro(a) ..... 199

2.3. Desenvolvimento semântico em processo: Influências do significado do sufixo.....201

2.4. Vocábulo de origem obscura ou controversa: alguns esboços ..... 213

2.5. Re-organização e classificação dos significados dos sufixos -arra e -orro, traços e campos semânticos..... 218

**3. Os sufixos -arro(a) e -orro(a) nas línguas iberorromânicas .....223**

3.1. Espanhol..... 223

3.2. Catalão ..... 226

3.3. Asturiano..... 229

3.4. Galego ..... 231

### Capítulo 4

**Sufixos aumentativos do português: uma análise comparativa .....234**

**1. Afixos aumentativos e seus traços avaliativos .....234**

	12
<b>2. Natureza categorial das bases selecionadas pelos sufixos aumentativos.....</b>	<b>239</b>
<b>3. Os sufixos de função aumentativa no português: dados históricos .....</b>	<b>245</b>
<b>4. Frequência de uso dos sufixos aumentativos: uma análise sincrônica .....</b>	<b>252</b>
<b>5. Produtividade: Neologismos.....</b>	<b>255</b>
5.1. Formações neológicas em <i>-orro(a)(s)</i> , <i>-arro(a)(s)</i> e <i>-uço(a)(s)</i> .....	256
5.2. Formações neológicas em <i>-aço(a)(s)</i> .....	257
5.3. Formações neológicas em <i>-ão</i> .....	264
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>275</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>280</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>291</b>

---

**CONSPECTUS SIGLORUM**

- DRAG – Diccionario da Real Academia galega<sup>1</sup>  
DEE – Diccionario electrónico estraviz<sup>2</sup>  
DEI – Dicionário etimológico de italiano<sup>3</sup>  
GDLC – Gran diccionari de la llengua catalana<sup>4</sup>  
DIEC2 – Diccionari de la llengua catalana (2ª edição)<sup>5</sup>  
DRAE – Diccionario de La Real Academia española (22ª edição)<sup>6</sup>  
DCLE – Diccionario clave de la lengua española<sup>7</sup>  
DRAV – Dicionário da Real Academia de la lengua vasca<sup>8</sup>  
DALA – Diccionariu de la Academia de la llingua asturiana<sup>9</sup>  
DHLP – Dicionário Houaiss da língua portuguesa<sup>10</sup>  
s/d – sem data  
por. – português  
spa. – espanhol  
fre. – francês  
fro. – francês antigo  
ita. – italiano  
cat. – catalão  
ast. – asturiano  
lat. – latim  
pro. – provençal  
gre. – grego  
eus. – basco  
gót. – gótico

---

<sup>1</sup> <http://www.edu.xunta.es/diccionarios>

<sup>2</sup> <http://www.agal-gz.org/estraviz/>

<sup>3</sup> <http://www.etimo.it/>

<sup>4</sup> <http://www.encyclopedia.cat/>

<sup>5</sup> <http://dlc.iec.cat/>

<sup>6</sup> <http://www.rae.es/rae.html>

<sup>7</sup> <http://clave.librosvivos.net/>

<sup>8</sup> <http://www.euskaltzaindia.net/>

<sup>9</sup> <http://www.acemiadelalingua.com/diccionariu/index.php>

<sup>10</sup> HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (CD-ROM)

## LISTA DE GRÁFICOS

### Capítulo 2

Gráfico 1 - Frequência de uso em relação ao valor semântico .....	150
Gráfico 2 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico de golpe .....	152
Gráfico 3 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico aumentativo .	152
Gráfico 4 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico de nomina essendi .....	154
Gráfico 5 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico melhorativo	155
Gráfico 6 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico pejorativo ...	155
Gráfico 7 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico de coleção....	156

### Capítulo 4

Gráfico 8 - Valores absolutos: número de palavras datadas em cada século com as terminações -ão(s), -ões, -ães .....	245
Gráfico 9 -Valores absolutos: número de palavras datadas em cada século .....	246
Gráfico 10 - Valores absolutos: número de palavras datadas em cada séculos.....	246
Gráfico 11 - Valores relativos: número de palavras, com as terminações -aço(a)(s), em cada século, em relação as demais palavras do dicionário .....	247
Gráfico 12 - Valores relativos: número de palavras, com as terminações -arro(a)(s), em cada século, em relação as demais palavras do dicionário .....	247
Gráfico 13 - Valores relativos: número de palavras, com as terminações -ão(s), -ões, -ães , em cada século, em relação as demais palavras do dicionário .....	248
Gráfico 14 - Valores absolutos: número de palavras datadas em cada século com a terminação -orro(a)(s) .....	249
Gráfico 15 - Valores absolutos: número de palavras datadas em cada século com a terminação -uço(a)(s) .....	249
Gráfico 16 - Valores relativos: número de palavras datadas em cada século com a terminação -orro(a)(s) .....	250
Gráfico 17 - Valores relativos: número de palavras datadas em cada século com a terminação -uço(a)(s) .....	250

## LISTA DE QUADROS

### Capítulo 1

Quadro 1 - Desenvolvimento das sequências nasais latinas no português arcaico .....	35
Quadro 2 - Cronologia do desenvolvimento das terminações latinas no português arcaico.....	40
Quadro 3 - Valores semânticos de <i>-ão</i> filiado ao sufixo <i>-anum</i> .....	54
Quadro 4 - Valores semânticos de <i>-ão</i> filiado ao sufixo <i>-onem</i> .....	74
Quadro 5 - Valores semânticos do sufixo <i>-ão</i> em português.....	107

### Capítulo 2

Quadro 6 - Valores Semânticos do sufixo <i>-aço(a)</i> nos verbetes do Dicionário .....	129
Quadro 7 - Valores Semânticos do Sufixo <i>-aço</i> no corpus pesquisado.....	145
Quadro 8 - Valores semânticos do sufixo <i>-aço</i> de acordo com o Século .....	149
Quadro 9 - Valores semânticos do sufixo <i>-uço(a)(s)</i> .....	164
Quadro 10 - Grupos e valores semânticos de <i>-uço</i> .....	169
Quadro 11- Significados dos vocábulos com terminação <i>-ouço(a)</i> .....	170
Quadro 12 - Desenvolvimento dos valores semânticos de <i>-uço</i> .....	172
Quadro 13 - Vocábulos coincidentes em <i>-aço</i> e <i>-uço</i> e seus registros de datação. ....	174
Quadro 14 - Vocábulos derivados em <i>-uço</i> e seus valores semânticos em italiano .....	176
Quadro 15 - Vocábulos derivados em <i>-uzo</i> e seus valores semânticos no espanhol ....	178
Quadro 16 - Vocábulos derivados em <i>-uço</i> e seus valores semânticos no catalão.....	179

### Capítulo 3

Quadro 17 - Valores semânticos do sufixo <i>-arro(a)(s)</i> no Dicionário Houaiss. ....	199
Quadro 18 - Valores semânticos do sufixo <i>-orro(a)</i> do Dicionário Houaiss.....	200

Quadro 19 - Re-organização dos valores semânticos do sufixo <i>-arro(a)</i> em português .....	218
Quadro 20 - Campos e traços semânticos das palavras terminadas em <i>-arro(a)</i> do português .....	218
Quadro 21 - Campos e traços semânticos das palavras terminadas em <i>-arro(a)</i> do português .....	221
Quadro 22 - Campos e traços semânticos das palavras terminadas em <i>-orro(a)</i> do português .....	222
Quadro 23 - Campos semânticos das palavras terminadas em <i>-arro(a)</i> do espanhol...	226
Quadro 24 - Valores semânticos do sufixo <i>-arro(a)</i> em espanhol .....	226
Quadro 25 - Campos semânticos das palavras terminadas em <i>-arro(a)</i> do catalão. ....	228
Quadro 26 - Valores semânticos do sufixo <i>-arro(a)</i> em catalão. ....	228
Quadro 27 - Campos semânticos das palavras terminadas em <i>-arro(a)</i> em asturiano. ....	231
Quadro 28 - Valores semânticos do sufixo <i>-arro(a)</i> em asturiano .....	231
Quadro 29 - Campos semânticos das palavras terminadas em <i>-arro(a)</i> do galego .....	233
Quadro 30 - Valores semânticos do sufixo <i>-arro(a)</i> em galego .....	233

#### **Capítulo 4**

Quadro 31 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo <i>-uço</i> e das formas derivadas .....	240
Quadro 32 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo <i>-orro</i> e das formas derivadas .....	241
Quadro 33 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo <i>-arro</i> e das formas derivadas .....	242
Quadro 34 - Valores semânticos das criações neológicas em <i>-aço</i> . ....	257
Quadro 35 - Valores semânticos das criações neológicas em <i>-ão</i> . ....	265

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenvolvimento dos valores semânticos do sufixo <i>-ão (-anum)</i> .....	54
Figura 2 - Desenvolvimento dos valores semânticos do sufixo <i>-ão (-onem)</i> .....	75
Figura 3 - Proposta de Genealogia do sufixo português <i>-ão</i> .....	113
Figura 4 - Proposta de Genealogia do sufixo <i>-aço</i> .....	159

---

**LISTA DE TABELAS**

**Capítulo 1**

Tabela 1- Derivações com interfixo <i>-lh-</i> .....	119
Tabela 2 - Derivações com interfixo <i>-rr-</i> .....	121
Tabela 3 - Derivações com consoante de ligação <i>-z</i> .....	121
Tabela 4 - Derivações com interfixo <i>-eir-</i> .....	122

**Capítulo 4**

Tabela 5 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo <i>-aço</i> .....	242
Tabela 6 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo <i>-ão</i> .....	243
Tabela 7 - Capacidade heterocategorial do sufixo <i>-ão</i> em bases verbais e adjetivas ..	244
Tabela 8 - Frequência de uso, com valor igual ou superior a 20.000 ocorrências, dos vocábulos derivados em <i>-aço</i> .....	254
Tabela 9 - Neologismos, formados em sufixo <i>-aço</i> , com valor semântico aumentativo .....	259
Tabela 10 - Neologismos, formados em sufixo <i>-aço</i> , com valor semântico de ação/manifestação.....	263
Tabela 11 - Neologismos, formados em sufixo <i>-ão</i> , com valor semântico de aumentativo. ....	268

## Introdução

A presente investigação situa-se no campo da formação de palavras, setor que tem sido classificado como *policêntrico* e *polidimensional* (Rio-Torto, 1998). Isso significa, portanto, que este trabalho não se restringe aos estudos morfológicos, já que se crê em interfaces entre esse nível de análise linguística e os demais, coadunando-se a posturas que concebem a formação de palavras “*como um setor de intersecção de diferentes áreas disciplinares, ou em que aspectos de diversas componentes da gramática confluem*” (1998: 58).

Esta pesquisa busca analisar alguns sufixos, responsáveis pela criação de aumentativos, bem como pelo traço de intensidade. Dentre aqueles que possuem esta função, foram selecionados os sufixos -ão, -aço(a), -uço(a), -orro(a) e -arro(a), os quais serão estudados sob uma ótica diacrônica, sem contudo excluir questões sincrônicas pertinentes.

As gramáticas normativas do português descrevem os aumentativos e diminutivos como graus do substantivo, do adjetivo e do advérbio<sup>11</sup>, caracterizando-os como flexão dessas classes gramaticais. Já Câmara Jr. (1976: 83) é categórico ao negar tal filiação: “*A expressão de grau não é um processo flexional em português (...)*”. Na gramática de Said Ali (1964) os diminutivos e aumentativos são apresentados em diferentes seções. Essas categorias estão presentes no capítulo de lexicologia, o que indica a sua filiação ao campo da flexão, e também voltam a ser abordados na seção de formação de palavras, atitude que aproxima as categorias dimensionais da derivação. Isso vem a confirmar a imprecisão que esse ponto da gramática suscita.

---

<sup>11</sup>Essa postura mostra a incoerência das gramáticas portuguesas, uma vez que, sendo o advérbio uma classe gramatical definida como invariável, é no mínimo um contra-senso apresentar e reconhecer que nela há flexão de grau. Na *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2008), o grau é discutido, no caso dos substantivos e adjetivos, no subitem do subtítulo *flexões do substantivo/adjetivo*. No caso do advérbio, o grau é tratado no subtítulo *graus*, indicando uma alteração conceitual em relação às outras classes gramáticas abordadas. Entretanto, encontra-se nessa mesma seção o subitem *advérbios que não se flexionam em grau*, evidenciando a discrepância entre a definição e a descrição.

O limite entre derivação e flexão já foi tema de vários estudos e, embora já se tenha discutido vastamente essa questão, desde Varrão (116 a.C. – 26 a.C) com a conhecida oposição *derivatio naturalis* e *derivatio voluntaria*, não há ainda um consenso entre os especialistas. Vê-se uma tensão entre a postura adotada pelas gramáticas prescritivas e pelos demais materiais. As gramáticas tradicionais descrevem a categoria de aumentativo como componente de uma das flexões dos substantivos, adjetivos ou advérbios. Autores como Câmara Jr. (1976), Macambira (1978), Zanotto (2001) e Monteiro (2002) preferem descrevê-lo como derivação, já que vêm comportamento bastante distinto da formação dos aumentativos e as desinências flexionais.

Há ainda uma terceira via na concepção dessas categorias gramaticais. Bybee (1985: 82) acredita que não haja uma oposição bem marcada entre flexão e derivação. A autora assegura a existência de um *continuum* entre essas categorias: “(...) *derivational morphology is transitional between lexical and inflectional expression*”.

Essa postura parece mais condizente com as relações entre esses universos, visto que ao analisar atentamente os critérios utilizados pelos estudiosos para proporem tal separação, vê-se que esses não são totalmente decisórios na definição de cada domínio. Encontra-se, tanto em Câmara Jr. (1976), quanto em Rocha (1998), critérios que apontam para o *caráter obrigatório e sistemático* da flexão em contraposição ao *facultativo* da derivação. Câmara Jr. também ressalta que, no caso da derivação, há a criação de um novo vocábulo que acaba por enriquecer o léxico, diferentemente da flexão, a qual se constitui como uma nova expressão de uma mesma palavra. Rocha lembra que a derivação não se prende à natureza da frase, ou seja, não é por ela exigida, ao contrário a flexão que se dobra as exigências da sentença.

Os afixos participiais<sup>12</sup> também provocam questionamentos acerca de sua classificação, já que, inegavelmente, são flexões verbais, mas também são usados como sufixos derivacionais na criação de *nomina actionis*<sup>13</sup>: *cadeirada* e *bolada*<sub>1</sub> e *nomina quantitatis*<sup>14</sup>: *cortiçada* e *criançada*. O mesmo ocorre nas formações com os afixos de infinitivo e de gerúndio (*bandejar*, *mestrando*, *doutorando* etc.).

---

<sup>12</sup> Vale lembrar que os participípios eram considerados uma classe independente na gramática latina. Em português, como se sabe, passou a integrar uma das flexões verbais.

<sup>13</sup> Nesses exemplos, o valor semântico é o de golpe “*golpe desferido com a cadeira*” e “*golpe com a bola*”.

<sup>14</sup> Aqui, o significado selecionado é o de coletivo nos dois casos: “*ajuntamento de folhas ou peças de cortiça*” e “*grupo ou bando de crianças*”

A inclusão feita pelas gramáticas tradicionais da categoria de grau como parte da flexão, deve-se à imitação de gramáticas latinas, atitude que Câmara Jr. (1976: 83) descreve como “*pouco inteligente*”. No latim, o grau possuía um paradigma regular, o que justificava tal classificação. Situação bem distinta da encontrada em português, já que o grau “(...) *não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exaustivos entre si*”. O fato de quase todos os substantivos e adjetivos poderem apresentar formas aumentativas e diminutivas<sup>15</sup> também pode contribuir no julgamento de que essas formações pertençam ao nível flexional.

Esses fatos indicam que uma postura que venha a contrapor rigorosamente essas categorias não será suficiente para definir esses processos. Assim, o *continuum* proposto por Bybee (1985: 82) reflete melhor as relações e características da *derivatio naturalis* e da *derivatio voluntaria*, uma vez que “*None of these criteria, except perhaps the obligatoriness criterion, actually provides a discrete division between derivational and inflectional processes.*”

Dentro dessa gradação, o aumentativo pode ser localizado como um ponto mais próximo da derivação e conta com muitos elementos formativos, prefixos e sufixos, capazes de produzir esse significado, a saber: *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *sobre-*, *super-*, *-ão*, *-alhão*, *-arão*, *-(z)arrão*, *-eirão*, *-érrimo*, *-íssimo*, *-aça*, *-aço*, *-ázio*, *-uça*. Mas, como se vê, os sufixos são os elementos mais comuns na criação de aumentativos. Portanto, foi necessário delimitar o número de sufixos a serem analisados. Desse modo, a presente pesquisa concentra-se no estudo dos seguintes sufixos formadores de aumentativos: *-aço*, *-uço*, *-ão*, *-arro(a)*, *-orro(a)*, os quais serão analisados em capítulos separados.

---

<sup>15</sup>Sandmann (1980:8) assinala que as formas aumentativas ou diminutivas só são registradas pelos dicionários quando apresentam diferentes da soma de sua base e do sufixo, isto é, aquelas que surgiram por meio de extensão de sentido, como *cestinha* “*jogador de basquete que faz muitos pontos*”; *calçadão* “*calçada ou passeio de grande largura e extensão, geralmente com elementos paisagísticos*” e *palavrão* “*palavra obscena*” ou “*expressão pomposa e empolada*”. Sendo assim, o número de palavras coletadas no dicionário para esta pesquisa poderia ser ainda mais numeroso.

## **Pressupostos teóricos**

Torna-se desnecessário empreender aqui uma discussão a respeito da potencialidade semântica dos sufixos, uma vez que esse estudo deixa explícito seu ponto de vista já em seu título (“*polissemia dos sufixos aumentativos -ão, -arro, -orro, -aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica*”). Contudo, é preciso trazer à luz algumas das bases nas quais esta pesquisa foi construída, uma vez que é possível abordar a formação de palavras, por meio de várias perspectivas, utilizando para isso teorias e modelos diversos.

Como se sabe, o termo *Morfologia*, tal como se concebe hoje, é bastante recente. Começou a ser empregado a partir da segunda metade do século XIX. No início desse século, os estudos, geralmente, dedicavam-se à comparação<sup>16</sup> entre línguas, ressaltando suas semelhanças e diferenças, a fim de agrupá-las e classificá-las.

Com o surgimento do estruturalismo ou, como defendem outros estudiosos, com o surgimento do *Curso de Lingüística Geral* (1919), reinaugura-se uma nova forma de estudo e de análise morfológica, pois se passa a reconhecer nas palavras uma estrutura interna, mas é a partir de Bloomfield (1933) que essa postura se corporifica, uma vez que as palavras começam a ser consideradas em suas *unidades mínimas* de significação e por suas *funções gramaticais*.

Entretanto, a segmentação das palavras, empreendida pelo estruturalismo, em que considera apenas o estágio atual da língua, acaba por comprometer suas bases, no tocante à premissa de que todo morfema deve possuir significado. A restrição do estruturalismo na adoção de uma postura sincrônica não se justifica, já que não é possível pensar em derivação sem acionar o elemento histórico, como assinala Viaro (2005a: 2):

Se uma palavra x deriva uma palavra y, é evidente que x surgiu antes de y e, portanto, há um intervalo de tempo entre x e y. As palavras pedra e pedreiro não surgiram ao mesmo tempo, portanto, uma segmentação de morfemas, pura e

---

<sup>16</sup> Surgimento da Gramática Comparativa com os estudos de Rask (1814-1818), Bopp (1816), Grimm (1819).

simplesmente, não dá conta do problema da multiplicidade de significados dos sufixos, nem da presença dos interfixos. Falar de derivação de palavras, sob esse ângulo é falar de diacronia, da mesma forma que não faz sentido falar de hibridismo sob uma ótica estritamente sincrônica.

Fica evidente que o critério diacrônico é imprescindível na análise morfológica. Os sufixos que atuam hoje na língua nem sempre exerceram essa função. Isso significa que esses elementos passaram por transformações<sup>17</sup> que os habilitaram a desempenhar tal função, isto é, mudanças que os dotaram da capacidade de formar palavras.

Contudo, durante muito tempo os estudos morfológicos, baseados no estruturalismo, ignoraram a diacronia, bem como a comunicação entre os níveis linguísticos<sup>18</sup>. A esse respeito, Rio-torto (1998:59) aponta:

(...) embora convindo que a formação de palavras mantêm relações estreitas com a Morfologia, com a Semântica e com o Léxico, não podem deixar de ser consideradas as conexões entre formação de palavras e Sintaxe, entre formação de palavras e Fonologia, entre formação de palavras e Pragmática, o que conduz a que singularidade desta área de produção lexical se defina com base na sua interação com os demais setores da língua.

A formação de palavras mostra-se relevante também por ser um dos mecanismos de que a língua se utiliza para preservar uma das suas principais características – a sua natureza mutável. Assim como sustenta Nunes (1945: 356-357):

Como um perfeito organismo vivo, a língua está em contínua elaboração, expelindo de si elementos que por motivos vários perderam a vitalidade e substituindo-os por outros que nela entram com toda a força e pujança de seres novos, para mais tarde desaparecerem também por sua vez.

A derivação é um dos processos gramaticais mais produtivos na renovação vocabular, sobretudo, a derivação sufixal. Essa preferência explica-se pelo fato de este ser um processo de criação econômico, uma vez que cria uma nova significação, por meio da união de sufixo, mas preserva a base, já conhecida pelos falantes.

Considerando, desta vez, o resultado da formação de palavra, Basílio (1990) parece seguir o mesmo prisma indicado por Rio-Torto (1998). Isso porque aquela autora

---

<sup>17</sup> No Capítulo 3 essas transformações serão explicitadas.

<sup>18</sup> Apesar de se admitir que a formação de palavra esteja em contato com todos os níveis linguísticos, apenas os níveis morfológico e semântico serão trabalhados mais detalhadamente, visto que fazem parte dos principais objetivos dessa pesquisa. Os demais níveis linguísticos serão convocados, ao longo da análise, mormente quando forem essenciais no esclarecimento dos dados.

reconhece pelo menos três funções fundamentais para a formação de palavras, a saber: função semântica, função sintática e função discursiva. Sucintamente, a primeira função se incumbiria de nomear seres e objetos; a segunda seria responsável pelas alterações categoriais (substantivos deverbais, adjetivos denominais etc.) e, finalmente, a última função se encarregaria dos aspectos de afetividade ou depreciação envolvidos na produção discursiva.

A esse respeito, nesta última função, vê-se a relevância dos sufixos, já que estes são os principais responsáveis pela expressão desses aspectos, como assinalou Lapa (1975: 105):

É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia. Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que se resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas, refletem-se perfeitamente em alguns sufixos.

Nesse sentido, os sufixos aumentativos são exemplares e bastante utilizados nesta função. Torna-se oportuno, portanto, delimitar o conceito de aumentativo com o qual se trabalhou nesta pesquisa. Para Said Ali (1964: 56) o aumentativo se define como toda e qualquer forma, substantiva ou adjetiva, que “denota ir extraordinariamente além do comum a noção expressa pelo radical”.

A definição de aumentativo, vista em Said Ali, foi adotada neste trabalho. Contudo, para a análise semântica foi necessário um refinamento dessa noção aumentativa. Ao se analisarem os vocábulos como *bocão*, *chorão*, *vermelhaço*, *ricaço*, *dentuço*, *chibarro*, por exemplo, nota-se que são todos descritos como aumentativos pelas gramáticas e manuais de morfologia. Entretanto, um breve exame desses vocábulos é suficiente para verificar que nelas residem diferenças de natureza semântica e pragmática. Para ilustrar, considerem-se as palavras *bocão* e *chorão*. A primeira é definida pelo dicionário como “*boca grande*” e a segunda como “*aquele que chora muito*”, vê-se, portanto, que a noção de aumentativo está presente de forma diversa nesses dois casos. Nesse último exemplo fica evidente que o sufixo além de intensificar a noção já expressa pela base, também atribui outro significado, já que não designa “*chorar muito*”. Sendo assim, o *-ão* confere à base o valor semântico de agente “*aquele que X*”, associada ao traço de intensidade. Portanto, diferentemente do que ocorre em *bocão*, em que o aumentativo constitui-se como valor semântico, no caso de *chorão* essa noção aparece apenas como traço semântico.

---

Admite-se, então, que a formação de palavra está em contato com todos os níveis linguísticos. Contudo, apenas os níveis morfológico e semântico serão trabalhados mais detalhadamente, visto que constituem como um dos principais objetivos dessa pesquisa. Os demais níveis linguísticos serão convocados ao longo da análise, mormente quando forem essenciais no esclarecimento dos dados.

## **Objetivos**

O estudo tem por objetivo analisar os sufixos *-ão*, *-aço(a)*, *-uço(a)*, *-orro(a)* e *-arro(a)*, privilegiando a ótica diacrônica. O projeto inicial previa o estudo desses sufixos apenas em sua função aumentativo-intensiva. No entanto, a análise prévia das palavras, derivadas com os afixos acima citados, desvendou uma diversidade imensa de significados, o que provocou a ampliação do foco desta pesquisa. Assim, o estudo compreende todos os significados admitidos por esses elementos formativos.

Neste estudo serão considerados os três níveis de significado, como propõe Viaro (2005:1) da base da palavra; do sufixo e da palavra como um todo, após o processo de derivação. Assim, é possível verificar a transposição da categoria gramatical, da mudança semântica da palavra derivada em relação à base, bem como do valor semântico do sufixo. Os vocábulos serão classificados segundo seu significado e classe gramatical, indicando, quando for pertinente, os processos e transformações que a derivação sufixal desencadeia.

Busca-se investigar a origem de cada um desses elementos formativos, descrevendo sua evolução semântico-funcional. Para tanto, os sufixos serão tratados em capítulos independentes, possibilitando uma análise detalhada de seu desenvolvimento em língua portuguesa, salientando seus valores semânticos. Além disso, o estudo da atuação desses afixos em algumas línguas românicas também será empreendido. Vale advertir que a análise não será exaustiva, mesmo porque esse procedimento acarretaria em um trabalho mais extenso, ultrapassando, desse modo, os limites de uma pesquisa de mestrado. Pretende-se, com esse estudo, investigar os valores semânticos que esses afixos apresentam nessas línguas, apontando as diferenças, semelhanças e influências que podem ter exercido no percurso dos sufixos em português.

Apesar de esses formantes lexicais possuírem o mesmo valor semântico, cada sufixo estudado apresenta características particulares exigindo, portanto, recursos diversos para o empreendimento de uma análise capaz de esclarecer tanto suas características gerais quanto específicas. Por exemplo, no caso do sufixo *-ão*, pelo fato de, por vezes, aparecer unido a palavras em que já atua outro elemento formativo, como

nas palavras *borralhão, bicharrão, cagarrão*; ou se apresenta ligado a outros afixos como em *brancarrão, doidarrão, brincalhão*, será necessário considerar também esses elementos. Desse modo, será preciso coletar e identificar esses afixos aos quais o *-ão* se une, tentando observar as regularidades dessas junções.

Em relação ao afixo *-aço*, em função de alguns indícios que apontaram, em uma análise preliminar, a influência dos valores semânticos do sufixo *-azo* do espanhol, foi necessário empreender um estudo voltado para frequência de uso de cada grupo semântico. Isso porque esse procedimento auxiliaria a distinguir os significados autóctones dos valores semânticos típicos do espanhol. Investigação dispensável na análise dos demais sufixos.

O sufixo *-uço*, reconhecido por seu valor francamente pejorativo em muitas formações, tem sua presença registrada em algumas línguas românicas como espanhol, galego, asturiano<sup>19</sup> e italiano. No entanto, apenas em língua portuguesa apresenta uma variante (*-ouço*), fato que recebe destaque na análise desse afixo.

Já os sufixos *-arro* e *-orro* exigiram atenção especial no tocante a sua origem, a qual é classificada como duvidosa por muitas gramáticas portuguesas. Sendo assim, o primeiro passo dessa análise se pautou em uma profunda e detalhada investigação acerca da procedência desses elementos formativos. Para tanto, foi imprescindível a pesquisa em basco, bem como o acréscimo dos vocábulos derivados dessa língua.

Fica evidente que os afixos estudados apresentam propriedades bastante diversificadas, muito embora sejam todos classificados como sufixos aumentativos. A multiplicidade de características requer também um tratamento diferenciado para cada análise. Uma postura que não considerasse as particularidades desses elementos formativos poderia incorrer no equívoco de massificá-los, encobrindo, assim, informações relevantes para a compreensão de seu funcionamento e atuação na língua.

Esse estudo contempla também questões sincrônicas, como por exemplo, o estudo do *status* atual desses sufixos, como indicativos da frequência de uso e produtividade desses sufixos.

---

<sup>19</sup> Desse-se ressaltar que o asturiano não é considerado língua oficial ao lado do castelhano, sendo falada, principalmente, por idosos, em regiões rurais como assinala Condé (2009:3).

## Metodologia

Os *corpora* desta pesquisa se dividem em três partes distintas. A primeira constitui-se da base de dados do Dicionário Houaiss, a qual forneceu as listas de palavras terminadas com as sequências -ão(s), -ães, -ões, -aço(a)(s), -uço(a)(s), -orro(a)(s) e -arro(a)(s). Desse dicionário também foram extraídas as acepções e datações referentes a cada verbete coletado.

Nesta primeira etapa, os vocábulos foram analisados, por meio das informações fornecidas pelo dicionário, para que se pudesse verificar em quais destes verbetes havia de fato um sufixo. Para isso, as informações etimológicas das palavras derivadas, bem como das acepções da palavra derivante, foram imprescindíveis para a análise. Para a aferição desses dados, bem como para a complementação das informações faltantes no Houaiss, foram consultados também outros dicionários de língua portuguesa, dos quais vale citar o *Vocabulário portuguez e latino*<sup>20</sup>, Bluteau (1720); *Dicionário da Língua Portuguesa*, Aulete (1987) e dicionários etimológicos de autores como Moraes e Silva (1949-1959); Nascentes (1952); Machado (1959) e Cunha (1982).

Dicionários de latim bem como de outras línguas também foram utilizados. Convém elencar algumas das obras lexicográficas consultadas. Entre essas estão: *A Greek-English lexicon*, Liddell e Scott (1996); o *Dictionnaire latin-français*, Gaffiot (1934); *Vocabulário latino-português*, Faria (1975); *Novíssimo dicionário latino-português*, Saraiva (1993), *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, Corominas (1991); *Diccionario de la Real Academia española*; *Diccionario clave de la lengua española*; *Dizionario etimologico italiano*, Carlo Battisti & Giovanni Alesso (1954); *Dizionario Garzanti di italiano*, Garzanti (2006); *Le nouveau Petit Robert*, Robert (1993)<sup>21</sup>; *Dictionnaires d'autrefois*<sup>22</sup>; *Diccionari de la llengua catalana*; *Diccionario da Real Academia galega*; *Diccionariu de la llengua asturiana da Academia de la llengua austuriana*; *Euskaltzaindia* (Dicionário da Real Academia da língua Basca).

<sup>20</sup> Disponível em <http://www.ieb.usp.br/online>

<sup>21</sup> Também foi utilizada a versão em CD-ROM (1997).

<sup>22</sup> Disponível em <http://artfl-project.uchicago.edu/node/17>

Constam aqui as obras mais relevantes para a pesquisa, contudo outros dicionários também foram consultados<sup>23</sup>.

Para esclarecer o procedimento realizado na análise dos dados, alguns exemplos serão comentados rapidamente. Vocábulos como *ameaço*, *regaço*, *esbarro*, *amarra*, *aguço*, *socorro*, *ciberespaço*, *antebraço* foram excluídos da análise, já que nesses casos a terminação não desempenha função de sufixo. Em *antebraço* é nítida a composição de *ante-* + *braço*, sendo novamente apenas uma terminação da palavra *braço*. Já em *ciberespaço* há um decalque da palavra inglesa *cyberspace*. Nos demais exemplos, trata-se de derivações regressivas dos verbos *ameaçar*, *regaçar*, *esbarrar*, *aguçar* e *socorrer*.

Definidos os vocábulos em que havia, realmente, um sufixo, foi possível analisar a função *heterocategorial* e estudar os significados admitidos por estes elementos formativos. Após o levantamento e análise desses vocábulos, observaram-se as transformações morfológicas e alterações semânticas provocadas pelo acréscimo desses sufixos. A investigação a respeito dos valores semânticos dos formantes lexicais em questão foi feita a partir de paráfrases, que se basearam, em parte, nos estudos propostos por Rio-Torto (1998). As paráfrases têm como objetivo evidenciar o significado do afixo por meio de construções semelhantes a:

- “*Aquele que X*”, em que X representa a base da palavra.

Por meio dessa estrutura frasal podem ser lidas palavras como *brigão*, *enrolão*, *gabão*<sub>1</sub> etc. Assim, o valor semântico do sufixo é classificado como agentivo.

Como se sabe, o produto conseguido pelo processo derivativo reflete os significados da base e do afixo utilizado. Importa analisar, neste estudo, o valor semântico dos sufixos em exame, como demonstram os exemplos acima.

Em razão disso, os significados resultantes de processos semânticos<sup>24</sup> (metáfora, metonímia, eclipse etc.), os quais têm como ponto de partida a palavra já derivada, não foram o objetivo desse trabalho. Muito embora tenham sido, superficialmente, comentados, quando esse procedimento se mostrava pertinente para a análise. Assim, em *peixão*, por exemplo, o valor semântico considerado e analisado foi “*peixe grande*” e não o significado “*mulher bonita e de corpo exuberante*”, o qual é apresentado como uma das acepções do verbete.

<sup>23</sup> Os demais títulos se encontram na bibliografia deste trabalho.

<sup>24</sup> Rio-Torto (1998) insere essas transformações dentro da componente convencional.

Por se tratar de um estudo histórico, buscou-se atentar para a descrição dos processos morfológicos em conformidade com a datação da base e da palavra derivada. Preocupação que se justifica no sentido de evitar que se criem interpretações indevidas, falseando, assim, o processo e percurso derivativo. Se se tomar como exemplo o vocábulo *malhão*<sub>1</sub>, apontado pelo Houaiss e Moraes e Silva (1949-1959), como construído a partir da base *malho*, nota-se uma incompatibilidade temporal. A palavra derivada é datada em 982, no entanto, a palavra derivante aparece apenas no século XIV. Acresce que ao analisar os significados desses vocábulos percebe-se que não há relação entre *malho* e *malhão*<sub>1</sub>, como indicam as acepções de ambos os verbetes:

**Malho:** 1 - Grande martelo, de cabeça pesada, sem unhas nem orelhas, próprio para bater o ferro e que, para mais fácil manejo, se pega com ambas as mãos; 2 - maço de calceteiro; 3 - mesmo que matraca (peça de madeira); 4 - crítica negativa, ataque veemente; calúnia (sentido figurado); 5 - pessoa hábil e diligente (sentido figurado, diacronismo: obsoleto); 6 - moeda de um escudo (regionalismo Portugal); 7 - vareta usada em instrumentos de percussão; baqueta.

**Malhão**<sub>1</sub>: 1- O que assinala um limite de espaço; marco, baliza, divisa; (diacronismo); 2 - arremesso de bola para o alto (sXVI); 3 - A bola com que se faz esse arremesso; 4- Variedade de jogo dos pinhões (regionalismo: Brasil); 5- Feixe de arbustos usado como cerca (regionalismo: Trás-os-Montes)

Sendo assim, é possível que esta palavra tenha vindo de outra língua e, em seguida, dado origem aos vocábulos cognatos, ou pode ter sido formada no português a partir de uma base, sincronicamente, não transparente ou de uma acepção não mais usada.

A partir dos dados fornecidos pelos dicionários consultados, será construída uma hipótese de genealogia para cada sufixo. Esse procedimento possibilita a visualização do desenvolvimento semântico-funcional dos afixos, ressaltando as semelhanças e idiosincrasias nas transformações pelas quais passaram. Torna-se fundamental também por evidenciar a polissemia desses elementos formativos e os casos de sufixos homônimos, como é o caso do formante -ão, por exemplo.

Na segunda parte do *corpus* constarão obras que abarcam textos do século XIII ao XX<sup>25</sup>. Esse *corpus* foi utilizado apenas para análise do *-aço*, já que, como se verá no Capítulo 2, é o sufixo sobre o qual incidem dúvidas com relação a um dos valores semânticos em seu desenvolvimento em português. Considerando que a realização de uma investigação em *corpus* com todos os sufixos em apreço seria demasiado para os limites de uma pesquisa de mestrado, optou-se por realizar essa análise somente para o afixo *-aço*, em que se constatou uma maior necessidade.

O *corpus* desta pesquisa abarca diversos gêneros literários. Desse modo, constam nesse conjunto: as cantigas de Santa Maria; as cantigas trovadorescas, coletadas, principalmente, no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*; obras de Gregório de Matos; Padre Antonio Vieira, Machado de Assis; José de Alencar; Sousândrade; Olavo Bilac; Augusto dos Anjos; Ronald de Carvalho, Manuel Antonio de Almeida etc. A seleção feita para esta investigação privilegiou o gênero teatral, tendo em vista o caráter familiar dos afixos estudados, os quais apresentam uma tendência em aparecer em textos menos formais. Sendo assim, peças como as de Gil Vicente, José de Anchieta, Antônio José da Silva, Martins Pena, Joaquim Manoel de Macedo, Almeida Garret, Álvares de Azevedo, Arthur de Azevedo, Viriato Correia, França Júnior também fazem parte do *corpus*. Ao finalizar essa etapa, será possível comparar essas informações àquelas encontradas na investigação realizada com os verbetes do dicionário, enriquecendo, assim, a análise.

Como se objetivou investigar o *status* atual desses sufixos, empreendeu-se também uma análise sobre a frequência de uso desses sufixos. Essa frequência foi estimada por meio de textos coletados na *internet*, já que neste meio pode-se encontrar uma grande variedade de gêneros e tipos textuais. Estes textos constituíram a terceira parte dos *corpora* desta pesquisa.

---

<sup>25</sup>Contou-se, para isso, com o *corpus* já digitalizado pelo GMHP, disponível no site: [www.usp.br/gmhp](http://www.usp.br/gmhp).

## **Estrutura do trabalho**

Essa pesquisa de mestrado foi dividida em quatro capítulos. O primeiro foi dedicado ao estudo do sufixo *-ão*. Inicialmente, realizou-se uma investigação a respeito da evolução das formas nasais que culminaram em *-ão* no português arcaico. Em seguida, pôde-se empreender a análise semântica desse sufixo, baseada nos verbetes do Dicionário Houaiss. Essa análise foi dividida de acordo com sua origem. Posteriormente, foi proposta uma hipótese de genealogia que visou elucidar a evolução semântica desse elemento formativo.

O Capítulo 2 tratará dos sufixos *-aço* e *-uço*. Para ambos os sufixos também foi realizado um estudo semântico pautado nos vocábulos do Dicionário Houaiss, com a ressalva de que, no caso do *-aço*, a análise também foi estendida para a busca em *corpus*. Em relação ao *-uço*, a análise compreendeu algumas línguas românicas.

O terceiro capítulo concentra-se na análise dos elementos formativos *-arro* e *-orro*. Buscou-se esclarecer a origem desses sufixos, atentando para o desenvolvimento que esses sufixos obtiveram em português e em algumas línguas iberorromânicas. Além disso, a avaliação acerca dos valores semânticos desses sufixos também foi realizada.

Já o último capítulo empreenderá uma comparação entre os sufixos aumentativos estudados. Essa investigação buscou verificar a produtividade e a frequência de uso de cada sufixo. Além disso, nesta etapa, pôde-se identificar e contrapor as principais características desses sufixos como, por exemplo, os significados que esses afixos convocam; a natureza da base que cada elemento formativo seleciona e sua potencialidade depreciativa.

## Capítulo 1

### Valores semânticos do sufixo *-ão*: entre a homonímia e a polissemia

#### Introdução

O sufixo *-ão* é, muitas vezes, reconhecido apenas como formador de aumentativos. No entanto, esse afixo é mais complexo, podendo apresentar diferentes significados e traços avaliativos (positivos e negativos). Basta fazer um rápido e pequeno inventário das palavras sufixadas em *-ão* para verificar esse fato. O vocábulo *brigão*, por exemplo, não designa aumentativo e sim denota valor semântico *agentivo*, podendo ser interpretado como “*aquele que tende a se envolver em brigas*”. Também não podem ser lidos como aumentativos os vocábulos da sequência: *aldeão* (*habitante da aldeia*), *rasgão* (*ato ou efeito de rasgar*) e *folião* (*que ou aquele que participa de folias*).

Essa diversidade de significados deve-se, certamente, ao fato de algumas terminações nasais do latim (*-onem*, *-anum*, *-anem*) terem convergido para *-ão*, como se verá na seção seguinte. Além da homonímia, que pode ser verificada no português a partir do século XVI, é preciso considerar o desenvolvimento da polissemia de cada uma desses afixos. Desse modo, para estudar o sufixo português *-ão*, é imprescindível que se considere os dados históricos que apontam as transformações morfo-fonológicas e seu desenvolvimento semântico-funcional.

Rio-Torto (1998: 149-173) também credita a diversidade semântica desse sufixo à homonímia, verificada na variedade de tipos de bases selecionadas pelo afixo *-ão*, já que pode se unir a bases substantivas, adjetivas e verbais. Desse modo, a autora propõe, primeiramente, a divisão do elemento formativo de acordo com suas funções, em

*isocategorial* e *heterocategorial*. Posteriormente, aponta os seus significados, levando em conta também o traço de intensificação:

➤ **Isocategorial**

- Valor aumentativo-intensivo: *almofadão, barracão, caixotão* etc.
- Valor diminutivo: *cordão, quartão, montão* etc.

➤ **Heterocategorial**

- Valor relacional: *cinquentão, quarentão, aldeão, beirão, coimbrão* etc. Neste caso formariam adjetivos denominais.
- Valor de *nomina actionis*: *abrasão*<sup>26</sup>, *empurrão, encontrão* etc.
- Valor de *nomina agentis*: *pedinchão, resmungão* etc.

No *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Nunes (1945: 369-388) separa os sufixos de acordo com sua proveniência entre latinos e não-latinos, dividindo-os também segundo a classe gramatical. Esse autor apresenta o -ão em duas seções, uma dedicada aos aumentativos e outra aos adjetivos, embora reconheça que esse afixo também forme substantivos. Ao primeiro associa o étimo *-onem* e ao segundo *-anum*.

Joseph Huber, em sua *Gramática do Português Antigo* (1986: 272-274), adota o mesmo procedimento, separando o sufixo conforme sua origem. Remonta de *-anus*<sup>27</sup> > *-ão* ou *-am*, associando a ideia de pertença e dá como exemplos desse caso as palavras: *vilão* e *solorgião*. A partir de *-onem* forma *-on* e aponta, além do valor aumentativo, o significado, essencialmente, pejorativo desse elemento formativo, visto nas palavras: *citolon* (*citola, cítara desafinada*) e *jogron* (*um mau jogar, jogral*).

---

<sup>26</sup>Essa palavra não foi considerada na análise do sufixo estudado, uma vez que, reflete, na verdade, o sufixo *-ionem*, assim como se verá no desenvolvimento do trabalho.

<sup>27</sup>O autor utiliza a forma no nominativo, mas para este trabalho utilizar-se-á essa forma para representar as palavras de origem culta e o acusativo para os vocábulos provenientes do latim vulgar.

## 1. Singularidade da sequência final *-ão*: fusões, analogia e convergências

A evolução das sequências nasais latinas em língua portuguesa se processou de forma bastante diferenciada da de outras línguas românicas. O que é evidenciado pelo fato de o português ser a única língua em que se pode encontrar a sequência morfofonológica *-ão*.

Em *Do Latim ao Português*, Edwin Williams (1975: 180-184) mostra as terminações latinas acabaram por assumir a mesma forma, quer por evolução fonética, quer por analogia.

Latim clássico	Contexto morfológico	Português arcaico
<i>-ant</i>	Verbo, 3ª pessoa do plural	<i>-am</i>
<i>-anem</i>	Substantivo, acusativo singular	
<i>-ũnt</i>	Verbo, 3ª pessoa do plural	<i>-om</i>
<i>-onem</i>	Substantivo, acusativo singular	
<i>*ũđinem</i>	Substantivo, acusativo singular	
<i>-anum</i>	Substantivo, acusativo singular	<i>-ão</i>
<i>-adũnt</i>	<i>Vadũnt</i> <sup>28</sup>	

Quadro 1 - Desenvolvimento das sequências nasais latinas no português arcaico

Como é possível verificar no quadro, as terminações latinas *-anum* e *-adunt* evoluíram foneticamente, desde cedo, para a forma *-ão*. Enquanto as demais sequências

<sup>28</sup>Alguns estudiosos discordaram dessa etimologia como é o caso de Inês Louro (1952) e Ferreira (1987). Entretanto, um estudo recente de Silva (1998) retoma o étimo proposto por Williams, indicando que a questão ainda não foi completamente encerrada.

finais passaram a *-am*, no caso de *-ant*, *-anem* ou transformaram-se em *-om* como se constata nas sequências *-onem*, *-ũnt*, *-ũđĩnem*. O estudioso aponta que os finais em *-am* eram pronunciados como *-ão*, já na metade do século XV. No entanto, o autor assinala que não há evidências, nesse período, de que houvesse acontecido o mesmo com a terminação em *-om*. O processo de fusão dessas formas, segundo Williams (1975), teria sido iniciado no século XIII.

O argumento adotado por Williams (1975) e Matos e Silva (1991:75) para comprovarem que *-am* realizava-se, foneticamente, como *-ão*, baseia-se em análise de textos como o Cancioneiro Geral, no qual se podem encontrar essas terminações rimando entre si<sup>29</sup>.

A investigação a respeito da pronúncia dessas terminações é um pouco limitada, já que, além da discrepância entre a língua escrita e a língua falada, a falta de uma tradição gráfica culminava em uma grande variedade de formas ortográficas para representar uma mesma sequência fonética. Desse modo, é complexo identificar se se trata de variação ortográfica ou representação de uma produção fonética diferente ou ainda tentativa de manter uma grafia etimológica.

Essas dificuldades podem ser minimizadas ao se selecionarem textos que permitem visualizar características fonéticas, como é o caso das cantigas. Ademais, também devem ser considerados, na pesquisa da evolução dessas sequências finais, textos que englobam as variedades diatópicas, já que essas mudanças não se deram da mesma forma nas diversas regiões em que se processou.

O procedimento adotado por Cardeira (2005) reflete essa preocupação. Em um estudo sobre sequências nasais no português, a autora analisou textos antigos de várias regiões de Portugal<sup>30</sup> para acompanhar o processo de mudança das terminações nasais em contextos átonos e tônicos, nas formas verbais, nominais e em palavras gramaticais.

A estudiosa mostra que a terminação nasal que primeiro apresentou variação foi a forma etimológica *-onem* que, já em 1355<sup>31</sup>, apresentava-se como *-om* e *-am*. Nos textos analisados pela autora, a forma *-anum* mostrou-se mais conservadora, respeitando

---

<sup>29</sup> Williams cita *foã* e *vão* como exemplo. Alguns estudiosos alertam que o fato de *foã* ser um termo de proveniência árabe pode representar apenas uma adaptação da sequência nasal final (Cintra, 1963).

<sup>30</sup> A autora chama a atenção para um problema que se coloca na investigação de alguns dos textos, quando estes se apresentam modernizados pelos copistas. Por isso, é importante pesquisar em diferentes edições.

<sup>31</sup> Contudo, Cardeira (2005) ressalta que a variação das formas nasais data de 1309.

a grafia etimológica. O mesmo foi verificado para a sequência *-anem*, sofrendo raríssimas exceções.

Já em 1357 encontra-se variação nas formas em *-udinem*, já que aparece a sequência nasal *-om*, ao invés da grafia etimológica *-õe*. E, a partir de 1400, também se encontra a terminação *-am* representando essa forma. O que sinaliza para uma confluência das formas representantes de *-onem* e *-udinem*, ainda no início do século XV.

Pode-se encontrar, em algumas gramáticas históricas, uma explicação acerca da modificação, em termos fonológicos, das sequências *-am* e *-om* para *-ão*. Nunes (1945: 226-228) afirma que até o século XIV as terminações latinas que convergiram em *-ão* no português, podiam ser reconhecidas por meio das terminações, as quais refletiam sua proveniência: em *-ão* (*-anu-*), *-ã* (*-ana-*), *-õ* (*-one-*) e *-õe* (*-udine-*). Essas terminações foram simplificadas, obscurecendo a forma que lhes deu origem. Isso teria se dado no início do século XV que, segundo Carneira (2005), foi o período em que as formas não-etimológicas proliferaram.

No livro *Entre o português antigo e o português clássico*, de Carneira (2005:113-174) é possível encontrar um vasto material sobre os estudos das terminações nasais em português. A autora inventaria muitos os estudos realizados e discute as hipóteses levantadas. Ela afirma que essas análises refletem duas posturas distintas:

- 1 – ditongação como evolução fonética espontânea;
- 2 – ditongação como evolução analógica.

Carneira admite também que muitos estudiosos conciliam as duas hipóteses. Esse seria o caminho seguido, por exemplo, por Nunes (1945) e por José Inês Louro (1952).

Nunes acredita que, nos finais em *-õ* e *-ã*<sup>32</sup> uniu-se uma vogal oral: *-o*. O autor segue argumentando que na sequência *-õo*, poderia ter ocorrido uma *dissimilação*, transformando esta terminação também em *-ão*<sup>33</sup>. Segundo Williams (1975), essa hipótese não é sustentável, uma vez que palavras como *bõo* e *dõo* não se tornaram *\*bão*

<sup>32</sup> De acordo com este autor, a adição do *-o*, no caso de *-ã*, deve-se, provavelmente, a analogia com *-ão*.

<sup>33</sup> Em outra passagem, Nunes (1945: 189), ao falar das vogais nasais, explica que quando esses sons eram finais ocorria o redobro da vogal oral, a qual era atenuada, formando ditongos. Assim, a nasal *õ* passavam a *õo* (*õu*). Deve-se ressaltar que essa alteração fonética não se deu em todas as regiões. Leite de Vasconcelos (1929) aponta que em galego há *-õ*, na região interamnesense e em parte da Beira há *-õu*.

e *\*dão*<sup>34</sup> e sim, *bom* e *dom*. Além disso, foi preciso admitir que houvesse tido a adjunção de outra vogal para que a transformação ocorresse.

No texto *Origem e flexão dalguns nomes portugueses em -ão*, Louro (1952: 37-65) faz um levantamento a respeito das palavras que apresentam a sequência final em *-ão* em língua portuguesa. Ele explica que o fato de algumas palavras, atualmente, terminadas em *-ão* terem-se apresentado, no período arcaico, como *-am*, *-an* ou *-ã* deve-se a sua entrada no português, via francês, provençal ou catalão. Vocábulos como *guardião*, *sacristão*, *capelão*, os quais chegaram ao português por meio dessas línguas, remontam às palavras latinas *guardianus*, *sacristanus*, *cappellanus*, apontando assim, para o sufixo latino *-anus*, que evoluiu foneticamente para *-ão*.

O autor também aborda a questão das palavras de origem árabe, as quais nesta língua apresentam a terminação *-an* ou *-am*, e foram, sistematicamente, convertidas em *-ão* no português<sup>35</sup>. Para Tilander (1959) essa seria a base da analogia sofrida com a terminação *-ão*, isto é, a oposição entre a terminação nasal estrangeira (*-am*)<sup>36</sup> e a vernácula (*-ão*).

A proposta que pressupõe o desenvolvimento de *-ão* por evolução fonética, admite que as sequências *-ã* e *-õ* se ditongaram em consequência do aparecimento de uma vogal paragógica, como acredita Vasconcellos (1911). Essa explicação recebe críticas de autores como Serafim da Silva Neto (1986) e Ana Maria Martins (1995). Martins explica que pelo fato de o processo de ditongação depender da duração da vogal, a paragoge anularia o contexto de desenvolvimento desse processo fonético.

Outros autores como Sampson (1983), acreditam que a evolução fonética tenha ocorrido seguindo os moldes da ditongação vista na terminação nasal *-em*, como o desenvolvimento da semivogal [j]. Desse modo, *-ã* e *-õ* desenvolveram a semivogal [w], transformando-se em *-ãw* e *-õw*, esta última teria sofrido dissimilação, passando a *-ãw*. Matos e Silva (1991: 74-76) admite tanto a ditongação quanto a transformação fonética

<sup>34</sup> As formas *bão* e *dão* aparecem em dialetos nas regiões do Douro e Minho (Leite de Vasconcelos, 1929: 99)

<sup>35</sup> Também se converge em *-ão*, além da terminação árabe *-an* ou *-am*, a sequência *-un*, acentuada ou não, como atestam os exemplos a seguir: *al-qatran* ou *al-qaṭran* (*alcatrão*); *sultān* ou *sulṭān* (*sultão*); *qā'im maqām* (*caimacão*); *natrūn* ou *naṭrūn* (*natrão*) *al-qutun* ou *al-quṭ(u)n* (*algodão*) etc.

<sup>36</sup> Em algumas palavras da língua malaia percebe-se a mesma regularidade. As terminações *-ong*, *-ang* e *-an*, nesta língua, foram, em grande parte, convertidas em *-ão* no português. Podem-se citar as sequências: *bāchong* (*bachão*); *jagong* (*jangão*); *búyong* (*boião*); *Kūpang* (*cupão*); *balāchan* (*balchão*); *kampilan* (*campilão*); *mangistan* (*mangostão*) etc.

da consoante nasal final em semivogal. Hipótese essa proposta por Carvalho<sup>37</sup> (1989, *apud* Cardeira, 2005) ao considerar as terminações nasais do galego atual. Para esse autor enquanto o galego conservou as formas primitivas [-aŋ] e [-oŋ], no português, observou-se a vocalização da nasal velar. Para Mattos e Silva (1989), a simplificação das terminações [ãõ] e [õõ] em [ãõ] deveu-se ao fato de não haver distinção funcional, associado ao reconhecimento de [ãõ] ser a forma prestigiada e, portanto, adotada como norma no século XVI.

Já a segunda hipótese aponta que evolução das sequências nasais em *-ão* tenha decorrido em razão de um processo analógico<sup>38</sup>, assim como acredita Williams (1975: página). Para este autor, a analogia teria sido desencadeada pela alta frequência de algumas palavras como *mão*, *irmão*, *cristão*<sup>39</sup> e, principalmente, *vaão* (terceira pessoa do plural do verbo *ir*). Tese proposta, anteriormente, também por Carolina Michaëlis (1930: 32) e aceita por Bourciez (1967).

Tomando como base a análise, acerca das terminações nasais pautadas em textos, realizada por Cardeira, e a hipótese de evolução dessas sequências nasais proposta por Vasconcelos (1911), propôs-se o quadro abaixo:

---

<sup>37</sup> CARVALHO, Joaquim Brandão de. L' origine de la terminason *-ão* du portugais: une approche phonétique nouvelle du problème. *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 105, 1989.

<sup>38</sup> Martins (1995) aponta que se houve analogia, esta atuou na ampliação do processo de ditongação aos finais nasais átonos, tendo em vista que esse fenômeno teria acometido, primeiramente, em contextos tônicos. A autora chega a essa conclusão analisando dados dialetais.

<sup>39</sup> Mattos e Silva (1991: 89-90) aponta que a frequência dessas palavras, no *corpus* utilizado em sua pesquisa, não alcança um número elevado de ocorrências.

Latim vulgar	<i>-onem</i>	<i>-udinem</i>	<i>-anum</i>	<i>-anem</i>
Pré e proto-histórico	* <i>-õe</i>	<i>-õe</i>	<i>-ão</i>	* <i>-ãe</i>
Até século XIV	<i>-õ (-om)</i>	<i>-õe, -õ (-om)</i>	<i>-ão</i>	<i>-ã (-am)</i>
Século XIV	<i>-õ (-om), -ã (-am)</i>	<i>-õ (-om), -ã (-am)</i>	<i>-ão</i>	<i>-ã (-am), -õ (-om)</i>
Século XV	<i>-õ (-om), -ã (-am), -ão</i>	<i>-õ (-om), -ã (-am)</i>	<i>-ão</i>	<i>-ã (-am), -õ (-om)</i>

Quadro 2 - Cronologia do desenvolvimento das terminações latinas no português arcaico

No século XIII observa-se que as sequências nasais *-onem* e *-udinem* são representadas de modo semelhantes: *-om*. A partir do século XIV, vê-se que tanto *-onem*, *-udidem*, *-anem* passam a ser representados pelas formas *-ã* e *-õ*. Desse modo, apenas a segmento final *-anum* era representado considerando-se a grafia etimológica: *-ão*. E, no século seguinte, o *-ão* passa a ser usado nas representações da terminação *-onem*.

As primeiras ocorrências de *-ão*, de acordo com o estudo de Cardeira (2005), foram encontradas nas formas *tão* (1362); *seraõ* (1366); *rematação* (1384); *vão* (1395), conjuntivo presente e *vaão* (1402), presente do indicativo. Essa amostra, de certa forma, ajuda a confirmar a hipótese de Williams (1975) ao afirmar que a convergência em *-ão* se teria iniciado nas formas verbais.

Esse fato também auxilia a avaliar as hipóteses que indicam a analogia como desencadeadora do processo de convergência dos finais nasais em *-ão*. Sendo assim, a frequência das terminações verbais grafadas em *-ão*, que como se viu aparecem no terceiro quartel do século XIV, e de alguns substantivos como *mão*, *cristão*, *irmão*<sup>40</sup> (Williams 1975: 182) somada à regularidade na grafia dos finais provenientes de *-anum*, podem ter desencadeado o processo analógico.

<sup>40</sup> Matos e Silva (1991: 89-90) aponta que a frequência dessas palavras, no *corpus* utilizado em sua pesquisa, não alcança um número elevado de ocorrências.

Esses fatos explicam a padronização das formas nasais, motivada, certamente, pela invenção da imprensa no século XV e, por consequência, de uma maior valorização da regularidade gráfica. No entanto, esses processos não, necessariamente, excluem a hipótese de transformação fonética, a qual deve ter-se iniciado bem anteriormente ao seu aparecimento na escrita.

Pelo exposto, vê-se que ainda residem muitas dúvidas em relação às transformações sofridas pelas terminações nasais no português arcaico. Apesar disso, podem-se extrair algumas conclusões, partindo dos estudos já realizados.

A postura que concilia a atuação dos dois processos no desenvolvimento dos finais nasais, isto é, da evolução fonética e da analogia parece ser mais coerente com os dados obtidos. Isso porque se se apoiar apenas na atuação analógica seria esperado que as transformações atingissem todas as áreas de Portugal e da Galícia, visto que o processo de analogia teria sido desencadeado pela escrita, como propõe Williams (1975) ao indicar a influência das palavras *vão*, *irmão*, *cristão*. Assim, se essas mudanças já eram observadas na escrita, como mostram os documentos analisados por Cardeira (2005), já no século XIV, e como afirmam Williams (1975) e Matos e Silva (1991) em relação ao Cancioneiro Geral, no século XV, isso aponta para uma mudança fonética anterior que teria sido refletida na escrita, já que, como se sabe, a escrita é sempre mais conservadora<sup>41</sup> e demora a registrar o que já é corrente na fala.

A variação de representações das formas nasais, verificada nos documentos analisados por Cardeira (2005), também parece ter motivado o processo de convergência, visto que *-am* < *-anem* transformava-se em *-ão* e *-onem* poderia ser representado com as terminações *-om* e *-am*.

A analogia pode ter sido desencadeada pela necessidade de regulamentação das formas nasais. Fruto da necessidade de simplificar essas sequências, no que se refere a sua grafia. Assim como se verifica, na regularização do paradigma verbal e em outros casos de representação da escrita. Medidas que simplificam formas irregulares e criam uma tradição gráfica, a qual se torna mais relevante no século XV, com o advento da imprensa. A mudança, nesse caso, teria condicionamentos múltiplos, isto é, atuaram nessa transformação processos de natureza diversa, lingüísticas e extralingüísticas.

---

<sup>41</sup> Deve-se considerar também o apego a escrita etimológica, o que pode ter retardado ainda mais o aparecimento dessas mudanças na escrita.

---

As fusões de formas que culminaram em *-ão*, já no português antigo, somada a convergências de terminações de outras línguas, contribuiu para tornar essa terminação bastante profícua em português. O que, muitas vezes, provoca confusão e imprecisão na análise do sufixo, principalmente, quando não se consideram os dados históricos.

## 2. Do Corpus

Para a análise que aqui se propõe foram utilizados os verbetes do Dicionário Houaiss que possuíam as sequências finais *-ão*, *-ãos*, *-ões* e *-ães*. Foram coletados 7.676 verbetes desse dicionário, desse total 4.759<sup>42</sup> refletiam as terminações *-ção*, *-são* e *-zão*. Embora alguns estudiosos, como Pharies (2002), Louro (1952), Vilella (1994) e Rio-Torto (1998), não façam distinção entre as duas terminações (*-ão* e *-ção*), não se pode negar a existência de diferenças substanciais entre elas, nem ignorar o desenvolvimento distinto que tiveram. Esse afixo português é evolução da terminação latina *-io*, (acusativo *-ionem*<sup>43</sup>), ligada a bases participiais, como se vê nas palavras *evasio*, *-ōnis*, *persuāsio*, *-ōnis*, *insolatio*, *-ōnis*. Diferenciam-se não apenas em relação à base selecionada, como também quanto ao significado que atribuem e ao gênero em que se apresentam.

Desse modo, os vocábulos derivados a partir de *-io* (acusativo *-ionem*), com bases participiais, não fazem parte deste trabalho. Assim, palavras como *invasão*, *ascensão*, *regressão*, as quais remetem às palavras latinas *invasio*, *-ōnis*, *ascensio*, *-ōnis*, *regressio*, *-ōnis*, foram excluídas da análise. O mesmo tratamento foi dispensado aos vocábulos que remetem a evolução dessa sequência no português, como é o caso dos exemplos *agarração*, *africanização* e *alopração*, as quais foram formadas a partir das bases verbais *agarrar*, *africanizar* e *aloprar*.

Outros 75 vocábulos revelavam o sufixo *-idão*, do latim *-tudinem*, de que são exemplos *solidão*, *amplidão*, *lassidão*, *escuridão* etc. Esses casos também foram eliminados da análise.

---

<sup>42</sup>Incluindo-se formas compostas (*sobreimpressão*, *não-agressão*, *radiocomunicação*), prefixadas (*re inversão*, *bilocação*), reduzidas (*admissão*, redução de *exame de admissão* ou de *curso de admissão*), ou ainda formas variantes (*meiação*, *revindicação*, *doiração* e *intubação*, as quais são remetem a *meação*, *revindicação*, *douração* e *entubação*).

<sup>43</sup>Essa terminação deve-se a junção de *-onem* ao *-i* das bases verbais (*abductio*, *-ōnis*, *abolitio*, *-ōnis*, *denotatio*, *-ōnis* etc.). Esse fato acabou acarretando um desenvolvimento diferenciado em português. Assim, *-onem*, nesses casos, evolui para *-ção/-são*, formando nomes de ação ou resultado de ação. Isso porque, como se sabe, a vogal *i* precedida de *t* sofre lenização. Além dos participios formados em *-tus*, devem-se considerar aqueles que se criam a partir de *-sus*, os quais evoluem para *-são* no português.

Também foram excluídos da análise 561 verbetes formados por composição (justaposição ou aglutinação) ou prefixação<sup>44</sup>. As entradas, classificadas pelo dicionário como elementos de composição, elemento formativo ou sufixo não entraram na análise. Essas somam 137 casos dos quais são exemplos: *-ão*, *-trão*, *-suasão*, *-gressão*.

Da mesma forma, eliminaram-se:

- Verbetes oriundos de redução de formas compostas, como a palavra *chorão*<sub>2</sub>, a qual vem de *mandi-chorão*<sup>45</sup> (19 entradas);

- Palavras que representam apenas flexões de entradas do dicionário, como é o caso de *calções*, *safões*, *milhões* e *papões*. (4 casos);

-Variantes ortográficas como as palavras: *doudão* e *doidão*; *tesoirão* e *tesourão*; *gerbão* e *gervão*; *setilhão* e *septilhão*; *catucão* e *cutuca*; *abênção* e *bênção* etc. (274 vocábulos);

- Vocábulos que não apresentam nenhuma indicação etimológica (141 entradas).

Restaram, portanto, 1.706 verbetes. Considerando o número elevado de palavras com a terminação *-ão* no dicionário Houaiss, decidiu-se utilizar um filtro<sup>46</sup> baseado na frequência de uso. Essa frequência foi estimada a partir de pesquisas realizadas em *sites* da *internet*<sup>47</sup>.

Desse modo, foram consideradas frequentes as palavras que obtiveram número de ocorrência igual ou maior que 20 mil<sup>48</sup>. Sendo assim, 553 palavras foram selecionadas. As considerações acerca dos valores semânticos que serão apresentadas nesta pesquisa referem-se a esse universo léxico. Contudo, deve-se salientar que,

<sup>44</sup> Foram excluídas as formações compostas que apresentam entrada independente no dicionário, como *pedra-sabão* (*sabão*), *língua de cão* (*cão*), *cobra-facão* (*facão*), *olho de dragão* (*dragão*) etc. Isso porque a composição se deu com base na palavra já derivada. As formas prefixadas foram excluídas por se tomar como pressuposto o fato de terem surgido após a sufixação (*união* → *desunião*).

<sup>45</sup> O subscrito na palavra *chorão* indica que se trata de palavra homônima, possuindo duas entradas no dicionário.

<sup>46</sup> Muitos vocábulos ocorrem poucas vezes em buscas de *sites* na *internet*. Algumas nem mesmo aparecem nessas pesquisas o que pode indicar que se tratam das chamadas palavras de dicionário, isto é, vocábulos que só existem em obras lexicográficas. Em muitos casos essas são frutos de equívocos de pesquisadores ao compilarem as fichas catalográficas.

<sup>47</sup> A pesquisa foi realizada em 15/08/2006 por Zwinglio Guimarães, integrante do GMHP (Grupo de Morfologia Histórica do Português). Deve-se ressaltar que foram consideradas apenas as páginas escritas em português

<sup>48</sup> O filtro fixado em 20.000 deve-se a adoção desse número na análise dos valores semânticos do sufixo *-aço*, já que nessa análise estipulou-se como palavras frequentes aquelas que atingisse número de ocorrência superior a 20.000. As derivações em *-aço* foram classificadas, quanto a frequência, em *Raríssimas*, de 0 a 10 ocorrências; *Incomuns*, entre 10 e 200 ; *Comuns*, de 200 a 20 mil ocorrências e *Frequentes* acima de 20 mil. Essa divisão foi determinada, pois permite que a distribuição de frequência das palavras do dicionário fosse de aproximadamente 25% em cada grupo.

algumas vezes, vocábulos excluídos dessa faixa de frequência foram utilizados para elucidar o desenvolvimento semântico do sufixo.

### 3. Estudo semântico do sufixo -ão em dicionários

Como já foi dito, o *corpus* inicial desse trabalho constitui-se dos verbetes do Dicionário Houaiss. Entretanto, outros dicionários de língua portuguesa foram utilizados. Dentre os consultados estão as obras lexicográficas de: Rafael Bluteau<sup>49</sup>, Moraes e Silva (1949-1959), Antônio Geraldo Cunha (1982), José Pedro Machado (1959), Caldas Aulete (1982) e Nascentes (1952).

De acordo com o já exposto na seção anterior, após processo de triagem dos verbetes do Houaiss e da aplicação do filtro de frequência de uso, chegou-se à soma de 553 palavras. Dessas, 153 não apresentam sufixo, representando apenas uma terminação formalmente semelhante sem função sufixal. Assim, fazem parte do *corpus* desse estudo semântico, 400 vocábulos nos quais se constatou a presença do sufixo -ão, seja de proveniência do sufixo latino *-anum*, como os vocábulos *castelão* e *vilão*; ou do sufixo *-onem*, como em *peão*<sub>1</sub> e *glutão*; como também aqueles que refletem os sufixo *-anem*, de que são exemplos *agrião*<sub>2</sub> e *alemão*, ou ainda as palavras formadas em português, como *amigão* e *chutão*.

Em razão dessa diversidade de formas, que culminou no sufixo -ão do português atual, as palavras pesquisadas foram separadas de acordo com a origem para que se pudessem analisar de modo mais coerente os valores semânticos do afixo.

#### 3.1. Derivados de origem latina

##### 3.1.1. Sufixo *-anum*

De acordo com Maurer (1951: 97), esse sufixo formava, em latim, adjetivos de pertença e substantivos designativos de habitantes de lugar. Mas, como se verá a seguir, o sufixo não se restringe a esses significados. Os derivados latinos do sufixo *-anum* no

<sup>49</sup> Disponível em <http://www.ieb.usp.br/online>

corpus analisado<sup>50</sup> foram divididos com base no valor semântico desse elemento formativo<sup>51</sup>:

➤ **Nomina essendi**

Valor semântico abstrato formado a partir de paráfrase como “aquele que é X”. São exemplos as palavras:

✓ **Meão – século XIV** (*mediānum* “que é do meio”): “que está no meio, em posição intermediária; cujo nível é o da média geral; mediano, médio, normal; de qualidade mediana; comum, medíocre”.

✓ **Irmão - século XIII** (*germānum*<sup>52</sup> “que é da mesma origem/descendência”): “aquele que, em relação a outrem, é filho do mesmo pai e da mesma mãe; irmão bilateral, irmão germano”

Essa palavra era usada como adjetivo com significado de “verdadeiro, natural, autêntico”, assim como afirma Corominas (1991: 347): “(...) se referia lo mismo a cosas y animales que a personas (*germana ironia, germanus asinus*).” Ainda de acordo com esse autor, o vocábulo logo passou a ser usado, preferencialmente, para descrever relação de parentesco. Assim *frater germanus* referia-se a um irmão de mesma mãe e mesmo pai em oposição a um *meio irmão*. Posteriormente, *germanus* substantivou-se e passou a ser usado isoladamente, designado o significado visto atualmente.

✓ **Capitão – 1334** (*capitānum*): “comandante de número expressivo de combatentes; chefe de qualquer grupo de pessoas; posto de oficial superior na

<sup>50</sup> Foram encontradas 21 palavras com esse sufixo. Entre estas está o vocábulo *alvão*, que designa um tipo de ave (andorinha-dos-beiras), cujas características prendem-se ao étimo apontado pelo DHLP - latim \**albanum* “branco, alvo”.

<sup>51</sup> Aqui não serão reproduzidas todas as acepções das palavras pesquisadas. A reprodução será completa, apenas nos casos em que esses significados sejam relevantes para análise.

<sup>52</sup> Segundo o dicionário Houaiss, a queda da consoante velar ocorreu por influência fonética sintática, já que “constantemente se formava o sintagma nominal [meu germano] em que o pronome possessivo meu, atonizado, constituía um só vocábulo fonético com germano [meugermano]; nessas condições, o g passava de fonema inicial de vocábulo a fonema consonantal intervocálico, passível, pois, de sofrer síncope, donde \*ermão e daí irmão;”

*hierarquia do Exército brasileiro, logo acima de tenente e abaixo de major; jogador que comanda o time e fala pelos jogadores.”*

Os significados vistos em português decorrentes do valor de *nomina essendi*, parecem ter-se desenvolvido a partir do significado de “aquele que é o principal”, do qual se extrai a ideia “o que está à frente, aquele que comanda”.

✓ **Ancião - século XIII** (\**antiānum*): “que ou o que tem idade avançada; que ou quem é velho, respeitável e venerável”

O valor semântico do sufixo não pode ser visto claramente nessa formação no português. No entanto, é possível verificar o significado de *nomina essendi* na formação latina, já que *antiānum* derivou-se de *ante*. Desse modo, em seu significado original teria sido *que ou aquele que existe há muito tempo, que é de uma época anterior*, portanto, também se encaixa nas paráfrases apresentadas acima: “que é X”. No *Dizionario etimológico de italiano* (DEI), encontra-se a mesma indicação: “*antianus* composto di *ante* e *terminazione anus*, própria de *aggetivi*: *più vecchio, più antico (...)*”

### ➤ **Atividade**

Os vocábulos aqui agrupados podem ser lidos pela paráfrase “atividade associada a X”.

✓ **Hortelão - século XIII** (*hortulānum*, “jardineiro”): “indivíduo que cuida de horta; hortaliceiro, horteleiro”.

✓ **Guardião - século XIII** (*guardiānum*<sup>53</sup>): “superior religioso de alguns conventos, notadamente os da ordem franciscana; pessoa que, por forte afeição, defende aguerridamente algo ou alguém; protetor, conservador, depositário; pessoa que acompanha outra para protegê-la de agressões; guarda-costas (uso informal).”

<sup>53</sup>A transformação fonética de [w] inicial para [g], de um hipotético \**wardianus*, é comum na passagem de palavras de origem germânicas para as línguas românicas: italiano *guardiano*; francês *gardien*; espanhol *guardián*.

- ✓ **Cirurgião – 1297** (\**chirurgiānum*): “profissional que se dedica à prática da cirurgia”.

➤ **Gentílico**

A paráfrase adotada nesse caso é “que é originário/proveniente de X”. São exemplos dessa função os vocábulos:

- ✓ **Serrão – 1576** (*serrānum*): “natural ou habitante das serras; serrano”
- ✓ **Romão<sub>1</sub><sup>54</sup> - 1552** (*romānum*): “relativo a Roma ou o seu natural ou habitante; romano”
- ✓ **Coimbrão - 1391** (*colimbriānum*): “relativo a Coimbra (Portugal) ou o que é seu natural ou habitante; conimbricense.”
- ✓ **Pagão<sub>1</sub> - século XIII** (*pagānum*, “homem da aldeia”): “que ou aquele que não foi batizado; adepto de qualquer religião que não adota o batismo ou adota o politeísmo”

Nesse caso, nota-se que os significados presentes em latim não permaneceram em português. Importa para esse estudo o valor semântico do sufixo na língua de origem e sua evolução no português. A acepção portuguesa decorre da extensão de sentido da palavra, não representando o valor semântico do sufixo, mas sim o significado de todo o vocábulo<sup>55</sup>. A palavra latina origina-se de *pāgus* (*marco fixado na terra, território rural*), portanto, *pagānus* designava aquele que vivia na aldeia.

<sup>54</sup> Apesar de a acepção desse vocábulo também apontar o significado relacional, optou-se por classificá-lo como gentílico, já que a base designa nome de cidade. O mesmo critério foi usado em *coimbrão*.

<sup>55</sup> No português o significado refere-se ao campo semântico eclesiástico. Isso se deve ao fato de os aldeões (*pāgi*) permanecerem, durante muito tempo, contrários ao cristianismo, sendo assim, *pagānus* também passou a se referir a aquele que não é batizado.

- ✓ **Vilão - século XIII** (*vilānum*): “que ou o que reside em vila”.

Vale destacar a transformação semântica sofrida pela palavra *vilão*, que também possui outros significados, em sua maioria, portadores de traços pejorativos, entre os quais se destaca: *que ou aquele que é indigno, abjeto, desprezível; que é rudimentar, rústico, sem arte; que é descortês, grosseiro; de aparência desagradável; feio, disforme, o personagem que representa o lado mau, nas peças teatrais, novelas e filmes*. Esta última acepção é a mais comum desse vocábulo e acaba por obscurecer o sentido do sufixo.

Ullmann (1964) descreve essa transformação e afirma que isto se deve a preconceitos da sociedade que incidem em algumas classes ou ocupações sociais. Esse preconceito acaba por contaminar o significado da palavra e por conseguinte o do sufixo. O estudioso lembra que do latim *villanus*, formou-se *vilain* “servo” e *villain* “vilão” em inglês. Já em francês moderno formou *vilain* “feio, vil, desagradável.”

#### ➤ **Relacional**

As palavras reunidas neste valor semântico podem ser interpretadas pela paráfrase “relativo a X”. Esse é o caso dos vocábulos:

- ✓ **Deão – 1789** (*decānum*, “comandante de dez soldados”): “membro do clero que dirigia a vida doméstica dos clérigos seculares; arcepreste rural que presidia dez clérigos rurais; dignitário eclesiástico que dirige o capítulo (assembléia).”

Vê-se que o significado da raiz latina não permaneceu em português, sobrevivendo a noção de *dirigente, comandante*. Por isso, o valor semântico considerado foi apenas o apresentado em latim.

- ✓ **Temporão - século XIII** (*\*temporānum*): “que vem ou ocorre antes ou fora do tempo apropriado; diz-se da flor que aparece, da planta que nasce ou floresce ou do fruto que amadurece antes ou depois do tempo próprio; diz-se de ou filho

*que nasce muito depois do irmão que imediatamente o precede ou muito tempo após o casamento dos pais.”*

Em latim o vocábulo referia-se a algo que ocorre em um *tempo específico*, no *tempo certo*. Os significados que se vêem em português foram criados a partir da extensão de sentido. A sutil alteração no significado não impede que se verifique o mesmo valor semântico em português.

- ✓ **Serão - século XIII** (\**serānum*): *“trabalho ou tarefa extraordinária, feita à noite; trabalho noturno, em prolongamento, ou como nova etapa, ao trabalho diurno; duração desse trabalho; tempo que excede o horário normal de trabalho por dia ou por semana.”*

De acordo com o Houaiss, \**serānum* derivou-se de *serum* “tarde”. Já segundo Antônio Geraldo Cunha (1982) a palavra derivante seria *sēra*, -ae, “tarde, noitinha”. Nesse caso, ocorre que a base da palavra se tornou obscura em português, impossibilitando que se reconheça o significado do sufixo nesta língua. No entanto, em latim, o sufixo apresenta-se de modo claro, indicando valor relacional.

- ✓ **Castelão<sub>1</sub> - 1297** (*castellānum*, “relativo a castelo”, “guarnição do castelo”, “habitante do castelo”): *“relativo a castelo; que faz a guarda de um castelo; governador de castelo em nome do rei ou de um senhor; alcaide; senhor feudal que vivia em castelo e tinha o privilégio de administrar justiça em determinada área; dono de castelo; casta de uva preta com grande implantação em Portugal; trincadeira, castelã; relativo a Castela (Espanha) ou o que é seu natural ou habitante; castelhano.”*

Essa palavra apresenta-se já em latim vários significados, designando *guarda* ou *habitante do castelo* ou ainda *algo relacionado ao castelo*. No primeiro caso poderia ser, portanto, classificada como valor de *atividade relaciona a X* e no segundo como gentílico. Contudo, optou-se por considerar essa palavra como relacional, já que dessa forma é possível abranger os dois outros valores semânticos.

Em sua evolução no português, além da manutenção das acepções latinas, *castelão*<sub>1</sub> também passou a designar *dono do castelo* e *relativo a Castela ou seu habitante*. Em relação ao valor semântico desempenhado pelo sufixo, nota-se que não houve alteração, uma vez que se mantiveram o valor relacional e gentílico. Contudo, vale destacar que a palavra derivante não é *castelo* como nos outros casos e sim Castela (Espanha). Desse modo, essa acepção deveria figurar como uma nova entrada no dicionário, já que claramente possui origem diferente das demais. É possível que a palavra tenha sido segmentada de outra forma.

- ✓ **Verão - século XIII** (*verānum*): “*estação mais quente do ano, situada entre a primavera e o outono*”

Originalmente usada para indicar *tempo primaveril*, extraído do sintagma *tempus veranum*. Sendo assim, comportava-se como adjetivo com valor relacional. De acordo com Corominas (1991) havia diferença, até o século XVI, entre as palavras *verão*, *estio* e *primavera* em espanhol. A primeira designava o fim da primavera, já *estio* era usada para se referir a toda a estação, enquanto *primavera* era o termo que se aplicava como referência ao início dessa estação.

#### ➤ **Filiação**

- ✓ **Cristão - século XIII** (*christiānum*): “*diz-se de ou aquele que professa ou freqüenta igreja de uma das modalidades do cristianismo*”.

Nesse caso o significado que o sufixo atribui à base é o de *filiação*, o qual pode ser lido por meio das paráfrases “*que é adepto de X*”, “*que é simpatizante de X*”.

#### ➤ **Posse**

- ✓ **Ruão<sub>1</sub> - 1053** (*\*ravīdānum*<sup>56</sup>): “*que tem pelagem mesclada de branco, alazão e negro (diz-se de gado vacum ou cavalari); ruano*”.

<sup>56</sup> Étimo apontado por Pidal e avalizado por Piel (1953)

A acepção desse vocábulo, aliada a análise de seu étimo, permite identificar que o valor semântico do sufixo é o de *posse*: “*que tem X*”, “*que possui X*”.

### ➤ Denominação de vento

- ✓ **Outão - 1703** (*altānum* “*vento que sopra do mar*”): *empena*<sub>2</sub>; *cada uma das paredes que formam as fachadas laterais dos edifícios; parede-meia*.

Percebe-se que as acepções presentes em português destoam bastante do significado visto em latim. Além disso, em português, o sufixo não se mostra de forma clara, já que a base da palavra está opaca. De acordo com Machado (1959), o significado latino passou a designar também *aquilo que está virado para o lado de onde sopra o vento do alto mar*, o qual se aproxima dos significados registrados acima. Talvez o primeiro significado dessa palavra tenha contribuído para algumas formações portuguesas, que, igualmente, nomeia tipos de ventos como, por exemplo, *nortão*, *nordestão*<sup>57</sup>, *sulão*, *suão*, *soão*, *auraquilão*, *palmelão* e *terralão*.

Após a exposição dos valores semânticos encontrados no sufixo latino *-anum*, é possível apontar alguns indícios em relação à evolução desses significados. O quadro subsequente sintetiza esses valores, relacionando-os com os registros de datação.

---

<sup>57</sup> Essa palavra não está registrada no Houaiss, dicionário que indica *nordeste* para esse significado. Contudo, o vocábulo em sua forma aumentativa aparece, geralmente, no jargão jornalístico. Isso mostra que o valor semântico continua disponível em português atual.

CLASSES RELACIONAIS	<b>-Anum</b>		
	<b>Valor semântico</b>	<b>Datação</b>	<b>Vocábulos</b>
	<b>Atividade</b>	Século XIII	<i>Hortelão, guardião, cirurgião</i>
	<b>Denominação de vento</b>	Século XVIII – 1703	<i>Outão</i>
	<b>Filiação</b>	Século XIII	<i>Cristão</i>
	<b>Gentílico</b>	Século XIII	<i>Serrão, romão<sub>1</sub>, coimbrão, pagão<sub>1</sub>, vilão</i>
	<b>Nomina essendi</b>	Século XIII	<i>Meão, irmão, capitão, ancião</i>
	<b>Posse</b>	Século XI – 1053	<i>Ruão<sub>1</sub></i>
<b>Relacional</b>	Século XIII	<i>Deão, temporão, serão, castelão<sub>1</sub>, verão</i>	

Quadro 3 - Valores semânticos de *-ão* filiado ao sufixo *-anum*.

Os registros de datação referem-se à data mais antiga da palavra com determinada função. Como se pode observar, a maioria dos valores semânticos ocorre pela primeira vez no século XIII. Por essa razão optou-se por apresentar o desenvolvimento dos significados de *-ão* por meio da figura abaixo, sem especificação de datas.

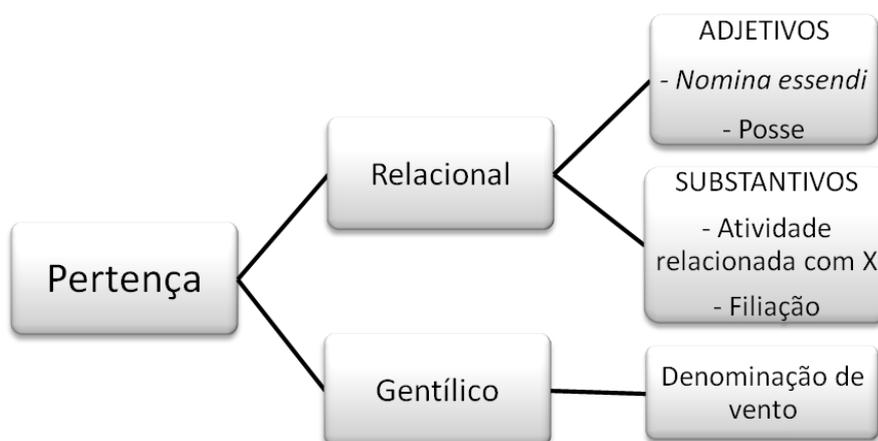


Figura 1- Desenvolvimento dos valores semânticos do sufixo *-ão* (*-anum*)

Observando-se a figura vê-se que o valor descrito como denominação de vento foi associado ao significado de gentílico. Isso se justifica pelo fato de esse significado apontar a origem do deslocamento do vento, como se viu em “*outão*” em sua acepção latina. O mesmo pode ser verificado em *nortão* (s/d), de formação portuguesa, “*vento*

que sopra do norte” e *soão* (1259) “*vento quente que sopra do sul para sudoeste*”, de origem latina – *solānus* (*vento que sopra da direção onde nasce o sol*).

Os valores associados ao significado relacional foram divididos de acordo com a classe gramatical. Com função adjetiva, estão as palavras inseridas no grupo dos *nomina essendi* e *posse* e como substantivos os valores de filiação e *atividade relacionada a X*.

### 3.1.2. Sufixo -anem

Há apenas duas palavras com esse sufixo no universo léxico pesquisado, são elas: *agrião*<sub>2</sub> e *alemão*, os quais são descritos como gentílico como se pode verificar nas acepções reproduzidas abaixo:

#### ➤ Gentílico

✓ *Agrião*<sub>2</sub> – 1881 (*agriōnem*): “*relativo a ou indivíduo dos agriões, povo da Trácia ou da Panônia*”.

✓ *Alemão* – século XIII (*alamānni*): “*indivíduo natural ou habitante da República Federal da Alemanha (Europa)*”

Williams (1975: 125-126) afirma que a palavra *alemão* teria apresentado, originalmente, a terminação *-anum*. Esse autor explica que a transformação para a sequência final *-anem*, se deve a *formação ou adoção tardia* dessas palavras. Nesse caso a palavra *alemán*, do espanhol, auxilia no esclarecimento do étimo, já que aponta para a terminação *-anem*. Esse autor faz a mesma afirmação para as palavras *castelão*, *capelão* e *sacristão*. Essa última palavra, assim como *escrivão* serão tratadas separadamente, pois a sua origem não é ponto consensual entre os estudiosos.

### 3.1.3. Interseção dos sufixos latinos

Essa seção destina-se a discutir alguns vocábulos sobre os quais residem dúvidas em relação ao étimo em *-anum* ou *-anem*. Esse é o caso dos verbetes *sacristão*, *capelão* e *escrivão*.

O Dicionário Houaiss traz como origem a forma *sacristānus*, assim como aponta Cunha (1982), contudo esse étimo não explica a presença da forma *sacristam*, no século XIII<sup>58</sup>, já que, como se viu, a evolução fonética de *-anus* foi regular, gerando desde cedo o sufixo *-ão*. Corominas (1954) aponta a forma *sacristán*, que se teria derivado do baixo latim *sacrista*. Já Inês Louro (1952) indica o étimo *sacristanu*, mas argumenta que o vocábulo teria entrado no português via provençal *sacristan*, o que justifica a forma encontrada no português arcaico. O autor acredita que o mesmo tenha ocorrido com as palavras *guardião* e *capelão*. Nesses os casos o valor que o sufixo confere às bases é de atividade relacionada a X.

#### ➤ **Atividade**

✓ **Sacristão (1660):** “*empregado que tem a seu cargo a limpeza, a ordem e a guarda de uma igreja, especialmente da sacristia*”

A imprecisão quanto ao étimo dessa palavra evidencia-se também na dupla possibilidade de formação de seu plural, podendo realizar-se como *sacristãos*, o que apontaria para o étimo *sacristānus*, ou *sacristães*, indicando a proveniência da forma \**sacristānes*.

✓ **Capelão (1153):** “*sacerdote responsável pelos ofícios religiosos de uma capela; sacerdote encarregado de capela particular e, como tal, especialmente importante para a família ou comunidade à qual essa capela pertence.*”

---

<sup>58</sup> Em Machado (1959) encontra-se a data de 1268, como primeira ocorrência. Sendo assim, é possível retroagir ao registro de datação feito pelo Dicionário Houaiss.

Essa palavra entra em português via provençal sob a forma *capelan*, mas originalmente apresentou a terminação *-anum*, visto que deriva do diminutivo de *cappa* > *cappella* > *cappellanus*. A forma no plural, *capelães*, ratifica esse étimo.

- ✓ **Escrivão (1188-1230):** “auxiliar do juízo de primeiro grau, titular de cartório ou ofício, que escreve ou subscreve autos, termos de processo, atas e outros documentos de fé pública; funcionário que relata por escrito os atos que se processam perante a autoridade pública de que é auxiliar”.

Alguns autores como Machado (1959) e Cunha (1982) apontam o étimo *scribānus*, mas essa forma não explicaria a formação do plural *escrivães* em português. Entretanto, segundo o Houaiss, justificaria a “forma histórica” *escribano*. Na pesquisa, realizada por Carneira (2005), na qual a autora analisa as “*Actas de Vereações de Loulé*” (1384-1408), pode-se verificar a oscilação das representações do vocábulo em estudo. Registra-se *escrivam*, *escrivom* e *escrivão*.

A variação dessas formas é quantificada pela estudiosa, o que possibilita observar que a forma com *-ão* aparece apenas duas vezes, enquanto que a terminação *-om* é preferida, nos textos mais antigos entre 1384- 1385, período em que não aparece nenhuma representação em *-am*. Entretanto, nos documentos de 1408 a sequência final *-om* ocorre seis vezes, seguida de perto por *-am* que aparece cinco vezes. Já a terminação *-ão* não foi encontrada nos documentos desse período. Nos documentos históricos de Évora a autora encontra, no século XV, quatro ocorrências grafadas com *-ão* e nove representadas com *-am*. Carneira (2005) analisou ainda outros documentos<sup>59</sup> datados da segunda metade do século XIV, em que não foram encontradas as formas *escrivão* nem *escrivom*.

Também será exposta aqui a palavra *tabelião*, a qual se mostrou relevante na evolução das terminações nasais.

- ✓ **Tabelião (século XIII):** “oficial público a quem incumbe a função de preparar ou autenticar documentos, escrituras públicas ou registros; notário.”

---

<sup>59</sup> Os documentos analisados foram: *Chancelaria de D. Pedro I; Cortes Portuguesas; Reinado de D. Afonso IV; Monumenta Henricina; o Bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*.

Essa palavra, de acordo com o *Dictionnaire latin-français*, deriva-se de *tabella*, que por sua vez, constitui-se como diminutivo de *tabula*. Essa palavra, possivelmente, sofreu influência do vocábulo *escrivão*, no que se refere à evolução e oscilação da sequência nasal.

No português arcaico, *tabelião* encontrava-se grafado com *-om* e *-am*. Ainda de acordo com a análise feita por Carneira (2005), nas “*Actas de Vereações de Loulé*” (1384-1408), a grafia com *-om* prevalecia entre os anos de 1384-1385 (28 ocorrências com *-om* e apenas cinco grafadas com *-am*). Entretanto, nos documentos datados entre 1392-1396 a forma em *-am* sobrepuja a grafia em *-om* (seis e cinco ocorrências, respectivamente). Já nos textos de 1408 a diferença aumenta e a forma *-om* aparece em dois casos, enquanto a terminação nasal *-am* ocorre cinco vezes.

Pelo fato de a palavra *tabelião* apresentar o afixo *-io*, *-ōnis*, sabe-se que a grafia etimológica seria *-om*. A variação pode se dever, provavelmente, a alteração fonética da forma *-om*, a qual passou a não mais se distinguir de *-am*, como se viu na Seção 1. A explicação para essa variação que se pauta na analogia com *escrivão* pode ser considerada, já que essa palavra também passa a ser registrada, mais frequentemente, com a terminação *-am*.

### 3.1.4. Sufixo *-onem*

De acordo com Said Ali (1964: 56) esse sufixo era usado, geralmente, na linguagem familiar e se prestava a fazer referência a pessoas, individualizando-as, ressaltando uma característica ou um traço marcante. O estudioso Tekavičić (1980: 192-193) afirma que a individualização conseguida com o emprego desse elemento formativo, não raro, tomava como base uma parte do corpo ou um hábito comum.

Esse afixo aparece em várias línguas românicas como galego (*-ón*), espanhol (*-ón*), italiano (*-one*), catalão (*-ón*) e francês (*-on*), alterando um pouco os valores semânticos a ele associados. Alvar & Pottier (1983: 375-376) apontam que, por ter o -

ão um caráter individualizador, podendo ser valorativo ou depreciativo<sup>60</sup>, em algumas línguas pode formar o diminutivo. Isso ocorre no francês, catalão e alto aragonês<sup>61</sup>.

Rio-Torto (1998: 163) indica que o valor diminutivo também aparece no português, como em *cordão*, por exemplo. Segundo essa autora esse valor já estava presente em latim. A estudiosa ressalta que, em grande parte dos casos, essa noção não é, sincronicamente, muito transparente. Em outros casos, as palavras apresentam significados bastante específicos, por isso também não possuem grande produtividade, como nos vocábulos *caravelão* “*caravela rudimentar de pequeno porte*”; *mantão* “*espécie de capote curto*”; *masseirão* “*masseira pequena para usos diversos, nomeadamente para servir alimentos aguados a animais domésticos*”; *quarteirão* etc.

Nunes (1945: 378) chama a atenção também para o fato de, muitas vezes, a ideia de grandeza culminar no significado de posse. Isso aproxima o -ão do sufixo -udo, que também apresenta essa noção de posse, deposita um traço aumentativo e se associa a partes do corpo<sup>62</sup>.

Analisando os verbetes do Dicionário Houaiss<sup>63</sup>, foi possível identificar os diversos os valores semânticos que esse afixo possui, dentre os quais estão: agentivo, aumentativo, gentílico, semelhança, posse, *nomina essendi* e “*filhote de X.*”

### 3.1.4.1. Valores semânticos

#### ➤ Agentivo

Esse valor pode ser visto nas palavras *pregão*, *glutão*, *ladrão*, apresentadas a seguir:

✓

---

<sup>60</sup> Esses valores (positivo/ negativo) certamente devem variar por influência dos significados dados pela base da palavra.

<sup>61</sup> Nesta língua o afixo é usado para designar o fruto das plantas e também para criação de hipocorísticos. Deve-se lembrar que no português o -ão, também se presta a formações semelhantes, como nos nomes próprios *Carlão*, *Betão*, *Luizão* etc. Destaca-se ainda que formação de antropônimos aparecem tanto nas derivações com o sufixo -*anum* quanto com -*onem*.

<sup>62</sup> Em Alvar & Pottier (1983: 375) encontra-se uma comparação entre os dois sufixos. Os estudiosos apontam que o -udo, no espanhol pode permutar com o morfema -ón em derivações de palavras que envolvam o aumento exagerado das características. Os autores citam exemplos como *barrigón/ barrigudo*, *dentón/ dentudo*, *cabezón/ cabezudo*. Nota-se que todos os exemplos selecionados pelos estudiosos se referem a partes do corpo.

<sup>63</sup> Foram encontradas 35 palavras com esse sufixo.

✓ **Pregão - 1152** (*præcōnem* “pregoeiro público”, “que proclama, anuncia em público”): “ato ou efeito de apregoar; reclamo, preconício; divulgação de produtos, gritada ou cantada livremente por vendedores ambulantes; divulgação feita por corretores de bolsas ou leiloeiros, das peças ou coisas a serem negociadas, com os lances oferecidos; o local, nas bolsas de valores, onde se realiza essa atividade e se concretizam os negócios”.

Deve-se atentar para o fato de valor agentivo estar presente apenas em latim, tendo desenvolvido em português o significado de *ação ou resultado de ação*.

✓ **Saião<sub>1</sub> - 999** (*sagiōnem*): “oficial inferior dos alvarizes, encarregado de penhorar os peões.”

De acordo com o Houaiss, a palavra latina teria vindo do gótico \**sagjis* “oficial de justiça”, que, por sua vez, derivou-se do germânico *sagjan* “dizer, notificar, intimar”. A latinização desse termo teria recebido a influência da palavra *praeco*, -ōnis, mencionado acima. A segunda acepção que designa “verdugo, algoz” parece estar presente já no século XI.

✓ **Glutão - século XIV** (*gluttōnem* “que come vorazmente”): “que ou aquele que come em excesso e com avidez; voraz.”

No dicionário *Le Petit Robert* encontra-se a indicação de que *glutto* deriva de *gluttire* “engolir, tragar, devorar, comer”. Assim, nota-se que além do valor agentivo, descrito pela paráfrase “aquele que X”, a base recebeu o traço de intensidade, como se pode verificar tanto em sua definição no latim, quanto na acepção em português.

✓ **Ladrão - 1059** (*latrō* “soldado mercenário, infante”): *que ou aquele que furta, rouba, se apodera do alheio; furtador*

Corominas (1991: 555) assinala que o vocábulo não possuía inicialmente traços pejorativos, dando continuidade ao grego *latría* “servidor”. Desse modo, originalmente, *latrō* designava \* “aquele que serve”. Mas já em latim clássico o significado, que se

conhece hoje, desenvolveu-se e se transmitiu a quase todas as línguas românicas, com exceção feita ao romeno e ao sardo.

➤ **Aumentativo**

✓ **Cabrão – 1141** (\**caprōnem*): **bode<sub>1</sub>** “macho da cabra”

Essa palavra está presente em espanhol (*cabrón*); catalão (*capró*); italiano (*caprone*); galego (*cabrón*); asturiano (*cabrón*) e francês (*cabron*). Deve-se ressaltar que nessa última língua se encontra significado diferente daquele verificado nos outros idiomas, uma vez que designa a *pele da cabra*, como aponta o *Dictionnaire de L'Académie Française*.

O fato de o vocábulo aparecer em todas essas línguas permite admitir que esse teve desenvolvimento no latim vulgar, assim como indica o étimo proposto pelo DHLP: latim hispânico \**capro*, -*ōnis* “*cabra grande, cabrão*”. Nota-se, no entanto, que o significado latino apresentado pelo dicionário se refere ao aumentativo de cabra. Quanto a esse respeito, encontra-se em Corominas (1991: 715) a informação de que a forma masculina a *cabra* nas línguas indoeuropeias é \**Kapro-*, termo que também existe ainda hoje em português, espanhol e italiano.

A datação em português é de 1141, sendo, portanto, anterior ao registro oferecido pelo Dicionário etimológico do espanhol, no qual Corominas (1991) indica como fonte de *cabrón* as obras de Berceo (1197- 1264).

➤ **Gentílico**

Também se encontra o valor semântico gentílico<sup>64</sup>, presente nas palavras *cidão*, *centão*, *lapão*, *saxão*, *vascão*, *lacão*, *bretão* e *peão<sub>3</sub>* as quais serão definidas a seguir:

✓ **Lacão<sub>2</sub> – século XIX** (*lacones*): “*da cidade da Lacônia.*”

✓

---

<sup>64</sup> *Centrão* (*Centrōnes*): “*relativo a, ou indivíduo dos ceutrones, povo da Gália, nos Alpes; centrão, centrone, ceutrão, ceutrono.*”

- ✓ **Cidão - 1881** (Cȳdones): “relativo a, ou habitante de Cidão ou Cidônia, cidade de Creta; cidoniata.”
- ✓ **Centrão - 1881** (Centrones): “m.q. centrone/ceutrone: relativo a ou indivíduo dos ceutrones, povo da Gália, nos Alpes; centrão, centrone, ceutrão, ceutrone”.
- ✓ **Lapão<sub>1</sub> - 1710** (Lapones): “relativo à Lapônia, região que é o extremo setentrional da Europa, ou o que é seu natural ou habitante; lapônio”
- ✓ **Saxão - século XIV** (Saxones): “relativo aos sáxones, antigo povo da Germânia, habitante da região próxima da foz do rio Álbis (atual Elba) e correspondente ao atual estado de Holstein, ou indivíduo desse povo; saxônico, saxônio.”
- ✓ **Bretão - 1220** (Brīttōnes): “relativo à Bretanha (antiga ou moderna), na França, ou o que é seu natural ou habitante.”
- ✓ **Peão<sub>3</sub> - 1881** (Pæōnes): “relativo a Peônia, parte setentrional da antiga Macedônia, ou o seu natural ou habitante.”
- ✓ **Vascão - 1721** (Vascōnes): “indivíduo natural ou habitante do País Basco”.

### ➤ **Semelhança**

Além dos significados de agentivo e de gentílico, ainda se vê o valor semântico de semelhança, o qual se interpreta por meio de paráfrase como “que tem semelhanças com X”, “que evoca X”, “que tem propriedades de X”, de que são exemplos as palavras *cardão* e *falcão*.

- ✓ **Cardão**<sup>65</sup> - 1330: (*cardōnem*<sup>66</sup> < *cardus*) “a cor azul violácea da flor do cardo; variedade de equídeo dessa cor; que apresenta essa cor.”

Machado (1959) indica que essa palavra teria vindo do latim vulgar *\*cardanu*, contudo esse étimo não procede, uma vez que o vocábulo em outras línguas românicas aponta para o sufixo *-onem*, e não *-anum*. Assim, como se pode observar no espanhol *cardón*, catalão *cardó*, francês *chardón* e italiano *cardone*. No entanto, é necessário ressaltar que em nenhuma dessas línguas se encontrou o significado de semelhança, presente em português. Nas demais línguas românicas pesquisadas a palavra se refere tão somente a um tipo de planta.

- ✓ **Falcão**<sup>67</sup> - 926 (*falco, -ōnis*): “designação comum a várias aves falconiformes da família dos *acipitrídeos*, *pandionídeos* e *falconídeos*, consideradas como aves de rapina”

A palavra latina *falco, -ōnis* deriva de *falx, cis*, que designa foice, podão, assim é possível perceber o valor semântico de semelhança, conseguido por meio de comparação entre as características do bico do animal<sup>68</sup> e um objeto curvo e afiado como uma foice. Entretanto, no português, essa ideia, assim como a formação, tornou-se obscura. Além disso, a definição em português, dada pelo Houaiss, não contribui nesse aspecto, pois não apresenta algumas características específicas da ave, assim como se encontrou exposto no verbete *halcón* do dicionário da Academia Espanhola, do qual se extrai: “Ave rapaz diurna, de unos 40 cm de largo desde la cabeza a la extremidad de la cola, y muy cerca de 9 dm de envergadura, con cabeza pequeña, pico fuerte, curvo y dentado en la mandíbula superior (...)”

<sup>65</sup> A imagem da planta pode ser vista no Anexo C (imagens 1 e 2).

<sup>66</sup> O vocábulo *cardo, -ōnis*, no latim clássico, refere-se a uma cidade da Espanha (Gaffiot, 266). A palavra portuguesa proveio da forma tardia do latim vulgar, registrada por Meyer-Lübke *cardo, -ōne*. Essa é apontada como variante de *cardus* pelo GDLC.

<sup>67</sup> Possivelmente, esse é um vocábulo culto, caso contrário, apresentaria a forma *\*foução*, de acordo com as transformações fonéticas.

<sup>68</sup> No Anexo C (imagens 3 e 4) podem-se verificar as características convocadas acima.

➤ **Posse**

- ✓ **Peão<sub>1</sub> – século XIII** (*pedōnes*, “que tem pés grandes”): “pessoa que anda a pé; pedestre; homem da plebe; plebeu.”

Vê-se que a acepção latina apresenta significado bastante distante do encontrado em português. O primeiro significado dessa palavra aponta para o valor de posse “aquele que tem X”, associado à ideia de grandeza. Já em português assume valor agentivo, não preservando o significado original latino.

➤ **Nomina Essendi**

- ✓ **Agrião<sub>1</sub> – século XV** (*acriōnes*): “erva (*Rorippa nasturtium-aquaticum*) da família das crucíferas, geralmente aquática, de caule oco, folhas penatissectas, flores branco-amareladas e siliquas cilíndricas; mastruço-dos-rios (Nativa da Europa, é mundialmente disseminada e cultivada, com muitas variedades, pelos talos e folhas de sabor acre, geralmente consumidos em saladas, ricos em minerais e propriedades medicinais.)”

O significado em português, apesar de estar parcialmente obscurecido pela base, ainda pode ser associado ao valor de *nomina essendi* (“que é X”), encontrado em latim (*ācer*, *ācris*, *ācre*: “agudo, cortante, penetrante; picante, azedo ao paladar”). A definição vernácula, reproduzida acima, preserva o valor “que é acre, amargo”.

➤ **“Filhote de X”**

- ✓ **Bordão<sub>1</sub> - século XIII** (*būrdōnis*, “filhote macho de cavalo com jumenta ou égua com jumento, mulo”): “cajado grosso ou vara, por vezes arqueada na parte superior, us. como apoio para tornar mais seguro o andar; aquele ou aquilo que ampara, ajuda, socorre.”

A acepção latina destoa completamente da encontrada em português. Na língua de origem a palavra se refere a *filhote do cavalo*, que pode ser interpretada como valor

semântico do sufixo, ao se comparar as acepções das palavras de mesma base *burduncũlos* e *burdōnārius*. A primeira está sob a forma diminutiva, significando “*mula pequena*”, já a segunda derivada com o sufixo *-arius*, designa *aquele que olha ou guia mulas*.

No entanto, não há em português nenhuma acepção que remonte a essa origem. De acordo como o DHLP, o significado de *cajado* deriva-se por metáfora, associada à ideia de que a *mula* serve de apoio para alguém.

### 3.1.4.2. Traços semânticos

Em algumas palavras, pelo fato de apresentarem uma base opaca, não foi possível formular uma paráfrase que identificasse de forma clara o valor semântico do sufixo. Ainda assim, foi possível descrever alguns traços depositados pelo sufixo a essas bases.

- **Traços dimensionais**

- ✓ **Brandão – século XIII** (\**brandonem*): “*grossa vela de cera; círio*”.

O étimo dessa palavra pode ser associado à forma hipotética \**brandonem*, do latim vulgar, já que esse vocábulo está presente em outras línguas românicas e em todas é possível observar a evolução do sufixo latino *-onem*. Desse modo, tem-se: espanhol (*blandón*); catalão (*brandó*); provençal (*brando*) e francês (*brandon*).

A palavra latina, por sua vez, ter-se-ia originado do germânico \**brad* (*tição*). Ainda que não seja possível propor uma paráfrase para esse vocábulo, pode-se indicar que, certamente há nele um traço de aumento, verificável não só em português, como também em espanhol: “*hacha (vela de cera, grande y gruesa) de cera de un pabilo*”. No entanto, esse significado de aumento não estava presente na palavra latina, tendo se desenvolvido posteriormente nessas línguas.

- ✓ **Capão<sub>1</sub> – 1159** (\**capponem* < *capo, onis*): “*frango capado e alimentado de forma especial para que engorde rapidamente e seja abatido para alimentação; animal castrado*”.

Nota-se que havia no latim clássico a palavra *capo*, *-onis* que possuía o mesmo significado do que o termo do latim vulgar – *animal castrado*. A forma vulgar é considerada, uma vez que a evolução desse vocábulo em italiano embasa esse étimo: italiano – *cappone*<sub>1</sub>. Essa palavra ocorre também em francês – *chapon*; espanhol e provençal há *capón*; em catalão – *capó*.

A evolução dos valores semânticos em algumas dessas línguas mostrou-se relevante na análise sufixal. Em espanhol e em catalão percebeu-se a presença de traços diminutivos na definição desse verbete. Ao passo que em italiano houve o desenvolvimento de traços aumentativos. Abaixo serão reproduzidas as acepções encontradas:

- **Espanhol:** “*pollo que se castra cuando es pequeño, y se ceba para comerlo.*” (significados registrados tanto pelo dicionário DRAE quanto pelo DCLE)

- **Catalão:** “*pollastre capat de petit per engreixar-lo*” (significado presente tanto no em GDLC, quanto no DIEC2)

- **Italiano:** “*pollo maschio castrato, perciò più grosso del gallo e con carni più tenera*”, definição dada por Garzanti (2006). Já no *Vocabolario della lingua italiana* de Zingarelli (2001), encontra-se registrado uma acepção que contempla as noções vistas nas três línguas: “*gallo castrato da giovane, più tereno e grasso*”.

Pode-se argumentar que esses são traços particulares e denunciam uma postura dos lexicógrafos. Contudo, deve-se registrar a preferência do espanhol e catalão pelo diminutivo, línguas em que o sufixo pode, mais comumente, desempenhar valor de diminutivo. Já no italiano, a opção pelo traço de aumento pode se dever ao fato de nessa língua o significado de aumentativo ser corrente com esse afixo.

O vocábulo estudado transparece um valor semântico de resultado de ação, se se considerar que *capão*<sup>69</sup> designa *aquela que foi capado, que sofreu capadura*. O termo foi usado, inicialmente, apenas para nomear o galo castrado, não funcionando como

---

<sup>69</sup> Ao analisar o vocábulo *caparro* é possível verificar uma interseção semântica. Apesar de o termo designa nome de um macaco, conhecido também como *barrigudo*, vê-se, que a nomenclatura se deve ao fato de o animal apresentar essa característica: “*designação comum às espécies de primatas amazônicos, do gênero Lagothrix, da família dos cebídeos; de pêlo macio e lanoso, cauda preênsil, barriga arredondada e volumosa; caparro, caparu, macaco-barrigudo*”.

adjetivo em latim. O mesmo uso ocorre nas demais línguas românicas pesquisadas, com exceção ao espanhol, em que a palavra apresenta-se também como adjetivo.

- ✓ **Pontão<sub>2</sub> - 1652** (*pōnto, -ōnis*): “casco utilizado na construção de pontes flutuantes; barcaça utilizada como estrado flutuante; navio impossibilitado definitivamente de navegar e que é aproveitado para outras funções, como prisão, depósito, hospital etc.; lanchão com cobertura, utilizado em trabalhos militares; pequena ponte; viaduto de pequena extensão em estradas”

No latim, designava apenas um tipo de barco, usado em transporte, calcado na base *pons* “*ponte*”. Esse significado também está presente em português, assim como se observa em uma das acepções acima. O significado de *pontes flutuantes* ocorre em espanhol, catalão e francês.

Chama a atenção o aparecimento do valor diminutivo em português, datado em 1.899. Esse mesmo significado também está presente em catalão, registrado em 1.341. Considerando os registros de datação e, lembrando que, em catalão, o sufixo *-ón* desempenha valor semântico de diminutivo, é possível filiar a acepção portuguesa à influência do catalão.

Ao analisar o verbete no italiano, percebe-se que não há o desenvolvimento desse significado, porém nota-se que o traço de aumento aparece nesta língua, de acordo com a definição extraída do dicionário *Garzanti* (2006): “*grosso e robusto galleggiante a fondo piato.*”

- **Traço de semelhança**

- ✓ **Melão<sup>70</sup> – século XIV** (*mēlōnes*): “*erva anual e rasteira (Cucumis melo), da família das cucurbitáceas, com folhas suborbiculares, flores amarelas e grandes pepônios, geralmente amarelos, com polpa comestível, adocicada, carnosa e sucosa, esverdeada, amarelada ou rosada; meloeiro; fruto dessa planta.*”

---

<sup>70</sup> A manutenção do *-l-* intervocálico faz supor que se trata de estrangeirismo ou que seu étimo remonta a uma forma com *-ll-* duplo.

As mesmas acepções foram encontradas em catalão – *meló*, espanhol – *melón*, francês – *melon* e italiano – *mellone*. De acordo com o Houaiss essa seria abreviação da palavra grega *mēlopépōn,onos* “*espécie de melão*”. Contudo, há em latim o termo decalcado *mēlōpēpo, ōnis*, sendo assim, a redução pode ter ocorrido a partir da palavra latina. Considerando o vocábulo no grego, vê-se que se trata de uma composição, assim como indica o Houaiss: *mêlon,ou* “*maçã ou fruta semelhante a uma maçã*” + *pépōn,onos* “*queimado pelo sol, donde maduro*”. Sendo a palavra latina redução do decalque da palavra grega, não se pode atribuir ao sufixo o significado de semelhança, visto inicialmente no grego.

### ➤ Termos específicos

O sufixo latino *-onem* também é encontrado em palavras que designam nomes de animais, instrumento, substâncias etc.

#### - Nomes de animais

- ✓ **Dragão – século XIII** (*drāco, -ōnis* < grego *drákōn, -ontos*): “*animal fabuloso geralmente representado como serpente ou sáurio com o corpo coberto de escamas (eventualmente ainda pode ter garras de leão, asas de águia ou de morcego, longo pescoço, e uma grande boca, com a língua sagitada ou bifida, que expele fogo.)*”

A acepção apontada acima é a mesma que aparece em latim e nas demais línguas românicas em que essa palavra foi encontrada<sup>71</sup>. Além desse significado *dragão* designa no latim também um *tipo de peixe; símbolo do corpo se soldados romanos; tipo de planta; vaso retorcido para esquentar água*. Ademais, também nomeava uma constelação. Essas acepções ocorrem em parte em português, francês, catalão e espanhol. Abster-se-á de reproduzir aqui todas as acepções dessas línguas, visto que, não auxiliam na análise do estudo do valor semântico do sufixo.

✓

<sup>71</sup> Catalão (*dragó*), espanhol (*dragón*), francês (*dragon*), italiano (*dragone*), romeno (*dracón*)

- ✓ **Furão<sub>1</sub> - 1543** (*fūrōnes*): “designação comum aos mamíferos carnívoros do gênero *Galictis*, da família dos mustelídeos, com duas espécies, encontradas do México à Patagônia; com cerca de 45 cm de comprimento, corpo longo e delgado, patas curtas, dorso acinzentado, focinho, pescoço e partes inferiores pretas; cachorrinho-do-mato; doninha.”

Nesse caso, chama a atenção o valor figurado de *intrometido*, *bisbilhoteiro* encontrado em português (“repórter de grande sagacidade, que se antecipa aos outros ao noticiar matéria jornalística”); francês (“*homme qui s'enquiert de tout, & qui est appliqué à sçavoir tout ce qui se passe de plus particulier dans les familles*”), e em espanhol (“*persona que averigua y descubre lo escondido y secreto*”). Apesar de essa acepção estar presente nessas línguas, não se pode assegurar que se desenvolve em latim. Ao consultar o dicionário Gaffiot, verifica-se que o vocábulo *fūro*, *-ōnis* é definido apenas com o termo *furet*, que em francês, de acordo com o *Dictionnaire de L'Académie Française, Dictionnaire historique e critique*, também possui o sentido metafórico.

- ✓ **Pavão – século XIII** (*pāvōnes*): “designação comum às aves dos gêneros *Pavo* e *Afropavo*, da família dos *fasianídeos*, encontradas na África e Ásia.”

Ocorre também em catalão (*pavó*); espanhol (*pavón*); italiano (*pavone* ou *paone*) e francês (*paon*).

- ✓ **Salmão<sup>72</sup><sub>1</sub> – século XIII** (*salmōnes*): “designação comum aos peixes teleósteos salmoniformes, gênero *Salmo* e *Oncorhynchus*, da família dos salmonídeos; peixe anádromo do Atlântico norte (*Salmo salar*), que atinge 1,5 m de comprimento e possui geralmente manchas escuras ou avermelhadas na parte superior do corpo (Sua carne possui excelente sabor; de alto valor comercial e usado em aquíicultura.); a cor da carne do salmão; que tem a cor do salmão; diz-se dessa cor”

<sup>72</sup> A exemplo do que se afirmou sobre *falcão*, o termo deve ser estrangeirismo.

Os significados em português obtidos pela extensão de sentido, motivada pela cor do salmão também aparecem em espanhol – *salmón*, catalão – *salmo*, italiano – *salmone*, mas não se achavam na língua de origem. Desse modo, fica evidente que o significado de semelhança decorre da derivação de todo o vocábulo e não apenas do sufixo.

- ✓ **Leão – século XIII** (*lěōnem*): “grande felino (*Panthera leo*) encontrado originalmente na Europa, Ásia e África, de coloração variável, entre o amarelo-claro e o marrom-escuro, partes inferiores do corpo mais claras, ponta da cauda com um tufo de pêlos negros e machos com uma longa juba, provavelmente usado para proteger o pescoço durante os combates com outros indivíduos da mesma espécie.”

#### - Denominação de Substâncias

- ✓ **Sabão<sub>1</sub> - século XIV** (*sapōnem*): “substância detergente usada com água para lavagem de roupas, superfícies, utensílios etc., obtida pela mistura de sais de sódio e de potássio com ácidos graxos.”

Esse vocábulo acha-se difundido em muitas línguas, sendo classificado como panromânico<sup>73</sup>. A palavra latina *sapō, -ōnis* derivou-se do germânico, aponta-se como base a forma hipotética *\*saipo*, como indicam o Houaiss e o *Gran diccionari de la llengua catalana*, ou pela forma *\*saipôn*, apontada pelo dicionário da *Real Academia Espanhola*.

- ✓ **Carvão - século XIII** (*carbōnem*): “material sólido, de origem mineral ou vegetal, que principalmente consiste em carbono com pequeno percentual de hidrogênio, compostos orgânicos complexos e materiais inorgânicos”.

Palavra atestada pelo dicionário Gaffiot e presente em muitas línguas românicas, inclusive no romeno – *carbune*. Em espanhol há *carbón*; em catalão – *carbó*; em

<sup>73</sup>Francês (*savon*), provençal e catalão (*sabó*), espanhol (*jabón*), romeno (*săpún*), italiano (*sapone*), ocorrendo também em línguas não-românicas como alemão *seife* e inglês *soap*.

provençal – *carbo*; francês *charbon* e em italiano – *carbone*. Os significados nessas línguas são os mesmos dos encontrados em português.

- **Partes do corpo**

- ✓ **Talão<sub>1</sub> - século XIII** (*talōnem* < *tālus*): “*mesmo que calcanhar*”

Chega às línguas românicas por meio do latim vulgar, assim como demonstram os vocábulos *taló* (catalão), *talón* (espanhol), *talon* (francês) e *tallone* (italiano). Em todas essas línguas encontra-se o significado de *calcanhar*. Cada língua vai apresentar desenvolvimento semântico diferenciado, contudo esse fato se não relaciona com os significados do sufixo.

- ✓ **Pulmão - século XIV** (*pulmōnem*): “*cada um de dois órgãos (direito e esquerdo), situados em duas cavidades laterais do tórax, nos quais se efetua a hematose; bofe (Cada um deles é dividido em lobos, os lobos, em alvéolos, e é revestido pela pleura); principal órgão da respiração, que promove as trocas gasosas, fornecendo oxigênio a todo o corpo e eliminando gás carbônico (Juntamente com o diafragma e os músculos intercostais, os pulmões funcionam como um fole, inspirando e expirando o ar.*”

Os significados encontrados nas línguas românicas pesquisadas<sup>74</sup> refletem a acepção presente em latim. *Pulmão* no sentido de *qualidade, potência de voz*, vista em português, espanhol, catalão e francês, não está presente em latim. Trata-se, portanto, da evolução semântica de toda a palavra e não só do sufixo.

- **Instrumento**

- ✓ **Timão<sub>1</sub> - século XV** (*timōnem* < *tēmo*, *-ōnis*): “*nos carros de tração animal, peça longa a que são atrelados os animais; roda ou volante com que se manobra o leme, e que outrora dispunha de malaguetas como empunhaduras; o leme.*”

<sup>74</sup> Espanhol (*plumón*), catalão (*plumó*), francês (*poumon*) e italiano (*polmone*.)

Também vinda pelo latim vulgar, é encontrada, apresentando esses mesmo significados, em catalão – *timó*; espanhol – *timon*; francês – *timon* e italiano – *timone*.

- ✓ **Aguilhão – 1231** (*\*aquileonem*): “a ponta de ferro da aguilhada; ponta acerada e perfurante; aguilhada curta; peça do moinho que corre por baixo do rodízio; peça de ferro que se coloca no meio dos eixos de madeira dos engenhos de açúcar”.

No vocábulo, podem-se verificar, na passagem do latim vulgar ao português, algumas transformações fonéticas comuns como a sonorização da consoante velar e palatalização da consoante lateral alveolar.

- **Outros casos**

- ✓ **Sermão - século XIII** (*sermo, -ōnis*): “discurso religioso pronunciado no púlpito por um predicador, especialmente católico; prédica, predicação, pregação; discurso moralizador, geralmente longo e enfadonho; qualquer fala com o objetivo de convencer alguém de algo; admoestação em tom severo; repreensão, descompostura.”

Em latim essa palavra mostrava-se bastante polissêmica. De acordo com as acepções registradas pelo dicionário Gaffiot, poderia designar: “uma conversa entre várias pessoas; o objetivo, propósito da conversação; conversação ou discussão literária; modo de expressão, linguagem, diálogo.” Os significados vistos em português refletem a influência do uso dessa palavra no discurso religioso. Do mesmo modo como acontece com as demais línguas pesquisadas: espanhol, catalão, francês e italiano.

- ✓ **Barão - 870** (*bārōnem*): “senhor de terras subordinado diretamente ao rei ou a um grande feudatário; título imediatamente inferior ao de visconde, e o menos graduado na hierarquia nobiliárquica; homem esforçado, valoroso; varão; homem poderoso e notável pelo valor, pela posição e/ou pela riqueza; magnata

*do comércio, da indústria, das finanças, etc.; homem de negócios notável em determinado ramo”*

✓ **Varão<sub>1</sub>** - **século XIII** (*vārōnem*): “*indivíduo do sexo masculino; homem, especialmente o que atingiu a idade adulta; homem destemido, esforçado, intrépido, viril; homem digno de respeito, venerável, ilustre; adjetivo (1899) que é do sexo masculino*”

Cabe aqui fazer algumas considerações a respeito dos verbetes acima expostos. A palavra *barão* é a mais antiga derivada com o afixo *-ão*, datada em 870. Esse vocábulo apresenta significados bastante diferentes dos encontrados em latim, de acordo com a consulta feita no Dicionário Gaffiot. No Dicionário Houaiss tem-se a seguinte definição: 1- *senhor de terras subordinado diretamente ao rei ou a um grande feudatário*; 2- *título imediatamente inferior ao de visconde, e o menos graduado na hierarquia nobiliárquico*. Este dicionário também traz, como significados antigos, as acepções: “*homem esforçado, valoroso; varão*”, *homem poderoso e notável pelo valor, pela posição e/ou pela riqueza*”. Todos os significados, como se pode depreender, com valor positivo.

Já no Dicionário Gaffiot, encontra-se a seguinte definição para *barō, -ōnis*, reproduzida aqui: 1-*balourd, lourdaud*, 2-*mercenaire*<sup>75</sup>. Isso indicaria que essa palavra sofreu transformações semânticas, mudando o traço avaliativo, passando de *pejorativo* para *melhorativo* no português.

Ao consultar o *Vocabulário Português e Latino* de Rafael Bluteau, encontram-se significados parecidos com o do português atual. Nele há citações de trechos em latim que, de acordo com o autor, também refletiriam os mesmos significados positivos. Apenas em umas das passagens admite um valor pejorativo ao vocábulo, ao mostrar a palavra sendo utilizada em uma antífrase. Nesse caso, o autor interpreta a palavra com o sentido de *filósofo tolo, fátuo, efeminado*.

Assim, o significado do sufixo não é muito claro, além disso, a palavra não tem uma origem transparente. Bluteau<sup>76</sup> (1720) aponta cinco origens possíveis. Chega a indicar três raízes distintas, quando considera a provável origem hebraica do vocábulo, a

<sup>75</sup> *Desajeitado, pessoa vagarosa e desastrada; mercenário, interesseiro*

<sup>76</sup> Deve-se ressaltar que a etimologia dessa época não apresentava qualquer metodologia, sendo construída com base em associações de formas semelhantes.

saber: *bar* (limpo de sangue), *bara* (criar), *barach* (escolher). O autor considera também a raiz *baros* (grave, sólido) quando aponta a filiação grega; *baro* (homem principal), quando associa o étimo ao latim e, finalmente, relaciona a raiz *varon* ao indicar a proveniência espanhola.

O Quadro 4 sintetiza os valores semânticos encontrados no sufixo latino *-onem*, informando também a datação do registro mais antigo de cada significado.

CLASSES DE AÇÃO	-ONEM		
	Valor semântico	Datação	Vocábulos
	Agentivo	Século XI-1059	<i>Saião</i> <sub>1</sub> , <i>glutão</i> , <i>ladrão</i>
CLASSES RELACIONAIS	Gentílico	Século XIII-1220	<i>Lacão</i> , <i>lapão</i> , <i>cidão</i> , <i>saxão</i> , <i>vascão</i> , <i>bretão</i> , <i>peão</i> <sub>3</sub> , <i>centrão</i> ,
	Semelhança	Século X- 926	<i>Falcão</i>
	Posse	Século XIII	<i>Peão</i> <sub>1</sub>
	<i>Nomina essendi</i>	Século XV	<i>Agrião</i> <sub>1</sub>
	Filhote de x	Século XIII	<i>Bordão</i> <sub>1</sub>
	Aumentativo	Século XII - 1141	<i>Cabrão</i>

Quadro 4 - Valores semânticos de *-ão* filiado ao sufixo *-onem*

Com auxílio dos registros de datação e com base nos valores semânticos do sufixo, encontrados no latim, e no seu desenvolvimento em português foi possível formular uma hipótese de desenvolvimento desses significados.

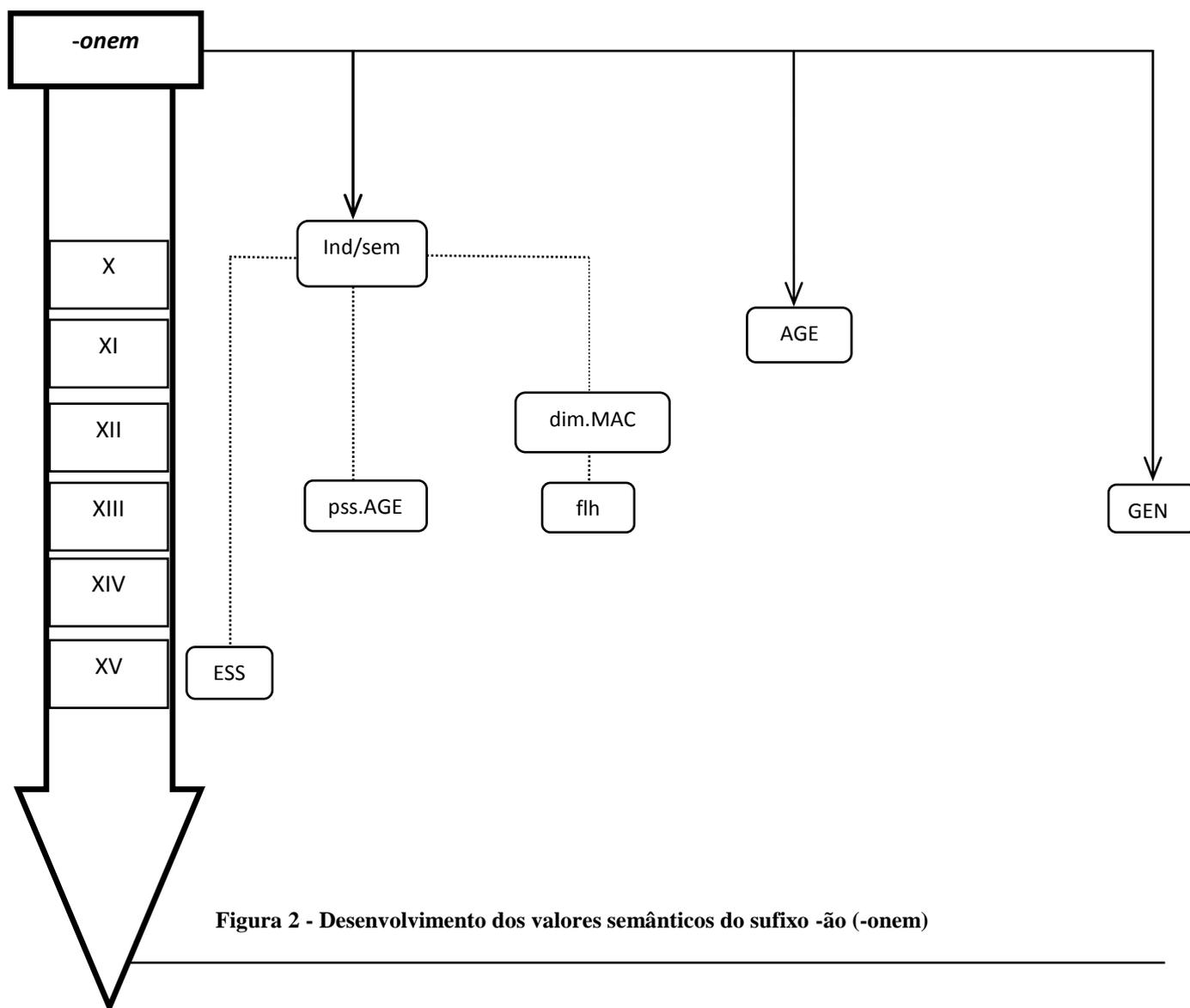


Figura 2 - Desenvolvimento dos valores semânticos do sufixo -ão (-onem)

### Legenda

**Minúsculas** – valores no latim

**dim** – dimensional

**flh** – filhote de x

**ind/sem** – individualização, semelhança

**pss** – posse

**Maiúsculas** – valores em português

**AGE** – agentivo

**ESS** – *nomina essendi*

**GEN** – gentílico

**MAC** – macho de x

A individualização, conseguida por meio da comparação, vista na palavra *falcão* pode ter servido de base para o desenvolvimento dos valores semânticos de *nomina essendi*, posse e de dimensão, expresso pelo aumentativo. Isso porque a individualização pode ser construída a partir de um traço, de um objeto ou indivíduo, que se sobressai, indicando valor de aumento.

Já o significado de posse associa-se à individualização, pois ao indicar que “*alguém ou algo tem/possui X*”, consegue-se especificar, particularizar determinado indivíduo. Do mesmo modo, explica-se o valor de *nomina essendi*, expresso pela paráfrase “*aquele que é X*”, em que se ressalta uma característica de um indivíduo ou de um objeto.

### 3.2. Derivados de origem neolatina

Apresentar-se-ão aqui os vocábulos formados em espanhol, francês e italiano. Serão analisadas, mais detidamente, as palavras que apresentarem relevância para o estudo do sufixo e entendimento da evolução de seus significados. As demais formações podem ser consultadas no Anexo A (1.1)

#### 3.2.1. Espanhol

Os vocábulos formados em espanhol<sup>77</sup> serão apresentados de acordo com os valores e traços semânticos presentes no sufixo.

##### ➤ Dimensionais e intensivos

Entram nesse grupo os verbetes que apresentam significado ou traço semântico de aumentativo, diminutivo ou intensidade.

- ✓ *Artesão*<sub>2</sub> – 1651 (*artesón*<sup>78</sup>): “*adorno que se coloca entre molduras em abóbadas e tetos*”

<sup>77</sup> Foram encontradas 17 palavras formadas em espanhol.

<sup>78</sup> “*Elemento de construcción de forma poligonal, cóncavo y con adornos en el centro, que se dispone en serie para adornar techos y bóvedas*”.

A palavra espanhola deriva-se do vocábulo, também espanhol, *artesa* “Cajón cuadrilongo, por lo común de madera, que por sus cuatro lados va angostando hacia el fondo”. A formação teria sido motivada pela semelhança entre os dois objetos, assim como aponta o dicionário *Clave de la lengua española*, no qual se pode ler: “de artesa, porque los artesones parecen artesas vistas desde fuera.”

- ✓ **Trapalhão<sub>2</sub>** – s/d (*trapalón*): “que ou o que (se) atrapalha muito, que causa confusão; que ou o que faz trapaças; trapaceiro.”

Em espanhol, o termo apresenta significados diferentes, referindo-se a “*persona que habla mucho y sin sustancia*” ou “*persona embustera*”. A palavra prende-se à base *trápala* “*ruido, movimiento y confusión de gente*”, “*embuste, engaño*”, “*persona que habla mucho y sin sustancia*”, “*persona falsa y embustera*”. O valor em português assemelha-se às acepções da palavra-base.

- ✓ **Garrão – 1881** (*garrón*<sup>79</sup>): *jarrete de equídeos; jarrete de qualquer animal.*

No espanhol é dado como derivado aumentativo de *garra*. Em português a noção de aumentativo desaparece, registrando-se apenas o valor específico que designa uma parte do corpo de qualquer animal.

- ✓ **Galeirão – 1713** (*gallarón*): *abibe<sub>2</sub> (ave caradriiforme); mesmo que fúlica (designação comum às aves gruiformes).*

Do espanhol *gallarón* e este de *gallo*. Nota-se que para a formação do vocábulo houve a adjunção do afixo *-arón*. A palavra derivada se refere a *sisón<sub>1</sub>* “*Ave zancuda, de unos 45 cm de largo, cabeza pequeña, pico y patas amarillos, plumaje leonado con rayas negras en la espalda y cabeza, y blanco en el vientre y en los bordes de las alas y la cola.*”

Por meio da leitura desta definição, pode-se perceber a presença do traço de diminutivo, o qual não se verifica na definição em português.

---

<sup>79</sup> *Espolón de un ave; Extremo de la pata del conejo, de la res y otros animales, por donde se cuelgan después de muertos; Gancho que queda al cortar una rama lateral de otra principal de un árbol; calcañar.*

### ➤ Semelhança

- ✓ **Formigão<sub>1</sub> – 1553** (*hormigón*<sup>80</sup>): “mistura dosada de terra, pedregulho, água e cal ou outro ligante, própria para construção de paredes de taipa de pilão; formigame, betão.”

De acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola, essa palavra derivou-se de *hormigos*, um prato feito com mel e amêndoas ou avelãs. A formação foi motiva pela semelhança no aspecto dos objetos. Desse modo a paráfrase empregada aqui é “*semelhante a X*”.

- ✓ **Rojão<sub>3</sub> – 1680** (*rejón*): “vara comprida e com grillhões na ponta, usada para espicaçar os touros”

O significado do vocábulo em espanhol permite afirmar que o sufixo nesta língua apresentaria o valor semântico de semelhança, uma vez que a palavra deriva de *reja<sub>1</sub>*. Abaixo serão reproduzidas as acepções da palavra base e da derivada:

**Reja<sub>1</sub>**: “Instrumento de hierro, que es parte del arado y sirve para romper y revolver la tierra”.

**Rejón**: “Barra de hierro cortante que remata en punta; especie de puñal”

### ➤ Resultado

- ✓ **Apagão - 1988** (*apagón*): “mesmo que *blecaute* (interrupção no fornecimento de eletricidade)”

A origem aponta para o espanhol da América do sul, onde foi empregado em substituição ao termo inglês *blackout*, já na década de 60. O vocábulo espanhol criou-se a partir do decalque de *blackout*. Em português a palavra é registrada em 1988, pelo dicionário Houaiss. O termo foi utilizado, em âmbito nacional por Leonel Brizola, quando era governador do Rio de Janeiro<sup>81</sup>.

<sup>80</sup> “Masa compacta de gran dureza y resistencia que se usa en la construcción y que está formada por un conglomerado de grava, piedras pequeñas, arena, agua y cemento o cal”

<sup>81</sup> Revista Eletrônica *O Lobo*, disponível em [www.olobo.net/index.php?pg=columnistas&id](http://www.olobo.net/index.php?pg=columnistas&id).

Assim, o significado observado em espanhol, pode ser interpretado como o de resultado “*estado decorrente de X*”, tendo em vista que é resultado da ação de apagar. Em português, também é possível acrescentar traço de intensidade, já que a palavra, geralmente, é empregada quando a interrupção de energia atinge diversas regiões.

- ✓ **Salpicão – 1720** (*salpicón*): “mistura de fatias de frios (paio, presunto, lombo de porco), temperada com alho e, às vezes, com vinho; espécie de salada à base de galinha desfiada, peixe, crustáceos ou carne, com batatas, pimentões etc., bastante tempero, em geral servida com maionese ou creme de leite.”

De acordo com o Dicionario da Real Academia espanhola, *salpicón* seria derivado de *salpicar* e esse proviria da junção das palavras *sal* e *picar*. Por meio da definição da palavra em português bem como do significado visto em espanhol, é possível descrever o valor semântico do sufixo como o de *resultado da ação de X*.

#### ➤ **Macho de X**

- ✓ **Perdigão – século XIV** (*perdigón*): “macho de perdiz”

A etimologia apontada pelo Houaiss liga o vocábulo ao latim *\*perdico*, *-ōnis*, o qual seria aumentativo de *perdix*, *īcis* “perdiz”. No entanto, essa palavra aparece apenas em espanhol<sup>82</sup>, catalão<sup>83</sup> e português. Além disso, nas duas primeiras línguas designam também o *filhote da perdiz*, e em português se refere ao macho dessa ave. Um significado semelhante a esse é visto também em espanhol, no entanto, parece ser um termo mais específico: “*Perdiz macho que emplean los cazadores como reclamo*”.

Dessa forma, é mais provável que o termo tenha surgido no espanhol ou catalão, desenvolvendo o valor semântico de diminutivo que, como se viu, é corriqueiro nessas línguas. Esse significado se manifesta, portanto, por meio da ideia de “*filhote de X*”. Já em português o valor semântico selecionado foi o de *macho da perdiz*.

---

<sup>82</sup> **Perdigón**: “Pollo de la perdiz; Perdiz nueva; Cada uno de los granos de plomo que forman la munición de caza; Grano de plomo que forma la munición o carga de un arma de caza; Pollo o cría de la perdiz”.

<sup>83</sup> **Perdigó**: “Pollet de la perdiu”.

➤ **Semente de x**

- ✓ **Pinhão – século XV** (*piñón*): “cada uma das sementes comestíveis de diversos pinheiros, especialmente a do pinheiro-do-paraná; árvore (*Duguetia bracteosa*) da família das anonáceas, nativa do Brasil (BA).”

Em espanhol há também o significado de semente dessa árvore, indicando ainda o seu fruto. Assim como apontou Alvar & Pottier (1983: 376-378) esse é um valor semântico comum do sufixo *-ón* em alto-aragonês. Podem-se citar dessa língua as palavras *arañón*, *priñón*<sup>84</sup>, *gorrillón*<sup>85</sup>.

➤ **Gentílico**

- ✓ **Catalão – século XIII** (*catalán*): “relativo à Catalunha (comunidade autônoma do Nordeste da Espanha) ou o que é seu natural ou habitante; diz-se de ou língua românica falada especialmente na Catalunha, mas também em Valença, nas ilhas Baleares e em Andorra.”

Nota-se que o sufixo empregado faz lembrar o *-anem* latino, formador de nomes gentílicos, como já exposto acima. A palavra está presente, além do espanhol e do catalão – *catalá*, em italiano – *catalano* e francês – *catalan*. A difusão nas demais línguas românicas se deve a presença do cognato latino – *Cățălauni*, *-ōrum*, o qual designava o povo da Gália belga.

➤ **Outros casos**

- ✓ **Alão<sub>1</sub> – 1209** (*alano*): “grande cão de fila, usado para guarda e na caça grossa; *alano*<sup>86</sup>”

Vê-se, nesta definição, certo traço aumentativo. Em espanhol essa ideia também está presente: “*el de raza cruzada, que se considera producida por la unión del dogo y el*

---

<sup>84</sup> “*Ciruela silvestre*”.

<sup>85</sup> “*Fruto del espino blanco*”.

<sup>86</sup> Nessa acepção o verbete tem como étimo o latim *alanus*.

lebrél. *Es corpulento y fuerte, tiene grande la cabeza, las orejas caídas, el hocico romo y arremangado, la cola larga y el pelo corto y suave*". Contudo, não se pode atribuir esse traço ao sufixo, já que *-ano* < *-anum* não apresenta esse significado. Esse fato indica que uma análise apenas da palavra portuguesa poderia conduzir a esse equívoco, visto que *-anum* e *-onem* apresentam-se sob a mesma estrutura formal.

A palavra aparece em latim, mas o significado é apenas o de gentílico – povo germânico. O significado que se refere a um tipo de cachorro teria se desenvolvido em espanhol e dessa língua teria expandido para português, francês (*alans*) e italiano (*alano*). Em Corominas (1991) há a indicação que o vocábulo seja de origem incerta, mas o autor sugere como étimo o gótico *alans* “*crecido*”, participio passivo do verbo *alan* “*crecer*”. Esse autor cita as transformações *guardiano* > *guardián*; *escanciano* > *sacristán*; *ermitano* > *ermitán*; *escribano* > *escribán* para justificar a alteração de *alans* > *alano*. O estudioso aponta que a preservação do *-l-* na palavra portuguesa se deve a entrada tardia dos germanismos nesta língua, o que comprovaria a sua origem gótica.

- ✓ **Tacão<sub>1</sub> – 1721** (*tacón*): “*salto do calçado; parte da sola do calçado a que se prende o salto, na altura do calcanhar*”

Analisando o termo na língua de origem vê-se que a forma deriva-se de *taco* – “*pedazo de madera, metal u otra materia, corto y grueso, que se encaja en algún hueco*”. Sendo assim, a palavra derivada, *tacón* (1604), tornou-se um termo especializado, designando “*pieza, de mayor o menor altura, unida a la suela del calzado en la parte que corresponde al calcañar*”, assim como em português e em italiano (*taccone*); galego (*tacón*), asturiano (*tacon*) e catalão (*tacó*).

- ✓ **Rodrigão – 1881** (*rodrigón*): “*espécie de empa (estaca)*”

O vocábulo *rodrigão* (1881) é filiado ao espanhol *rodrigón* “*vara usada para sustentar os talos e ramos de uma planta*”, datado em 1490. Entretanto, há registrado como regionalismo de Portugal, o termo *rodri(o)* (1899), o qual também designa um tipo de estaca, usada para sustentar a videira. Considerando as datações dos verbetes, é bastante provável que o termo tenha vindo do espanhol.

- ✓ **Fanfarrão - 1573** (*fanfarrón*): “que ou aquele que conta bravatas, que alardeia coragem sem ser corajoso.”

De acordo com Corominas (1991), a raiz tem origem expressiva (1514), unida ao sufixo aumentativo, conferindo assim traços superlativos à palavra. O estudioso aponta que nem sempre possui sentido especificamente pejorativo, tendo significado de “ostentoso; arrogante; vistoso.” O vocábulo também é encontrado em catalão – *fanfarró* e italiano – *fanfarone*. Em francês há *fanfare*, mas nesta língua significa “música rimbombante”.

- ✓ **Garanhão – 1536** (*garañón*): diz-se de ou cavalo destinado à reprodução; diz-se de homem muito dado a mulheres; femeeiro

De acordo com Cunha (1982) a palavra viria do espanhol *garañón* “*Caballo o asno destinados a la reproducción*”. Corominas (1991) acrescenta que o termo é de origem germânica *wranjo, -ons* “*caballo padre, semental*” e aparece pela primeira vez em 1300. Em catalão pode-se encontrar a palavra *guará*, a qual apresenta o mesmo significado de cavalo semental. O *Gran diccionari de la llengua catalana* aponta também o mesmo étimo proposto por Corominas (1991) e aparece datada em 1063. A datação bastante posterior para o vocábulo português – 1536 – pode estar relacionada à entrada tardia de termos germânicos nessa língua.

- ✓ **Chimarrão – 1870** (*cimarrón*): “que ou o que foge ao costeiro e se torna bravio (diz-se de rês)<sup>87</sup>; que ou o que foge e passa ao estado selvagem (diz-se de animal doméstico)”

A criação espanhola do termo toma como base o local para onde os animais, ou índios e negros, como aponta Corominas (1991: 76-77), encaminhavam-se quando fugiam. Isso porque, comumente, eram escolhidos montes ou lugares altos. O autor define o verbete com sinônimos que mantêm essa mesma noção: “*alzado, montaraz*”.

<sup>87</sup> Regionalismo Rio Grande do Sul.

Nos três últimos vocábulos analisados, apesar de não ser possível descrevê-los por meio de uma paráfrase, fica evidente o traço agentivo que possuem. Já na palavra *rodrigão* a ideia que prevalece é a de instrumento.

Chama a atenção ainda o grande número de vocábulos que designam nomes de animais, como é o caso de *chimarrão, garanhão, alão, perdigão, galeirão*. Outras palavras estão apresentadas inseridas no campo semântico rural, a saber: *rodrigão, rojão<sub>3</sub>, pinhão* e *garrão*.

### 3.2.2. Francês

Apresentar-se-ão aqui os vocábulos formados em francês ou que tenha entrado em português por meio dessa língua<sup>88</sup>. Essas palavras serão descritas de acordo com o significado do sufixo ou dos traços semânticos que este atribui à base a qual se une.

#### ➤ Valores dimensionais

Neste grupo serão expostos os casos em que o sufixo contribui com um valor semântico dimensional, isto é, quando o afixo analisado apresentar significado aumentativo, diminutivo, ou ainda, alguma traço que convoque essas noções. Entram nesse grupo as palavras: *caminhão, cordão, galeão, pelotão, tampão, esmerilhão, gurjão* e *cartão*. Apenas as duas últimas palavras apresentam traço aumentativo em francês.

- ✓ ***Caminhão<sub>2</sub> - 1890*** (*camion*): “*veículo motorizado destinado ao transporte de cargas pesadas, de tamanho considerável e com quatro ou mais rodas; caminhão; porção de carga que esse veículo pode transportar; grande quantidade.*”

O vocábulo é apontado como variante de ***chamion*** “*espécie de charrete*”. Posteriormente, passou a indicar “*Chariot bas, à quatre roues de petit diamètre, pour le*

---

<sup>88</sup> Foram encontradas 40 palavras formadas em francês ou que através dessa língua tenha chegado ao português. Nesta seção serão apresentados os casos que exigem um maior detalhamento e esclarecimento no que se refere ao desenvolvimento semântico. No Anexo A (1.1) encontra-se a lista completa de todas essas derivações.

*transport des marchandises pesantes*”. Vêm nessa definição traços diminutivos que compõem o significado específico do termo. Também se encontra em francês a acepção com traços aumentativos: “*Gros véhicule automobile transportant des marchandises ou des personnes.*”

- ✓ **Cordão – século XIII** (*cordon*): “*corda ('feixe de fios torcidos') fina e flexível, de matérias têxteis diversas; qualquer órgão ou estrutura filamentosa, como vasos e fibras; cada uma das madeixas de fios torcidos que formam um cabo; corrente de ouro ou prata, usada como adorno pendente do pescoço; ornato em forma de pequena corda; filete; de carreta com três filamentos torcidos apertadamente; fita larga que serve de insígnia a certas condecorações.*”

A definição em português não apresenta o valor semântico verificado na língua de origem. Em francês o sufixo atribui significado de diminutivo, já que designava inicialmente “*petite corde permettant au concierge*”. Esse valor continua presente em sua definição atual “*Corde fine, tordue, tressée ou tissée servant d'attache*”. Em português esse significado pode ser observado por meio de traços presentes em algumas das acepções, reproduzidas acima, como em “*ornato em forma de pequena corda*” ou “*filete*”. Contudo, também é possível observar o traço aumentativo na última definição.

- ✓ **Galeão - século XIII** (*galion*): “*navio a vela com quatro mastros, de alto bordo, armado em guerra, usado no transporte de cargas de alto valor na navegação oceânica entre os séculos XVI e XVIII*”

O DHLP aponta que o vocábulo teria possuído inicialmente, em francês, valor diminutivo “*pequeno navio de guerra*”, entretanto, não se encontrou nenhuma indicação desse valor no *Le Petit Robert*. Em português, como se pode verificar na definição acima, não há traços de grandeza nem pequenez. O vocábulo é definido atualmente em francês como traço de aumento: “*grand bâtiment armé destiné au commerce avec l'Amérique, au transport de l'or que l'Espagne tirait de ses colonies*”.

- ✓ **Pelotão – 1543** (*peloton*): 1- “*subdivisão de uma companhia de soldados*; 2- *grupo de soldados especializados ou designados para uma determinada tarefa*;

3- grande grupo de pessoas com uma atividade específica; 4- grande pelota (*péla*, bola).”

O sufixo desempenha valor diminutivo na língua de origem como se pode observar na definição extraída do dicionário *Le Petit Robert* e aqui reproduzida: “*Petite pelote de fils roulés*”. Em português, os significados mais comuns referem-se a um grupo de pessoas, o qual também aparece em francês: “*groupe de personnes*”. Essa língua registra ainda a acepção de “*groupe de soldats en armes, troupe en opérations*” apontado como uso antigo/arcaico. Desse modo, vê-se que a palavra entra em português com esses significados. A noção aumentativa presente na acepção 3 deve-se, certamente, a extensão de sentido motivada pelo significado da palavra e não do sufixo. O mesmo traço reaparece na acepção 4, a qual se aproxima do primeiro significado visto em francês. Desperta a atenção o fato de o DHLP, nessa acepção, indicar a palavra *péla*, talvez na tentativa de explicar a formação desse significado. Esse procedimento pode causar imprecisão, pois sugere que o aparecimento desse significado tenha se dado em português, por meio da reanálise/ressegmentação do vocábulo. Evidente que a presença do traço de grandeza, ao contrário do que se viu em francês, é fruto de seu desenvolvimento em português, porém a ideia de bola já está presente na língua de origem. Além disso, o português também conhece o termo *pelota* para designar *bola*.

✓ **Tampão<sub>1</sub>** - século XIII (*tampon*<sup>89</sup>): “*grande tampa ou tampo; tampo<sub>1</sub>* (peça de madeira); *tampa de caixa de esgoto, pia, tanque etc.*”

Novamente, observa-se a substituição de um traço diminutivo pelo de aumentativo na passagem do francês para o português. Isso porque na língua de origem o verbete designa “*petite masse dure ou d'une matière souple, pressée, qui sert à boucher un trou, à empêcher l'écoulement d'un liquide.*” Isso se deve ao fato de que em francês o sufixo -ón, apresenta-se, no mais das vezes, atribuindo traços de pequenez, ao passo que em português, essa noção não é corrente, sendo mais corriqueiro o significado de aumentativo.

<sup>89</sup> Em português também se registra a palavra *bujão*, do francês *bouchon*, a qual é dada como sinônimo na definição do verbete francês *tampon*. Em português *bujão* também apresenta significado semelhante à *tampão*.

- ✓ **Lampião – 1704** (*lampion*): “grande lanterna elétrica ou a combustível, portátil ou fixa em um teto, esquina ou parede; poste de iluminação pública.”

A palavra é apontada como de origem italiana, segundo os dicionários *Le petit Robert* e Houaiss. Esse último ressalta que a palavra aparece já em 1510 em francês com significado específico de *lanterna do barco*, enquanto que acepção relacionada ao italiano “*lanterne vénitienne*” só é registrada em 1750.

Analisando o significado dessa palavra em italiano, percebe-se que traço de aumento, presente em português, não aparece nesta língua, como se pode verificar na reprodução do verbete, extraído do *Dizionario Garzanti*: “*lampada per l’ illuminazione di strade, piazze, ecc., costituita da una sorgente luminosa protetta da un involucro trasparente, in genere sostenuta da una colonna o sospesa con cavi o supporti infissi nei muri.*” No entanto, ao considerar as definições do termo em questão nos dicionários *Le Petit Robert* e *Dictionnaire de L’Académie Française*, verifica-se a presença de traços dimensionais, como se pode notar a seguir:

- *Le Petit Robert*: “*godet contenant une matière combustible et une mèche, utilisé pour les illuminations*”
- *Dictionnaire de L’Académie Française*: “*sorte de petite lampe dont on se sert dans les illuminations*”

Desse modo, é possível considerar que a palavra seja, realmente, de origem francesa tendo chegado ao português também por intermédio dessa língua. Colaboram para essa hipótese os registros de datação, já que aparece em francês em 1510 e em italiano apenas em 1614. Além disso, o traço dimensional, desenvolvido em português, pode se dever a interferência do traço observado em francês que, como já foi dito, aponta para noção diminutiva.

No caso de *cartão* (1595) ocorrem ambos os traços, tanto em português quanto em francês em acepções secundárias. Mas, levando-se em conta o significado semelhante ao encontrado no italiano<sup>90</sup>, língua de origem, nota-se que o valor convocado é o de aumentativo verificável nas definições do francês<sup>91</sup> e do português<sup>92</sup>.

<sup>90</sup> “*Tipo di carta di notevole spessore e resistenza usato per confezionare scatole, per imballare, ricoprire libri*”.

<sup>91</sup> “*Feuille assez épaisse, faite de pâte à papier (papier grossier ou ensemble de feuilles collées)*”

<sup>92</sup> “*Papel encorpado, obtido por colagem e prensagem de várias folhas, ou utilizando a polpa na fabricação à máquina*”.

Como se viu, alguns vocábulos apresentaram divergências entre os traços dimensionais em português e em francês. Isso ocorre pelo fato de o sufixo apresentar valores dimensionais distintos em cada uma dessas línguas. No caso de *gurjão* (1980), palavra que possui valor semântico diminutivo em francês “*petite gouge de sculpteur*” em português esse significado desaparece, como se vê em sua definição: *tira de filé de peixe frito à milanesa*.

Em *esmerilhão* (século XV) os significados em português apontam para um traço aumentativo ao passo que em francês as acepções denotam traço diminutivo.

- Português: “*espingarda comprida de grande alcance; ave falconiforme da família dos falconídeos (Falco columbarius) da América do Norte e do Velho Mundo, com migrações para o Norte do Peru e Venezuela, e no Brasil restrito à costa da Bahia e ao Amazonas (...)*”

- Francês: “*petit faucon au vol rapide employé autrefois à la chasse; Anneau ou croc rivé par une petite tige dans une bague de façon à pouvoir tourner librement*”.

#### ➤ **Gentílico**

✓ **Letão – 1899** (*letton*): “*relativo à República da Letônia (Europa) ou o que é seu natural ou habitante; leto; língua indo-européia do grupo báltico falada nesse país; lético, leto.*”

✓ **Valão<sub>1</sub> – 1361** (*wallon*): “*relativo à Valônia, região da Bélgica, ou o que é seu natural ou habitante; diz-se de ou dialeto galo-romano falado em parte da Valônia, ou qualquer variedade desse dialeto.*”

Nesse caso, a datação que se encontrou em francês, 1466-1477, é posterior a encontrada no português, 1361. Ainda assim, aponta-se o francês como língua de origem. Isso porque seria improvável que a forma *valão*, vista em português, surgisse a partir da base *valônia*, por meio da redução desse vocábulo ou por meio da derivação sufixal a partir da base *valo<sub>2</sub>* “*relativo aos valos, povo da Sarmácia asiática*”, já que esta, além de ser datada apenas em 1881, apresenta significado diferente como é possível verificar analisando as duas definições. É mais provável que a palavra portuguesa tenha tomado de empréstimo o termo do francês, língua em que o vocábulo forma-se a partir do latim medieval *Wallo*.

➤ **Agentivo e instrumento**

- ✓ **Campeão – 1684** (*champion*): “cavaleiro que lutava em campo delimitado, fechado, em defesa de uma causa ou pela honra de alguém; aquele que defende alguém ou uma causa; paladino; desportista, equipe ou agremiação esportiva que mais acumulou vitórias em competição, torneio ou campeonato; desportista de grandes qualidades, de valor; o vencedor de qualquer prova, torneio ou certame; aquele que se destaca por fazer algo de maneira melhor ou em quantidade maior que os demais; cavalo usado para campear.”

Tanto em francês “*celui qui combattait en champ clos pour soutenir une cause*”, quanto em português, nota-se o significado de agentivo, que pode ser descrito pela paráfrase “*aquele que V em X*”.

- ✓ **Espião – 1596** (*espion*): “pessoa que vigia secretamente alguém ou algo para obter informações; espia; pessoa paga para colher, clandestinamente, documentos secretos ou informações estratégicas sobre um país estrangeiro; agente secreto.”

A palavra *espionar* é de origem germânica, segundo Corominas (1991) do gótico *spaihôn*. Já em relação a *espião*, datada em português em 1526, o Dicionário Houaiss aponta como origem o italiano<sup>93</sup> - *spione* (XV), ressaltando que o termo possa ter entrado no português via francês – *spion* (XIII). A influência do francês na disseminação desse vocábulo também é admitida por Corominas (1991) que afirma: “*La forma espión alcanzó por influjo francés cierta difusión en el castellano de América en el s. XIX (...)*”. No *Dictionnaire de L’Académie Française* lê-se também a anterioridade do termo em italiano, assim como aponta o étimo oferecido pelo *Le Petit Robert*.

<sup>93</sup> *Dizionario Garzanti* aponta que a palavra se forma a partir do frâncico *spëcho* (XIII), significa “*persona che ha l’abitudine, il vizio di fare la spia.*”

✓ **Biberão – 1890 (biberon):** “mamadeira”

O Dicionário Houaiss aponta que o verbete seria regionalismo de Portugal. O termo proveio do francês *biberon*<sup>94</sup> (1301): “1. vase de porcelaine, de verre ou de métal, pourvu d'un bec plus ou moins allongé et avec lequel on fait boire les malades empêchés de boire avec un verre ordinaire; 2. petit appareil employé dans l'allaitement artificiel pour remplacer le sein maternel.”

A segunda acepção da palavra em francês apresenta traço semântico diminutivo. A noção que predomina no sufixo para compor essa formação é o de instrumento, isto é, *instrumento “instrumento (com) que (se) V X”*.

✓ **Guião – 1525 (guion):** “estandarte que vai à frente nas procissões; pendão; estandarte que se levava à frente das tropas; pendão; o cavaleiro que trazia esse estandarte; sinal gráfico colocado ao final de um pentagrama ou tetragrama para indicar a altura da primeira nota da pauta seguinte; índice; barra de direção numa bicicleta ou em qualquer outro veículo do tipo ciclo; guidom.”

Em português encontra-se também a variante *guidão*, que apresenta a mesma noção, designando *aquilo que está à frente*. No entanto, nesse caso o significado é especializado, referindo-se a “*barra provida de punhos que comanda a roda da frente numa bicicleta ou em qualquer outro veículo do tipo ciclo*”, acepção extraída da forma variante *guidom*, mais usada. Vê-se por meio das acepções e dos registros de datação de *guião* (1525), *guidom* (1938), *guidão* (1922), que o vocábulo francês penetrou na língua portuguesa em dois momentos diferentes, apresentando, no primeiro caso, acepções semelhantes às encontradas naquela língua e, posteriormente, apresenta significado específico, mas calcado na ideia central do vocábulo. Sendo assim, a ideia inicial, vista no francês “*aquele que X*” modifica-se superficialmente passando a “*instrumento que X*”.

O vocábulo também aparece em italiano, mas apresenta apenas os significados de estandarte ou símbolo militar.

<sup>94</sup> O Dicionário Houaiss aponta que no latim eclesiástico *biberon* “*pessoa que gosta de vinho*”.

O valor de instrumento também é visto no vocábulo *pilão*<sup>95</sup> “nome comum a várias ferramentas utilizadas para bater, triturar, calcar”, o qual derivou do francês *pilon* “instrument de bois, cylindrique, à base convexe, servant à piler.”

➤ **Outros significados**

- ✓ **Frontão – 1858** (*fronton*): “conjunto arquitetônico de forma triangular que decora e encima a fachada principal de um edifício e é constituído de três partes essenciais: a cimalha (base) e as empenas (dois lados que fecham o triângulo)”

Esse vocábulo é de origem italiana e funciona como aumentativo de *fronte*, designando aquilo que está à frente. A formação derivada em italiano é registrada em 1475, contudo, a entrada na língua portuguesa se deu por meio do francês, língua em que é datada em 1624, de acordo com *Le Petit Robert*. Em português o vocábulo é registrado em 1858. Por ter sido registrada em português no século XIX é mais provável que seja o francês a língua de entrada<sup>96</sup>.

A palavra em português tornou-se especializada, mas preserva a ideia vista em italiano, isto é, designando aquilo que *está à frente*.

- ✓ **Bidão – s/d** (*bidon*): “vasilha metálica, tambor grande para acondicionar produtos fluidos, líquidos ou gasosos; botijão, bujão.”

Em francês não há nenhum traço dimensional, designando apenas um tipo de recipiente portátil (*réipient portatif pour les liquides, généralement de métal*). Já em português é possível perceber o desenvolvimento do traço de aumento. Não se pode dizer que seja o valor semântico do sufixo, no entanto, pode-se admitir a influência de traços comuns desse elemento formativo em português.

<sup>95</sup> Em português existe um termo homônimo a este também derivado do francês. Em *pilão*<sub>2</sub> tem-se a designação de “porta monumental dos templos egípcios, com formato de pirâmide truncada”, mesmo significado encontrado em francês.

<sup>96</sup> Como se verá na Seção 3.2.3, as derivações provenientes do italiano entraram, em português, na maioria dos casos no século XVI, provavelmente por influência do Renascimento.

✓ **Clarão – 1574- 1590** (*clairon*): “clarim grande”

O valor aumentativo presente em português não aparece na língua de origem, na qual a palavra designa “*instrument à vent (cuivre) sans pistons ni clés, à son clair et puissant*”. Encontra-se no Houaiss uma ressalva quanto a isso: “*não parece que o significado de “grande clarim” apontado por Moraes (1813) para uma passagem seiscentista de Barros seja o melhor, primeiro porque àquela época não havia ainda a palavra clarim e, segundo, porque, sendo um empréstimo do francês ao português, há que se observar que, naquela língua, o sufixo -on não expressa o grau aumentativo.*”<sup>97</sup>

✓ **Arpão – século XV** (*harpon*): 1. “*instrumento formado por um ferro em feitiço de seta que se fixa a um cabo, usado para fisgar grandes peixes, cetáceos e na caça às baleias*; 2. (na Índia) espécie de gancho usado como arma de arremesso; 3. *qualquer objeto curvo, em forma de gancho.*”

O Dicionário Houaiss indica o século XII como datação para palavra francesa. Contudo, essa data se refere à palavra escandinava da qual teria se originado o vocábulo francês, de acordo com o *Le Petit Robert*. Esse registra o ano de 1474, apontando a seguinte acepção: “*pièce de métal coudée servant à relier deux pièces de maçonnerie*”. Em 1643, registra “*grappin pour l'abordage des vaisseaux*”. Já em 1690, surge a acepção de “*instrument en forme de flèche qui sert à prendre les gros poissons, les cétacés*”. Acepção que aparece em português no século XV.

✓ **Milhão<sub>1</sub> - século XV** (*million*): mil milhares (10<sup>6</sup>); grande quantidade, grande número

A palavra é de origem italiana *milione*, no entanto, entrou no português por meio do francês, assim como aponta Corominas (1991). Esse autor afirma que desde 1348 a palavra já estava presente no italiano e em francês aparece em 1359. Em português o Dicionário Houaiss registra a palavra no século XV. A partir do vocábulo francês *million*, surgem *bilhão*, *trilhão*, *quatrilhão* etc.

✓

<sup>97</sup> Na reprodução do trecho extraído desse dicionário as abreviaturas utilizadas foram desdobradas.

- ✓ **Plantão – 1881** (*planton*): “serviço distribuído diariamente a um militar, dentro de sua própria companhia, caserna, bateria etc.; o militar que fica encarregado de tal serviço; serviço noturno ou em horas normalmente sem expediente em hospital, farmácia, fábrica, redação de jornal etc.; pessoa que fica encarregada de tal serviço; período de tempo que dura esses serviços.”

A presença desse vocábulo nesse grupo se justifica pelo significado inicial verificado em francês “*jeune plant*” (1584). Consta nesta língua o significado presente em português: “*soldat de service se tenant à la disposition d'un officier supérieur pour porter ses ordres*” (1790). A datação portuguesa é posterior, sendo registrada em 1881. Nota-se que nessa acepção o valor sufixal é alterado, auxiliado pela atuação da metáfora criada em francês. A noção contida no verbo *planter* “fixar” teria possibilitado a atuação da metáfora. No português essa ideia também aparece, mesmo porque o significado existente em latim *planto*, -āre “plantar, semear” pode remeter a essa noção de fixidez e imobilidade. Contudo, analisando as datações registradas nessas línguas, assim como atentando para os valores semânticos típicos do sufixo -ão, em cada uma dessas línguas, é possível apontar o francês como a língua de origem.

### 3.2.3. Italiano<sup>98</sup>

Serão apresentadas, nesta seção, as palavras de origem italiana ou que por meio dessa língua tenham entrado em português. Foram encontrados os significados de agente, “*atividade relacionada a X*”, dimensão e gentílico.

#### ➤ **Agentivo e “atividade relacionada a X”**

Esse valor semântico foi encontrado em três verbetes formados em italiano, a saber: *artesão*, *charlatão*, *bufão*. Nos últimos casos, esse significado não se apresenta de forma clara em português.

✓

<sup>98</sup> Foram encontradas 10 palavras derivadas nesta língua.

- ✓ **Artesão<sub>1</sub>** – século XV (*artigiano*): “*indivíduo que pratica arte ou ofício que dependem de trabalhos manuais; artífice que exerce sua profissão em oficina própria.*”

O vocábulo foi registrado em português no século XV. Também está presente em catalão – *artesà* (1460); francês – *artésian* (XVI) e espanhol – *artesano* (1440). De acordo como Corominas (1991) o vocábulo derivou-se segundo o modelo *cortigiano*. Nota-se pelos registros dos vocábulos nessas línguas românicas que o sufixo utilizado na criação do termo em italiano é o que se prende a forma latina *-anum*, que também é evidenciado pelo valor semântico de atividade associada a x.

- ✓ **Bufão<sub>1</sub>** - 1257 (*buffone*): “*mesmo que bobo (personagem); quem faz rir por falar ou comportar-se de modo cômico, ridículo, inoportuno ou indelicado, ou aquele a quem falta seriedade nas relações humanas; aquele que se vangloria muito; fanfarrão, jactancioso*”.

O significado sufixal de agentivo pode ser verificado na formação em italiano, já que deriva do termo *buffa* “*beffa; inganno, scherzo, organizzato alle spalle di qualcuno per deriderlo; burla*”.

- ✓ **Charlatão** – 1643 (*ciarlatano*): “*que ou aquele que se apresenta nas praças ou nas feiras para vender drogas e elixires reputados milagrosos, seduzindo o público e iludindo-o com discursos e trejeitos espalhafatosos (diz-se de mercador ambulante); que ou aquele que se diz possuidor de remédios infalíveis (diz-se de curandeiro)*”

Para o dicionário Garzanti seria cruzamento de *cerretano* “*vendedor ambulante de medicamentos miraculosos*” e de *ciarlare* “*falar muito, dizer coisas sem fundamentos*”. Para o DEI, a forma deriva-se do participípio do verbo *ciarlare*, isto é, teria como base *ciarlata*. Percebe-se, novamente, que o sufixo convocado para derivação é *-anum*.

### ➤ Dimensionais

- ✓ **Canhão** – 1443 (*cannone*): “*certo tipo de boca-de-fogo de grosso calibre*”

O vocábulo deriva-se do italiano *canna* “*tubo, cano*” acrescido do sufixo aumentativo. Os traços aumentativos são percebidos por meio da definição do verbete em italiano: “*pezza di artiglieria con la canna rigata e molto lunga rispetto al calibro: cannone de fanteria da campagna (...).*”

- ✓ **Bastião<sub>2</sub> – 1548** (*bastione*): “*obra de fortificação constituída de um avançado para artilharia com dois flancos e duas faces ligadas às cortinas da fortaleza ou praça por dois dos seus lados; baluarte, bestião; posto avançado para a defesa de um território, de um país etc.*”

Proveniente do italiano *bastione* (1532) que designa, nesta língua, noção aumentativa como se pode entrever na definição a seguir: “*terrapieno sostenuto da grosse mura, usato anticamente, par rafforzare la difesa di una piazzaforte*”. De modo mais evidente o significado aparece na definição dada pelo DEI: “*grossa bastia. Corrisponde al baluardo d’ellantica fortificazione*”. No entanto, como se vê, em português esse traço pode ser apenas inferido por meio da definição, uma vez que se trata de uma obra de grandes proporções.

- ✓ **Esquadrão - 1512** (*squadrone*): “*grupamento de navios de guerra, geralmente do mesmo tipo e classe, porém menor que a esquadra; seção de um regimento de cavalaria.*”

Nesse caso há uma formação de aumentativo de *squadra* “*gruppo di atleti Che gareggiano insieme o individualmente per i colori di una stessa società sportiva, una stessa nazione.*” Já em português, como se vê em sua definição, há a descrição de traço diminutivo “*menor que esquadra*”.

É pertinente destacar que os valores dimensionais foram todos formados com o auxílio do sufixo itálico *-one*, forma do sufixo latino *-onem* nessa língua.

### ➤ **Gentílico**

- ✓ **Parmesão – 1556** (*parmigiano*): “*relativo a Parma, Itália, ou o que é seu natural ou habitante; parmano, parmense; diz-se de ou queijo de massa dura, própria para ser ralada (Originário de Parma, esse tipo de queijo é hoje conhecido e fabricado em muitos países.)*”

Aqui nota-se claramente o significado de gentílico dado pelo sufixo, ligado a nome de lugar – Parma. Vê-se também que há outros sufixos que igualmente podem ser usados para desempenhar essa mesma função no caso particular de *parmese*, como indicam as palavras *parmano* e *parmense*.

- ✓ **Cortesão – século XV** (*cortigiano*): “*concernente à corte, que dela provém; urbanizado, palaciano, civilizado; educado, refinado, gracioso; pessoa que frequenta a corte de um soberano; pessoa que vive e/ou trabalha na corte; indivíduo que adula, bajula outrem de modo excessivo ou exagerado.*”

O valor relacional é visto tanto no vocábulo português quanto na língua de origem. A acepção pejorativa “*indivíduo que adula*” também está presente em italiano.

No valor gentílico fica clara a derivação calcada no sufixo *-ano* < *-anum*, que como se viu, já apresentava esse significado em latim.

#### ➤ **Outros significados**

- ✓ **Balcão – 1360** (*balcone*): 1-“*plataforma saliente da fachada de casa ou edifício, geralmente em balanço ou sustentada por colunas, consolos etc. e guarnecida de um parapeito, à qual se tem acesso do interior, por uma porta; sacada*; 2 - *móvel comprido e da altura aproximada dos cotovelos de uma pessoa que, nas repartições públicas, cartórios, clínicas etc., separa a parte da entrada, destinada ao público, da parte de dentro, onde ficam os funcionários que fazem o atendimento.*”

A segunda acepção descrita acima, mais comum em português, não consta em italiano.

- ✓ **Macarrão – 1517** (*maccherone*): “*massa alimentícia de origem napolitana, em forma de longos cilindros de 5 mm e 6 mm de diâmetro*”.

Apesar de considerar o vocábulo como de origem incerta, Corominas (1991) dá alguns indícios de sua formação, apontando dois étimos possíveis, um grego - *makaría* “*comida feita de salsa e farinha de cevada*”, e outro italiano - *macco* “*comida feita de*

*farinha cozida com água e sal*". Corominas (1991) prefere associar a palavra ao étimo italiano *macco* < *maccare*, já que a forma grega não é documentada em latim, contudo, é comum em português, espanhol (*macarrón*), asturiano (*macarrón*) galego (*macarrón*) e francês (*macaron*). Ademais, a adoção da forma italiana não apresentaria problemas em relação à evolução do vocábulo. O autor argumenta que não seria necessário admitir formas intermediárias como *\*maccaro*, assim como o faz Diez, uma vez que seria possível admitir a adjunção do sufixo composto *-erone*<sup>99</sup>.

### 3.3. Palavras de origem portuguesa

Aqui serão analisadas as palavras formadas em português. Essas somam, no *corpus* pesquisado, 257 vocábulos, os quais foram divididos de acordo com o valor semântico do sufixo.

#### ➤ Ação ou Resultado de ação

Nesse grupo constam as paráfrases para *nomina actionis* das quais se encontram: “o fato de X<sup>v</sup>”, “ação de X<sup>v</sup>”, “processo de X<sup>v</sup>” e “golpe praticado em X”. Aqui cabem vocábulos como: *esticão* (1899), *beliscão* (1798), *vazão* (1589), *arrastão* (1656), *recursão* (s/d), *pisão* (1593), *rasgão* (1817- 1819), *arranhão* (1881), *abanão* (1913), *raspão* (1881), *estirão* (1562), *empurrão* (século XV), *encontrão* (1679) e *puxão* (1844). Muitas dessas palavras podem ser interpretadas tanto como o nome da ação quanto como resultado dessa ação, sobrepondo esses sentidos, como se pode ver na definição de *beliscão*, *rasgão* e *raspão*, por exemplo. São todas descritas como “ação ou efeito de X”.

É relevante comentar também que esses valores aparecem em grande quantidade no Dicionário Houaiss, porém, após a seleção feita a partir da frequência de uso, restaram apenas 14 vocábulos que representavam esse significado, os quais foram citados acima. Por isso, a fim de realizar comparações com estudos a respeito do elemento formativo *-ão*, em alguns momentos, serão tomados como exemplos

<sup>99</sup> Segundo Corominas (1991) esse sufixo é muito comum em italiano, assim como também o são: *-erello*, *-eruolo*, *-ereccio*, *ignuolo*, *-agnuolo*, *-atello* etc.

vocábulos que estão ausentes da lista dos mais frequentes, já que os estudos existentes não fazem esse tipo de seleção.

Os *nomina actionis* são descritos por Rio-Torto (1998) como *heterocategoriais*, pois a partir de bases verbais formam substantivos. A autora os descreve como *deverbais que nominalizam o evento, ação ou processo*. Essa análise parece caber nos dados analisados, ainda que em alguns casos o dicionário aponte a derivação a partir de bases substantivas, como ocorre em *arrancão* (*arranco* + *-ão*). Desse modo, o sufixo não teria se unido a uma base verbal, mas a um substantivo deverbal.

No entanto, nos casos em que o sufixo apresenta valor de golpe<sup>100</sup> “*golpe praticado em X*”, em que X se refere a partes do corpo, a origem deverbal não procede. Podem ser citados como exemplares desse fato as palavras: *canelão*, *pescoço*, *cachaço*. Desse modo, não se pode afirmar que o produto dessas derivações seja *heterocategorial*, visto que não há mudança da categoria gramatical em relação à base.

### ➤ **Agentivo**

Como se viu, esse valor semântico pode ser descrito por meio de paráfrases como “*(pessoa) que X*”, “*pessoa que V X*”, “*pessoa que gosta de V X*”, “*(pessoa) que exerce atividade relacionada com X*” e “*(pessoa) que V em X*”. Podem integrar esse grupo as seguintes palavras: *babão* (1712), *gabão*<sub>1</sub>(1543), *mandão* (1836), *cagão* (1836), *brigão* (século XVI), *falastrão* (s/d), *brincalhão* (18713), *ganhão* (s/d), *cação* (século XIII), *galrão* (século XVII), *bulhão*<sub>3</sub> (1899), *mexilhão*<sub>2</sub> (1716), *folião* (1566), *fujão* (1562), *papão*<sub>1</sub> (1789), *trapalhão*<sub>2</sub> (s/d), *tecelão* (século XIII), *pimpão*<sub>1</sub> (1826), *gastão*<sub>2</sub> (1998), *leitão* (1059), *pagão*<sub>2</sub> (1950); *comilão* (1603), *mamão*<sub>1</sub> (1288), *chorão*<sub>1</sub> (1562), *beberrão* (século XV) e *rezão*<sub>2</sub> (s/d).

Aqui há a descrição do processo de mudança de categoria gramatical, já que o sufixo se liga a bases verbais, formando adjetivos e/ou substantivos. A ideia central contida nessas palavras é a de uma pessoa que pratica uma ação frequentemente.

No livro *Morfologia Portuguesa*, de José Lemos Monteiro (2002:169), é possível encontrar uma observação pertinente a respeito do aparecimento dos *elementos de ligações* que estão presentes em algumas das formações desse grupo. O autor chama

<sup>100</sup> Em espanhol também se verifica o valor de golpe (*madrugón, manotón, pescozón*) o qual, segundo Monge (1972), surgiu depois de o sufixo passar a ser utilizado com bases verbais.

atenção para o fato de os verbos de primeira conjugação dispensarem tais elementos, enquanto outros verbos tornam esse recurso quase como obrigatório. Esse assunto será desenvolvido na Seção 5.

### ➤ **Aumentativo**

Entram nesse conjunto as formações mais comuns do sufixo. Encontraram-se 116 palavras<sup>101</sup>, dentre as quais se citam: *macacão* (1862), *facção* (1813), *barracão* (1871), *salão*<sub>1</sub> (1672- 1693), *bundão* (1913), *paredão* (1660) e *telão* (1881). As paráfrases para essas palavras são: “X grande”, “X muito grande”. No caso do aumentativo, é comum que se sobreponham outros traços semânticos, como o de *intensidade* ou os *avaliativos* (melhorativos e pejorativos). Há casos em que esses valores apresentam-se de forma independente do aumentativo, e, por isso, serão analisados separadamente.

### ➤ **Avaliativos**

Aqui serão analisadas as palavras que desenvolvem os significados avaliativos de forma independente de outros valores semânticos. Incluem-se traços positivos e negativos que sejam atribuídos essencialmente pelo sufixo.

Podem-se citar como exemplos de *melhorativos* os vocábulos<sup>102</sup>: *vidão*, *fardão*, *feirão*<sup>103</sup>, *vinhão*, *mestrão* e *timão*<sub>3</sub>. Em *vidão* (s/d), a ideia não é a de “vida grande” ou “vida longa” e sim, de uma “boa vida”; *fardão* (s/d) designa uma “farda suntuosa, com valor simbólico”; *feirão* (1913) se refere a uma “feira importante ou animada”; já *vinhão* (1881) se refere a um “vinho encorpado, forte, de boa qualidade” e em *mestrão* (s/d), tem-se a remissão direta à palavra *mestraço*, a qual significa “mestre muito destro; indivíduo exímio em seu ofício”; em *timão*<sub>3</sub> (século XX) encontra-se, também por meio da remissão direta, a palavra *timaço*<sup>104</sup>, a acepção de “time de excelente nível técnico”.

---

<sup>101</sup> Desse total apenas 68 verbetes apresentam registro de datação. O número de formações aumentativas poderia ser maior, já que os dicionários, geralmente, registram apenas as formações lexicalizadas, isto é, quando há significado específico, além do valor aumentativo como em *calçadão*, por exemplo.

<sup>102</sup> Faz-se necessário ressaltar que, dessas, apenas as palavras *feirão*, *vidão* e *timão* possuem frequência de uso superior a 20.000 ocorrências.

<sup>103</sup> Essa palavra significa *feirante*, em sua segunda acepção, classificada como regionalismo de Portugal. Assim, é possível verificar o valor semântico de agente do sufixo.

<sup>104</sup> Vale ressaltar que essa palavra tem sido usada em substituição a *timão*, pelo fato de esta ter sido utilizada para designar um time de futebol brasileiro (*Corinthians*), especializando assim o significado desse vocábulo.

Por sua vez, pode-se ver o significado pejorativo nas seguintes palavras<sup>105</sup>: *santalhão* “que ou aquele que simula pureza, santidade, falso beato”; *vinagrão* “vinagre de má qualidade”, *marçagão* “o mês de março, quando o tempo é feio, e a temperatura, desagradável”.

Deve-se ressaltar que em algumas palavras esses valores podem variar de acordo com o contexto em que são utilizadas. Assim, por questões pragmáticas, algumas palavras podem ser interpretadas como *melhorativas* ou *pejorativas*. São exemplos disso: *sabichão*, *machão*, *bonzão*, *mulherão* etc. Ullmann (1964: 490) nomeia esses casos de *termos médios* e os define: “palavras que são intrinsecamente neutros e que terão uma aceção favorável ou desfavorável de acordo com o seu contexto”.

O desenvolvimento dos valores avaliativos despertou desde sempre a atenção dos pesquisadores. Alguns dos primeiros semanticistas chegavam a considerar que os valores pejorativos seriam uma tendência fundamental da língua, “um sintoma de uma veia pessimista na mente humana”. Já Bréal (1832- 1915)<sup>106</sup> acreditava que esta tendência refletia uma característica bastante humana - a de disfarçar ideias desagradáveis, isto é, a tendência de amenizar as ideias para não chocar.

### ➤ Coletivo/Conjunto

Esse grupo é destinado aos coletivos e a outros nomes que expressam quantidade (*nomina quantitatis*), interpretado pelas paráfrases “conjunto de X”, “quantidade de X”. Encontram-se aqui as palavras: *areão*, *varjão*, *povão*<sup>107</sup>, *ranchão* e *plumão* (século XV), as quais apenas essa última possui registro datação. Deve-se ressaltar ainda que nos dois primeiros casos a definição dada pelo dicionário apresenta sinônimos formados a partir de outros sufixos com a mesma função – formadores de coletivo. Aponta-se como alternativa, *areal* e *vargedo*, respectivamente. Em *areal* há também o valor semântico de locativo, uma vez que descreve “superfície de grande extensão coberta de areia; local de onde se extrai areia<sup>108</sup>”

O sufixo *-al* é reconhecidamente tido como coletivo em língua portuguesa, visto nas palavras: *algodoal*, *arrozal*, *bambual*, *bananal*, *batatal*, *cafezal*, *canavial*,

<sup>105</sup> Nenhuma dessas palavras atinge frequência de uso superior a 20.000 ocorrências.

<sup>106</sup> *Ensaio de semântica: ciência do Significado*. São Paulo: Educ., 1992.

<sup>107</sup> Considerando o filtro de frequência de uso, apenas o vocábulo *povão* deve ser incluído.

<sup>108</sup> Essas aceções foram retiradas da aceção do verbete *areal*, já que o Dicionário Houaiss faz remissão direta ao definir *areão*.

*jabuticabal, laranjal, mangueiral, milharal, roseiral, seringal* etc. Já o sufixo *-edo* é menos comum e frequente na formação dos coletivos. Citam-se como exemplo os vocábulos: *arvoredo, castanhedo, figueiredo, folhedo, passaredo, vinhedo* etc.

Já *povão* aparece definida como *grande quantidade de pessoas, multidão, povaréu*<sup>109</sup>. A palavra *ranchão* aparece descrita como “*rancharia constituída de pequenas casas construídas nos arredores de uma cidade*”. Vê-se também nesse caso a utilização de outro sufixo, *-aria*, com valor de conjunto na definição do verbete. E, finalmente, *plumão* designa *penachos de plumas*.

### ➤ Denominação de ventos

✓ *Nortão* (s/d): *vento que sopra do norte*.

Assim como se viu na Seção 3.1.1, ao discorrer sobre o vocábulo *outão*, existem muitas palavras formadas com esse sufixo que apresentam esse mesmo significado, como os exemplos a seguir: *sulão, suão, soão, euraquilão, palmelão e terralão*.

### ➤ Diminutivo

Apesar de parecer contraditório, o *-ão*, principal formador de aumentativo, possui alguns casos em que denota valor semântico de diminutivo. Assim como foi indicado na Introdução, o valor semântico ou traço de diminutivo também viria da noção individualizadora que teria originado o aumentativo. Aqui o único exemplo encontrado é a palavra *pontilhão* (1844). Outros casos em que o sufixo denota valor diminutivo foram formados em outras línguas como o caso da palavra *cordão*, formada em francês, por exemplo.

A formação de *pontilhão* como diminutiva pode ser explicada pela combinação do segmento *-ilh-*, já que este proveio do latim *-icŭla*, usado, predominantemente, como diminutivo nesta língua. Em português essa ideia permanece em algumas palavras: *casquilha, cigarrilha, estampilha, pacotilho* etc.

---

<sup>109</sup> O afixo *-aréu* também apresenta valores dimensionais variando entre aumentativo e diminutivo. Em *mundaréu* vê-se o valor aumentativo e em *fogaréu* e *pataréu* “*pequeno patamar da escada; patim*” tem-se significado diminutivo.

### ➤ **Gentílico**

A paráfrase adotada nesse caso é “*que é originário/proveniente de X*”. São exemplos dessa função os vocábulos: *aldeão* (século XIII), *cidadão* (1269), *beirão* (1813) e *ruão*<sub>2</sub> (século XIII). Esse valor semântico aparece em outras palavras, mas essas não alcançam a frequência de uso superior a 20.000 ocorrências, podem-se citar os verbetes: *sintrão*, *torrão*, *alentejão*, *barrosão*<sub>2</sub>, *frisão*, derivadas dos topônimos Sintra, Torres Vedras, Alentejo, Terras de Barroso e Frísia, respectivamente.

Vê-se, portanto, que o sufixo com esse valor semântico é pouco usado. Isso pode ser explicado pelo fato de haver muitos sufixos concorrentes nesta mesma função, como os afixos *-eiro*, *-eno*, *-ês*, *-ista*, *-ino*, *-ano*, *-ense*.

### ➤ **Inalterado**<sup>110</sup>

Nesse grupo constam os vocábulos em que a adjunção do sufixo não alterou o significado da base, como ocorre com em: *rachão* “*racha (fenda)*”, *estevão* “*esteva*<sub>1</sub> (*arbusto - Cistus ladanifer*)”, *poção*<sub>2</sub> “*poço*”, *talhão*<sub>1</sub> (1662) “*talho (terreno delimitado para o plantio)*”, *rojão*<sub>1</sub> (1563) “*rojo (ação, movimento de rojar-se)*”. Como se pode observar, também não parece haver a presença de traços afetivos ou pragmáticos, como ocorre em alguns verbetes que serão analisados a seguir.

### ➤ **Intensidade**

Muitas vezes, o valor de intensidade acumula-se ao valor de aumentativo, como se viu no grupo que descrevia tal significado. No entanto, inserem-se aqui palavras que apresentam apenas o valor semântico de intensidade em relação à base. Estão nesse grupo: *azulão* (s/d) “*tom forte de azul*”; *calorão* (s/d) “*calor intenso*”; *alegrão* (s/d) “*alegria intensa, profunda*”; *bastão*<sub>3</sub> (s/d) “*muito basto; espesso, denso, abundante*”; *durão* (s/d) “*bem duro*”; *clarão*<sub>2</sub> (1819) “*claridade intensa*”; *vozeirão* (1821- 1875) “*voz muito grave e forte*”, *trancão* (século XIV) “*tranco violento*” e *pancadão* (s/d) “*pancada violenta*”.

<sup>110</sup> Deve-se atentar para o fato de ter havido sentido distinto no momento da formação do vocábulo, mas atualmente essa diferença não seja evidente.

### ➤ Instrumento

Este é um grupo que se assemelha ao grupo dos *agentivos*, no entanto, refere-se a objetos ou instrumentos que desempenham uma ação, movimento. Os vocábulos<sup>111</sup> designam “*instrumento (com) que (se) X*”, “*instrumento (com) que (se) V o X*”. Podem-se citar: *picão* (1364) “*instrumento pontiagudo com que se lavra a pedra*” e *esfregão* (1562) “*objeto usado para esfregar; rodilha, rodilhão*”.

Vale destacar o caso da palavra *fogão* (1566), em que se pode verificar inicialmente esse significado, já que é definido pelo dicionário como: “*aparato de alumínio, ferro ou alvenaria, fixo ou móvel, com abertura(s) por onde sai uma chama alimentada por gás ou lenha, usado para cozinhar*”, sendo assim poderia ser interpretada pela paráfrase “*instrumento (com) que (se) V o X*”, em que V é ocupado pelo verbo produzir e X pela base – *fogo*.

### ➤ Macho de X

O significado “*macho de X*”, visto em *cabrão* (apresentada dentre as palavras latinas) e em *perdigão* (derivação espanhola), reaparece na formação portuguesa *lebrão* (1877). Em espanhol, a palavra designa apenas “*homem tímido e covarde*”, sendo formado a partir de *liebre*, que também apresenta no uso coloquial o mesmo significado. Assim, o sufixo em espanhol tem valor de reforço ou expressivo. Pelo fato de, no português, esse significado não ocorrer e, além disso, a palavra *lebrão* não aparece em galego, catalão, francês nem italiano é possível considerar que o vocábulo seja de formação vernácula. No entanto, deve-se considerar, certamente, a influência do significado verificado em espanhol.

---

<sup>111</sup> Na palavra *furão*<sub>2</sub>, classificada como aumentativo, pode-se encontrar na segunda acepção o valor de instrumento definido como: “*instrumento pontiagudo de ferro (geralmente usado para fazer buracos)*”. Também apresentam esse significado as palavras *escovão*, *podão*, *rechegão*, *fulão*, *postemão* e *remessão*. No entanto, possuem frequência inferior a 20.000 ocorrências.

➤ **Nomina Essendi**

Para abstratos formados a partir de paráfrase como “*que é X*”, “*o fato de ser X*”, “*propriedade de ser X*” ou para modais do tipo “*que deve ser X*”, “*que pode ser X*”. Nesse conjunto tem-se: *pesadão* (1899), *vermelhão* (1642), *solteirão* (1858), *valentão* (1707), *pobretão* (1817-1819), *caladão*, *paradão*, *doidão*, *bonitão*, *grandão* ou *grandalhão*, *bonzão*, *sabão*<sub>2</sub>, *gostosão* e *gordão*. Dessas apenas seis, como se vê acima, apresentam registro de datação.

Esses casos são denominados por Rio-Torto (1998) como *isocategoriais*, pois não alteram a classe gramatical da base da palavra. No caso dos dois primeiros exemplos citados a base não é *calar* e *parar*, mas *calado* e *parado*, respectivamente. Sendo assim, são adjetivos participiais que formam igualmente palavras adjetivas.

➤ **Posse**

As palavras desse grupo podem ser interpretadas por meio da paráfrase “*que tem/possui X*”. São exemplos desse valor semântico as palavras: *quarentão* (1817-1819) “*que ou aquele que está na casa dos 40 anos; quadragenário*”; *trintão* (s/d) “*que ou aquele que está na casa dos 30 anos; trintenário*”; *brasão*<sub>2</sub> (s/d) “*mq. brasino (que tem cor de brasa)*”; *azarão* “*cavalo em que poucos apostam, por ter poucas chances de vencer a corrida*”.

➤ **Produzido com X**

- ✓ ***Pedrão* (século XIV):** “*mesmo que padrão<sub>1</sub>*” (*monumento de pedra, em lugar descoberto pelos portugueses*).

Por meio da definição dada pelo dicionário fica clara a paráfrase formulada “*algo produzido/feito de pedra*”

### ➤ Relacional / Tipo de X

As palavras reunidas aqui apresentam significados que podem ser interpretados por paráfrases como “*tipo ou espécie de X*” ou “*relacionado a X*”. Podem integrar esse grupo os seguintes vocábulos: *colonião*<sub>2</sub>, *dramalhão*, *bordão*<sub>3</sub>, *jalapão*, *cifrão*, *codornizão*, *meião* e *pulgão*.

A palavra *colonião* (s/d) “*capim-da-colônia*” deriva-se a partir de *colônia*<sub>2</sub> “*erva (Alpinia purpurata) da família das zingiberáceas, de rizoma com odor de gengibre*”. Desse modo, nota-se que a palavra derivada descreve um tipo de *colônia* “*erva*”. O mesmo pode ser dito para as palavras para *jalapão* (1873) “*trepadeira*” (liga-se a *jalapa*<sub>2</sub>); *pulgão* (século XIV) “*designação comum aos insetos homópteros de pequeno porte*”; *codornizão* (s/d) “*ave migratória da fam. dos ralídeos*”; *cifrão* (1712) que se liga a palavra *cifra* na acepção de “*conjunto de regras de transposição de sinais que permitem a um serviço oficial comunicar-se em linguagem secreta; código*”; *bordão*<sub>3</sub> (1899) “*palmeira do gênero Raphia, de cuja seiva doce, fermentada, se produz o maluvo*”, palavra que se liga a *bordo*<sup>112</sup> “*árvore de até 30 m (Acer saccharum), da família das aceráceas, de folhas palmatilobadas e flores em corimbos pêndulos*” e *dramalhão* (1880) “*drama que se alonga à custa de um excesso de lances trágicos e de tensões emocionais de toda sorte*”; *ferrão* (1543) “*ponta aguda de ferro; aguilhão*”.

Alguns desses termos designam objetos específicos (instrumento ou nomes de objeto). Essas palavras podem ter surgido com esse significado ou podem ter desenvolvido posteriormente o valor especializado. Muitas vezes é possível entrever traços do sufixo nessas formações, como é o caso de *dedão*, palavra que designa o *dedo polegar*, locução definida pelo Dicionário Houaiss como *dedo grande do pé* ou *primeiro dedo da mão, o mais grosso, oponível aos outros quatro, com o que otimiza a sua preensibilidade*.

Enquadram-se, portanto, os termos: *colchão* (1439) “*espécie de coxim muito grande, recheado de lã, penas ou outro material de consistência macia (natural ou sintético), que, colocado sobre o estrado da cama, recobre a superfície do móvel*”; *vergalhão* (1692) “*barra de metal comprida e relativamente grossa, de seção cheia*”; *botijão* (1715) “*mq. bujão (receptiente para fluidos)*” e *calçadão* (s/d) “*calçada ou*

<sup>112</sup> Essa palavra aparece representada no Dicionário Houaiss como *bordo* /o/.

*passeio de grande largura e extensão, geralmente com elementos paisagísticos*”, nas quais se pode observar noção aumentativa. Já em *calção*<sup>113</sup> (1559), “*calça de pernas curtas e entufadas que, a princípio, ia da cintura até as virilhas e que, mais tarde, se estendeu até o meio das coxas e, afinal, até o joelho*”, pode-se entrever noção diminutiva, visto que designa uma peça do vestuário menor que a calça.

Em *florão* (1624) “*ornato que imita e reproduz flores*” e em *linhão*<sub>2</sub> (s/d) “*tecido mais encorpado e de trama mais aberta do que o linho, ao qual se assemelha*”, nota-se significados de semelhança. Em *amarelão*<sub>1</sub> (1913) “*guatambu; pau-marfim; certa variedade de milho*<sup>114</sup>”; *meião* (1813) “*peça inteiriça do meio da roda do carro de bois onde se fixa a cabeça do eixo; sino de igreja de tamanho médio*” e em *quentão* (século XX) “*bebida preparada com aguardente de cana fervida com gengibre, canela e açúcar*” pode-se verificar significado de *nomina essendi* (propriedade designada pela base).

Os vocábulos *escalão* (século XV) “*plano por onde se pode subir ou descer; degrau*”; *cadeião* (s/d) “*peça de madeira que une as duas mesas do carro de bois*”; *formão*<sub>2</sub> (1718) “*ferramenta manual, própria para madeira, com uma extremidade embutida num cabo e a outra chata, terminando em lâmina afiada*” e *travão* (1673) “*trava em que se amarram as bestas*” remetem a um tipo específico de *escala*, *cadeia* (elo), *forma* e *trave*, respectivamente. Já os termos *morão* (1899) “*casta de uva preta*” e *negrão* (s/d) “*certa variedade de uva tinta duriense*”, como se vê, nomeiam tipo de uva.

Também se podem incluir nesse grupo o vocábulo *sacolão* (s/d) “*estabelecimento comercial ou comércio instalado em caminhão, caminhonete etc. que vende hortaliças, legumes e frutas a peso e com preço fixo, sem diferenciar as mercadorias.*”

### ➤ Semelhança

O valor semântico de semelhança pode ver visto na palavra *salmourão* (s/d) “*solo argiloso com alto teor de areia grossa, geralmente originado de granitos em clima úmido*”, ligando-se a palavra *salmoura*, no sentido de *vasilha onde se faz conservação de peixe ou da carne, com sal que se torna úmido por meio desse processo*. Nota-se

<sup>113</sup> Deve-se frisar que essa palavra aparece em francês (*chousson*); espanhol (*calzón*); italiano (*calzone*) e galego (*calzón*). É possível que a palavra francesa tenha servido de base a formação do termo português, já que se depreendem traços diminutivos nesse vocábulo, os quais, como se viu, são comuns no francês.

<sup>114</sup> As acepções têm em comum a característica ou propriedade de serem amarelas, como se pode verificar no Anexo C (imagens 9 a 11).

que, por meio de uma comparação entre os dois termos, *salmourão* pode ser interpretado pelas paráfrases “*que tem semelhanças com X*” ou “*que tem propriedades de X*”.

Também se pode ver esse significado nas palavras *azeitão*<sub>2</sub> (s/d) “*de pêlo preto e lustroso*<sup>115</sup>” e *machão* (1789) “m.q. *machona* (mulher masculinizada)”, isto é, mulher que apresenta características de um homem, assemelhando-se a ele.

### ➤ Valores pragmáticos e afetivos

Aqui entram palavras que, após o processo derivativo, não modificam essencialmente seu significado em relação à base. Entretanto, apresentam alteração quanto à expressividade. Fazem parte desse grupo: *peladão* (s/d), *fuscão* (século XX), *jeitão* (s/d), *bonachão* (1712). Se se analisar a palavra *peladão*, por exemplo, o significado da base não permitiria a intensificação, aumento ou gradação. Contudo, é possível substituí-la pela forma analítica “*completamente, totalmente, pelado*”, o que dá ênfase a enunciação, sendo mais expressiva. Já *fuscão*, designa o nome de um veículo, assim como o diminutivo, *fusquinha*. O que muda nesse caso é a afetividade em relação ao objeto.

Faz-se necessário ressaltar que essas palavras, em geral, estão associadas à linguagem informal. Muitas vezes, esses vocábulos são usados como estratégia argumentativa, uma vez que a intenção é buscar proximidade do interlocutor, ganhando sua confiança/simpatia e aumentando, assim, a força persuasiva.

### ➤ Não - parafrazeáveis

Agrupam-se aqui palavras que não puderam ser parafrazeadas, uma vez que a derivação não é mais sentida como tal, tornando a formação e a base da palavra opaca. São exemplos as seguintes palavras: *calão*<sub>2</sub> (1813) “*embarcação de pesca usada nas armações de atum*”<sup>116</sup>; *tentilhão*<sup>117</sup> (1721) “*pintassilgo, ave passeriforme, da família*

<sup>115</sup> Refere-se ao gado.

<sup>116</sup> O significado desse termo, provavelmente, desenvolveu-se com auxílio da atuação de metáfora em relação à base *cala*<sub>4</sub> “*corda feita de esparto e com a qual se suspendem ou se arrastam as redes de pesca levadas no calão.*”

<sup>117</sup> De acordo com Nascentes (1952) a palavra de origem onomatopaica, apontando como base *tim-tim*. No entanto, nos Dicionários de Raphael Bluteau (1720) e Moraes e Silva (1949-1959) não se encontra tal afirmação. Ambos os autores comparam o vocábulo ao termo *verdelhão* “*ave pouco maior que o pardal. Tem o bico curto, grosso e redondo.*”

dos fringilídeos”; *mamão*<sub>2</sub> (século XVI) “fruto do mamoeiro; *bepaia*, *mamao*, *papaia*; *mamoeiro*”<sup>118</sup>; *saião*<sub>3</sub> (s/d) “desrespeitoso na atitude e na fala; insolente, atrevido”<sup>119</sup> e *ramalhão*<sup>120</sup> (s/d) “dança de pares soltos, para se pagar promessa a São Gonçalo”.

No Quadro 5 apresenta-se uma síntese dos valores semânticos presentes no sufixo -ão em português<sup>121</sup>.

Grupo semântico	Paráfrase	Palavra mais antiga
<b>Ação ou resultado de ação</b>	“Ação de x; processo de x”; “estado decorrente de x”	<i>Empurrão</i> (século XV)
<b>Agentivo</b>	“Aquele que x”	<i>Leitão</i> (1059)
<b>Dimensional</b>	“X grande”	<i>Cebolão</i> (1258)
	“X pequeno”	<i>Pontilhão</i> (1844)
<b>Avaliativos</b>	“X bom”	<i>Rapagão</i> (1543)
	“X ruim”	<i>Santarrão</i> (1593)
<b>Coletivos</b>	“Conjunto de X”, “quantidade de X”	<i>Plumão</i> (século XV)
<b>Gentílico</b>	“Que é originário/proveniente de X”	<i>Aldeão</i> (século XIII)
<b>Intensidade</b>	“Muito X”	<i>Fundão</i> (1149)
<b>Instrumento</b>	“Instrumento (com) que (se) X <sup>v</sup> ”	<i>Picão</i> (1364)
<b>Nomina essendi</b>	“Que é x”	<i>Vermelhão</i> (1642)
<b>Relacional</b>	“Tipo de x”	<i>Pulgão</i> (século XIV)
	“Termo específico”	<i>Colchão</i> (1439)
<b>Posse</b>	“Que tem x, que possui x”	<i>Quarentão</i> (1817-1819)
<b>Semelhança</b>	“que tem semelhanças com X”, “que evoca X”, “que tem propriedades de X”	<i>Machão</i> (1789)
<b>Denominação de vento</b>	“Vento que vem de X”	<i>Nortão</i> (s/d)
<b>Matéria</b>	“Feito de X”	<i>Pedrão</i> (século XIV)
<b>Macho de x</b>	“Macho de X”	<i>Lebrão</i> (1877)

Quadro 5 - Valores semânticos do sufixo -ão em português

<sup>118</sup>O Dicionário Houaiss aponta como base a palavra *mama*, associando a fruta à forma dos seios femininos.

<sup>119</sup> Teria se derivado da base *saio* “antigo vestuário largo e curto, geralmente feito de tecido grosseiro, usado pelos guerreiros; *saia*; parte das antigas armaduras, que protegia o ventre e os quadris; antigo casacão de militares gauleses, adotado depois pelos romanos e pelos cavaleiros medievais.” Desse modo, o adjetivo pode ter surgido pela associação entre o comportamento dos guerreiros e o tipo de vestimenta que usavam.

<sup>120</sup> No texto de Rossini Tavares de Lima “a dança do ramalhão”, extraído do site <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/julho92/fe92007c.asp>, encontra-se a associação entre esse termo e o *malhão* do litoral do Minho e Beira-Alta: “não só pelo esquema geral de fileira frente a frente como também no movimento das fileiras de homens e mulheres, que se aproximam e se afastam, e ainda no caráter amoroso dos versos”.

<sup>121</sup> O sufixo -ão do português também se prende a antropônimos, como em *castelão*<sub>2</sub> e *brizolão*, designando no primeiro caso uma cédula em vigor no governo de Humberto de Alencar Castelo Branco e no segundo se refere a uma escola construída no governo de Leonel Brizola no Rio de Janeiro.

A grande diversidade semântica do sufixo *-ão* deve-se a confluência dos sufixos latinos. Sendo assim, o *-ão* do português atual reflete os significados presentes no sufixo latinos *-onem* e *-anum*. Por esta razão só no afixo português pode-se encontrar essa variedade de valores semânticos, já que nas demais línguas românicas esses sufixos latinos tiveram evolução diferente da do português. Desse modo, essas línguas apresentam formas distintas para cada sufixo latino, com seus respectivos os significados.

#### 4. Proposta de Genealogia: Descrição dos significados ao longo dos séculos

Como se viu ao longo desse estudo, o afixo em apreço é resultado de transformações fonéticas, sofridas no português arcaico, que culminaram na homonímia do sufixo -ão. Sendo assim, devem-se considerar os significados dos elementos formativos que deram origem ao sufixo português, isto é, dos valores semânticos dos sufixos latinos *-anem*, *-anum*, *-onem*.

A hipótese de genealogia que aqui se propõe baseia-se nos dados analisados do Dicionário Houaiss. Deve-se ressaltar que foram tomados os verbetes derivados em -ão que possuíam registro de datação nesse Dicionário.

Seguindo um percurso histórico, no século X tem-se a palavra *falcão* (926) de *falco*, *-ōnis* e esta de *falx*, *-cis* (*foice*, *podão*). Neste vocábulo é possível perceber a função individualizadora, conseguida por meio de uma comparação, já que *falcão* designa uma ave a qual apresenta um bico *semelhante à foice* ou *afiado como este instrumento*, assim como se pode observar na imagem do Anexo C (imagens 3 e 4). Entretanto, no português essa ideia, assim como a formação tornou-se obscura.

O valor agentivo, como se viu, aparece no século XI com o vocábulo *ladrão* (1059). Já *ladrão*, vem da palavra latina *latro*, *-ōnis* (na forma acusativa *latrōnem*) que designava os soldados mercenários e já nesta língua significava *bandido*, *salteador*, sendo possível entrever o valor *agentivo*, principalmente, se se considerar o significado presente em grego *latría* “*servidor*”. Desse modo, poder-se-ia interpretar o vocábulo com a paráfrase “*aquele que X*”.

Esse significado também está presente na palavra de formação portuguesa *leitão* (1059), uma vez que o termo é definido como *porco novo*, *especialmente até a etapa de desenvolvimento em que deixa de mamar*, isto é, a palavra pode ser lida como “*aquele que V X*, em que V é ocupado pelo verbo *beber*.” Assim, percebe-se que o vocábulo apresentou, pelo menos inicialmente, o valor semântico de *agentivo*.

Nesse mesmo século também é possível encontrar o valor de posse no vocábulo *ruão<sub>1</sub>* (1053) < *\*ravīdānum*, formado com o sufixo latino *-anum*. Esse significado

aparece em formações autóctones apenas no século XIX com as palavras *memorião*<sup>122</sup> e *quarentão*. Deve-se ressaltar que esse valor semântico também aparece entre os significados admitidos pelo sufixo *-onem*, como apontou a análise da palavra *pedõ*, *-onis*.

No século XII, aparecem em português os significados de *intensidade* (*fundão*, 1149) e *nomina actionis* (*pregão*, 1152). Chama atenção a diferença de significado encontrada nesse último exemplo. A palavra *pregão* que, atualmente, se refere à ação de pregar (*ato ou efeito de apregoar; reclamo, preconício*), no latim - *praeco, -ōnis* -, designava o “*pregoeiro público, arauto, o que proclama, anuncia ou diz em público*”; possuindo, assim, valor semântico *agentivo*. Cabe ressaltar que, de acordo com os verbetes analisados nessa pesquisa, a noção de intensidade estava presente em latim como traço semântico, não se constituindo como significado autônomo e essencial da palavra derivada.

Registra-se neste século a palavra *cabrão* (1141) < *\*caprōnem*, que em latim funcionava como aumentativo, mas em português designa o *macho da cabra*. Sandmann (1989:33-34) aponta que a língua portuguesa tem uma tendência de formar aumentativos masculinos a partir de substantivos femininos. Ele acredita que “*isso se deve provavelmente à ideia de que o masculino se presta melhor para a expressão do que é grande e forte.*” Talvez essa tendência quanto ao gênero, possa explicar a mudança no valor semântico dessa palavra. Esse significado está presente também nas palavras *perdigão*, de formação espanhola e *lebrão*, formada em português.

Convém destacar que, em espanhol, o sufixo pode apresentar outro significado, como em *perdigón*, palavra que designa *filhote de perdiz*, assim como *anadón* (*filhote de pato*) e *ansarón* (*filhote de ganso*), indicado resquícios do valor diminutivo do sufixo, nesta língua. Assim, em português a transformação se deu pela ideia de que traços de grandeza/intensidade/ estão mais ligados à figura masculina, modificando o significado “X grande” para “macho de X”. Já em espanhol a noção de pequenez do sufixo levaria a outra interpretação semântica, passando de “X pequeno” para “filhote de X”.

No século XIII pode-se observar o desenvolvimento de diversos valores semânticos, entre os quais estão: aumentativo, gentílico, relacional, filiação, *nomina*

<sup>122</sup> Palavra também existe em galego e em espanhol, com os mesmos significados.

*essendi* e *atividade associada a X*, todos já presentes no latim. O valor aumentativo aparece nas palavras, *cebolão* (1258), *rolão*<sub>1</sub> (1265), *tampão*<sub>1</sub>, *bolsão* e *cabeção*<sup>123</sup>.

O significado *gentílico* pode ser observado nas palavras *bretão* (1220), *vilão*, *aldeão*, *ruão*<sub>2</sub>. Essas palavras refletem origens diversas. A primeira liga-se ao latim *brittones*; a segunda provém de *villānum* e as duas últimas são formações portuguesas, derivadas a partir das bases *aldeia* e *rua*, respectivamente.

O significado de *nomina essendi* aparece desde o latim, em ambos os sufixos *-onem* (*agrião*<sub>1</sub>) e *-anum* (*irmão*, *meão*, *capitão*, *ancião*). Em formações autóctones aparece no século XVI nas palavras *mansarrão*<sup>124</sup>; *folgazão*<sup>125</sup> e *moucarrão*.

O valor relacional apresenta-se nos vocábulos *verão* e *temporão*. Nas palavras *hortelão*, *guardião* e *cirurgião* vêm o valor de “*atividade associada a X*” e em *cristão* observa-se o significado de filiação.

No século seguinte encontram-se os significados de “*produzido com X*”, presente no vocábulo *pedrão* e de *instrumento*, verificado na palavra *picão* (*instrumento pontiagudo com que se lavra a pedra*), datada em 1364.

No século XV surge o significado de *resultado de X*, associado à *ação de X*, como se observa na palavra *empurrão* (*ação ou efeito de empurrar*). Ainda no século XV é possível encontrar o valor semântico de *conjunto*, em *plumão*, a qual é descrita como *penacho de plumas*. Além disso, também se verifica o desenvolvimento da especialização de termos, como mostra o vocábulo *colchão* (1439).

O significado de posse aparece em formações autóctones apenas no século XIX, em 1805, como se pode verificar na acepção do verbete *memorião* (*aquele que tem boa memória*), em que se observa também o traço avaliativo, denotando aspecto positivo<sup>126</sup>. Os traços avaliativos aparecem desde sempre no português, associados a outros significados. No século XV há *terrão* que pode referir-se a uma *terra grande* ou a um *terreno de boa qualidade*. Mas é no século seguinte que esse traço passa a se configurar como valor semântico em formações como: *santarrão* (1593) e *rapagão* (1543).

<sup>123</sup> Nesses casos as datas não são especificadas, aparecendo apenas o século. O mesmo ocorre com as formações de gentílico.

<sup>124</sup> Deve-se ressaltar que nessas palavras há, além do sufixo *-ão*, outros elementos formativos que compõem os vocábulos, não sendo possível atribuir esse significado exclusivamente ao *-ão*.

<sup>125</sup> A palavra derivada é datada em 1560, mas a palavra derivante *folgaz*, apontada como étimo pelo Dicionário é registrada apenas em 1817. Esse fato permite discordar dessa hipótese e apontar como base o vocábulo *folgar* ou *folgança*, ambas registradas no século XIII.

<sup>126</sup> Esse significado já aparece em latim na palavra *pedo*, *-ōnis* (*aquele que tem pés grandes*). Mas, como se viu, a passagem desse vocábulo para o português modificou o significado da palavra, que passou a designar valor *agentivo*, como se viu anteriormente.

---

No século XVIII ocorrem os valores semânticos de diminutivo (*pontilhão*), denominação de vento (*outão*) e valores afetivos (*bonachão*).

A Figura 3 descreve o desenvolvimento semântico do sufixo no português e suas relações com os significados encontrados no latim. A cor verde se refere aos valores que já existiam nessa língua e, em azul, aqueles que se desenvolveram, posteriormente, no português.

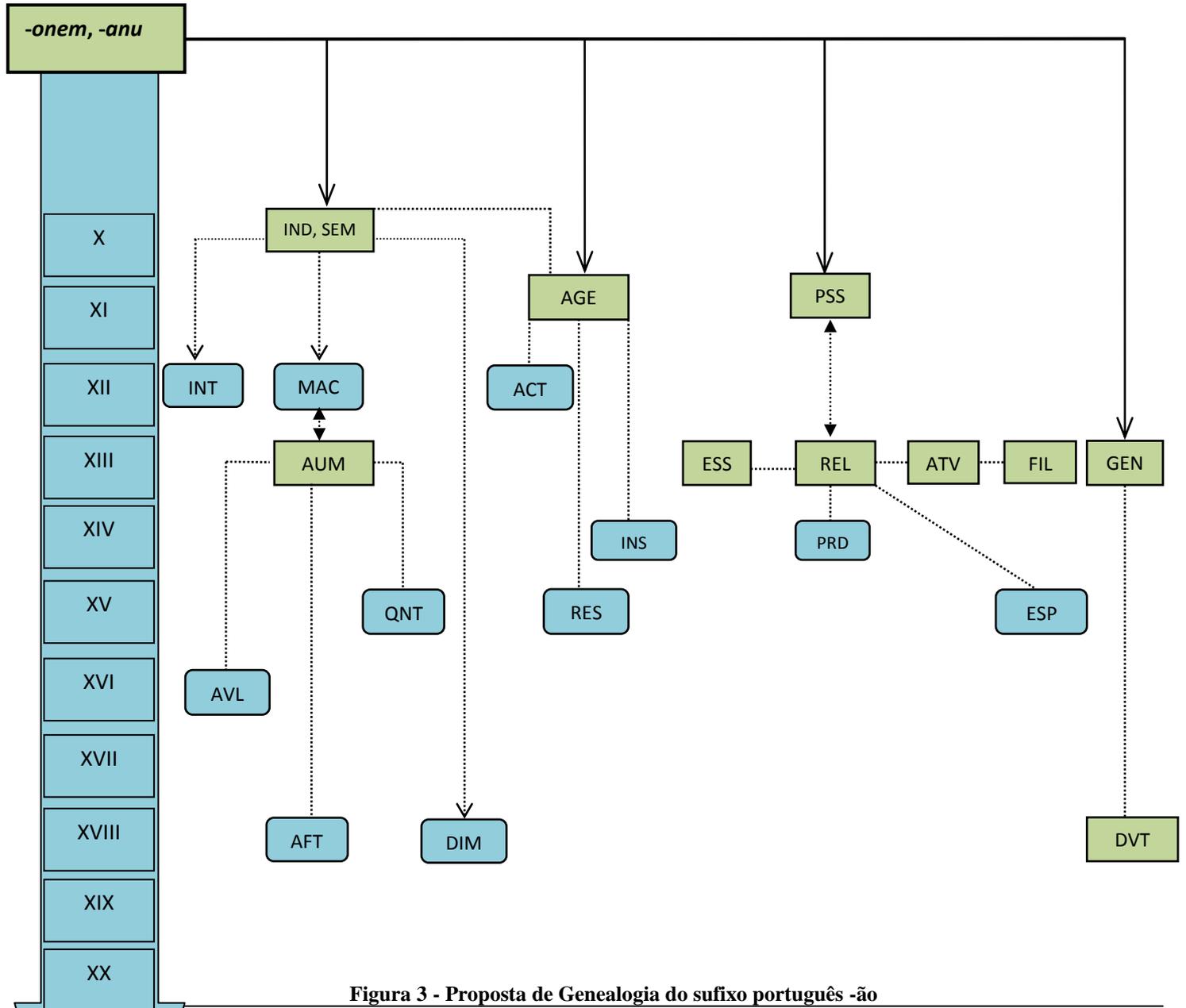


Figura 3 - Proposta de Genealogia do sufixo português -ão

**Legenda**

ACT – ação  
 ATV – atividade relacionada com x  
 AFT – afetivo  
 AGE – agentivo  
 AUM – aumentativo  
 AVT – avaliativo  
 DIM – diminutivo

DVT – denominação de vento  
 ESP – termo especializado  
 ESS – *nomina essendi*  
 FIL – filiação  
 GEN – gentílico  
 IND – individualizador  
 INS – instrumento  
 INT – intensidade

MAC – macho de x  
 PRD – produzido com x  
 PSS – posse  
 QNT- conjunto de x  
 REL – relacional  
 SEM – semelhança  
 Valores no latim –   
 Valores no português –

Como se viu, no século X, há o valor semântico *individualizador* conseguido por meio da *comparação/semelhança*. Esse significado parece ter dado origem aos valores de *intensidade*, *aumentativo*, *diminutivo* e “*macho de X*”. Desses, apenas o último não estava disponível no latim.

A individualização é feita com base em uma característica, de um objeto ou indivíduo, que se destaca, pelo excesso ou pela falta, procedimento que, não raro, convoca as noções de *intensidade*, *aumentativo* e *diminutivo*. O significado de posse, presente nos significados dos sufixos *-onem* e *-anum* pode identificar-se tanto como a individualização, já que ao indicar que “*alguém ou algo tem/possui X*”, consegue-se especificar, particularizar determinado indivíduo, quanto também pode ligar-se ao valor relacional. Contudo, vê-se que o significado foi associado a esse último, já que se privilegiou o registro de datação mais antigo<sup>127</sup>.

A partir do valor aumentativo, é possível admitir o desenvolvimento dos significados de conjunto, avaliativo e afetivo. Sabe-se que esses últimos valores poderiam ser associados também ao valor diminutivo, já que esse valor suscita muitas vezes essas noções. Contudo, o valor diminutivo em português é posterior aos significados citados.

Torna-se relevante salientar que o valor semântico “*macho de X*” parece nascer da ideia de aumento, a qual se identifica mais com nomes masculinos, assim como se apontou acima. No entanto, esse valor aparece em português e é anterior ao surgimento do significado de *aumentativo* nesta língua. Por esse motivo, esse valor semântico foi associado também à individualização, visto que essa noção abrange o significado de aumento.

Também é possível que a individualização seja feita de acordo com uma ação realizada repetidamente por alguém, o que origina o valor *agentivo*<sup>128</sup>. Assim, a ideia de *intensidade* é novamente convocada e aparece em ambos os casos, seja apontando características que se destacam, seja apontando ações frequentes.

Ainda de acordo com as indicações propostas na Figura 3, o valor de *agentivo* pode ter dado origem aos valores de *instrumento*, *ação* e *resultado de ação*. Essa sequência respeita o surgimento desses valores no português. Na passagem de *agentivo*

<sup>127</sup> A primeira ocorrência desse valor em português derivou-se de *-anum*.

<sup>128</sup> O valor semântico de *agentivo* foi atribuído ao sufixo latino *-onem*, como se indicou na Seção 3.1.4. Contudo, deve-se salientar que a noção de agente também se verifica no sufixo *-anum* na paráfrase “*atividade relacionada a X*”. A diferença entre esses significados se refere à base selecionada, sendo, no primeiro caso, ligada a verbos e no segundo a substantivos.

para valor de *instrumento* vê-se que a ideia passa a se ligar também a objetos e não apenas a pessoas. Os significados de *ação* e *resultado de ação* mostram-se também ligados, já que o primeiro designa o nome da ação e o segundo o efeito causado por ela. Além disso, vale lembrar que, muitas vezes, o mesmo vocábulo pode apresentar, ao mesmo tempo, esses dois significados.

A respeito dos valores semânticos que envolvem *resultado de ação*, faz-se necessário comentar algumas formações, excluídas até o momento da análise. A palavra *contagião* (século XV), de acordo com o Dicionário Houaiss, teria se originado do latim *contagio*, *-ōnis*, que nesta língua pertence ao gênero feminino. Esse fato indicaria que se trata da terminação latina *-ionem*, a qual normalmente, ao passar para o português, preserva o gênero feminino. No entanto, no caso de *contagião* houve a mudança de gênero, aproximando o vocábulo a formações derivadas do sufixo *-onem*.

Outro verbete que merece atenção é *rebelião* (século XV), cuja acepção seria: *ato de ou efeito de rebelar (-se)*. Segundo o DHLP, o vocábulo teria surgido de *rebelliō*, *-ōnis*. Mas ao consultar o Dicionário Gaffiot, percebe-se que há duas palavras formalmente semelhantes:

- 1- *rēbelliō*, *ōnis* (substantivo feminino): “*reprise des hostilités, rébellion, revolte*”.
- 2- *rēbelliō*, *ōnis* (substantivo masculino): “*Celui qui se révolte*”.

Em pesquisa realizada em diversos dicionários de latim<sup>129</sup>, constatou-se que quase todos registram somente uma entrada para esse verbete, com exceção do *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, Saraiva (1993). Essa obra, assim como *Gaffiot*, também apresenta duas entradas, no entanto, não registra diferenças quanto à duração das vogais:

- 1- *rēbēlliō*, *-ōnis* (substantivo feminino): “*rebelião, rebeldia, rebelar-se, sublevar-se*”.
- 2- *\*rēbēlliō*, *-ōnis* (substantivo masculino): “*o que se rebela, rebelde, sublevado*”.

A segunda ocorrência é marcada com asterisco, que nesta obra representa *palavras de mau cunho (quer arcaísmo, quer neologismo)*. Isso explicaria a ausência de

<sup>129</sup> Consultaram-se também os dicionários latino-português de Ferreira (1999); Cretela Júnior (1956); Faria (1967); Torrinha (1945); Cintra (19.?).

uma segunda entrada em outros dicionários. Contudo, não se pode negar a existência desse segundo significado. Chama a atenção o fato de o vocábulo apresentar-se sob a forma masculina e indicar um valor semântico comum aos significados do sufixo *-onem*. Isso pode dar alguns indícios sobre a evolução desse sufixo.

Como se viu no início deste capítulo (Seção 2), as palavras com a terminação *-io*, (acusativo *-ōnem*) ligadas a bases participiais foram excluídas do trabalho. No entanto, esses casos apresentam diferenças significativas em relação a outras formações, já que se apresentam no gênero masculino, indicando a confluência das formas derivadas a partir de bases substantivas.

Como a vogal *i* da terminação *-io/ -iōnem* não alterou a consoante precedente dessas palavras, como ocorre frequentemente, isso permite dizer que essas são palavras eruditas, empréstimos tardios, tomados diretamente do latim clássico. A entrada dessas palavras, em momento posterior as demais, poderia permitir uma evolução distinta. Esse fato pode ter influenciado também no desenvolvimento da terminação *-onem* associada a bases verbais, visto que *-io, -iōnem* passa a apresentar gênero masculino, assemelhando-se às derivações substantivas em *-onem*.

Voltando a análise da Figura 3, vê-se que o valor semântico de *gentílico* já existia no latim. Contudo, não é muito produtivo no português atual, como se viu na análise semântica do sufixo. Isso pode dever-se ao fato de que o português dispõe de outros sufixos para expressarem essa mesma noção. Esse significado aparece no português já no século XIII. Deste valor semântico é possível extrair o significado de denominação de ventos, uma vez que essas formações apontam para a origem de deslocamento do ar.

O valor relacional (*relativo a X*), também oriundo do latim, é datado nesse mesmo século. Como se viu na seção 3.1.1, os significados associados, semanticamente, a esse (*posse, atividade relacionada a X, filiação e nomina essendi*) surgem, com exceção ao primeiro, no século XIII.

De acordo com a Figura 3 e com vistas na análise que permeou todo o estudo, viu-se que alguns dos significados aparecem tanto no sufixo *-onem* quanto no *-anum* (*gentílico, nomina essendi e posse*). Esse fato pode também ter auxiliado na confluência desses afixos.

## 5. A questão dos interfixos nas derivações com o sufixo *-ão*

Ao longo da exposição a respeito dos significados assumidos pelo sufixo *-ão* viu-se que, muitas vezes, esse afixo apresenta-se ligado a outros elementos formativos, de que são exemplos os verbetes *beberrão*, *tecelão*, *brincalhão*, *casarão*, *marçagão* etc. Esses elementos são denominados de interfixos. Termo cunhado por Malkiel (1958:107) que o define como: “o segmento, sempre átono e vazio de significado, que se insere entre o radical e o sufixo de certos derivados.” Monteiro (2002) afirma que, em português, os casos mais frequentes de interfixação ocorrem por meio das vogais ou consoantes de ligação. Apesar de se incluírem esses casos entre as formações com interfixos, percebe-se uma diferença significativa entre eles, já que as consoantes ou vogais de ligação, em geral, são usadas para evitar a formação de hiatos, indicando mais uma função morfo-fonológica. Ao passo que os segmentos utilizados nessas derivações, não raro, são convocados por razões semânticas, como se verá ainda nesta seção.

A adoção do interfixo para explicar as idiossincrasias verificadas na segmentação de vocábulos, como os citados acima, mostra-se mais coerente do que a admissão de alomorfia de bases e de sufixos. Medida que contrariaria o princípio da economia lingüística. Isso porque o mesmo interfixo pode ser encontrado com vários sufixos, como é o caso de *-ar-* que aparece associado aos sufixos *-al*, *-az*, *-udo*, *-ada*, *-ão*, *-eiro*, *-ino(a)*, como se observa nos vocábulos *milharal*, *lambaraz*, *linguarudo*, *chubarada*, *casarão*, *linguareiro* e *dançarino*. O fato de um mesmo segmento aparecer em formações com sufixos diversos também vem contribuir com a explicação pautada no processo de interfixação.

Pelo fato de esse ser um recurso bastante utilizado nas formações em *-ão*, faz-se necessário analisar os interfixos que ocorrem nessas derivações, indicando as regularidades desse processo. Essa análise inicia-se retomando a discussão proposta por Monteiro (2002:169). O estudioso apontava que os verbos de primeira conjugação dispensavam os elementos de ligação, enquanto verbos das demais conjugações tornavam esse recurso quase como obrigatório.

Ao se analisarem esses dados, percebe-se que isso ocorre, por exemplo, em *beberrão* e *tecelão*, provenientes de verbos de segunda conjugação. Porém, *fujão*, oriundo da terceira conjugação, escapa a esta “regra”, já que não utiliza nenhum elemento de ligação. Assim como *brincalhão*, foge aos casos padrões, ao se servir do segmento *-lh-*. Assim, o que parece acontecer de fato, nesses casos de utilização de elementos de ligação, é a manutenção da vogal que forma o tema verbal das palavras-base. Se se alargar a pesquisa e tomar outros derivados em *-ão* de bases verbais, constantes do Houaiss, verifica-se que a hipótese é válida.

Os vocábulos, formados a partir dos verbos da segunda e da terceira conjugações *respondão*, *arremetão*, *pidão* e *revendão*, também não utilizam nenhum elemento de ligação, contrariando o que previa Monteiro (2002). Deve-se apontar, porém que para *revendão*<sup>130</sup> há outra formação – *revendilhão-*, variante com o mesmo significado. Assim como também existem os pares *comão/comilão*<sup>131</sup>, *brigão/brigalhão*, *cagão/cagalhão*. Para os casos em que há formações, com e sem o interfixo, pode-se pensar que o uso de outro elemento formativo seja em razão da busca de uma maior expressividade do vocábulo. Fernández (1973) propõe uma hipótese semelhante, mas centra-se no desgaste dos sufixos. Para o autor, a utilização dos interfixos seria um recurso para recuperação da expressividade dos sufixos apreciativos.

Retomando a análise das bases verbais, vale ressaltar que dois dos exemplos dados por Monteiro (2002) para explicar sua hipótese são contestáveis no que se refere à palavra derivante. O autor inclui as palavras *pedinchão* e *sabichão* entre aquelas formadas a partir de base verbal de segunda e terceira conjugação. Entretanto, no caso de *sabichão* a base é *sábio*, o que condiz com o valor semântico de *nomina essendi* “aquele que é X”. Já no caso de *pedinchão* poder-se-ia admitir, ao invés da base *pedir*, as bases *pedincha* ou *pedinchar*.

Considerando as demais formações que fazem uso dos interfixos, constantes no Dicionário Houaiss, pode-se afirmar que o segmento *-lh-* é o mais utilizado nesta função, ocorrendo 39 vezes entre as derivações em *-ão*. Deve-se frisar que foram excluídas as palavras em que a sequência *-lh-* desempenhava função de sufixo, aparecendo como verbete independente da formação em *-ão*, como é o caso de *politicalho/politicalhão*, *barbilho/ barbilhão*, *cangalho/cangalhão*, *gastalho/gastalhão*,

<sup>130</sup> Registram-se também os verbetes *vendelhão* e *vendilhão*

<sup>131</sup> A hipótese não explicaria esses casos, já que apesar da perda da vogal temática, o interfixo fora utilizado nessas formações. Contudo, a existência da forma sem interfixo indicaria que o uso do elemento de ligação não se deve a conjugação da base verbal.

*bandalho/bandalhão* etc. Destaca-se que a adjunção do sufixo *-ão* altera o significado apenas nos dois últimos casos, aos quais atribui valor semântico de aumentativo e de intensidade, respectivamente.

Serão analisadas, mais detidamente, as derivações com o interfixo *-lh-* que apresentam registro de datação. Essas somam 21 palavras, como se pode observar na Tabela 1. Verifica-se que essas formações aparecem desde o século XVI. Cumpre ressaltar que seis dessas palavras foram registradas pela mesma obra lexicográfica - *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo.

Vocábulo	Base	Datação	Frequência de uso
<i>Pretalhão</i>	<i>Preto</i>	1502-1536	68
<i>Moçalhão</i>	<i>Moço</i>	1622	4
<i>Fracalhão</i>	<i>Fraço</i>	1646	220
<i>Facalhão</i>	<i>Faca</i>	1665	994
<i>Trapalhão<sub>1</sub></i>	<i>Trapo</i>	1721	105.000
<i>Curvilhão</i>	<i>Curvo</i>	S. XIX	289
<i>Vendilhão</i>	<i>Vender</i>	1803	709
<i>Cagalhão</i>	<i>Cagar</i>	1836	20.400
<i>Pontilhão</i>	<i>Ponte</i>	1844	29.900
<i>Negralhão</i>	<i>Negro</i>	1858	114
<i>Brincalhão</i>	<i>Brincar</i>	1871	219.000
<i>Dramalhão</i>	<i>Drama</i>	1880	36.900
<i>Vagalhão</i>	<i>Vaga</i>	1881	569
<i>Bobalhão</i>	<i>Bobo</i>	1899	14.700
<i>Frescalhão</i>	<i>Fresco</i>	1899	89
<i>Brandalhão</i>	<i>Brando</i>	1899	2
<i>Bagalhão</i>	<i>Bago<sub>1</sub></i>	1899	20
<i>Amigalhão</i>	<i>Amigo</i>	1899	122
<i>Parvalhão</i>	<i>Parvo</i>	1899	13.900
<i>Bambalhão</i>	<i>Bambo</i>	S. XX	4
<i>Brigalhão</i>	<i>Brigar</i>	1913	42

Tabela 1- Derivações com interfixo *-lh-*

A maioria dessas palavras apresenta valor semântico aumentativo, associado ao traço de intensidade. Mas encontram-se também os significados de agente (*brigalhão*, *cagalhão*, *brincalhão*, *vendilhão*), diminutivo (*pontilhão*), *nomina essendi* (*fracalhão*, *brandalhão*) e tipo de x (*dramalhão*).

Chama a atenção o fato de que algumas dessas palavras possuem outras formas aumentativas, como é o caso de: *brigão* (XVI), *bambão* (1899), *mocetão* (1658), *pontão<sub>2</sub>* (acepção 5, 1899), *amigão* e *frescão*, sendo que as duas últimas não possuem datação. É pertinente notar também que essas formas são mais antigas do que as

derivações com o interfixo. O que remete a questão da busca pela expressividade, apontada acima como explicação para o uso desses elementos de ligação.

Além disso, também há casos em que a forma aumentativa sem interfixo designa outro referente: *negrão* “*variedade de uva*”, *moção* (1664) “*ação ou resultado de mover-se*”, *brandão* (XIII) “*grossa vela de cera*” e *vagão* (1858) “*cada um dos carros usados no transporte ferroviário de cargas e passageiros*”. Esses casos evidenciam que a utilização de interfixos não se assemelha a função das vogais ou consoantes de ligação, as quais são, comumente, usadas para evitar hiatos ou por outras questões morfo-fonológicas. Colabora com essa proposta a existência, em contextos informais, de vocábulos aumentativos variantes, formados sem a utilização dos elementos de ligação. Esse é o caso de palavras não dicionarizadas como *bobão*, que ocorre aproximadamente 94.100 vezes em páginas da *internet*; *pretão*, com 131.000 ocorrências; *bagão*, aparece 122.000 vezes, *curvão*, 28.900 e *dramão* 1.470 ocorrências. Vale destacar que apenas no último caso a frequência de uso da palavra com interfixo é superior a formação sem o segmento *-lh-*. Analisando a frequência de uso de outras palavras, constata-se que a maioria apresenta poucas ocorrências, indicando que seriam criações específicas de uma época ou de um autor.

Também aparecem cumprindo a função de interfixo, em formações com o sufixo *-ão*, as sequências *-ch-* (*sabichão*, *bonachão*); *-g-* (*espadagão*, *marçagão*, *pedregão*)<sup>132</sup>; *-l-* (*tecelão*); *-et-* (*mocetão*)<sup>133</sup>, *-r-* (*casarão*, *lambarão*, *laparão*, *brancarão*, *linguarão*, *lamarão*), *-rr-* (*santarrão*, *sacarrão*); *-eir-* (*largueirão*), e *-z-* (*mauzão*). Os três últimos elementos de ligação serão apresentados a seguir.

As formações com o interfixo *-rr-*<sup>134</sup> ocorrem em 30 palavras do *corpus* analisado. Dessas 13 possuem datação:

<sup>132</sup> As formas *narigão* e *rapagão* explicam-se pela alternância de *z* - *g*.

<sup>133</sup> Nos demais casos esse segmento desempenha função sufixal, como em *pobrete/pobretão*, *mosquete<sub>1</sub>/mosquetão<sub>1</sub>*, *foguete<sub>1</sub>/fogueteão* etc.

<sup>134</sup> Nota-se que em quase todas as ocorrências há a adjunção de *-arr-*, exceção feita à palavra *beberrão*, já que esta preserva a vogal temática.

Vocábulo	Base	Datação	Frequência de uso
<b><i>Beberrão</i></b>	<i>Beber</i>	s. XV	31.100
<b><i>Homenzarrão</i></b>	<i>Homem</i>	s. XVI	9.900
<b><i>Moucarrão</i></b>	<i>Mouco</i>	1543	16
<b><i>Mansarrão</i></b>	<i>Manso</i>	1562	28
<b><i>Santarrão</i></b>	<i>Santo</i>	1593	729
<b><i>Secarrão</i></b>	<i>Seco</i>	1626-1647	163
<b><i>Cascarrão<sub>1</sub></i></b>	<i>Casca</i>	1707	47
<b><i>Fidalgarrão</i></b>	<i>Fidalgo</i>	1862	14
<b><i>Laçarrão</i></b>	<i>Laço</i>	1862	0
<b><i>Canzarrão</i></b>	<i>Cão</i>	1873	441
<b><i>Sacarrão</i></b>	<i>Saco</i>	1899	503
<b><i>Bicharrão</i></b>	<i>Bicho</i>	1899	40
<b><i>Bastarrão</i></b>	<i>Basto</i>	1922	0
<b><i>Nuvarrão</i></b>	<i>Nuvem</i>	1936	3

Tabela 2 - Derivações com interfixo *-rr-*

Novamente, percebe-se que a frequência de uso desses vocábulos é baixa, sendo em apenas um caso superior a 20.000 ocorrências, valor utilizado como filtro para análise semântica. Nota-se que nas palavras *homenzarrão* e *canzarrão*, além do interfixo *-arr-*, também houve a utilização da consoante de ligação *-z-*. Esse fato vem mostrar que o uso do interfixo *-rr-* não convocado por questões morfo-fonológica.

Abaixo se podem observar as demais derivações que utilizam essa consoante de ligação<sup>135</sup>.

Vocábulo	Base	Frequência de uso
<b><i>Boizão</i><sup>136</sup></b>	<i>Boi</i>	2.620
<b><i>Brinzão</i></b>	<i>Brim</i>	1
<b><i>Bonzão</i></b>	<i>Bom</i>	47.300
<b><i>Marzão</i></b>	<i>Mar</i>	10.400
<b><i>Mauzão</i></b>	<i>Mau</i>	11.800

Tabela 3 - Derivações com consoante de ligação *-z-*

Verifica-se que a consoante de ligação é usada em palavras terminadas em consoante nasal ou líquida vibrante e em ditongos. Assim as palavras *canzarrão* e *homenzarrão* encaixam-se nesse contexto, já que apresentam terminação nasal. No primeiro caso, vê-se que o vocábulo é monossílabo, assim como todas as palavras arroladas na tabela 3.

<sup>135</sup>A tabela não traz a coluna de datação, pois nenhum desses verbetes possui data no Dicionário Houaiss.

<sup>136</sup>Há também no Dicionário Houaiss a palavra *boião<sub>2</sub>*

Abaixo serão apresentadas as palavras formadas com o auxílio do interfixo *-eir-* que possuem datação.

Vocábulo	Base	Datação	Frequência de uso
<i>Capeirão</i>	<i>Capa</i>	s.XIII	23
<i>Zombeirão</i>	<i>Zombar</i>	1450-1516	20
<i>Frieirão</i>	<i>Frio</i>	1526	5
<i>Chaveirão<sub>1</sub></i>	<i>Chave</i>	s.XVIII	105
<i>Longueirão</i>	<i>Longo</i>	1620	258
<i>Malheirão</i>	<i>Malho</i>	1716	6
<i>Simplacheirão</i>	<i>Simple</i>	1720	10
<i>Toleirão</i>	<i>Tolo</i>	1721	467
<i>Moleirão</i>	<i>Mole</i>	1899	672

Tabela 4 - Derivações com interfixo *-eir-*

Entre as palavras citadas na tabela acima, desperta atenção a formação de *simplacheirão*, que agrega ainda outro elemento formativo – *-acho*, alterando o volume da palavra.

No estudo sobre as derivações diminutivas do espanhol, Lázaro Mora (1999) apresenta algumas explicações para o uso do que nomeia de variantes do sufixo *-ito*. O estudioso seleciona critérios morfológicos, fonológicos e prosódicos. Porém, esse autor não acredita que a utilização das variantes do sufixo *-ito* se deva ao contexto final da palavra-base. Isso porque a forma padrão e variantes (*-ecito*, *-cito*, *-ececito*) podem ocorrer nos mesmos contextos finais: *panecito*, *leoncito*, *niñito*, *piececito*, *vallecito*, *vallito*. Desse modo, Lázaro Mora (1999) crê que a presença de interfixo decorra por razões prosódicas, no que se refere ao controle de dimensões silábicas dos derivados diminutivos<sup>137</sup>. Ele afirma ainda que esse processo contribui para a recuperação não ambígua da base.

Em relação às derivações com interfixo, ligadas ao sufixo *-ão*, vê-se que não são reveladores as bases que apresentam contextos finais vocálicos, já que estas aparecem como ou sem interfixo (*bocão*, *cerradão*, *bobalhão*, *casarão*). No entanto, é pertinente observar que ao apresentarem terminação consonantal, percebe-se que são recorrentes: *-m* (*brinzão*, *nuvarrão*) e *-r* (*beberrão*, *brincalhão*, *zombeirão*, *marzão*). Além disso,

<sup>137</sup> Ele argumenta que palavras-base com mais de uma sílaba, terminadas com vogal átona, aumentam em uma sílaba a sua base (*perrito*, *armarito*); já os terminados em consoante aumentam em duas sílabas seu volume (*arbolito*, *rejolito*). O uso de interfixo viria a aproximar o volume desses derivados. Assim, a formação do diminutivo da palavra *pie* > *piececito* parece confirmar esta ideia.

deve-se destacar o aparecimento da consoante de ligação junto a monossílabos com ditongo – *mauzão, boizão*<sup>138</sup>.

Deve-se destacar ainda que, excetuando-se a sequência de bases monossílabas associadas à consoante de ligação -z- e a palavra *fidalgo*, todas as palavras que utilizam interfixo, arroladas acima, são dissílabas. A utilização de interfixo consegue aumentar o tamanho dessas palavras em uma sílaba, o que não aconteceria se tivessem sido unidos apenas ao sufixo. Observou-se também que grande parte dessas palavras apresenta traços avaliativos ou afetivos, prendendo-se, geralmente, ao registro falado.

Considerando o valor expressivo contido nessas derivações e o aumento do volume<sup>139</sup> de suas bases, é possível indicar que o uso de elementos de ligação se deve, em grande parte, a um recurso pragmático expressivo. Colabora para essa ideia a baixa frequência de uso desses vocábulos, já que esse fato pode significar que se trata de formações presas a um contexto específico.

---

<sup>138</sup> Já em dissílabos o uso da consoante não se verificou, já que a partir de *sábio* derivou-se *sabão*<sub>2</sub>.

<sup>139</sup> Isso porque muitos estudiosos da Estilística associam o volume (tamanho) do vocábulo a sua potencialidade expressiva.

## Capítulo 2

### Sufixo -aço: Valores Semânticos do Sufixo no Português e influência do espanhol

#### Introdução

Os estudos existentes sobre o sufixo *-aço*, por privilegiarem, muitas vezes, uma abordagem sincrônica, apontam, indistintamente, valores do sufixo em língua portuguesa, juntamente com significados tomados de empréstimos de outras línguas. Essa atitude leva a interpretações equivocadas em relação ao desenvolvimento semântico desse elemento formativo.

Entre os autores que tratam do sufixo *-aço*, sob uma perspectiva histórica, está J.J.Nunes (1945: 376), o qual afirma que este formante lexical originou-se do sufixo latino *-aceu*, assumindo, nas mais das vezes, o valor de *grandeza* ou de *coleção*. No entanto, não comenta a respeito de outros valores que o afixo atribui às palavras às quais se une.

Em Said Ali (1964:108), o *-aço* é elencado, entre outros, como formador de vocábulos aumentativos. O autor traz alguns exemplos dos quais se extrai: *mestraço*, *ricaço* e *doutoraço*. Nesse último exemplo, há discordância na análise do valor semântico, quando esse é comparado com as acepções do Dicionário Houaiss. Para este dicionário, *doutoraço* apresentaria tão somente o valor semântico pejorativo, sendo definido como: “*homem que se cobre de ridículo ao pôr-se pretensiosamente na pele de*

*um sábio*”. Já no Dicionário Caldas Aulete, a palavra apresenta ambos os significados<sup>140</sup>.

A definição desse sufixo no dicionário Houaiss também se restringe ao valor aumentativo. Entretanto, em alguns dos exemplos selecionados pelo dicionário não há o significado de aumento, como se pode perceber ao consultar as definições das palavras a seguir: *canivetaço*, *chicotaço* e *chifraço*. Estas são definidas, pelo próprio dicionário, como possuidoras do valor de *golpe*.

No Dicionário Caldas Aulete a definição engloba o valor de *ação*, mas associado sempre à ideia de intensidade ou excesso:

*-aço: “aumento; que é muito (certa qualidade); dada ação caracterizada pelo excesso; algo em excesso (esp. barulho): amigaço, bandidaço, ricaço; mulheraço; badernaço; apitaço, buzinaço.”*

Em Sandmann (1988: 33-34) encontra-se uma breve exposição sobre os valores admitidos por esse elemento formativo. O autor admite os valores de *aumentativo* e *golpe*, embora reconheça que este último seja mais raro em português. Ele observa que o *-aço* pode atribuir a uma palavra, ao mesmo tempo, o significado de *golpe* e de *intensidade*, como nas palavras *joelhaço* (*golpe forte dado com o joelho*) e *pataço* (*golpe aplicado com força com a pata ou a mão*).

---

<sup>140</sup> *Doutoraço: aumentativo de doutor, toma-se no sentido faceto ou crítico: “E um doutoraço. Chasqueemos um pouco... de certos doutoraços puritanos.” (Fil. Elísio, Versos, I, p. 60, ed. 1797.)*

## 1. Polissemia ou homonímia: origem do sufixo -aço e de seus valores semânticos

Malkiel, em um artigo intitulado “*The two sources of the hispanic suffix -azo*” (1959: 193-258), motivado pelos diferentes significados assumidos pelo -aço, propõe que essa diversidade semântica revelaria não uma polissemia do sufixo, mas sim uma relação de homonímia. Isso porque ele acredita que existam dois sufixos -aço.

O -azo<sub>1</sub> se teria originado a partir da forma do nominativo latino -atio<sup>141</sup> e atribuiria um valor aumentativo. Já o -azo<sub>2</sub> possui valor de *golpe* e proviria também de um sufixo latino -aceu<sup>142</sup>.

Ainda de acordo com o autor, -azo<sub>1</sub> pode ser encontrado em outras línguas românicas. Assim, tem-se, além do português -aço; provençal -as, -asa; francês -as, -ace e italiano -accio<sup>143</sup>.

Malkiel (1959) aponta outra distinção entre esses valores semânticos, reafirmando as diferenças morfológicas entre as funções desse sufixo. Sustenta este autor que apenas o -azo<sub>1</sub> aumentativo admite mudança de gênero, sendo possível passá-lo para o feminino de acordo com a base (*aguaza, barcaza, calabrazo, gigantazo*). O mesmo não ocorreria com o significado de *golpe*.

Pharies (2002) discorda do posicionamento de Malkiel (1959), já que não vê necessidade de atribuir étimo diferente para o significado de *golpe*. Pharies acredita que ambos os significados decorrem do sufixo latino -aceum.<sup>144</sup> O autor explica que o significado de *golpe* desenvolveu-se naturalmente a partir bases cujos significados designam objetos com os quais se pode golpear.

---

<sup>141</sup> Deve-se atentar também para as modificações fonéticas ocorridas na terminação -atium e -atēa na passagem para as línguas românicas, já que esses se transformam também em -aço, no entanto, nem sempre se constituem como sufixo.

<sup>142</sup> Nunes (1945), Tekavčić (1975), Pharies (2002) apontam como étimo para o valor aumentativo o sufixo -aceum.

<sup>143</sup> Nesta língua, o sufixo é o principal formador de palavras pejorativas e pode, por vezes, ser usado de forma autônoma no registro falado, como indica a oração seguinte: *Il film non era poi tanto accio como dicevi*.

<sup>144</sup> Pharies (2002) aponta a variante -ācius.

Esse estudioso afirma que nomes de objetos, os quais possuem a potencialidade de serem usados para golpear, podem sozinhas, isto é, sem auxílio de qualquer elemento formativo, referir-se a nomes de golpe. Isso teria sido possível, ainda segundo Pharies (2002), pela elipse do verbo *dar*<sup>145</sup> em construções semelhantes a “*darle una sartén por la cabeza*” ou “*darle un guante por la cara*.” Sendo assim, a palavra derivante, podendo nomear e designar golpe, ao se unir ao sufixo *-aço*, passa a designar o aumentativo daquele objeto e/ou pode se referir a um golpe intenso<sup>146</sup>. Esse duplo significado é visto nos exemplos elencados pelo autor: *alfilerazo* “*alfiler grande*” e “*golpe de alfiler*”; *cordonazo* “*cordón grande*” e “*golpe de cordón*”; *zapatazo* “*zapato grande*” e “*golpe de zapato*”. É possível encontrar o sufixo associado a partes do corpo. Neste caso, o valor semântico modifica-se um pouco, passa a designar parte do corpo que recebe o golpe como em *cogotazo* (*cogote*) e *espaldarazo* (*espalda*).

Pharies (2002) descreve outros valores semânticos de desenvolvimento recente em espanhol: golpes de vento – *nortazo* (*fuerte viento norte*); dose de bebida – *coñacazo* (*coñac*) e rebeliões – *bogotazo* (*Bogotá*). Desses significados, apenas o último ocorre em português com se verá adiante.

Para Malkiel, o valor de golpe seria restrito ao espanhol. No entanto, sabe-se que o português também registra esse significado, com se pode verificar nos verbetes do dicionário Houaiss bem como apontou Sandmann (1988). Esse fato desperta uma questão bastante relevante quanto aos significados que o sufixo *-aço* pode admitir no português. Desse modo, para investigar os valores semânticos assumidos por esse elemento formativo, será necessário observar se os vocábulos que apresentam esses significados são formados no português ou se são adaptações das formas do espanhol.

Ao longo deste trabalho serão discutidas as propostas divergentes de Malkiel (1959) e de Pharies (2002), baseando-se, principalmente, nas formas derivadas do português. As palavras formadas em espanhol também foram utilizadas neste estudo para empreender comparações com os vocábulos portugueses no que se refere aos valores semânticos visto nesta e naquela língua.

<sup>145</sup> Em português pode-se citar a expressão “*dar um pau*”, no sentido de golpear com o pau. Geralmente, usa-se o sufixo *-ada* nessas estruturas: “*dar sapatada*”, “*dar uma cadeirada*”, “*dar uma livrada*” etc.

<sup>146</sup> Por extensão de sentido esses vocábulos também podem designar o ferimento causado pelo golpe. Assim como ocorre em português com *beliscão* “*ato ou efeito de beliscar*” e *lançada* “*golpe ou ferimento feito com lança*”.

## 2. Análise das palavras derivadas com o sufixo -aço presentes no Dicionário Houaiss

Foram coletados 391<sup>147</sup> verbetes deste dicionário que apresentavam a terminação -aço(a)(s). Após a análise dos lemas, constatou-se a presença do sufixo em 228 palavras. Os demais verbetes foram classificados como vocábulos compostos (33 entradas), palavras prefixadas (11 entradas), formações reduzidas (4 verbetes), palavras com terminação coincidente (72 vocábulos), variantes ortográficas (13 entradas), vocábulos de origem obscura (21 verbetes), formas flexionadas (6 vocábulos).

As palavras derivadas foram divididas de acordo com o valor semântico dado pelo sufixo e dispostos no Quadro 6. Verificaram-se os significados de *aumentativo*; *ação/resultado de ação*; *coleção*; *golpe*; *nomina essendi*; *intensidade*; *pejorativo*; *melhorativo*; *relacional*, *residual* e *semelhança*. Vale advertir que neste quadro as palavras não foram separadas de acordo com a língua de origem. Tarefa que será realizada posteriormente.

Constam, ainda no quadro abaixo, os vocábulos que não possuem uma formação clara, isto é, em que a base apresenta um significado muito distante do da palavra derivada, como em *reinação* (*período do cio dos animais*), a qual teria sido formada a partir de *reino*. O mesmo vale para *esfregaço* (*líquido biológico, produto patológico ou células de tecido ou de um órgão postas sobre uma lâmina, para fins de observação microscópica*) que teria se derivado de *esfrega* (regressivo de *esfregar*), mas como se pode identificar pela leitura das definições, o termo derivado não apresenta intersecção semântica com os significados da palavra derivante. Por isso, o grupo foi denominado de *não-parafraseável*.

<sup>147</sup> Em três entradas há, na verdade, a representação do sufixo.

Valor semântico	Exemplos
<b>Ação</b>	<i>Andaço, bebaço, bicaço, cagaço, peçaço, lambaças, assanhaço<sub>2</sub>, chalaça, mordação, panelaço e buzinaço.</i>
<b>Aumentativo</b>	<i>Pecadaço, bandidaço, testaço, estilhaço, espinhaço, talentaço animalaço, pernaço, ladroaço, copaço, fidalgaço, tarifaço corpaço, galeaço, aljubeiraço, barbaço e beleguinaço.</i>
<b>Aumentativo e golpe</b>	<i>Bolaço<sub>2</sub>, balaço, clavinaço, argolaço, tacapaço, munhecaço e joelhaço.</i>
<b>Coleção/Conjunto</b>	<i>Lendeaço, femeaço, cangaço, borbulhaço, galinhaço, mostaço, plumaço e chumaço.</i>
<b>Diminutivo</b>	<i>Lagoaça</i>
<b>Golpe</b>	<i>Bicaço, flechaço, unhaço, talaço, panaço, clavinaço, canhonaço, caronaço, cornaço, guampaço, trompaço, pistolaço, chifraço, tiraço, patacaço, mosquetaço, pontaço, canivetaço, pelotaço, clavinotaço, arcabuzação, rebençaço, batocaço, sofrenaço, chicotaço (intensidade), manotaço, laçaço, trançaço e lançaço.</i>
<b>Inalterado</b>	<i>Fascaço, algaço, urcaço, raivaço<sup>148</sup>, botocaço<sub>2</sub> e agração.</i>
<b>Intensidade</b>	<i>Quedaço, lindaço<sup>149</sup>, vermelhaço, amarelaço, barulhaço, polmaço, bulharaço, brumaça, mimaça, velhaças, guapetaço.</i>
<b>Melhorativo</b>	<i>Vidaço, timaço, pingaço, gauchaço, golaço, ginetaço, vaqueanaço, campeiraço e mestraço.</i>
<b>Nomina Essendi</b>	<i>Amigaço, amigalhaço, velhacaço, bizarraço, ricaço, loraço, atrevidaço, vilanaço, gordaço, gordalhaço, lordaço, fachudaço, marrudaço, antigaço, ricalhaço, grulhaço, torenaço, faceiraço, bonitaço, morenaço, vivaço e buenaço.</i>
<b>Pejorativo</b>	<i>Jornalaço, canhamaço, vinhaça, falaço, professoração, meirinhaço, doutoraço, literaço, poetaço e frangaço</i>
<b>Posse</b>	<i>Barbaças, fortalhaças e trapaça</i>
<b>Quantidade locativa</b>	<i>Quartilhaça</i>
<b>Relacional</b>	<i>Palhaço, terraço, couraça, filaça, fornaça e sedaça</i>
<b>Resíduo / residual</b>	<i>Bagaço, vinhaço e melaço</i>
<b>Semelhança</b>	<i>Vidraço, pardaço, rosaça e brancaço.</i>
<b>Semente de x</b>	<i>Linhaça e canhamaça</i>
<b>Não-parafraseável</b>	<i>Esfregaço e reinaço</i>

Quadro 6 - Valores Semânticos do sufixo -aço(a) nos verbetes do Dicionário

Há também no Quadro 6 as palavras para as quais o sufixo não trouxe nenhuma alteração semântica, como *fascaço* (*caruma*), sendo de igual significado sua base *fasco*. Podem-se citar também os vocábulos *algaço* (1899), *agraço* (séc. XIII), *urcaço* (s/d),

<sup>148</sup> Raivaço: “*desejo forte de comer, desejo veemente de prática lasciva ou de cópula venérea*”. Associa-se a base *raiva*, na quinta e sexta acepções: *apetite intenso; desejo veemente*.

<sup>149</sup> Consta no Dicionário Houaiss que esse termo teria sido formado por influência do espanhol americano *lindazo*, contudo não se encontrou tal significado para este vocábulo. No Dicionário da Real Academia Espanhola lê-se: “*Linde, en especial el señalado con mojones, o por medio de un ribazo*”.

*raivaço* (1450-1516), *botocaço*<sub>2</sub> (s/d) como se viu acima. Desse modo, o grupo foi nomeado de *inalterado*.

Algumas das palavras dispostas no quadro acima carecem de mais explicações seja em relação aos seus significados, seja acerca das transformações sofridas em decorrência do processo derivativo. Assim sendo, esses vocábulos serão retomados dentro dos grupos aos quais pertencem. Desse modo, também será oportuno apontar a língua de origem dos vocábulos, indicando sua etimologia.

### ➤ **Ação**

Esse grupo engloba os valores semânticos de agentivo, instrumento, ação, resultado de ação e manifestação, os quais podem ser interpretados pelas respectivas paráfrases: “aquele que V X”; “instrumento com que se X<sup>v</sup>”; “ação de X<sup>v</sup>”; “estado decorrente de X<sup>v</sup>/ processo de X<sup>v</sup>” e “manifestação produzida com X”.

As derivações com esses valores semânticos selecionam bases substantivas: *bicaço* (s/d), *chalaça* (1858) *assanhaço*<sub>2</sub> (s/d), *panelaço* (s/d), *buzinazo* (1985) e verbais: *andaço* (1558), *bebaço* (s/d), *cansaço* (séc. XIV), *lambaças* (1913), *cagaço* (1873), *peaça* (1789). Todos esses vocábulos foram formados em português. Contudo, em *buzinaço* e *panelaço* vê-se a grande influência do espanhol em sua formação, já que esse é um significado comum a essa língua e até então inexistente em português. Atualmente, podem-se encontrar neologismos criados a partir dessa noção como se verá ainda nesse capítulo<sup>150</sup>.

Chama a atenção a formação da palavra *lambaças* pela presença do -s final, o qual não indica noção plural. De acordo com o Dicionário Houaiss essa terminação ocorre em algumas palavras expressivas, apontando também que seriam de cunho infantil ou ridicularizantes. O -s paragógico aparece em outras três palavras com -aça, a saber: *barbaças*, *velhaças*, *fortalhaças*, as quais serão comentadas em seus grupos semânticos.

A palavra *mordaça* (1609) enquadra-se neste grupo por apresentar, na língua de origem, o valor semântico de agente<sup>151</sup> – \**mordacia* (de *mordaciŭs*, a, um) “que morde, que está habituado a morder”. Entretanto, em português esse significado tornou-se um

<sup>150</sup> No último capítulo dessa dissertação, faz-se uma apreciação a respeito dos neologismos com esse valor semântico.

<sup>151</sup> Em português, ter-se-ia que considerar como valor de instrumento, já que nesta língua designa um objeto.

pouco obscuro e designa uma “*tira fina de pano, corda ou qualquer outro material com que se ata a boca de uma pessoa, impedindo-a de falar ou gritar.*”

No vocábulo *chalaça* (1858) – “*dito ou feito espirituoso, zombeteiro; escárnio, gracejo, motejo*”, o valor semântico de *resultado de ação* pode ser considerado, uma vez que a base seria *charlar*<sup>152</sup> (1712), de acordo com Cunha (1982). Ainda segundo esse autor a forma inicial teria sido \**charlaça*. A partir desse vocábulo surgem *chalaçar* (1899) ou *chalacear* (1899) “*fazer chalaça, zombar, gracejar*” e *chalaceiro* (1899) ou *chalaceador* (1899) “*que ou aquele que faz chalaça*”, tendo sido registrados pelo mesmo dicionário – *Novo Dicionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo.

### ➤ **Aumentativo**

O surgimento do significado aumentativo representou, segundo Malkiel (1959), uma inovação genuinamente românica, afastando-se da norma comum latina. O autor se apóia em formações do tipo *gallinaza* “*quantidade de excremento de galinha*” e *hormazo* “*monte de pedras soltas*” para explicar o surgimento do valor aumentativo.

No que se refere às formações aumentativas, verifica-se que essas ocorrem em bases adjetivas e substantivas. Observa-se também que a adjunção do sufixo provoca apócope da base como em *copação* (s/d), *pecadaço* (1789), *bandidaço* (s/d). Mas também ocorre crase, como em: *testaça* (1881), *estilhaço* (1680), *espinhaço* (XIII), *tarifaço* (1990), *pernaço* (s/d). Em *animalaço* (s/d) houve apenas a junção do sufixo, não ocorrendo nenhuma mudança fonética.

A palavra *ladroação*, de acordo com o Dicionário Houaiss, teria tomado para a formação a base desnasalizada *ladro-*. No entanto, é possível admitir que a palavra tenha sido formada a partir do vocábulo *ladro* “*ladrão*”. A datação das palavras colabora para essa hipótese, já que a palavra-base é registrada em 1543 e o vocábulo derivado aparece em 1710.

É oportuno discorrer a respeito dos vocábulos *galeaça* e *aljubeiraça*.

- ✓ **Galeaça** (1515): “*navio de guerra parecido com a galé, mas de maior porte, comprido e estreito, a remos e a vela, com três mastros, dotado de poderosa artilharia.*”

<sup>152</sup> Do italiano *ciarlare* “*parlare a lungo e senza alcun costrutto*”. No português apresenta significado semelhante: “*conversar por mero passatempo, sem assunto determinado*”

Essa palavra deriva do temo italiano *galeazza* (1433) “*grossa gálea d’ alto bordo, a remi e con tre alberi a vele latine*”. Nota-se tanto na língua de origem quanto na definição do português a presença do significado aumentativo. Esse termo também está presente em espanhol *galeaza* e em francês *galéasse* ou *galéace*.

✓ **Aljubeiraça** (1922): “*algibeira grande*”

Palavra descrita como regionalismo de Portugal (Alentejo). De acordo com o Houaiss, a base *aljubeira* teria sido tomada por *algibeira*, mas não explica como esse processo teria ocorrido, se por transformação fonética (dissimilação), ou por semelhança ao vocábulo *aljubeiro* “*carcereiro de aljube (prisão)*”.

➤ **Aumentativo e golpe**

Como se pode observar no Quadro 1, fez-se um agrupamento especial, reunindo as palavras polissêmicas, as quais podem ser interpretadas como *aumentativo* ou *golpe*, como ocorre com as palavras *bolaço*, *bolaço*<sub>2</sub> (s/d) e *joelhaço* (s/d), *clavinaço*, *argolaço*, *tacapaço*.

O vocábulo *bolaço*<sub>2</sub> é polissêmico e, além disso, apresenta termo homônimo, o qual é definido pelo dicionário da seguinte forma: *bolaço*<sub>1</sub> (1922): *m.q. bolada*<sub>2</sub> (“*monte de dinheiro*”, “*rombo*”). Nesse caso a formação é *bolo* (monte de dinheiro) + *-aço*.

Para *bolaço*<sub>2</sub> (s/d) encontra-se: ‘1- *bola grande* / 2 - *jogada ou passe executado com excelência; bolão* / 3- *golpe ou arremesso feito com boleadeiras*’. Isso indica que a segunda entrada é polissêmica, podendo se referir tanto ao *aumentativo* quanto a *golpe*. Nesse caso a palavra base é *bola*. Assim, percebe-se que há homonímia apenas na palavra derivada. Isso ocorre pelo fato de a adjunção do sufixo ser capaz de promover dois fenômenos fonéticos, a saber: *apócope*, fazendo desaparecer a vogal átona final no caso do radical *bolo*, e *crase*, que funde sons semelhantes, no caso de *bola*.

Já *joelhaço* possui apenas uma entrada, mas também possui polissemia, visto que pode designar tanto um *aumentativo* “*joelho grande*” ou *golpe* “*forte pancada com o joelho*”. Nesse significado há ainda um traço de *intensidade* ligado ao *golpe*. Nesses casos será o contexto que definirá o sentido.

O mesmo se observa nas palavras *argolaço* (s/d), *clavinaço* (s/d), *tacapaço* (s/d), *balaço* (1675) e *munhecaço* (séc. XX). Verifica-se, nesses casos, que em português o valor aumentativo é sempre registrado como primeira acepção, contudo a falta de datação na maioria desses verbetes impede que se façam afirmações mais contundentes. Ao consultar as palavras que também estão presentes em espanhol, como *bolaço* e *balazo*, observa-se que o valor aumentativo não aparece: *bolazo* “golpe de bola”, *balazo* “golpe de bala ou ferimento causado por uma bala”. Abaixo, no grupo semântico de golpe, essa questão será retomada.

### ➤ **Coleção/ conjunto**

Como se sabe, esse é um valor presente no latim e aparece em português já no século X com *chumaço* (959), do latim tardio *plumacĭum*. Também há em português o termo, sem alteração fonética, tomado do mesmo étimo latino - *plumaço* (1899), o qual apresenta significado semelhante.

Algumas das palavras desse grupo merecem de maior detalhamento. Um delas é o termo *cangaço* (1789), no qual se observa uma gama de acepções, assim como se verifica em sua base *canga*<sub>1</sub> (1. *armação de madeira usada sobre telhados de palha*; 2. *jugo, peça de madeira usada para prender junta de bois a carro ou arado*; 3. *pau assentado nos ombros de dois carregadores e usada para transportar objetos pesados*; 4. *m.q. chinguiço*; 5. *m.q. cangalha “triângulo”*; 6. *instrumento de suplício chinês*; *ganga* “*consiste em um quadrado de madeira, com cerca de um metro, dotado de orifício central para conter o pescoço*”; 7. *ato ou efeito de sujeitar(-se)*; *domínio, opressão, jugo*; 8. *a Igreja*)

Analisando as acepções apresentadas acima, nota-se a presença constante da noção de “*algo que serve para segurar/sustentar/apoiar*”. E foi essa ideia selecionada para a derivação de *cangaço*<sup>153</sup>, no sentido de: “*engação (conjunto do pedúnculo e das ramificações do cacho de uvas, que suportam os bagos; cangaço, canganho, cango)*; ou *pedúnculo e espata das palmeiras que, quando secos, se desprendem e caem.*”

<sup>153</sup> Acepções registradas pelo Houaiss: 1. *bagão da uva depois de pisada; engação*; 2. *engação*; 3. *conjunto de trastes, utensílios e móveis de gente humilde ou escrava*; 4. *conjunto de armas conduzidas por malfeitor*; 5. *m.q. cangaceirismo*; 6. *pedúnculo e espata das palmeiras que, quando secos, se desprendem e caem; cangaraço, quibaca, tibaca*; 7. *sabugo de milho.*”

Na palavra *fumaraça* (1899) “*fumarada* (grande porção)”, vê-se a presença da consoante de ligação *-ar-*, usada com o objetivo de evitar hiato entre a vogal final da base - *fumo* e da vogal inicial do sufixo. Esse processo de interfixação do *-r-* também pode ser visto *bulharaça* como se verá no grupo semântico de intensidade.

Já *liaça* (1716) “*feixe de palhas usado como invólucro protetor de objetos frágeis quando transportados*”, deriva-se do francês *liasse* (séc. XII) que possui a mesma ideia de conjunto: “*amas de papiers liés ensembl*”.

As demais derivações são todas formadas em português: *lendeaço* (1789) ← *lêndea*; *femeaço* (s/d) ← *fêmea*; *borbulhaço* (s/d) ← *borbulha*; *galinhaço* (s/d) ← *galinha*; *mostaço* (s/d) ← *mosto* (sumo); *ponchaço* (s/d) ← *poncho*; *galhaça* (s/d) ← *galha*; *vinhaça* (XV) ← *vinho*; *carnaça* ← *carne*; *nevoaça* (1441) ← *névoa*; *gentaça* (XV) ← *gente*; *aguaça* (1899) ← *água*; *uvaça* (1881) ← *uva*.

### ➤ Diminutivo

Esse valor semântico está presente em apenas um verbete – *lagoaça* (sé. XX): “*pequena lagoa, especialmente de acumulação*”. Dicionário Houaiss aponta o vocábulo como diminutivo irregular de *lagoa*, havendo também a forma *lagoacho* de mesmo significado. Quanto à estrutura do vocábulo, verifica-se que a adjunção do sufixo provoca crase ao se unir à base.

### ➤ Golpe

Vale lembrar que o valor de *golpe* está circunscrito no significado de *ação*. Porém, para este trabalho, procurou-se separar esses significados, já que se deseja esclarecer algumas questões a respeito do sentido de *golpe* em relação aos demais valores semânticos.

Esse significado ainda gera muitas discussões, mesmo em espanhol, língua em que esse valor parece ser mais comum do que no português. Como se viu, Malkiel (1959) argumenta em favor da existência de sufixos homônimos. Proposta semelhante é adotada por Gauger (1971) já que o estudioso também não acredita que o valor de *golpe* tenha surgido da noção de aumento.

Entretanto, Pharies (2002) afirma que tanto significado de aumento quanto o de *golpe* decorrem do sufixo latino *-acĕus*, ressaltando que o valor aumentativo se

desenvolve já no latim falado ocidental, enquanto que o valor de golpe aparece no final do século XV em espanhol. Esse estudioso crê que significado de golpe seja resultado da evolução secundária do valor aumentativo. Considerando a desenvolvimento do sufixo em espanhol, o autor argumenta que ao mesmo tempo em que aparecem as primeiras formações aumentativas nesta língua também surge o significado de golpe dado com instrumentos designados pela base: *chapinazo* e *porraço*, no século XV, *arcabuzazo*, *anguilazo*, *astillazo*, no século XVI.

Após o estudo das frequências de uso em relação aos valores semânticos desse sufixo (Seção 4), poder-se-á descrever melhor a situação desse significado em português, o que possibilitará interpretar e discutir as propostas desses estudiosos com vistas nos dados do português.

Em relação aos verbetes do dicionário pode-se verificar que em alguns casos configuram-se como empréstimos do espanhol. Esse é o caso das palavras: *batacaço* (s/d) ← *batacazo* (1562- 1635<sup>154</sup>); *sofrenaço* (s/d) ← *sofrenazo* (1495); *canhonaço* (1660) ← *cañonazo* (século XVI); *chicotaço* (século XX) ← *chicotazo*<sup>155</sup>; *manotaço* (1881) ← *manotazo*; *laçaço* (1881) ← *lazazo*; *lançaço* (1899) ← *lazazo*.

Em outros casos, o dicionário Houaiss aponta a formação em português, no entanto, a existência dessas formas em espanhol faz suspeitar da etimologia proposta. Podem-se citar os verbetes<sup>156</sup> *guascaço* - 1881 (*guascazo*); *arcabuzaço* - 1644 (*arcabuzazo* - século XVI); *rebenaço* - 1881 (*rebencazo*); *lategaço* (*lategazo*); *mangaço* (*mangazo*); *cachaço* (*cachazo*); *flechaço* (*flechazo*); *bolaço* (*bolazo*); *balançaço* (*balazo*), *trompaço* - século XX (*trompazo*); *mosquetaço* - 1789 (*mosquetazo*); *pelotaço* (*pelotazo*). Porém, pelo fato de a maioria das palavras não possuir registro de datação em português nem em espanhol impossibilita confirmar a filiação desses vocábulos ao espanhol.

Existem também formações com valor de golpe que não se ligam ao espanhol, como é o caso de *munhecaço* (séc. XX), *bicaço*, *unhaço*, *talaço*, *panaço* (XX), *clavinaço*, *caronaço*, *cornaço* (XX), *guampaço* (1899), *pistolaço* (1783), *chifraço* (XX), *tiraço*, *pataço*, *pontaço* (1899), *canivetaço*, *clavinotaço* e *batocaço*<sub>1</sub>.

<sup>154</sup> Corominas indica como primeira ocorrência do termo em textos de Lope de Vega, por isso tomou-se como datação os marcos entre nascimento e morte do escritor espanhol.

<sup>155</sup> Para Nascentes (1952) o vocábulo entrou no português por meio do espanhol americano – *jicotazo*.

<sup>156</sup> Vale ressaltar que muitas dessas palavras são descritas no Dicionário Houaiss como regionalismo do Rio Grande do Sul, ao passo que aparecem no Dicionário da Real Academia Espanhola como provenientes do espanhol americano.

Deve-se frisar ainda que esse valor de golpe aparece, não raro, associado ao traço de intensidade, o qual pode ser lido por expressões como *forte*, *violento*, *vigoroso* etc. Esse fato vai de encontro à hipótese apresentada por Pharies (2002), que, como se viu, filia o valor de golpe como significado secundário decorrente do aumentativo.

### ➤ **Intensidade**

Nos textos do *corpus* pesquisados, como se verá, a ideia de intensidade aparece acompanhada ao valor semântico de *nomina essendi*, ou seja, apresenta-se como um traço. Já em alguns verbetes do Dicionário Houaiss, a análise indica que essa noção deixa de aparecer como um traço e se revela como significado independente. O traço de intensidade também ajuda a construir outros significados, como o de golpe, como se viu acima.

O sufixo nesses casos se associa a bases substantivas e adjetivas, intensificando o valor já expresso pela base. Assim podem ser lidas as palavras *louraço* (1771), *vermelhaço* (1603), *barulhaço* (1985), *amarelaço*, *lindaço* (1889) e *mimaço*. Em alguns casos o traço pode ser lido como *violento*, *forte*, como é o caso do vocábulo *quedaço* “*queda violenta*”, ou pelo termo *denso*, como nas palavras *polmaço* e *brumaço*. Vale frisar que todas foram formadas em português. Já a palavra *guapetaço* (s/d), apesar de ter sido criada em português, traz consigo a influência do espanhol, já que deriva da base *guapetão* (1889) “*muito, bastante guapo*” que, por sua vez, vem do espanhol *guapetón* (1734).

Vê-se, novamente, a presença do -s paragógico na formação *velhaças* “*homem muito idoso, velhíssimo*”. Na palavra *bulharaço* “*muito ruído ou gritaria*”, criado a partir da base *bulha* “*ruído*”, nota-se que não houve crase, assim, para evitar o encontro das duas vogais iguais, a consoante de ligação -r- foi usada.

### ➤ **Melhorativo**

Poucas palavras desse grupo apresentam datação e os registros que existem ocorrem a partir do século XIX: *ginetaço* (1881), *mestraço* (1858), *vaqueanaço* (1899), *vidaço* (s.XX), indicando que seja um valor semântico recente na língua. Lázaro Mora (1999: 4673) afirma que o valor melhorativo “*en el español de América, donde tiene una vitalid superior, ha llegado a perder totalmente la intención peyorativa, cuando las*

bases son *adjetivos, participios o adverbios (...)*". Nota-se que em português esse valor se associa também a bases substantivas como *mestraço*, *vidaço*, *timaço*, *golaço* etc. Vale destacar que todos os vocábulos desse grupo foram formados em português. Além disso, chama atenção o fato de três desses derivados (*ginetaço*, *campeiraço*, *vaqueanaço*)<sup>157</sup> serem apontados pelo Houaiss como regionalismo do Sul do Brasil.

➤ *Nomina essendi*

A palavra *loraço* é apontada como regionalismo de Minas Gerais e designa “*um indivíduo de nacionalidade alemã*”. Nota-se que a ideia selecionada para a composição da palavra derivada está no conhecimento prévio de que quem nasce na Alemanha tem pele clara ou como definem os dicionários “*tem a cor amarelo-tostada ou entre o dourado e o castanho-claro*”. Desse modo, a palavra derivada remete a *aquele que é louro*, razão pela qual foi inserido no grupo de *nomina essendi* (“*aquele que é X*”), já que se entende que esta é a noção que subjaz nesta formação. Portanto, seria um equívoco se se classificasse o valor semântico do sufixo no vocábulo em apreço como *gentílico*. Quanto a sua estrutura, observa-se que houve a monotongação da base passando de *louro* a *loro*, processo que ocorre não raro na fala corrente. Esse fato indica que a palavra é de cunho popular, assim como aponta também o registro de uso do Dicionário Houaiss: “*Regionalismo: Minas Gerais. Uso: Informal*”.

Algumas palavras desse grupo também merecem destaque. Esse é o caso de *buenaço* que teve sua formação calcada no espanhol *buenazo* “*dicho de una persona pacífica o de buen natural*”. Cabe destacar que essa foi a única palavra desse grupo a não ser criada em português.

Em *ricalhaço* (*s/d*), *gordalhaço* (*s/d*) e *amigalhaço* (1871) vê-se a utilização do interfixo *-lh-*, assim como se viu nas formações com sufixo *-ão*. Já nos vocábulos *fachudaço* (*s/d*), *morrudaço* (*s/d*) e *faceiraço* (*s/d*), o sufixo *-aço* se liga a bases já derivadas: *fachudo*, *morrudo* e *faceiro*.

<sup>157</sup> Vale frisar que esses vocábulos circunscrevem-se no campo semântico rural.

### ➤ Pejorativo

Significado bastante comum em espanhol europeu, de acordo com Lázaro Mora (1999). Em português, associa-se quase que exclusivamente a bases substantivas: *jornal* → *jornalaço*; *cânhamo* → *canhamaço* (1526); *vinho* → *vinhaça* (séc. XV); *professor* → *professoraço*; *doutor* → *doutoraço*; *meirinho* → *meirinhaço*<sup>158</sup>; *poeta* → *poetaço* (1836) e *frango* → *frangaço*. A palavra *literataço* (1890) é a única derivada de base adjetiva – *literato*. O dicionário Houaiss ao definir a forma derivada faz remissão direta a *literatiço* (1890) e a define como “*indivíduo sem talento*”, apresentado outro sinônimo – *literatóide* (séc. XX), cujo sufixo também possui valor marcadamente pejorativo.

### ➤ Posse

O significado de posse, descrito pela paráfrase “*aquele que tem X*”, foi observado em apenas três palavras, a saber: *trapaça*, *barbaças* e *fortalhaças*. Nos dois últimos casos nota-se que são formadas com o uso do -s paragógico, descrito pelo Houaiss como expressivo.

✓ **Barbaças** (s/d): “*indivíduo de barba vasta e comprida; barbaçasanas, barbacenas, barbudo.*”

Percebe-se que na própria definição do vocábulo há outras formas com o uso de -s. Em *barbaçasanas* pode-se encontrar também a forma sem esse elemento final, descrevendo os mesmos valores. Já *barbacenas* apresenta apenas a entrada grafada com -s. Chama atenção o fato de *barbaça* designar o objeto, isto é, *barba comprida e basta*. Isso reforça a afirmação dada pelo dicionário de que o -s é usado em palavras expressivas e, geralmente, em atribuição a seres humanos.

---

<sup>158</sup> O Dicionário Houaiss não traz registro de datação, mas comenta o uso desse termo em Manuel Antônio de Almeida. Como se verá na análise realizada em *corpus*, o vocábulo foi encontrado na obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, permitindo que se registre a palavra entre 1852-1853, já que se trata de um livro, originalmente, publicado em jornal.

✓ **Fortalhaças** (séc. XX): “*indivíduo muito forte*”

Vocábulo, descrito como regionalismo de Portugal, possui além do -s paragógico, o interfixo -lh-, o que intensifica a expressividade.

Também é possível citar a palavra *talentaço*, classificada como aumentativo, já que esta é a sua primeira acepção, entretanto, em seu segundo significado o termo designa “*indivíduo de talento singular*”.

✓ **Trapaça** (1562-1575): “*contrato fraudulento feito com quem empresta dinheiro; qualquer ação artilosa, de má-fé; fraude, logro*”

O vocábulo é derivado a partir da base *trapa* no sentido metafórico de *armadilha* “*estratagem para fazer alguém cair em logro; artifício enganador; cilada, esparrela, ardil, armação*”. Desse modo, a palavra derivada pode ser interpretada como *que tem trapa*, isto é, contrato em que se verifica algum tipo de fraude.

➤ **Quantidade locativa**

Esse valor semântico foi encontrado apenas na palavra *quartilhaça*, a qual é definida pelo Houaiss por meio de remissão direta ao termo *quartilhada*: “*quantidade de líquido contida em um quartilho*”. O dicionário não traz registro de datação para nenhuma das formações. A palavra derivante, *quartilho*, refere-se a uma “*unidade de medida de capacidade anglo-saxônica para líquidos, equivalente a 1,136 l, no Canadá, e a 0,568 l, no Reino Unido*”.

➤ **Relacional**

O valor relacional, como se viu, é um dos significados que o sufixo -aço assumia já em latim. Desse modo, grande parte das palavras com esse significado proveio dessa

língua, ou ainda, como ocorre com o vocábulo *terraço*<sup>159</sup> (séc. XVI), chegou ao português por meio do francês *terrasse*<sup>160</sup>, embora tenha se desenvolvido no latim.

O valor relacional engloba a ideia de “feito de X”, como nas palavras *palhaço* (1513), do italiano *pagliaccio*<sup>161</sup>, “vestido ou feito de palha”; *couraça* (séc. XV), do latim *coriacĕa*, “armadura feita de metal ou couro, usado por soldados sobre o peito e as costas para protegê-los de golpes inimigos” e *sedaço* (1673) “seda muito rala, com que se fabricam peneiras”, do latim *setacĕum*, de mesmo significado. Também se inclui nesse grupo a noção de *matéria*, visto na palavra *fornaça* (XIV), do latim *fornacea*, feminino de *fornacĕus* “de forno, fornalha, de braseiro”.

Do latim, também se derivaram os vocábulos *filaça* (1727) “filamento proveniente de matéria têxtil”, do latim tardio \**filacĕa* e *fogaça* (1159) “bolo ou pão cozido; folar, bola (ô)”, do latim *focaciŭs*, a, um “cozido no fogo, no borralho”. Já as palavras *ferraça* (1339) “chapa redonda de ferro com um buraco no centro, por onde se deita fogo ao forno que se pretende acender”, *vidraça* (1521) “lâmina de vidro” e *canhamaço* (1526) “tecido grosseiro, rústico, de fio de cânhamo ou de estopa de linho; estopa de cânhamo” desenvolveram-se em português.

### ➤ Residual

Observou em algumas palavras o valor semântico, descrito pela paráfrase “resíduo de X”, de que são exemplos as palavras *bagaço* (séc. XIV) “resíduo de fruta, cana, erva etc., espremido ou moído, depois de se lhe retirar o sumo; buruso, burusso”; *vinhaço* (1881) “bagaço de uvas; resíduo da pisa das uvas que contém ainda bastante vinho” e *melaço* (1716) “mel exausto do qual não se extrai mais açúcar, mas que serve de alimento para gado ou de matéria-prima para inúmeros produtos, como aguardente, glicerina, leveduras, carburantes, borracha sintética etc.”. Essas palavras foram formadas em português e, como se pode observar, partem de bases substantivas: *bago*, *vinho* e *mel*.

<sup>159</sup> Em espanhol o termo *terraço* designa *jarro de barro*.

<sup>160</sup> Significado no francês: *patamar de terra ou alvenaria, balcão amplo e descoberto, varanda, área plana e descoberta num prédio*. Também existia no latim medieval *terracea*, *terracia*, *terracium* “banco de terra, pedaço de terra elevado”, substantivo feminino do latim vulgar *terraceus*, a, um “de terra, feito de terra”, do latim *terra* “terra, terreno”.

<sup>161</sup> “*Sacco pieno di paglia che serve di letto*”, extraído do DEI.

Deve-se assinalar que esse valor semântico mantém certa relação com o significado de resultado de ação, já que está contida nesses vocábulos a ideia da realização de um processo ao final do qual resulta em determinado objeto.

### ➤ **Semelhança**

Esse significado não se mostra produtivo, uma vez que há somente três palavras que representam esse valor: *pardaço* (1679) “*que tem cor semelhante ao pardo*”; *brancaço* (1538) “*aquele que tende ao branco, quase branco*”; *rosaça* (1899) “*estrutura como a da rosa desabrochada, composta por um núcleo em redor do qual se agrupam elementos radiais, inscritos em um círculo*” e *vidraço* (1498) “*espécie de pedra calcária, rija e lascável, semelhante ao vidro*”. Deve-se, contudo, atentar para o fato de que as definições, no caso dos lemas *pardaço* e *brancaço*, terem sido extraídas das entradas *pardacento* e *brancacento*, pelo fato de o Dicionário Houaiss fazer remissão direta para essas palavras, procedimento muito comum utilizado neste dicionário.

### ➤ **Semente de X**

Esse significado foi encontrado em dois dos verbetes analisados do dicionário Houaiss, a saber: *linhaça* (1286) “*semente do linho*” e *canhamaça* (1913) “*semente do cânhamo*”.

Fica evidente, portanto, a polissemia que esse elemento formativo desenvolveu em português, tendo em vista que, em latim, restringia-se a poucos valores semânticos (*semelhança, relacional, posse, matéria*). A mesma diversidade semântica pode ser observada no sufixo *-uço*, o qual apresentou quase todos os significados encontrados em *-aço*, como se verá a partir da Seção 6, deste capítulo.

### 3. Palavras derivadas com o sufixo -aço: Pesquisa em textos dos séculos

#### XIII ao XX

##### 3.1. Análise quantitativa

Como já foi dito, o *corpus* do presente trabalho é composto de obras que abrangem textos escritos desde o século XIII ao século XX<sup>162</sup>. Foram encontradas 171 palavras no *corpus* pesquisado. Destas apenas *espinhaço*<sup>163</sup> aparece nos textos analisados dos séculos XIII ao XV.

No século XVI encontraram-se seis ocorrências<sup>164</sup> sufixadas com -aço, a saber: *chumaço*, *espinhaço* (duas ocorrências), *balaço*, *canhonaços* e *tolaço*, das quais apenas a última não consta no dicionário Houaiss. No entanto, o contexto ajuda na identificação de seu significado, como se pode notar:

“*Entra, tolaço eunuco*” (*Auto da Barca do Inferno*. Gil Vicente)

Desse modo, pode-se perceber que, neste exemplo, o sufixo possui valor semântico de *nomina essendi*, atribuindo ainda traço de intensidade à base da palavra, significando “*aquele que é muito tolo*”.

No século XVII, o número de ocorrências aumenta para 18 palavras, são elas: *madraço* (seis ocorrências), *espinhaço* (quatro ocorrências), *ladronaço*<sup>165</sup> (duas ocorrências), *ricaço*, *mulataço*, *porraço*, *gataço*, *arreitaço* e *prudentaço*. Dessas as quatro últimas não aparecem no dicionário, porém também é possível depreender os seus significados por meio do contexto em que foram empregadas.

<sup>162</sup> O *corpus* utilizado encontra-se disponibilizado no site: [www.usp.br/gmhp](http://www.usp.br/gmhp). (vide introdução)

<sup>163</sup> As demais palavras encontradas possuem apenas terminação coincidente, não desempenhando função sufixal (vide Anexo A – 2)

<sup>164</sup> As palavras *chumaço*, *tolaço* e as duas ocorrências de *espinhaço* foram encontradas nas obras de Gil Vicente, respectivamente nas obras *A Farsa do Juiz da Beira*, *Auto da Barca do Inferno*, *A Farsa do Clérigo da Beira* e *Tragicomédia dos Agravados*. Já os vocábulos *canhonaços* e *balaço* foram retirados do *Auto de São Lourenço*, de José de Anchieta.

<sup>165</sup> Essa palavra não possui datação no Dicionário Houaiss. A utilização desse termo por Gregório de Matos permite indicar o século XVII.

Deve-se atentar para o fato de que essas criações pertençam a um mesmo autor: Gregório de Matos<sup>166</sup>. Em *gataço*, tem-se um *aumentativo*, em relação a *gato* em seu sentido figurado, isto é, *ladrão*. Essa afirmação é possível com a análise do contexto e do poema: “*até no ofício um gataço*”. Nesta poesia satírica, o autor condena os governantes que furtam e indica várias formas do roubo por eles praticado.

Nesse mesmo poema, o autor emprega *porraços* (*e tirando-me porraços*), a qual não consta no dicionário Houaiss. Entretanto, depreende-se a noção de *golpe*, uma vez que pelo contexto vê-se que há a descrição de uma briga, desse modo, poderia ser, semanticamente, substituída por *porrada*, palavra que também expressa noção de *golpe*. Além disso, o vocábulo está presente em espanhol e apresenta significado semelhante “*golpe dado con alguna cosa, especialmente con una porra*”, sendo datado já no século XV. Certamente, a escolha feita pelo autor ao empregar esse termo foi guiada pela intenção de garantir a expressividade e a sonoridade do poema. Ao usar o vocábulo *porraços*, palavra não corrente em português, Gregório de Matos consegue surpreender o leitor. Essa escolha também auxilia na construção da rima do poema, como se observa na reprodução parcial do texto:

“(...) *até no ofício um gataço.*  
*Topou me em uns entreforros,*  
*e tirando-me porraços,*  
*eu lhe miava os narizes,*  
*quando ele me enchia os quartos. (...)*”

Já a palavra *prudentaço* (*Diz logo prudentaço, e repousado*) é empregada para designar “*Aquele que é muito prudente*”, indicando além do valor *essivo* e o traço de *intensidade* para o adjetivo *prudente*.

Em *arreitaços*, há a ideia de *processo/resultado de ação*, dada pelo tema verbal da palavra: *arreita* – *arreitar*, a qual significa “*provocar desejos sexuais em; estimular sexualmente*” ou “*sentir esse desejo*”. No poema em que essa formação ocorre, Gregório ironiza um clérigo: “*Magano, infame, vil alcoviteiro,/ Das fodas corretor por dous tostões, /E enfim dos arreitaços alveitar*”. Depreende-se, assim, que essa palavra se refere ao resultado da ação de *arreitar*, associada à ideia de intensidade.

<sup>166</sup> No livro *Poesia de Gregório de Matos*, Spina (1995: 40) reafirma que o uso de sufixos aumentativos é uma tendência desse autor: “*Não menos expressivas são as formações vocabulares que correm por conta do Poeta, principalmente à base de sufixos quantitativos (diminutivos, aumentativos, superlativos).*”

Já no século XVIII, encontraram-se apenas cinco ocorrências<sup>167</sup>: *espinhaço* e *cachaço*, com duas ocorrências, e *inchaço*. Deve-se fazer, aqui, uma ressalva. Como a quantidade de textos entre os séculos XVII e XVIII é aproximadamente o mesmo, provavelmente, o número expressivo de ocorrência de palavras com esse sufixo, no século XVII, pode dever-se a presença das poesias satíricas de Gregório de Matos. Assim como outros sufixos aumentativos (-ão, -arro, -uço), -aço também é mais comum em textos informais, como é o caso das poesias satíricas e peças de teatro.

Nos séculos XIX há uma quantidade maior de textos, por isso é natural que o número de ocorrências também seja maior. Encontraram-se, neste século 123 ocorrências formadas com -aço: *madraço* (6 ocorrências), *estilhaço* (13 ocorrências), *espinhaço* (15 ocorrências), *cachaço* (15 ocorrências), *ricaço* (31 ocorrências), *melaço* (6 ocorrências), *malcriadaço*, *vermelhaço*, *ignorantaços*, *estardalhaço* (8 ocorrências), *bagaço* (4 ocorrências), *peitaço*, *falaço* (2 ocorrências), *meirinhaço*, *andaço* (3 ocorrências), *guampaço*, *pontaço* (3 ocorrências), *amigalhaço*, *atrevidaço*, *femeaço* (2 ocorrências), *erbaço*<sup>168</sup>, *inchaço*, *talentaço*, *pinotaços*, *pessoaço*, *poetaço*, e *bigodaço*.

Não constam no Dicionário Houaiss as palavras: *malcriadaço*, *ignorantaço*, *peitaço*, *bigodaço*, *pessoaço* e *pinotaço*. Essas podem ser interpretadas como *nomina essendi*, associados ao traço de intensidade, nos dois primeiros casos e como aumentativos nos demais casos. É interessante observar que o dicionário traz outras formas aumentativas para algumas dessas palavras como, por exemplo, *ignorantão*, *bigodudo*, *peitaria* ou *peitama*, sendo as últimas marcadas como tabuísmo.

No *corpus* utilizado, as obras do século XX estão em menor número, se comparada ao século XIX, por isso a baixa ocorrência dessas palavras não deve ser interpretada como baixa frequência ou como baixa produtividade do sufixo no século XX. Foram encontradas 18 ocorrências: *estilhaço* (três ocorrências), *ricaço* (cinco ocorrências), *panaço*, *cachaço*, *estardalhaço* (duas ocorrências), *andaço*, *ginetaço*, *trompaço*, *bagaço*, *atrevidaço* e *valentaço*. Esses vocábulos são todos registrados pelo Dicionário Houaiss.

<sup>167</sup> Essas palavras foram usadas por um mesmo autor – Antônio José da Silva, nas peças: *Vida do Grande D. Quixote*, *O labirinto de Creta*, *Guerras do Alecrim* e *Vida de Esopo*, respectivamente.

<sup>168</sup> Por meio da base, é possível remontar ao termo culto *herbáceo* “relativo ou semelhante a erva”; “cujos tecidos apresentam pouca ou nenhuma lignina (diz-se de planta)”.

### 3.2. Análise Semântica

As palavras encontradas no *corpus* foram divididas em oito grupos denominados *ação* ou *resultado*, *aumentativo*, *coleção*, *melhorativo*, *golpe*, *nomina essendi* (quase sempre ligado a ideia de intensidade), *pejorativo* e *relacional*. É interessante ressaltar que essa divisão leva em conta o valor semântico dado pelo sufixo, isto é, o significado que este formante lexical atribui à base do vocábulo do qual deriva. Esses valores semânticos foram dispostos no quadro a seguir:

Valor semântico	Exemplos
<b>Ação/resultado</b>	<i>Andaço, arreitação e inchaço.</i>
<b>Aumentativo</b>	<i>Ladronaço, mulataço</i> (melhorativo), <i>gataço, estilhaço, peitaço, amigalhaço, talentaço</i> (melhorativo), <i>bigodaço, pinotaço.</i>
<b>Coleção / porção</b>	<i>Femeaço</i> (grande quantidade), <i>chumaço</i> (pouca quantidade).
<b>Golpe</b>	<i>Guampaço, pontaço, panaço, trompaço, balaço, canhonaço, porraço.</i>
<b>Nomina Essendi</b>	<i>Ricaço, vermelhaço, ignorantaço, estardalhaço</i> (pejorativo), <i>tolaço, atrevidaço, valentaço</i> (pejorativo), <i>malcriadaço, prudentaço.</i>
<b>Melhorativo</b>	<i>Ginetaço</i>
<b>Pejorativo</b>	<i>Madraço, meirinhaço, falaço e poetaço</i>
<b>Relacional</b>	<i>Espinhaço e cachaço</i>

Quadro 7 - Valores Semânticos do Sufixo -aço no corpus pesquisado

#### ➤ Ação ou Resultado

Neste grupo estão as palavras que possuem valor semântico de ação, as quais podem ser lida por meio das paráfrases “*ação de X*”, “*resultado/processo de X*”. Essa ideia é proveniente da base verbal dessas palavras (*andar, arrear, inchar*). Além dessa noção, essas palavras também possuem um traço de intensidade. É interessante notar

que nessas formações há uma mudança quanto à categoria gramatical, pois as palavras passam a substantivos após o processo derivativo.

### ➤ **Aumentativo**

Os aumentativos estão entre os significados mais produtivos. Nesses casos o sufixo se une a bases substantivas e significaria “X grande”, “X muito grande”. Nos vocábulos *mulataço*<sup>169</sup> e *talentaço*, além da ideia de aumentativo, o sufixo também agrega a noção de *melhorativo*, no caso da primeira palavra, atribuindo um traço positivo a base (*mulato grande, corpulento; mulato bonito*). Não se pode dizer o mesmo do significado pejorativo que está presente na palavra *ladronaço*, uma vez que a noção negativa, já estava manifesta na base da palavra derivada, portanto, não é um traço dado pelo sufixo.

### ➤ **Coleção /conjunto**

Aqui há apenas dois vocábulos: *femeação*<sup>170</sup> e *chumaço*. A primeira pode significar “conjunto de mulheres, mulherio” (Dicionário Houaiss). As duas ocorrências de *femeação* encontradas no *corpus* pertencem a Eça de Queirós, nas obras *Os Maias* e *A ilustre casa de Ramires*, das quais se extraem os exemplos:

A- “Sem sabor - resumiu André. - Poeirada horrenda, **femeação** medíocre... E já me esquecia.” (*A ilustre casa de Ramires*)

B- “E para mim, muito comido, ali ao pé do Grémio... Então não voltas cá acima, a cavaquear com o **femeação**? Até logo... Está hoje chic a valer a Gouvarinho! E está a pedir homem! Good-bye.” (*Os Maias*)

No segundo exemplo, a palavra significa também “mulher que pratica meretrício, prostituta”, definição dada como regionalismo português. Contudo, a ideia de *conjunto* não desaparece.

<sup>169</sup> Não há registro de datação no Houaiss. Assim, pode-se apontar o século XVII, já que aparece nas obras de Gregório de Matos.

<sup>170</sup> O vocábulo pode ser registrado no século XIX, já que o Dicionário Houaiss não oferece datação para esse termo.

Já em *chumaço*, é possível perceber a noção de *conjunto*, no entanto, em pequena quantidade, contrariando as noções de *grandeza* e *intensidade*, dadas por este sufixo.

### ➤ **Golpe**

Neste grupo encontram-se as paráfrases “*golpe praticado com X*”: *guampaço*, *pontaço*, *balaço*, *panaço*, *canhonaço* e *porraço* “*golpe intenso*”: *trompaço*.

### ➤ **Nomina Essendi**

Esse significado é bastante produtivo e, na maioria dos casos, o traço de intensidade está presente. Também é comum aparecer, em algumas ocorrências, o traço *pejorativo*, como nas palavras *valentaço* e *estardalhaço*, por exemplo. Em *valentaço* o traço depende do contexto no qual o vocábulo é empregado, já que, de acordo com o dicionário, esse verbete pode denotar valor positivo ou negativo. Contudo, o contexto da obra em que vocábulo foi encontrado permite dizer que o traço selecionado foi o *pejorativo*, como se observa a seguir: “*Ainda para os fundos moravam a velha mãe de Flora, com um tipo valentaço, que lhe batia diariamente*” (*A menina amarela*, João do Rio).

### ➤ **Melhorativo**

Este grupo possui apenas uma palavra *ginetaço*, a qual significa, de acordo com o Dicionário Houaiss:

1. *ginete* (“*cavalo*”) *garboso e de boa andadura*
2. *aquele que cavalga com elegância*

No contexto no qual a palavra foi empregada, pode-se perceber que o significado se aproxima da segunda acepção dada pelo dicionário:

“*E o Negrinho, de em pêlo, agarrou-se como um ginetaço.*” (*O Negrinho do pastoreio*, João Simões Lopes neto).

Nota-se que depois da sufixação houve uma derivação *metafórico-metonímica*, uma vez que, no trecho acima a palavra, não se refere ao cavalo de boa andadura, mas ao indivíduo que cavalga com elegância.

### ➤ **Pejorativo**

As palavras desse grupo apresentam sentido exclusivamente pejorativo, como as que seguem: *madracho*, *meirinhaço*, *falaço*<sup>171</sup> e *poetaço*. Em *madracho*, a base da palavra não é transparente, mas isso não impede de se ver o sufixo com a ideia de depreciação. Para Nascentes (1952), essa palavra viria do árabe *matrā* “*lugar onde alguma coisa é atirada, onde se atira o corpo, colchão*” em alusão ao hábito de quem vive deitado, sem fazer nada. A partir dessa palavra derivou-se *madraceiro*, *madracharia*, *madraceirão*.

O valor pejorativo do vocábulo *falaço* pode ser percebido na passagem: “*se o falaço dos vaqueiros na Ipueirinha não seria obra de satanás, para plantar a cizânia naquela casa*”. (*Dona Guidinha do Poço*, Manuel de Oliveira)

### ➤ **Relacional**

Há apenas duas palavras, encontradas nos textos pesquisados, que se encaixa nesse significado: *espinhaço* e *cachaço*. O valor semântico relacional é um dos significados admitidos por este sufixo em latim. No entanto, não parece ser muito produtivo em português.

Além desse significado, o sufixo em latim também denotava ideia de *pertença* e de *semelhança*, como se pode verificar nos exemplos a seguir: *capillacĕus* (como o cabelo, feito com cabelos); *gallinacĕus* (de galinha), *chartacĕus*<sup>172</sup> (de papel), *columbinacĕus* (de pomba). Atentando-se para os valores semânticos encontrados nos textos pesquisados, pode-se fazer um esquema relacionando esses dados de acordo com o século em que aparecem.

---

<sup>171</sup> Encontrada em Manuel de Oliveira (1861-1892), na obra *Dona Guidinha do Poço*, o que permite suprir a falta do registro de datação do Dicionário Houaiss, indicando o século XIX. Deve-se destacar que a obra só foi publicada depois de 60 anos da morte do autor.

<sup>172</sup> *Charta*, -æ: folha de papiro preparada para escrever.

Século	Valores semânticos
Século XIII	Coleção/conjunto
Século XIV	Coleção/conjunto; relacional
Século XV	Coleção/conjunto; relacional
Século XVI	Coleção/conjunto; relacional; <i>nomina essendi</i> e golpe
Século XVII	Aumentativo; <i>nomina essendi</i> , ação ou resultado e golpe
Século XVIII	Relacional; ação/resultado
Século XIX	Coleção/conjunto; aumentativo; relacional; <i>nomina essendi</i> e golpe; resultado, pejorativo.
Século XX	Melhorativo; aumentativo; relacional; ação, resultado de ação, <i>nomina essendi</i> e golpe.

Quadro 8 - Valores semânticos do sufixo -aço de acordo com o Século

#### 4. Análise da frequência de uso das palavras derivadas com o sufixo

##### **-aço**<sup>173</sup>

Das palavras sufixadas com o afixo estudado, 25% possuem significado de *golpe*; 21% são *aumentativos*; 17% pertencem ao grupo de *nomina essendi*; 7% de *pejorativos*; 8% *melhorativos*; 6% têm valor semântico de *coleção*; 7% são *inalterados* e 9% representam os significados de *ação*, *semelhança*, *intensidade* ou *golpe/aumentativo*, denominados de *outros* no gráfico abaixo. Esses valores semânticos foram reunidos em um mesmo grupo denominado de *outros*, como mostra o gráfico<sup>174</sup> a seguir:

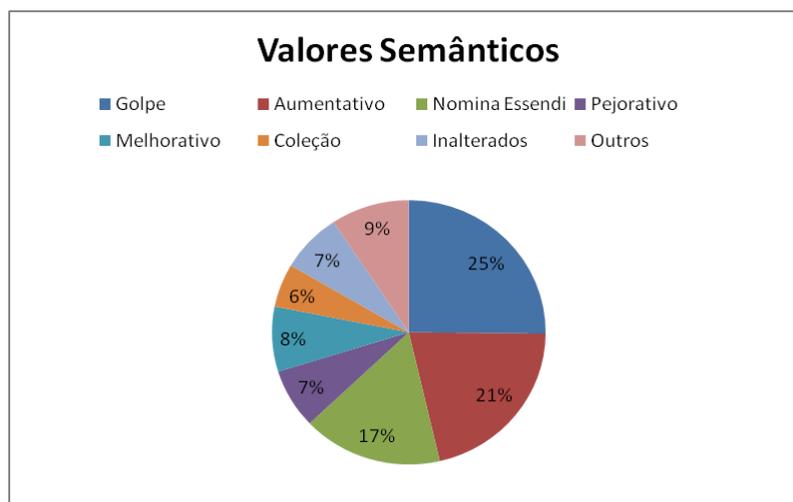


Gráfico 1 - Frequência de uso em relação ao valor semântico

As palavras do grupo dos *pejorativos* e dos *melhorativos* foram assim classificadas uma vez que a adjunção do sufixo às bases substantivas agrega apenas os significados avaliativos: *melhorativo* (traço positivo) ou *pejorativo* (traço negativo). Assim, *poetaço* nada mais é do que um “*mau poeta*” e *timaço* designa uma “*bom time*”.

<sup>173</sup> Cabe advertir que a pesquisa foi realizada apenas com o sufixo em sua forma no masculino, sendo assim, o valor total de verbetes é de 164.

<sup>174</sup> Os gráficos 1 ao 7 foram elaborados por Leandro Mariano, pesquisador do Instituto de Física da USP e integrante do Grupo de Morfologia Histórica do Português.

É interessante notar a diferença que se vê, em *doutor*aço e *mest*raço. De acordo com o DHLP o primeiro é assim definido: “homem que se cobre de ridículo ao pôr-se pretensiosamente na pele de um sábio”, portanto possuiria um traço pejorativo. Já para *mest*raço o dicionário traz: “mestre muito destro; indivíduo exímio em seu ofício; *mest*raão”, e, por isso, foi classificado como *melhorativo*.

Todavia, deve-se lembrar que o contexto é preponderante e esclarecedor nesses casos. Assim como aponta Biderman (1992:5): “Na verdade, não se consegue evidenciar claramente o significado de uma palavra, a não ser colocando-a em contexto.”

Por meio do Gráfico 1 vê-se que o significado de *golpe* (25%) ocorre em um número ligeiramente maior de palavras do que o valor *aumentativo* (21%). Esse fato chama bastante atenção, principalmente, ao se considerar a proposição feita por Malkiel, o qual afirma que o afixo *-aço*, com sentido de *golpe*, seria restrito ao espanhol.

Ao analisar os vocábulos, com valor de *golpe*, nota-se que algumas foram formadas no espanhol, como mostrou a exposição feita na Seção 2. Portanto, não se pode facilmente concluir que esse significado seja, realmente, produtivo em português.

Para tentar averiguar essa informação realizou-se uma pesquisa da frequência de uso dessas palavras no português atual, utilizando textos disponíveis na *internet*. Sabe-se que textos da *internet* não constituem propriamente um *corpus*, no entanto, pode constituir-se como uma boa ferramenta para a verificação da frequência de uso. Isso porque essa base é composta por variados tipos textuais, incluindo os mais informais, nos quais o sufixo pesquisado é muito comum.

Essa análise baseia-se na comparação entre as frequências de uso das palavras sufixadas com *-aço* e da frequência dos verbetes do Dicionário Houaiss. A frequência foi estimada a partir de páginas da *internet*, escritas em português. As palavras foram classificadas quanto à frequência em *Raríssimas*, entre 0 e 10 ocorrências; *Incomuns*, de 10 a 200; *Comuns*, de 200 a 20 mil ocorrências e *Frequentes* acima de 20 mil<sup>175</sup>. Assim foi possível comparar a frequência das palavras de acordo com os significados que possuem.

<sup>175</sup> Apesar de parecer arbitrário, essa divisão foi criada para que cada conjunto – *raríssimas*, *incomuns*, *comuns* e *frequentes* – contivesse aproximadamente 25% das palavras do dicionário.

Realizou-se uma comparação entre a frequência de uso em relação ao valor semântico<sup>176</sup>. O gráfico abaixo mostra como é a frequência de uso dos vocábulos com o valor semântico de golpe:

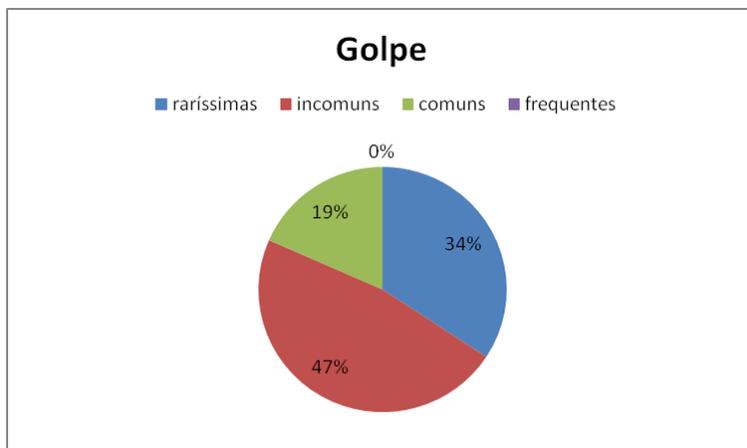


Gráfico 2 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico de golpe

Como mostra o gráfico 5, 34% dessas palavras são *raríssimas*, o que significa dizer que aparecem no máximo dez vezes em todos os textos pesquisados. São *incomuns* 47% desses vocábulos e 19% são palavras *comuns*, ou seja, aparecem entre 200 e 20 mil vezes. No entanto, nenhuma palavra foi considerada *frequente*. Isso indica que a maior parte dessas palavras (81%) não passa de 200 ocorrências, número bastante reduzido se se considerar o tamanho da base pesquisada.

O gráfico subsequente mostra a frequência de uso das palavras em que o sufixo atribui significado de aumentativo:

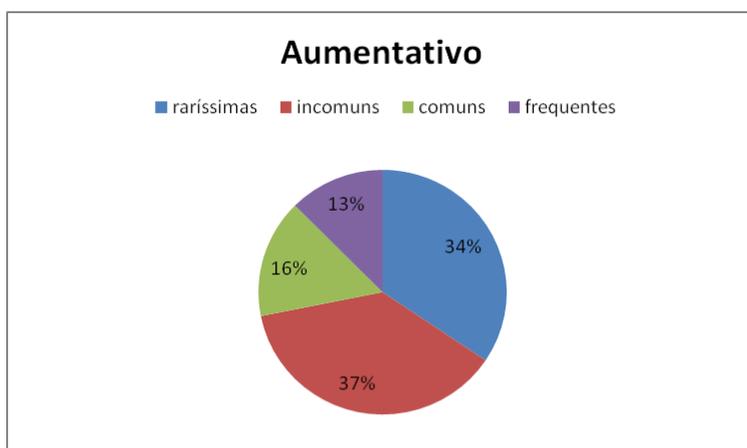


Gráfico 3 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico aumentativo

<sup>176</sup> Só não foram feitos gráficos para os valores *inalterados* e para os valores que foram reunidos sob a denominação de *outros*.

Como o valor de golpe, 34% dos *aumentativos* está na faixa de frequência *raríssima*. O número das palavras consideradas *incomuns* é menor (37%) em relação ao Gráfico 2. São *comuns* 16% e 13% são *frequentes*.

Esses números mostram que as palavras derivadas com o sufixo *-aço*, que possuem significado *aumentativo* são mais frequentes do que as palavras com o valor semântico de *golpe*. Desse modo, nota-se que, apesar de, no Dicionário Houaiss, este significado ocorrer em um número maior de verbetes, isso não se reflete no uso.

Esses dados podem indicar que o sufixo com o valor de golpe não seria próprio de formações em português. A criação de palavras com esse significado nesta língua pode dever-se a analogia feita por meio dos vocábulos adaptados do espanhol.

A alta frequência de uma dessas palavras pode ter contribuído para as formações com valor de *golpe* em português. Assim, a produtividade não se deve ao sufixo, e sim a frequência de uma palavra adaptada<sup>177</sup>. O processo da analogia explicaria também a criação de palavras com sentido de *ação/manifestação* observadas em *panelaço* e *buzinaço*.

Sabe-se que o vocábulo *panelaço* é uma adaptação da palavra espanhola *cacerolazo*. Talvez a produtividade desse valor semântico tenha sido motivada, pelo menos inicialmente, por essa formação. Essa palavra surgiu no Chile, onde teve lugar, no ano de 1971, a primeira manifestação desse caráter. Anos mais tarde, alguns países sul-americanos também reproduziram manifestações semelhantes, como ocorreu no Uruguai, Venezuela e Argentina. Esses protestos, que se tornaram tão frequentes nestes países, acabaram influenciando formações linguísticas parecidas em português.

Nos últimos anos essa palavra tem sido cada vez mais usada, tanto para designar as manifestações ocorridas, principalmente na Argentina, como também para se referir às manifestações acontecidas no Brasil. A partir da grande frequência que esta palavra alcançou, outras foram criadas, como foi o caso de *buzinaço*, *apitaço*, *cadeiraço*. Apenas a primeira dessa sequência é registrada pelo dicionário, sendo registrada em 1985. No entanto, para *panelaço* não há datação. Contudo, é razoável pensar que *panelaço*, por ter uma grande frequência de uso (32.900 ocorrências) tenha influenciado

---

<sup>177</sup> Não se apontou aqui a frequência dessas palavras, pois esta se referiria a uma frequência de uso atual, não representando assim o uso que poderia ter determinado a influência desses vocábulos na criação de palavras com significado de *golpe* no português.

a criação das demais palavras. Em pesquisas feitas em sites da internet<sup>178</sup>, *apitação* ocorre 28.600 vezes, e *apitação*, aproximadamente, 1.000 vezes.

A palavra *cadeiraço* já se mostra polissêmica, uma vez que pode designar uma manifestação de *cadeirantes* (*usuários de cadeiras de rodas*) em busca de seus direitos de acessibilidade em locais públicos. Mas também pode se referir a outra manifestação, a qual é feita por estudantes em períodos de greve com a intenção de bloquear a passagem para as salas de aulas.

Outro grupo bastante numeroso é o das palavras que atribuem valor de *nomina essendi*. Considerando os valores semânticos encontrados no dicionário, esse significado ocorre em 17% das palavras derivadas com *-aço*. Para este grupo também foi realizada uma análise da frequência de uso, a qual pode ser vista no gráfico abaixo:

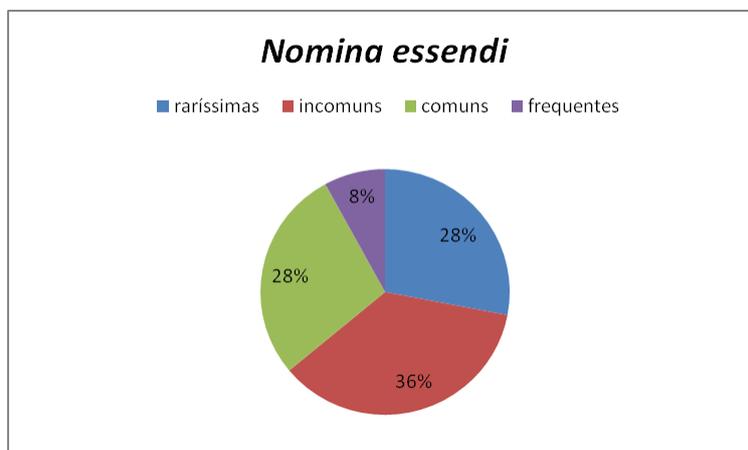


Gráfico 4 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico de *nomina essendi*

Esse gráfico aponta que o valor *essivo* também é mais frequente do que o de *golpe*, apesar de estar em menor número no dicionário. Basta observar a faixa das palavras classificadas como *comuns* e *frequentes* dos dois gráficos para se perceber essa informação. Enquanto 28% dos vocábulos com valor de *nomina essendi* são *comuns*, apenas 19% estão nessa mesma faixa no caso daquelas com significado de *golpe*. E, como se viu, nenhuma palavra com valor de *golpe* foi considerada *frequente*, enquanto que 8% das palavras com significado de *nomina essendi* aparecem mais de 20 mil vezes nos sites pesquisados.

Também foram feitas análises para se verificar a frequência de uso dos vocábulos que apresentam valor semântico de *coleção*, de *melhorativos* e de

<sup>178</sup>Pesquisas realizadas em 17/12/2008

pejorativos. O primeiro gráfico mostra a relação entre a frequência de uso e os vocábulos com significado *melhorativo*.

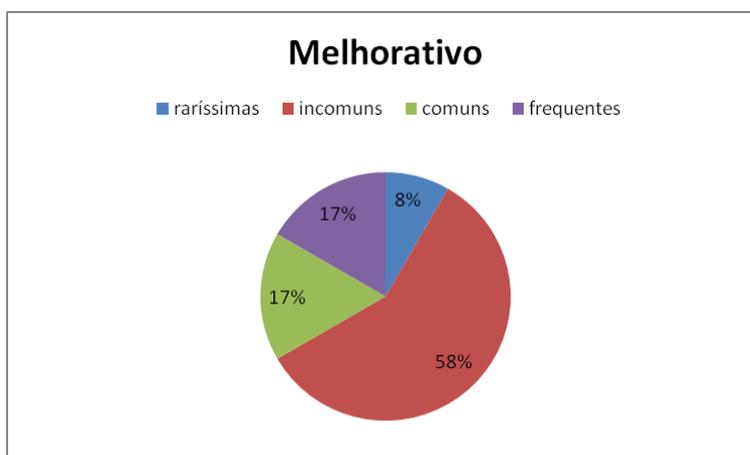


Gráfico 5 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico melhorativo

Apenas 8% dessas palavras são *raríssimas*, no entanto a maioria está concentrada na faixa de palavras *incomuns*, indicando que aparecem no máximo 200 vezes. Mas deve-se perceber que 34% estão entre as faixas *comuns* e *frequentes*, número bastante expressivo.

O gráfico da frequência de uso das palavras com significado *pejorativo* é muito semelhante ao do *melhorativo*.

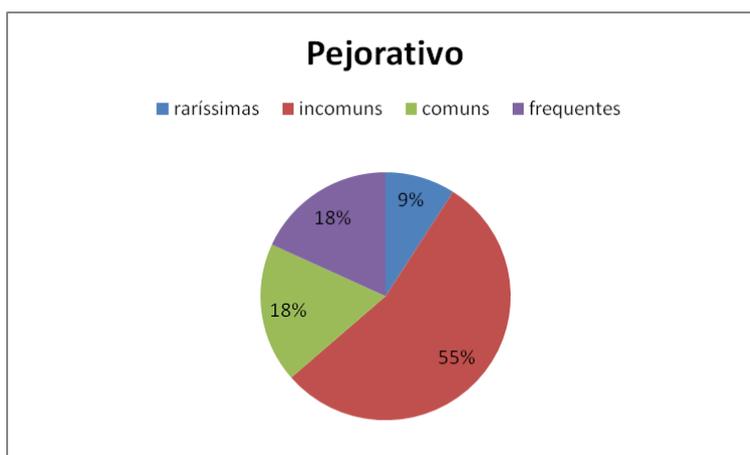


Gráfico 6 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico pejorativo

Como se pode notar a maioria dessas palavras ocorre no máximo 200 vezes. Entretanto, 36% são *comuns* ou *frequentes* (18% cada uma).

O último gráfico a ser apresentado se refere à frequência de uso das palavras que possuem valor semântico de *coleção/ conjunto*.

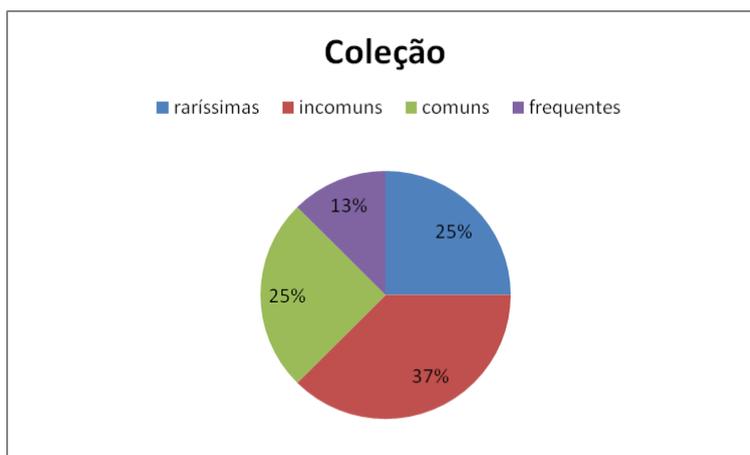


Gráfico 7 - Faixas de frequência de uso em relação ao valor semântico de coleção

Assim como os dois últimos gráficos, a distribuição entre as faixas é bastante semelhante, com a maior parte (62%) concentrada entre as faixas *raríssima* e *incomum* e 38% entre as faixas *comum* e *frequente*.

Desse modo, é possível dizer também que as palavras com significado de *coleção*, *melhorativo* e *pejorativo* são mais frequentes do que as palavras que apresentam sentido de *golpe*, uma vez que apenas 19% dessas estão na faixa *comum*.

A explicação para a polissemia desse sufixo, calcada em uma relação de homonímia, proposta por Malkiel (1959), explicaria a baixa frequência de uso do significado de *golpe* em português, já que para o autor esse valor seria restrito ao espanhol. Contudo, deve-se atentar para a incongruência morfológica que tal hipótese produz.

De acordo com Malkiel (1959), os homônimos teriam se originado a partir dos sufixos latinos *-acĕu*, criando nomes de *golpe* e *-ātīo*, formando nomes aumentativos. No entanto, em português, nas palavras que apresentam origem latina, o sufixo remete ao *-acĕum* ou *-aciūm*, como se viu nas palavras *chumaço* (*plumaciūm*) e *sedaço* (*setacĕum*).

Mais pertinente ainda é o fato de a homonímia não ser verificada em português, já que sufixo *-ātīo*, no nominativo, não produz nenhuma derivação em *-aço*. Já a forma

*-ātio, ōnis* evolui para sequência final *-ção*<sup>179</sup>, como demonstram os vocábulos: *probatio, -ōnis* > *provação*, *vocatio, -ōnis* > *vocação*, *medicatio, -ōnis* > *medicação*, *dedicatio, -ōnis* > *dedicação*, *conturbatio, -ōnis* > *conturbação*, *vulneratio, -ōnis* > *vulneração*.

Desse modo, a hipótese de Malkiel (1959), em termos semânticos, seria aceitável, no que se refere à questão dos valores de golpe. Entretanto, não esclarece, satisfatoriamente, questões morfológicas envolvidas nesse processo.

---

<sup>179</sup> Vale destacar o comentário de Pharies (2002: 113), feito em nota de rodapé, em relação ao étimo proposto por Malkiel: “*concretamente, el nominativo -atio, etimo para el cual Malkiel apenas encuentra ejemplos. En su forma acusativa -atione produce esp. -azón*”.

## **5. Genealogia: desenvolvimento semântico do sufixo -aço.**

Com base na análise dos dados extraídos do Dicionário Houaiss e nas informações conseguidas por meio da pesquisa em *corpus*, propôs-se uma hipótese de genealogia para o sufixo -aço, a qual será representada por meio da Figura 4.

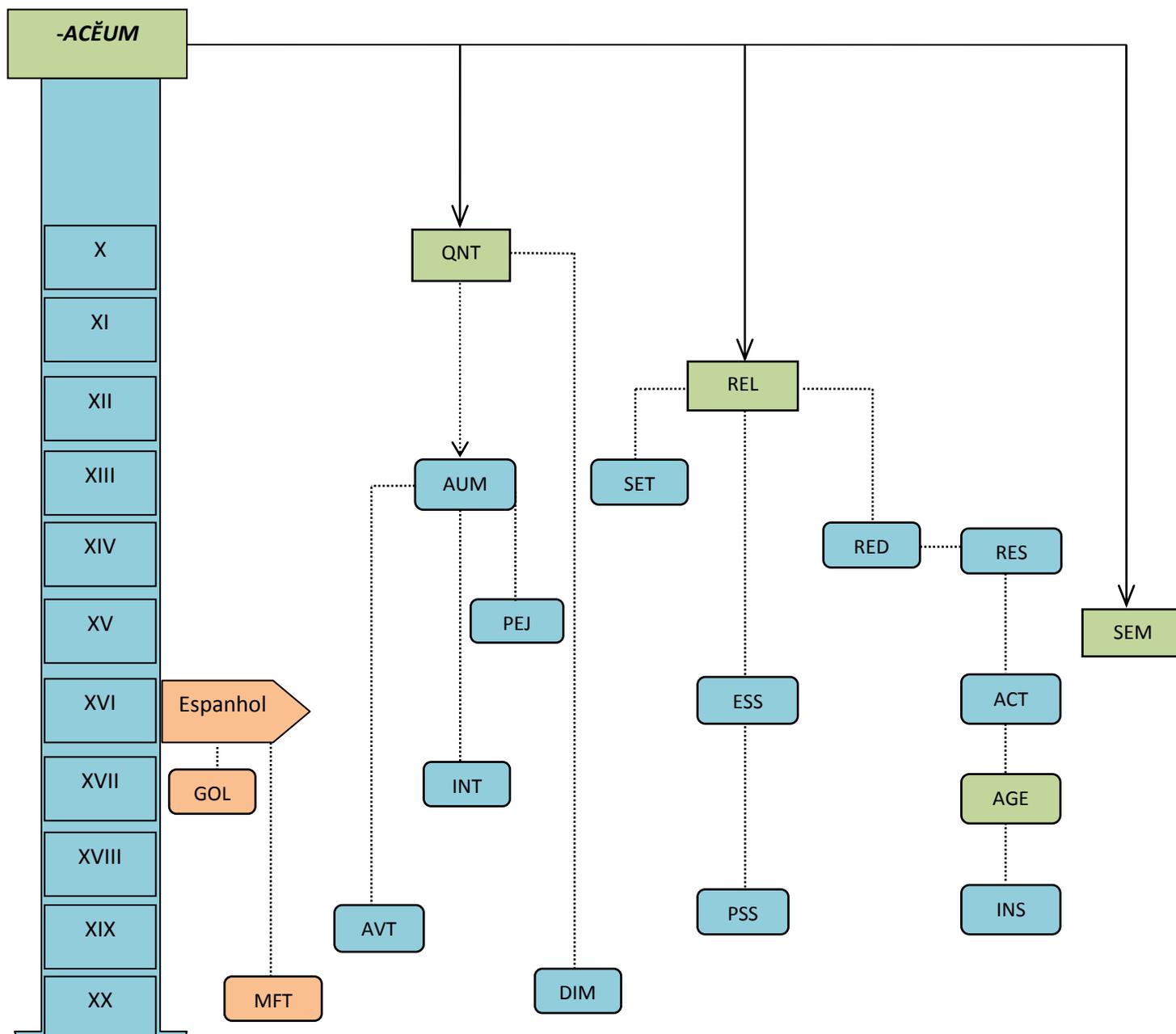


Figura 4 - Proposta de Genealogia do sufixo -aço

Legenda

ACT – ação  
 AFT – afetivo  
 AGE – agentivo  
 AUM – aumentativo  
 AVT – avaliativo  
 DIM – diminutivo  
 ESS – *nomina essendi*  
 GOL – golpe

INS – instrumento  
 INT – intensidade  
 MEL - melhorativo  
 MFT - manifestação  
 PEJ – pejorativo  
 PRD – produzido com x  
 PSS – posse  
 QNT – conjunto de x

RED – residual  
 REL – relacional  
 SEM – semelhança  
 SET – semente  
 Valores no latim –    
 Valores no português –

O valor semântico de conjunto foi o primeiro a aparecer em português e como se viu já estava presente em latim. A partir da noção de quantidade podem-se depreender os significados dimensionais. A passagem à noção aumentativa é mais compreensível, no entanto, o diminutivo pode prender-se ao valor de quantidade, principalmente, se se lembrar a aceção da palavra *chumaço* em português “*pequena porção compactada de material mole e flexível.*”

Do valor aumentativo desenvolvem-se as noções avaliativas (melhorativo e pejorativo), além do valor de intensidade. Outro feixe de significados origina-se a partir do valor *relacional* também presente no latim. Dele provêm os significados de *posse*, *nomina essendi*, *semente de X* e *residual*.

O significado de *resultado de ação* foi associado ao valor residual, já que, como se viu, nele está contida a ideia da realização de um processo/ação, cujo resultado designa o objeto descrito (vide exposição desse valor semântico, Seção 2). Esse é um ponto crucial no desenvolvimento semântico desse sufixo, uma vez que, no latim, *-acĕum* não aparecia ligado a bases verbais. Portanto, a evolução de residual a resultado de ação criaria um novo feixe de significados relacionados ao valor de ação. Assim, do valor agentivo pode-se, facilmente, depreender o valor semântico de instrumento.

Deve-se explicar também o surgimento do valor de golpe em português. Geralmente, esse valor aparece associado a grupos de ação, pois frequentemente envolvem verbos na construção de suas paráfrases: “*golpe praticado com X*”, “*golpe praticado em X*”. Contudo, de acordo com as proposições de Pharies (2002), o valor de golpe se desenvolve a partir de bases substantivas que designam objetos com os quais se pode golpear. Esses valores foram filiados ao espanhol, visto que os registros de datação apontam para essa hipótese. Ademais, como se viu na análise da frequência de uso, esses significados são mais comuns nessa língua. Do mesmo modo, também se filiou ao espanhol o valor de “*manifestação produzida com X*”.

## 6. Sufixo -uço: raízes latinas e influência do formante -aço

Segundo Nunes (1945: 394) esse afixo teria surgido a partir de -aço. Contudo, é preciso considerar sua presença no latim e seus resquícios no português. O -uço possui uma história anterior a essa alteração -aço > -uço. Prova disso está no fato de que esse elemento formativo está presente em outras línguas românicas como italiano, espanhol e catalão, por exemplo.

Esse afixo é continuação da terminação latina *-uceum*, como aponta Tekavčić (1972), ao falar sobre os formantes *-uccio* e *-uzzo* no italiano. Do latim, podem-se citar as palavras *pannūcĕa* ou *pannūcĕus*<sup>180</sup> (*remendado; enrugado; engelhado*), *sambūcĕus* (*sabugueiro*), *glaucĕus* (*sobrenome*), *cādūcĕus* (*caduceu*).

Como se viu, o sufixo português -aço originou-se a partir do elemento formativo latino *-aceum*. Quanto ao significado, ambos os sufixos atribuíam noção de semelhança ou pertença em latim. Entretanto, diferentemente, do -aço(a), o -uço(a) é bem mais restrito tanto em português quanto nas demais línguas em que sobreviveu.

Em Monteiro (2002:167) encontram-se informações a respeito dos três afixos aparentados em português, -aço(a); -iço(a); -uço(a). O autor aponta que esses formantes possuem diversas acepções, entre elas, registra: intensidade: *ricaço*<sup>181</sup>; grandeza: *mulheraço*; pequenez: *caniço*; tendência, possibilidade: *quebradiço*; depreciação: *dentuça*. Esse último significado é uma característica marcante desse sufixo. O traço pejorativo pode vir em conjunto com outro significado como ocorre em *dentuço*, ou pode aparecer isoladamente. Nesse caso não constitui somente um traço, mas passa a figurar como valor semântico, como se pode verificar em *vinhuça* (“vinho ordinário”).

<sup>180</sup> As palavras citadas e suas acepções foram extraídas do *Dictionnaire latin-français* (Gaffiot, F Paris: Hachette, 1934).

<sup>181</sup> Neste trabalho considerou-se o vocábulo *ricaço* como pertencente ao grupo denominado *nomina essendi*, como se viu anteriormente. Na introdução desse trabalho também se pode encontrar a explicação para a adoção desta postura.

No desenvolvimento da terminação *-uço(a)*, também se devem considerar as terminações latinas *-utiō*<sup>182</sup> e *-utĕa*, já que, em alguns casos, evoluíram foneticamente para *-uço*. As palavras *louça* e *aguça* são exemplos da evolução dessas terminações. O primeiro exemplo possui origem duvidosa, segundo Dicionário Houaiss, mas ainda assim, propõem-se dois étimos possíveis - *lutĕa*<sup>183</sup> “*de barro*” e *lautĭa*<sup>184</sup> “*objetos postos à disposição de um hóspede*”. Já *aguça* viria do latim vulgar *\*acutĭa* “*agudeza, fervor, pressa*”.

A sequência latina *t + i*, precedida de vogal, não se desenvolveu regularmente (Williams, 1975:90), sendo assim, podem-se encontrar resultados diferentes em português, gerados por essa mesma sequência fonética do latim, como se pode verificar nos exemplos citados pelo estudioso:

- (vogal) + *t + i* > *z*: *pretiāre* > *prezar*; *ratiōnem* > *razão*; *uītĭum* > *vezo*
- (vogal) + *t + i* > *ç*: *palatĭum* > *paço*; *platĕam* > *praça*; *oratiōnem* > *oração*

Desse modo, há de se considerar essas terminações no estudo do sufixo *-uço*.

---

<sup>182</sup>Essa terminação no acusativo, isto é, *-utiōnem*, gera, em muitos casos, no português a forma *-ução*, como nos exemplos: *alocução* < *allocutiō*, *ōnis*; *devolução* < *devolutiō*, *ōnis*; *persecução* < *persecutiō*, *ōnis*.

<sup>183</sup>Dicionários de espanhol como o do Corominas (1991), *Diccionario clave de la lengua española* e o da Real Academia Espanhola propõem o étimo *lautĭa*. O que parece ser mais provável também no caso do português, já que *lūtĕa* poderia seguir a mesma evolução vista nas palavras latinas *plūtĕa* e *plūtĕum*, as quais evoluíram foneticamente para *choça* e *poço*. (Williams, 1975:90)

<sup>184</sup>Para Torrinha, no *Dicionário latino – português* (1945), o vocábulo significa “*presentes dados aos embaixadores romanos*”.

## 7. Análise dos verbetes do Dicionário Houaiss

Tomando como base as informações dispostas no Dicionário Houaiss é possível fazer algumas considerações a respeito do sufixo *-uço* em língua portuguesa, no que se refere aos aspectos morfológicos e semânticos.

Ao todo essa terminação está presente em 66 verbetes desse dicionário<sup>185</sup>. Desse total, 22 palavras há um afixo derivacional. Os demais verbetes distribuem-se da seguinte forma:

- Em 25 verbetes há apenas uma terminação coincidente (falso sufixo). Exemplos: *ruço* < *rosçidum* (latim); *calabouço* < *calabozo* (espanhol); *cadouço* < *cadozo* (espanhol); *embuço* < *embuçar* etc.

- Em seis casos há vocábulos compostas. Exemplos: *garda-louça*; *água-ruça*; *quebra-louças*; *fulano-dos-anzóis-carapuça*; *zé-dos-anzóis-carapuça* e *capela-carapuça*.

- Em quatro casos há formas variantes: *merluça* (*merluz*), *retouça* (*redouça*), *saluço* (*soluço*), *menstruço* (*mastruço*).

- Três palavras são flexões de outras entradas desse dicionário. Esse é o caso de *carapuço* (*carapuça*); *dentuças* (*dentuça*) e *ouça* (*ouvir*).

- Em três verbetes não há informação etimológica, sendo classificados como de origem obscura, como: *bruços*<sup>186</sup>, *alcouço* e *garruço*<sup>187</sup>.

Como se viu, esse afixo pode atribuir outros significados, além do valor aumentativo. O quadro subsequente ilustra os valores semânticos e paráfrases possíveis em português.

<sup>185</sup> Duas entradas são a representação dos sufixos *-uço* e *-uça*.

<sup>186</sup> Para Machado (1952: 411) a expressão adverbial *de bruços* “*boca abaixo*” seria o cruzamento da palavra basca *buruz* “*de cabeça*” e do árabe *būç* ou *būs* “*beijo de cortesia*”. Corominas (1991: 677-679) rejeita essa etimologia, já que o resultado da transformação da palavra basca seria *\*buruces*, não havendo razão alguma para a queda do primeiro *-u*. Ele argumenta em favor do étimo *de buz*, e este, possivelmente, seria variante de *bozo*. O autor admite como possível o cruzamento com os termos *embrocar*, *debrocar* ou *de borco*, cujo significado é o mesmo que *de bruços*, também em português.

<sup>187</sup> Apesar de não haver no Dicionário Houaiss indicações a respeito da origem dessa palavra, a pesquisa realizada em outros materiais e a posterior análise semântica, possibilitaram a inserção desse verbete entre as formas derivadas. Assim, essa palavra também aparece contabilizada entre aquelas que serão efetivamente analisadas.

Valor semântico	Vocábulos
Agentivo	<i>Pinguço</i>
Aumentativo-intensivo	<i>Aranhuço</i>
Conjunto/ quantidade	<i>Pedrouço, gentuça</i>
Instrumento	<i>Carduça</i>
<i>Nomina essendi</i>	<i>Magruço, feduço, ricouço, ricalhouço</i>
Pejorativo	<i>Vinhuça, ganhuça</i>
Posse	<i>Dentuço</i>
Quantidade locativa	<i>Manhuço</i>
Semelhança	<i>Neguça</i>
Tipo/espécie	<i>Carapuça, garruço, medouço, rodouça</i>

Quadro 9 - Valores semânticos do sufixo -uço(a)(s)

Para além desses valores, Skorge (1958: 49-50) aponta que *-uço* também apresenta significado de diminutivo e cita a palavra *palhuço*, a qual não consta no Dicionário Houaiss, motivo pelo não foi incluída no quadro acima. Entretanto, esse dicionário registra *palhiço* “feito de palha; palha miúda, quebrada e moída; palha ordinária”, que segundo a autora, possui o mesmo significado que *palhuço* no Minho e no Alentejo. O fato de dicionários brasileiros não apresentarem essa palavra, indica que esse valor semântico não é comum no afixo *-uço*.

Chama a atenção o fato de o sufixo apresentar uma grande variedade semântica, apesar de aparecer em um número reduzido de palavras. O afixo desenvolveu diversas funções semânticas em português, unindo-se a bases substantivas (*dente* > *dentuço*, *vinho* > *vinhuço*, *pedra* > *pedrouça*, *aranha* > *aranhuça*), adjetivas (*magro* > *magruço*, *rico* > *ricouço*, *ricalhouço*) e verbal (*feder* > *feduço*).

Além disso, o valor aumentativo, pelo qual esse afixo é sempre lembrado pelas gramáticas e materiais especializados, torna-se menos aparente, sendo, de certo modo, obscurecido pelos outros significados que apresenta. Isso porque o aumentativo constitui-se como valor semântico em apenas uma palavra como se viu no Quadro 9. Outros vocábulos que poderia também ser classificados como aumentativos, como é o caso de *ricouço*, por exemplo, são descritos como *nomina essendi*, interpretados pela paráfrase “que é muito X”, sendo assim o valor aumentativo é apenas um traço nessa formação. O mesmo ocorre nos derivados coletivos e no valor agentivo, nos quais a ideia de intensificação ou aumento está presente apenas como traço.

Novamente, pode-se ver a alteração do gênero, após a derivação sufixal de função aumentativa. No caso das palavras *pedrouço*, *rodouça* e *medouço*, o sufixo

poderia ter-se apresentado na forma feminina, já que *-uço* ou *-ouço* são elementos formativos biformes. Entretanto, nas palavras *aranhuça* e *carduça*, o gênero da base é preservado. Essa característica vista nos sufixos de função aumentativa foi observada por Sandmann (1989:33-34) o qual acredita que o gênero masculino se presta melhor para a denotação de nomes aumentativos.

Algumas palavras constantes no Quadro 9 carecem de um maior detalhamento quanto a sua formação e/ou significados. Portanto, esses vocábulos serão apresentados separadamente, de acordo com o seu grupo semântico.

## 7.1. Descrição dos grupos semânticos

### ➤ Classes de ação

O primeiro grupo a ser tratado é o de ação, o qual inclui os valores semânticos de *agetivo* e de *instrumento*. No caso dos vocábulos *pinguço*, no qual o afixo foi descrito com valor *agetivo* e *carduça*, interpretada como valor *instrumental*, não há problemas quanto a sua formação, uma vez que os componentes lexicais não são opacos. Desse modo, pode-se, facilmente, apontar sua estrutura vocabular: *ping-* + *-uço* = *pinguço* e *card-* + *-uça* = *carduça*. Nos três casos ocorreu o mesmo fenômeno fonético - a apócope, o qual é bastante comum na derivação sufixal.

Já quanto ao significado, é preciso fazer algumas considerações a respeito da palavra *carduça* que, como se viu, a partir da base *carda*, a qual descreve *o ato ou efeito de cardar, cardação, cardada, cardadura, cardagem*, descreve, portanto, o processo. A união do sufixo confere o significado de *instrumento*, designando *instrumento rústico usado nas primeiras cardaduras de lã, algodão ou linho*.

### ➤ Relacionais

No grupo relacional encontram-se os seguintes valores semânticos: *posse, semelhança, quantidade locativa, nomina essendi, conjunto/coleção* e *tipo/espécie*. O significado de *posse* pode ser observado em *dentuço*, que designa *um indivíduo que possui dentes sobressaídos*. Assim, esse verbete não apresenta dificuldade de análise

semântica nem morfológica, já que o mesmo processo, apócope, ocorre na formação dessa palavra.

O vocábulo *neguça*, apontada com valor semântico de semelhança, designa uma ave, *saíra-negaça*, e em sua acepção é possível verificar a presença desse significado:

- **Saíra-negaça:** “*saíra amazônica (Tangara punctata), encontrada no alto das árvores, que atinge 12 cm de comprimento e possui plumagem verde com as penas da região anterior do corpo manchadas de negro, de aparência escamosa e loros negros*”.

Segundo o Dicionário Houaiss, o vocábulo teria sido formado a partir de uma base *nego* + *-uça*, entretanto, é mais provável que o segundo elemento da palavra composta, isto é, *negaça* tenha servido de base para essa formação, com a comutação do sufixo.

O valor semântico de *quantidade locativa* está presente no vocábulo *manhuço*, o qual se refere à *quantidade de coisas que pode caber na mão*. De acordo com a etimologia proposta pelo Houaiss, essa palavra seria formada pela alternância de *maunça*<sup>188</sup>, a qual, por sua vez, viria do latim *manutĭa*. As datações dos verbetes colaboram para essa hipótese, já que a palavra sob análise aparece datada em 1899, enquanto que *maunça* já é registrada em 1716, pelo *vocabulário português e latino* de Raphael Bluteau. Nesta obra o autor explica o primeiro sentido do vocábulo: “*Maunça de trigo ou cevada é uma mancheia de espigas que se apanham de uma a uma, na relva e se vão juntando na mão até não caberem nela, depois se torcem e se atam para que não caiam*”<sup>189</sup>.

As palavras *garruço* e *carapuça*, interpretadas pela paráfrase “tipo de x”, merecem maior detalhamento no que se refere à sua formação. A palavra *garruço* apresenta problemas quanto sua origem, sendo apontada pelo dicionário Houaiss como de origem obscura. Embora não seja possível precisar sua proveniência, pode-se correlacionar algumas informações encontradas a respeito desse vocábulo.

Encontrou-se descrito no *Prontuário ortográfico e guia da língua portuguesa* (1960) a palavra *garruço* como definição de *carapuço*, de modo semelhante do que ocorre no Dicionário Houaiss, em que a definição de *garruço* é dada pela remissão direta à *carapuça*, havendo apenas a ressalva de que se trata de um regionalismo de Portugal. Mais revelador é o título do livro, escrito por Guilherme Felgueiras, *Do gorro da nobreza ao garruço da plebe*, em que fica bastante nítido o traço de depreciação,

<sup>188</sup> Ocorre alternância semelhante com os vocábulos *ganhuça* /*ganhunça*.

<sup>189</sup> Transcrição atualizada do verbete.

criado pela oposição das classes sociais. Desse modo, pode-se perceber que ambas as palavras estão inseridas no mesmo campo semântico, já que designam o mesmo objeto.

Já quanto à formação, é possível apenas apontar alguns indícios, levando em conta vocábulos, formal e semanticamente, semelhantes. Algumas hipóteses podem ser consideradas. A primeira relaciona *garruço* à palavra *gorro* “cobertura de cabeça, de tecido flexível, malha ou pele, ajustado à cabeça, sem aba, podendo cobrir as orelhas”. A mudança da vogal inicial pode ser explicada por dissimilação e, posteriormente, a adição do sufixo *-uço*, com significado pejorativo. Assim *gorro* > *garruço*.

A segunda hipótese considera como base da derivação o vocábulo *garrir*, quando apresenta o seguinte significado “trajar-se com garridice; pavonear-se”. Essa acepção apresenta-se de modo pejorativo, assim como *garruço*. Dessa forma seria assim representado *garrir* > *garruço*. Embora o dicionário não especifique a conotação depreciativa, em sua apreciação sobre o uso do verbete, sua definição deixa entrever esse traço.

É importante ressaltar ainda que, em francês, *gorre* significa também “ vaidade, luxo, elegância”, indicando que pode ter ocorrido a atuação de uma antífrase na construção do vocábulo português. Isso é possível, visto que a língua francesa, como se sabe, exerceu forte influência em relação a várias línguas, inclusive, sobre o português.

No valor semântico designado como *conjunto/coleção* tem-se os vocábulos *gentuça* e *pedrouço*. Esse último exemplo será tratado separadamente, na Seção 2.2. Quanto à *gentuça*, é preciso ressaltar que o vocábulo possui conotação marcadamente pejorativa, sendo atestada pelo dicionário em sua descrição quanto ao uso. O Houaiss não define a palavra *gentuça*, faz uma remissão direta à *gentança*, verbete que descreve como *conjunto de pessoas pertencente às camadas mais baixas da sociedade*. A palavra, portanto, possui valor semântico de coletivo/ conjunto, mas mantém entre os seus componentes significativos o traço pejorativo.

A paráfrase “que é X” abarca os vocábulos *magruço*, *feduço*, *ricouço* e *ricalhouço*. Assim, como o verbete *pedrouço*, os dois últimos vocábulos citados serão analisados posteriormente. Em *magruço*, pode-se ver claramente o significado do sufixo acoplado ao adjetivo *magro*. Contudo, novamente o Dicionário Houaiss define o verbete por meio da remissão direta feita às palavras *magrete* “um pouco magro” e *magricela* “que ou aquele que excessivamente magro e, em geral, também pálido”. Já *feduço* é definido como regionalismo e significa “aquilo que é maçante, enfadonho, aborrecido”.

A palavra formou-se a partir da base *feder*, no sentido figurado de “causar aborrecimento, enfadar”.

### ➤ Avaliativos

Pode-se citar aqui a palavra *vinhuça* “vinho ordinário” e *ganhuça*<sup>190</sup> “lucro, vantagem, ganhunça”. A primeira possui também outras acepções, como “grande quantidade de vinho” e *ato ou efeito de embriagar-se; bebedeira*. Contudo, optou-se por classificá-la como significado pejorativo, uma vez que essa é a primeira acepção apresentada pelo Houaiss. Deve-se ressaltar que esse dicionário registra também o verbete *vinhaça*, cujos significados são idênticos aos vistos em *vinhuça*, o que pode indicar que essa seja apenas uma forma derivada / adaptada daquela, com objetivo de buscar maior expressividade. Em pesquisas realizadas em *sites* de busca da *internet*, constatou-se que a forma *vinhaça* é muito mais comum (41.600 ocorrências) que *vinhuça* (4 ocorrências). Isso pode indicar que seja criação específica de um autor ou termo específico em alguma obra.

Já *ganhuça* é classificada pelo dicionário, quanto ao uso, como de sentido pejorativo. Esse parece ser a única diferença em relação ao verbete *ganho* “o que se ganhou, lucro, vantagem”. O dicionário também registra como sinônimo para lucro as palavras *ganhamento* (1450-1516) *ganhança* (1634) e *ganhame*. Contudo, apenas o verbete *ganhuça* traz a indicação de seu valor pejorativo. Isso mostra que, para além da função expressiva, exercida pelo sufixo na inovação vocabular, vê-se que o afixo contribui com valor semântico pejorativo.

### ➤ Dimensão

Como se viu, somente *aranhuço* pode ser lida como aumentativo-intensivo, compondo o significado essencial da palavra e não apenas um traço, como traz sua acepção “*aranha muito grande*”. O Dicionário Houaiss apresenta o verbete como aumentativo irregular de *aranha*, indicando a oposição da formação do diminutivo, também irregular, construído com o sufixo *-iço*.

---

<sup>190</sup> Em italiano, encontrou-se termo semelhante, o qual compartilha a mesma noção pejorativa – *Guadagnuccio*.

Abaixo se podem encontrar os significados organizados de acordo com os grupos semânticos descritos:

Grupos semânticos	Significados	Vocábulos
<b>Ação</b>	Agentivo, instrumento	<i>Pinguço, carduça,</i>
<b>Avaliativo</b>	Pejorativo	<i>Vinhuça, ganhuça</i>
<b>Dimensional</b>	Aumentativo-intensivo	<i>Aranhuço</i>
<b>Relacional</b>	Posse, <i>nomina essendi</i> , quantidade locativa, tipo, semelhança e conjunto/coleção	<i>Dentuço, magruço, manhuça, carapuça, neguça, Gentuça</i>

Quadro 10 - Grupos e valores semânticos de -uço.

Observando os significados desempenhados por este sufixo, vê-se que são quase os mesmos encontrados na análise do afixo -aço, indicando que -uço acompanhou, de certa forma, o desenvolvimento semântico daquele elemento formativo. Os dados de datação poderiam evidenciar essa afirmação. No entanto, poucas palavras com esse sufixo possuem registro de datação. Apesar disso, foi possível apontar alguns indícios de seu desenvolvimento semântico, os quais serão apresentados na Seção 7.3.

## 7.2. Idiossincrasias da língua portuguesa: o elemento formativo -ouço

Ao investigar o sufixo -uço, notou-se que algumas palavras apresentavam, na verdade, o elemento formativo -ouço(a). Uma análise superficial poderia fazer crer que a vogal -o, componente do ditongo, seria parte integrante do vocábulo-base usado na derivação, como na palavra *ricouço* < *rico*. Nesse caso, a presença dessa sequência final poderia ser explicada pela manutenção da vogal átona final (*rico* + -uço e não *ric-* + -ouço).

No entanto, como explicar porque não houve apócope apenas nesse caso, quando esse fenômeno ocorre com as outras formações, como se viu acima. Além disso, a palavra *pedrouço* levanta outros questionamentos se se mantiver essa hipótese. Isso porque a palavra derivante é *pedra*, portanto houve a apócope e, em seguida, a junção do elemento formativo -ouço. Há ainda outro exemplo que destoa da proposta *rico* + -uço. No vocábulo *marouço*, o qual designa *mar revolto; encapelado*, também fica

nítido que houve a adjunção da sequência ditongada. Esse elemento formativo<sup>191</sup> aparece em algumas outras palavras da língua portuguesa, contudo não se encontram exemplos semelhantes em italiano, espanhol, catalão nem galego. No quadro a seguir é possível observar os vocábulos com a terminação *-ouço*:

Vocábulos	Significado	Etimologia
<i>Alcouço</i>	<i>A parte que fica ao sul, o conjunto dos territórios e regiões que ficam ao sul</i>	-
<i>Arcabouço</i>	<i>Esqueleto, armação dos ossos do corpo humano ou de qualquer animal</i>	<i>Arca</i>
<i>Balouço</i>	<i>Balanço (ato)</i>	<i>Balouçar</i>
<i>Cadouço</i>	<i>Grande loca de peixes; cadoiço</i>	<i>Cadozo (espanhol)</i>
<i>Calabouço</i>	<i>Prisão subterrânea; cárcere</i>	<i>Calabozo (espanhol)</i>
<i>Marouço</i>	<i>Mar encapelado, revolto</i>	<i>Mar</i>
<i>Medouço</i>	<i>Meda de centeio</i>	<i>Meda<sub>1</sub></i>
<i>Pedrouço</i>	<i>Grande amontoado de pedras</i>	<i>Pedra</i>
<i>Retouça, redouça</i>	<i>Corda fixada pelas extremidades, às vezes provida de assento, usado como balanço</i>	<i>Retouçar</i>
<i>Ricouço, ricalhouço</i>	<i>Que é muito rico</i>	<i>Rico</i>
<i>Rodouça</i>	<i>Rosca de pano</i>	<i>Roda</i>

Quadro 11- Significados dos vocábulos com terminação *-ouço(a)*

Há ainda outras palavras que não são registradas no Dicionário Houaiss, mas constam em outros dicionários, principalmente, aquelas obras lexicográficas editadas em Portugal. Entre os exemplos, pode-se citar *tamanhouço*<sup>192</sup> (aumentativo), *morouço* (*montão, montículo*).

Essa sequência é classificada como terminação de origem obscura pelo Dicionário Houaiss e aparece descrita com *status* de sufixo em Skorge (1958: 50), que o elenca entre os afixos formados em *-ç-*, como *-aço*, *-iço* e *-uço*. Contudo, a autora não faz nenhuma referência quanto à origem dessa terminação, restringe-se à análise semântica, afirmando que *-ouço* possui significado de aumento ou coletivo.

<sup>191</sup> A maioria desses vocábulos possui variantes formadas em *-oiço*. Esse é o caso de *retoíça, ricalhoiço, ricoiço, pedroiço, maroiço, rodoiça, medoíça, baloiço, cadoiço*. Sabe-se que essa modificação e ou alternância é comum em português, principalmente, no europeu como atestam os exemplos: *tesoura / tesoura, ouro / oiro, coisa / cousa*.

<sup>192</sup> Espanhol *tamañazo* (1438)

Como se pode observar, nem todos os exemplos dispostos no Quadro 11 são derivados em *-ouço*, como ocorre em *retouça*, por exemplo, em que a terminação é fruto da derivação regressiva do verbo *retouçar*, que por seu turno, vem do espanhol *retozar*. Entretanto, ainda que palavras como essa não representem de fato o elemento formativo em questão, elas podem ajudar/auxiliar na compreensão do desenvolvimento desse formante lexical.

Desenha-se a seguir duas hipóteses que tentam explicar o surgimento desse elemento formativo. A sequência em questão poderia ser explicada pela influência de verbos que possuem a terminação *-ouçar* e que, posteriormente, sofreram derivação regressiva, como se viu em *retouça*. Nesses casos, poder-se-ia dizer que palavras como essa serviram de molde para a criação do afixo. No DHLP há 11 verbos com essa sequência final, a saber: *retouçar*, *balouçar*, *redouçar*, *rebouçar*, *bouçar*, *debouçar*, *esbouçar*, *fouçar*, *entouçar*, *arcabouçar* e *enredouçar*. Contudo, essas palavras em sua maioria aparecem sem registro de datação, o que impede a confrontação mais detalhada dos dados.

Outra hipótese se refere à influência direta de uma palavra específica. Sabe-se que, muitas vezes, um vocábulo pode exercer influência sobre uma série de outras que compartilham o mesmo campo semântico ou mesma terminação, por meio da analogia, por apresentar uma alta frequência de uso na língua.

Entre as palavras mais antigas com esta terminação estão *alcouço*, *cadouço* e *arcabouço*, as quais datam, respectivamente dos séculos XIV, XV, XVI. Já no século XVI há *marouço*, incontestavelmente formada em *-ouço*. A palavra *alcouço*, segundo o dicionário Houaiss, é de origem obscura, mas ainda que se conhecesse sua procedência, a frequência de uso dessa palavra, cerca de 500 ocorrências, não a habilitaria a exercer uma influencia sobre outras. Já o vocábulo *cadouço* apresenta frequência de uso bem mais elevada, em torno de 10.000, e provém do espanhol *cadozo*. Contudo, é *arcabouço* que apresenta a maior frequência de uso entre essas palavras e está também entre os vocábulos mais frequentes entre as analisadas em *-uço*, chegando a alcançar 320.000 ocorrências.

### 7.3. Desenvolvimento semântico do sufixo -uço e conexões com -aço.

Viu-se acima que o sufixo -uço apresenta significados bastante similares aos valores desempenhados pelo afixo -aço. Utilizando os poucos registros de datação encontrados no DHLP, chega-se sequência semântica indicada no quadro abaixo:

<b>Datação</b>	<b>Valor semântico</b>	<b>Vocábulo</b>
1452	Tipo/espécie	<i>Carapuça</i>
1543	Conjunto	<i>Dentuça</i>
1599	Pejorativo	<i>Marouço</i>
1899	Quantidade locativa	<i>Manhuço</i>
1833	Posse	<i>Dentuço</i>
1899	<i>Nomina essendi</i>	<i>Ricalhouço</i>

Quadro 12 - Desenvolvimento dos valores semânticos de -uço.

Dos significados expostos no Quadro 12, apenas “*tipo de X*” não está presente entre os valores de -aço, contudo pode ser filiado ao significado relacional, assim como se viu na análise do sufixo -ão (Capítulo 1). Ressalta-se também a inexistência dos valores de *golpe* e “*manifestação de X*”, o que pode ser mais um indício de que esses valores não são típicos do -aço.

Se se comparada ao surgimento dos valores semânticos do sufixo -aço, vê-se que os vocábulos em -uço são sempre posteriores<sup>193</sup>, o que acena para uma influência de -aço sobre seus significados.

<sup>193</sup> Vide dados da Seção 5.

## 8. A criatividade e expressividade: a derivação sufixal em -uço/ -ouço

Muitas palavras derivadas em -uço, também apresentavam variantes formadas em -aço, que são mais prestigiadas quanto ao uso, como confirmam com os pares *vinhaça/vinhuça*, *ricaço/ricouço*, *gentaça/gentuça*. Isso para não citar outras derivações, formadas com sufixos de mesma função semântica. Sabe-se que apesar serem semelhantes, quanto ao significado que atribuem às bases as quais se une, os sufixos sempre apresentam diferenças quanto aos traços semânticos ou ao uso. Assim como aponta Rio-Torto (2005: 221): “*No interior de cada paradigma os afixos que, por definição, desempenham a mesma função derivacional básica, não são absolutamente equivalentes uns aos outros. Em tese, os afixos podem ser alternantes ou concorrentes entre si.*”

Todavia, a alternância do sufixo pode apontar outras direções, como a busca por uma maior expressividade. Desse modo, o apuro semântico não seria o objetivo a ser alcançado nesses casos.

As diferentes formas aumentativas do adjetivo *rico*, por exemplo, podem ser explicadas pela busca de expressividade, conseguida pela inovação de um neologismo. Pode-se encontrar *ricalhão*, *ricalhaz*, *ricaço*, *ricouço*, *ricoço*, *ricalhoço*, *ricalhouço* e *ricalhaço*<sup>194</sup>. O fato de o dicionário, em muitos casos, utilizar a remissão direta para definir esses vocábulos indica que não há diferença semântica ou que essa não seja muito acentuada.

A baixa frequência de uso de algumas dessas palavras faz crer que essas são de uso restrito de um autor ou de uma época. Sendo assim, sinalizariam a intenção de um autor em marcar seu estilo ou em despertar a atenção do leitor, por meio do uso de neologismos ou de palavras pouco usuais. Assim como aponta Cardoso (2004: 4-5):

Os processos de formação de palavras objetivam fundamentalmente o enriquecimento do léxico de determinada língua. Entretanto, não se pode negar

<sup>194</sup> As palavras citadas foram extraídas de *sites* escritos em língua portuguesa, em pesquisa feita em 03/2010. Desse modo, também foi possível a verificação da forma mais comum. O caso do par *ricalhouço* e *ricalhaço* chama a atenção, pois a forma mais comum - *ricalhaço* -, não apresenta datação, já a forma *ricalhouço*, aparece registrada em 1889.

que atendem também às necessidades expressivas. Muitas vezes, uma nova palavra é utilizada muito mais com valor expressivo do que com o objetivo apenas de suprir uma lacuna existente no léxico.

Do mesmo modo, quando a palavra passa a ser de uso geral deixa de ser expressiva como acentua Monteiro (1986:44): “*é preciso convir que ele só se manterá como tal enquanto for de uso restrito. Desde que um desvio passe a ser usado com frequência, fatalmente se tornará um fato normal, anulando-se sua expressividade*”.

Não surpreende, portanto, que as palavras mais frequentes, aquelas formadas com -aço, possuam registro de datação ou ainda que esses registros sejam anteriores àqueles encontrados em -uço. Esse é um indicativo de que os vocábulos menos frequentes sejam uma adaptação da forma consagrada e desgastada pelo uso. Analisando as datas de algumas palavras derivadas desses sufixos, é possível afirmar que o afixo -aço exerceu influência decisiva no desenvolvimento semântico do elemento formativo -uço.

Vocábulo	Data	Vocábulo	Data
<i>Gentaça</i>	XV	<i>Gentuço</i>	-
<i>Ricaço</i>	XVI (1560)	<i>Ricalhouço</i>	XIX (1899)
<i>Vinhaça</i>	XV	<i>Vinhuça</i>	-

Quadro 13 - Vocábulos coincidentes em -aço e -uço e seus registros de datação.

Na seção anterior afirmou-se que o desenvolvimento semântico de -aço e -uço era semelhante e que, por possuir raízes mais antigas na língua, o primeiro teria influenciado o segundo. Os registros de datação associados à baixa frequência de uso das formas em -uço podem sugerir que muitas das palavras com esse sufixo foram calcadas a partir de formas já derivadas em -aço, as quais teriam sido criadas com objetivo expressivo, como se aventou acima. Por isso, seria natural que -uço apresentasse significados parecidos com aqueles verificados em -aço.

## 9. O sufixo *-uço(a)* nas línguas românicas

Assim como em português, o sufixo *-uço*, nas línguas românicas pesquisadas, não se mostrou muito produtivo, ao se considerar um *corpus* com base em dicionários. Com exceção feita ao italiano, língua em que o sufixo apresentou maior vigor, nos demais idiomas, entre eles, o espanhol, galego, catalão e asturiano, os exemplos são bastante restritos.

Por se tratar de um sufixo que pode ser classificado como avaliativo, atribuindo, assim, apenas valor afetivo ou depreciativo, é possível que os dicionários não registrem tais exemplos como entradas. Todavia, isso não significa que palavras com esse sufixo não sejam usadas na língua comum. Abaixo serão explicitados os exemplos encontrados em italiano, espanhol, asturiano e galego.

### 9.2. Italiano

O sufixo *-uço* em italiano apresenta duas formas: *-uccio* e *-uzzo*, as quais são descritas como continuadoras do sufixo latino *-ucĕm*. De acordo com o *Dizionario Garzanti* (2006), esses afixos prestam-se a formação de diminutivos a partir de adjetivos, permitindo a valoração positiva ou negativa. Além disso, salienta-se que a forma *-uccio*<sup>195</sup> é usada no âmbito familiar com o sentido de “*mísero, decadente*”, especialmente ligado a termos já pejorativos, reforçando, assim, esse traço. Na *Grammatica storica dell'italiano* (1972:192) encontram-se indicações muito semelhantes, com a ressalva de que nos verbos ocorre apenas a forma *-uzzo*: *tagliuzzare* e *sminuzzare*.

Desse modo, esse elemento formativo se presta à formação de diminutivos, que podem apresentar traços avaliativos (pejorativo ou melhorativo); valor semântico afetivo ou depreciativo ou ainda pode reforçar um significado já expresso na base. A

<sup>195</sup> Também usado como forma livre, assim ocorre com *-accio*. Exemplo: *um próprio uccio*.

seguir há alguns exemplos desse sufixo nessa língua, extraídos do *Dizionario Garzanti* e distribuídos no Quadro 14:

Valor semântico	Paráfrases	Vocábulos
Diminutivos <sup>196</sup>	“x pequeno”	<i>Pietruzza</i> <sup>197</sup> , <i>animaluccio</i> <sup>198</sup> , <i>labbruzzo</i> <sup>199</sup> , <i>calduccio</i> <sup>200</sup> , <i>verduzzo</i> <sup>201</sup> , <i>belluccio</i> <sup>202</sup> , <i>cantuccio</i> <sup>203</sup> , <i>viuzza</i> <sup>204</sup> , <i>beccuccio</i> <sup>205</sup> , <i>vestitucci</i> <sup>206</sup>
Melhorativo / afetivo	“x bom”	<i>Aluccia</i> <sup>207</sup> , <i>boccuccia</i> <sup>208</sup> , <i>cavalluccio</i> <sup>209</sup>
Pejorativo / depreciativo	“x ruim”	<i>Guadagnuccio</i> <sup>210</sup> e <i>tisicuzzo</i> <sup>211</sup>

Quadro 14 - Vocábulos derivados em -uço e seus valores semânticos em italiano

Observando esses exemplos é possível perceber que o traço pejorativo não é muito presente em italiano, diferentemente do que se viu em português. Na divisão proposta pela gramática, acima citada, esse sufixo é classificado como *vezzeggiativo* (afetivo), não figurando entre os sufixos apontados como *peggiorativi*. Isso mostra que esse afixo teve um desenvolvimento semântico diferente.

<sup>196</sup> Nesses casos, o contexto e o significado da palavra derivante podem determinar / influenciar os traços avaliativos.

<sup>197</sup> Palavra-base: *pietra* (pedra)

<sup>198</sup> Palavra-base: *animal* (animal)

<sup>199</sup> Palavra-base: *labbro* (lábio)

<sup>200</sup> Palavra-base: *caldo* (quente)

<sup>201</sup> Palavra-base: *verde* (verde)

<sup>202</sup> Palavra-base: *bello* (belo)

<sup>203</sup> Palavra-base: *canto*<sub>2</sub> (canto)<sub>1</sub>

<sup>204</sup> Palavra-base: *via* (rua, via)

<sup>205</sup> Palavra-base: *becco*<sub>1</sub> (bico)<sub>1</sub>

<sup>206</sup> Palavra-base: *vestito*<sub>2</sub> (vestido)<sub>1</sub>

<sup>207</sup> Palavra-base: *ala* (asa)

<sup>208</sup> Palavra-base: *bocca* (boca)

<sup>209</sup> Palavra-base: *cavallo* (cavalo)

<sup>210</sup> Palavra-base: *guadagno* (ganho, lucro, vantagem)

<sup>211</sup> Palavra-base: *tísico* (tísico). Também possui valor diminutivo.

## 9.2. Espanhol

Em espanhol também se encontram poucos exemplares de derivados do sufixo *-uzo(a)*. Abaixo seguem os verbetes presentes no *Diccionario clave de lengua española* e no *Diccionario de la Real Academia española*.

✓ **Caperuza:**

(Do latim *capero*)

1. Gorro terminado en punta;
2. Pieza que se usa para proteger o para cubrir la punta o el extremo de algo.

✓ **Gentuza:** Gente despreciable.

✓ **Lameruzo, za**<sup>212</sup> (de *lamer*): Aficionado a comer golosinas.

✓ **Lechuzo<sub>2</sub>, za**<sup>213</sup>.

(De *leche*)

- Dicho de un muleto que aún no tiene un año.

✓ **Pestuzo**<sup>214</sup>:

- Hombre muy feo. (uso coloquial e depreciativo)

O último exemplo, *pestuzo*, liga-se à base *peste*, no sentido de “*cosa mala o de mala cualidad en su línea*”.

Há também outras palavras que possuem essa terminação, contudo, em alguns casos, a origem é duvidosa ou a sequência final não desempenha função sufixal. Pode-se citar como exemplo do primeiro caso a palavra *gazuza*<sup>215</sup> “*hambre*” (fome). Ilustram o segundo grupo os vocábulos: *alcuza* > árabe *al-kuza*, *chapuza* > francês *chapolis* e *gamuza* > latim *camox*<sup>216</sup>.

<sup>212</sup> Sinônimo: *lamerón*

<sup>213</sup> *Lechuruzo<sub>1</sub>* possui as seguintes acepções: *tonto* (coloquial); *ave rapaz nocturna, de plumaje blanco y dorado con manchas pardas, cabeza redonda, ojos grandes y pico corto y curvo; mujer que se asemeja en algo a la lechuza; en un mercado de abastos, intermediario* (uso coloquial) e *persona aficionada al fisgoneo* (uso coloquial e depreciativo). O vocábulo vem da antiga palavra *nechuza*, que, segundo Corominas (1991:617), fora substituída pela formal atual devido à tabu linguístico, já que a palavra possuía sentido pejorativo. No entanto, como se pode inferir pela leitura das acepções houve, novamente, o desenvolvimento de traços pejorativos.

<sup>214</sup> Há também a forma *pestazo*, que designa *um odor muito desagradável*. Essa palavra liga-se a *peste* na acepção que se refere a *mau odor*. Sendo assim, o sufixo estaria intensificando o significado da base.

<sup>215</sup> Catalão *cassussa*.

<sup>216</sup> Segundo Bassetto (2005:156) *camox* é uma palavra proveniente do *subsubtrato* latino. Esse termo teria aparecido uma única vez em latim e teria passado as demais línguas românicas como o catalão *camussa*, francês *chamois* e português *camurça*.

O quadro a seguir dispõe os exemplos encontrados de acordo com o seu valor semântico:

Valor semântico	Paráfrase	Vocábulos
Pejorativo	“x ruim”	<i>Pestuzo, gentuza</i>
Diminutivo	“x pequeno”; “filhote de x”	<i>Lechuzo</i>
Tipo/espécie	“tipo de x”	<i>Caperuza</i>

Quadro 15 - Vocábulos derivados em -uzo e seus valores semânticos no espanhol

Como se pode verificar com a exposição dos vocábulos formados em -uzo, o sufixo não apresenta grande variedade de significados. Nota-se que os valores aumentativo e de golpe, típicos de -aço no espanhol, não aparecem nas formações em -uzo.

### 9.3. Catalão

Em catalão o sufixo estudo se apresenta sob a forma -usso(a). Os exemplos citados foram extraídos do *Diccionari de la llengua catalana* (DIEC2) e do *Gran diccionari de la llengua catalana* (GDLC).

✓ **Almussa** (1220):

(do latim *almucia* o *almucium*)

- *Esclavina que cobreix el pit i les espatlles botonada per davant o fermada al coll amb un fiador, la qual usen com a senyal de dignitat alguns eclesiàstics i doctors universitaris.*

✓ **Batussa**:

(de *batre*)

1. *Acte de batre's dos o més a cops, a pedrades, a trets, etc;*
2. *Raons, disputes, entre dos o me;*
3. *Pallissa<sub>2</sub>*

✓ **Carnussa** (1839):

- *Abundància fastigosa de carn.*

✓ **Carussa**:

1. *Cara pàllida o demacrada, d'aspecte malaltís.*
  2. *Ganyota .*
- ✓ **Ferrussa** (1410):  
(latim vulgar \**ferrucia*)
- *Fulla llarga i estreta de ferro, com la que serveix als terrissaires per a polir els plats.*
- ✓ **Gentussa**:
- *Gentalla*
- ✓ **Menjussa**:
- *Menjar mal preparat, menja poc gustosa.*
- ✓ **Pelussa**:
1. *Borrissol que cau de la roba;*
  2. *Pèl suau i curt d'algunes fruites i plantes.*

O Quadro 16 mostra a distribuição dos valores semânticos encontrados em catalão:

Valor semântico	Paráfrase	Vocábulos
Pejorativo	“x ruim”	<i>Gentussa, menjussa, carussa</i>
Aumentativo	“x grande”, “x muito grande”	<i>Carnussa</i>
Diminutivo	“x pequeno”, “x suave”	<i>Pelussa</i>
Ação	“Ação de x”	<i>Batussa</i>
Nome de objeto	-	<i>Ferrussa, almussa</i>

Quadro 16 - Vocábulos derivados em -uço e seus valores semânticos no catalão

Nos exemplos acima, o significado pejorativo está bem nítido na descrição dos vocábulos *menjussa*, *gentussa* e *carussa*. Outra função desempenhada pelo sufixo, em catalão, é a formação de aumentativos, como se vê em *carnussa*, por exemplo. No vocábulo *ferrussa* e *almussa* há a designação de objetos, mas é possível entrever, no primeiro caso, o traço de grandeza descrito em sua acepção.

#### 9.4. O caso do galego e do asturiano

O sufixo *-uço* em galego e em asturiano não se mostra produtivo. Em pesquisas realizadas nos dicionários dessas línguas, poucas palavras com essa terminação foram encontradas<sup>217</sup>. Além disso, os poucos exemplos encontrados que possuíam o afixo estudado não desempenham função sufixal, constituindo-se apenas como terminação coincidente.

A título de exemplificação apresentar-se-ão alguns dos exemplos encontrados, os quais foram retirados do *Diccionariu de la llingua asturiana* e do *Diccionario da Real Academia Galega*.

➤ **Asturiano:**

✓ **Barbuza:**

- *Orpín, orbayu.*

✓ **Chamuza:**

- *Rama de la beriza, de la cotolla; Planta asemeyada a la cairueta;*

✓ **Chapuza:**

- *Llabor o trabayu mal fechu; Llabor de poca importancia, que lleva pocu tiempu;*

✓ **Gabuza:**

- *Aperiu formáu por un mangu de madera y una pieza de fierro con dos dientes, que s'emplega pa cargar cuchu, yerba;*

✓ **Gamuza:**

- *Trozu d'un tueru con cañes que se corta pa lleña; pieza de tela pa llimpiar el polvu, los zapatos;*

✓ **Llechuzu:**

- *Asemeyáu a la lleche; Llechal, que tovía mama un animal;*

---

<sup>217</sup> Para o estudo dessa terminação em galego, realizou-se também uma pesquisa em textos escritos e orais, extraídos do *corpus* da Universidade de Santiago de Compostela, disponível em: <http://www.usc.es/gl/institutos/ilg/index.html>

➤ **Galego:**

✓ **Barruzo:**

- *Chuvia moi miúda e moi mesta.*

✓ **Bouza:**

- *Terreo inculto poboado de mato, como toxos, xestas, uces, etc.*

✓ **Chapuzo:**

- *Obra ou labor de pouca importância; Obra mal feita ou realizada sen arte nin coidado; Obra de amaño ou reparación dunha cousa vella.*

✓ **Chuzo:**

- *Pao cun aguillón ou cunha punta nun extremo;*

✓ **Fachuzo:**

- *Presa de palla atada que se acende para alumar;*

✓ **Louza:**

- *Barro fino, vernizado e cocido, co que se fan diversos obxectos, como pratos, xerras, etc; conxunto de obxectos feitos con ese material; conxunto de utensilios que se empregan na cociña e no servizo da mesa, aínda que non sexan deste material.*

✓ **Touza:**

- *Terreo cerrado, con vexetación de árbores ou mato alto; Monte cerrado poboado de carballos; Gran número de peixes da mesma especie que van xuntos; Grupo de penas ou rochas estradas pola praia.*

A palabra *chapuzo* é termo comum entre essas línguas, estando presente também em espanhol, em que compartilha o mesmo significado, e em português, sob a forma *chapuz*, a qual apresenta a acepção da língua de origem, do francês *chapuis*, designa “*madeira de construção, pedaço de madeira*”. Desse modo, fica nítido que não se trata do sufixo *-uço*, havendo apenas uma terminação semelhante. Entretanto, chama a atenção o sentido pejorativo que esse termo recebeu nas línguas iberorromânicas, excetuando-se o português. Também se configura como léxico comum os termos *barruzo*, do galego e *barbuzo*, do asturiano, em que é possível entrever denotação diminutiva, uma vez que as palavras designam uma chuva bem fina ou orvalho.

O vocábulo *lechuzu* que aparece em asturiano possui outros significados, além do diminutivo “*que tovía mama un animal*”, visto em espanhol. Em asturiano, essa

palavra também atribui valor semântico de semelhança “*asemeyáu a la lleche*” e de agentivo, verificado em “*llechal; que da lleche*”.

Vêm-se também outros casos em que as terminações não constituem um verdadeiro sufixo, como as palavras galegas *bouza*, *touza* e *chuzo*. Os demais vocábulos, elencados acima, nomeiam objetos/ utensílios.

De acordo com o exposto, nota-se que o sufixo *-uço* não se mostrou muito produtivo nas línguas românicas pesquisadas. Como se averiguou, também não possui grande diversidade semântica no italiano, espanhol, catalão. Já em português foi possível visualizar uma maior variedade dos significados desempenhados pelo sufixo em apreço.

## Capítulo 3

### A gênese de um sufixo: o caso dos formantes lexicais *-arro(a)* e *-orro(a)*

#### Introdução

Além dos sufixos *-ão*, *-aço* e *-uço*, já analisados, a língua portuguesa também dispõe dos formantes *-arro(a)(s)* e *-orro(a)(s)* para formação de aumentativos. Esses são descritos pelas gramáticas tradicionais<sup>218</sup> como afixos com função aumentativo-intensiva, podendo se unir a bases substantivas e adjetivas. Essas informações são condizentes quando se analisam vocábulos como, por exemplo, *bicarra*, *bocarra*, *naviarra*, *beatorro*, *machorro*, *cabeçorra*. Entretanto, outras palavras derivadas desses sufixos parecem não se encaixar adequadamente às proposições apresentadas nesses materiais, já que esses se limitam a uma análise sincrônica.

Nesse capítulo, buscou-se analisar as sequências finais *-arro* e *-orro*, em relação a suas origens e percurso histórico. Procurou-se mostrar as idiosincrasias desses elementos formativos frente aos demais sufixos estudados, atentando para o seu desenvolvimento morfossemântico em língua portuguesa e em algumas línguas iberorromânicas. Foi preciso trazer a luz alguns conceitos como *reanálise* e *ressementização*, imprescindíveis para o esclarecimento da trajetória desses sufixos. Esses processos se mostraram decisivos, afetando sobremaneira tais afixos.

Concernente ao estudo semântico, empreendeu-se uma análise que visava evidenciar os significados do sufixo e do campo semântico no qual esses vocábulos estão inseridos. Esse procedimento foi realizado como as palavras derivadas em português, espanhol, galego, catalão e asturiano.

---

<sup>218</sup> Foram utilizadas como fonte a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2008) e a *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (2001).

## 1. Proveniência e desenvolvimento morfossemântico

A complexidade dos elementos formativos *-arro* e *-orro* revela-se já na busca de suas origens. Isso porque são raros os estudos<sup>219</sup> a respeito desses afixos e as indicações acerca de sua proveniência são, geralmente, lacônicas e imprecisas. As obras, em que se discute esse assunto, apontam que a procedência desses sufixos seja pré-romana (Nunes, 1945:386 e Dicionário Houaiss). A esse respeito, é bastante revelador o fato de, no latim, vocábulos que possuíam essas sequências finais não serem sentidas como autóctones, como apontam Rohlf (1969) e Corominas (1991).

Outros estudiosos são mais específicos e apontam o basco como língua de origem. Esse é o posicionamento de Entwistle (1948), Piel (1953) Argaiiz (1997), Pharies (2002).

Essa hipótese torna-se plausível ao se verificar a existência desses sufixos em espanhol, já que o castelhano antigo e o basco estiverem em relação de adstrato justaposto (Basseto, 2005:164). Outras línguas iberorromânicas apresentam esses afixos, o que poderia ser explicado também pelo contato linguístico. É coerente pressupor que um elemento formativo, de origem basca, que esteja presente em português, também atue ou tenha atuado em espanhol galego e catalão, por exemplo. Desse modo, o estudo de derivados com esse afixo nas línguas acima citadas será necessário para auxiliar na investigação do percurso desses formantes lexicais.

Contudo, para que essa hipótese ganhe consistência é preciso elucidar algumas questões importantes como a não existência das sequências *-arra* e *-orra* funcionando como sufixo derivacional em basco. Desse modo, torna-se necessário explicar detalhadamente como se deu a entrada desses sufixos em português e como se operou essa transformação. Além disso, faz-se premente apresentar algumas características relevantes da língua basca no tocante a esse estudo, para tornar claro os processos que incidiram sobre as terminações *-arro* e *-orro*.

---

<sup>219</sup>Podem-se citar também a abordagem dada por Said Ali (1964:108), na qual esse sufixo aparece elencado, entre outros, como formador de aumentativo, não havendo nenhuma informação adicional. O mesmo procedimento se vê em Monteiro (2002: 171) em que o autor apenas apresenta, sucintamente, o valor semântico do sufixo e aponta os exemplos *bocarra* e *naviarra*.

### 1.1. Terminações -arra e -orra e sua relação com alguns sufixos do basco

As sequências finais *-arra* e *-orra* estão presentes em basco, mas não são reconhecidas como afixos derivacionais. Nessa língua, o que existe, de fato, são os sufixos *-ar*, *-(k)or* e *-or(-ro)*. O primeiro tem por função formar *gentílicos*, significando, assim, nacionalidade, raça, proveniência (“*originário de X*”), como indicam as palavras *tolosar* e *gipuzkoar*, designando, respectivamente “*natural de Tolosa*” e “*natural de Guipúzkoa*”. O sufixo *-ar* presta-se também a formar nomes com significado de *filiação*, os quais podem ser lidos por meio de paráfrases como “*adepto de X*” ou “*que é partidário de X*”. É possível verificar esses significados nas palavras a seguir: *karlatar* “*carlista*”; *josuar* “*jesuíta*”; *kistotar* ou *kistar* “*cristão*”; *pantzeskar*, “*franciscano*”.

A sequência final *-ar* aparece também frequentemente em palavras que descrevem a realidade rural, como mostram os exemplos *belar* “*nicotina rústica*”, *Kapar* “*espinho*”, *Letxar* “*variedade de fungo*”, *bizkar* “*colina*”, *pikar* “*precipício*”. Às vezes, essa terminação desempenha valor sufixal como se pode verificar nas palavras *abar* “*ramo da árvore*” < *abe* “*árvore*” e *ibar* “*margem do rio*” < *ibai* “*rio*”. Chama a atenção a quantidade de palavras pertencentes ao campo semântico da fauna e flora. Ainda quando a terminação *-rr-* não desempenha função de sufixo, esses dados mostram-se reveladores, auxiliando na compreensão do desenvolvimento e propagação desses vocábulos nas línguas iberorromânicas.

Já o sufixo *-kor* ou *-or* denota aptidão, propensão, tendência, como na palavra *lotsor*, “*envergonhado, tímido*” e *astor* “*fofo, de pouca consistência*”<sup>220</sup>. Nesses casos, o sufixo, sob a forma *-or*, liga-se a bases substantivas e as transforma em adjetivos. A forma *-kor* é usada, geralmente, com bases verbais e igualmente forma adjetivos com os mesmos sentidos descritos acima, como se pode observar no vocábulo *biskor* “*muito vivo, forte, vigoroso*”, sob a base *bizi* (*viver*). No entanto, *-kor* também pode se ligar a bases nominais como em *elizakor* “*paroquiano, pertencente a determinada paróquia*”, derivado de *eliza* (*igreja*). Assim, nota-se que o sufixo possui função *heterocategorial* em ambos os contextos. De acordo com a *Gramática didáctica del euskera* (2002) esse

<sup>220</sup> O significado refere-se à terra.

elemento formativo teria possuído valor aumentativo<sup>221</sup> e, posteriormente, também assumiu significado diminutivo, valor que se pode depreender na palavra *begitxindor* “*terçol, tumor pequeno*”. E, finalmente, o sufixo *-or (-ro)* é usado na toponímia, significando *altura, elevação*, verificável em *tontor* “*proeminência*” e *sator* “*topo*”.

O basco é uma língua em que o artigo é posposto e aglutinado ao substantivo. Além disso, existem regras fonéticas que atuam de acordo com a terminação dos vocábulos. Uma delas incide, especificamente, sobre as palavras que terminam em *-r* as quais, ao receberem o artigo definido, devem dobrar essa consoante<sup>222</sup>, como atesta Zamarripa (1915: 97) em sua *Gramática Vascongada*: “*los vocablos terminados en esta letra la cambian em rr al unírseles el artículo determinado a u outro cualquier elemento que comience por vocal.*”

Assim, as sequências são, na língua de origem, uma junção de sufixo e artigo definido<sup>223</sup>. Deve-se, então, atentar não só para a transformação morfo-fonológica, empreendida na leitura dessas palavras em sua passagem a outras línguas, mas também para a alteração morfossintática, já que na língua de origem o que existe, de fato, é um sintagma nominal, o qual é interpretado como uma única palavra derivada.

## 1.2. A sequência final -rr- e sua presença para além da Península ibérica.

Em um estudo sobre os vocábulos (derivados ou não) com a terminação *-rr-* no sardo, a pesquisadora Argaiz (1997) aponta que as palavras com esta sequência final aparecem, predominantemente, em topônimos, dos quais se citam: *motorra, nidorra, lottorra, funtana telaorra*. Nota-se que a terminação dos exemplos citados assemelha-se ao sufixo *-or* (formador de topônimos) somado ao artigo. Esse fato poderia indicar uma influência basca naquela língua. O que poderia ter ocorrido por intermédio das línguas iberorromânicas, à época da Reconquista, em que a Coroa de Aragão, após expulsar os árabes da Sardenha, passa a dominar a ilha. Contudo, a autora afirma que essa sequência

<sup>221</sup> É possível citar as palavras *gilbor* e *bilgor* como exemplos de resquícios desse significado, já que a primeira designa “*pança*” e a segunda “*sebo, gordura animal*”.

<sup>222</sup> A imensa maioria das palavras bascas terminadas em *-r* passam a *-rr* ao se unirem a um seguimento vocálico, mas há exceções, que aparecem listadas nas gramáticas dessa língua, não havendo assim uma regra geral.

<sup>223</sup> Vale destacar que, em basco, uma palavra isolada sempre aparece com artigo definido.

final também fora encontrada em um dos substratos do sardo – o paleosardo ou nurágico, as quais aparecem no campo semântico rural, como se pode verificar nos exemplos retirados de Ferrer<sup>224</sup> (1984, *apud* Argaiz, 1997): *tseurra* “semente”, *Kugirra* “tipo de inseto”. Isso implica em considerar que essa terminação possui origens mais antigas no sardo, não resultando (apenas) da influência basca, reflexo de dominação aragonesa entre o fim do século VIII e início do XVIII. Esses dados vão de encontro às indicações de Baldinger (1972) ao considerar a possibilidade de um influxo basco em área territorial abrangente, alcançando a Sardenha e o sul da Itália. Da mesma forma como acredita Ferrer (*op. cit.*) que propõe uma correspondência entre os vocábulos do paleosardo e o léxico basco. Sendo assim, a ascendência basca é anterior ao domínio romano na ilha.

Desse modo, é preciso aceitar a distinção, feita por Argaiz (1997: 335), com a qual identifica dois planos de influência:

(...) una muy lejana en el tiempo que corresponderia, por ejemplo, a la que pudiera haber ejercido un antiguo substrato mediterráneo, y otra influencia, más cercana en el tiempo y más identificable en sus efectos, como la que haya podido ejercer el vasco en los vocablos en -rr- de lenguas ibero-romances: castellano, portugués, gallego, catalán.

Não se deve desconsiderar essas informações na evolução de *-arro* e *-orro*, visto ser inegável, que esses fatos tenham influenciado o sufixo em estudo. Assim, as sequências, existente hoje nas línguas iberorromânicas refletem ou refletiram as influências do substrato mediterrâneo e do basco. Torna-se nítido, dessa forma, que o basco foi preponderante na manutenção e disseminação desses elementos a outras línguas da península ibérica.

### 1.3. Empréstimos das línguas iberorromânicas

Além das palavras com os sufixos *-ar*, *-(k)or* e *-or(-ro)*, deve-se considerar também vocábulos que possuem a terminação *-arro(a)*, *-orro(a)*, as quais foram, ao longo do tempo, tomadas de empréstimo, não só do basco, mas também de línguas românicas como espanhol e catalão. Em alguns casos, as palavras passaram por

<sup>224</sup> BLASCO, Ferrer. *Storia linguística della Sardegna*. Tübingen: Niemeyer, 1984.

transformações semânticas e até mesmo morfológicas que permitiram a leitura desse segmento final como sufixo, podendo servir de modelo para outras criações, como se verá na seção seguinte.

A ideia de que essas palavras não passaram diretamente do basco ao português, deve-se ao fato de esta não ser uma língua de expressão mundial, que poderia, assim, exportar palavras por meio de sua produção científico-cultural. Dessa forma, a transmissão do léxico, possivelmente, se deu por meio de contato linguístico. Sendo assim, regiões geograficamente mais próximas, poderiam, mais facilmente, agregar essas palavras. E, posteriormente, disseminá-las a outras línguas sob as quais possui maior influência.

Além disso, no espanhol e no catalão a terminação desenvolve-se e passa a formar vocábulos autóctones, porém com valores semânticos semelhantes aos vistos em basco. Esses, por sua vez, também acabaram por romper as fronteiras e se fixaram em outras línguas.

Vê-se que o espanhol, bem como o catalão, também tiveram papel preponderante na desenvolvimento desse segmento final em português. Contudo, há ainda que se esclarecer o desenvolvimento desses sufixos em português e explicar como o significado de aumentativo, unido, não raro, ao valor pejorativo desenvolveu-se em muitas palavras derivadas com estes afixos.

#### **1.4. Reanálise, ressemantização e re-estruturação vocabular**

A ideia de que a língua é dinâmica e se transforma ao longo do tempo já é ponto pacífico nos estudos linguísticos. Essas mudanças podem incidir, em maior ou menor grau, em todos os níveis da língua. Reconhece-se que modificações concernentes ao significado são mais frequentes e comuns. Isso porque os aspectos fonético, morfológico e sintático são mais bem definidos e delimitados. Esses são formados por um número limitado de elementos, dificultando, assim, as alterações.

As mudanças, relacionadas ao nível semântico, devem-se a fatores linguísticos e extralinguísticos. A transformação pode atingir apenas o significado ou forma e significado, sendo de grande importância a ordem dessas alterações.

Ao empreender a análise semântica verificou-se que um número considerável de palavras terminadas em *-arro(a)(s)* e *-orro(a)(s)*, apresentou mudanças em seus significados em relação à língua de origem. Transformações dessa natureza podem ser explicadas por processos semânticos. Entretanto, viu-se que fenômenos semânticos não foram os únicos a incidirem sobre esses vocábulos.

Observou-se a atuação do processo de *reanálise*<sup>225</sup>, o qual permite que seja feita uma nova leitura e interpretação de um vocábulo. Processo que acarreta, muitas vezes, em desacordo entre a etimologia da palavra e a percepção/consciência do falante.

Além disso, considerando a origem do afixo, há que se admitir uma reestruturação desses vocábulos na passagem ao português. Isso porque, como se viu, em basco as terminações *-arra* e *-orra* não representam um sufixo. Já em português, assim como as demais línguas iberorromânicas abordadas neste estudo, a terminação é interpretada como uma só sequência morfológica, um bloco inteiriço, o qual passa a desempenhar função de sufixo (c.f. *etarra* “*pertencente ou relativo à organização basca ETA*”; *donostiarra* “*natural de Donostia*”<sup>226</sup>).

Deve-se ressaltar que alguns empréstimos possuem na verdade uma terminação fonologicamente coincidente com o elemento formativo analisado, não sendo, portanto, a junção dos afixos *-ar* e *-(k)or* ao artigo definido. Desse modo, o desenvolvimento dos afixos portugueses *-arro(a)* e *-orro(a)* não se deve apenas a essa sequência final basca. A investigação acerca dos verbetes, os quais apresentam essas terminações, mostrou que outras línguas contribuíram nas transformações desses elementos, como se viu nas seções anteriores.

A palavra *botifarra* é um bom exemplo da atuação do processo de *reanálise* e, portanto, será descrita mais detalhadamente:

✓ **Botifarra** – datação: 1851<sup>227</sup>

1. “*Bota muito grande e malfeita de corpo*”;
2. “*Pessoa mal-ajambrada, grande e malfeita*”.

<sup>225</sup>Emprega-se aqui o termo de forma diferente da utilizada por Villalva, *In: Gramática da língua portuguesa*, de Mira Mateus (1990) em que a autora o define como “*processo de formação de palavras que consiste na reintegração de uma estrutura sintática como uma palavra*”.

<sup>226</sup>*Donostia*: São Sebastião, capital da província de Guipúzcoa.

<sup>227</sup>Datação dada pelo *Diccionario etimológico castellano e hispánico*, Corominas (1991).

O primeiro significado aponta para uma análise estrutural como: *bota* + *-if-* + *-arra*<sup>228</sup>, em que o elemento de ligação *-if-* ficaria sem explicação, pelo menos sincronicamente. Ao buscar pela sua etimologia, vê-se que essa palavra está presente em muitas línguas, entre as quais está o catalão, espanhol, galego, asturiano e provençal. Ressalta-se ainda que, nessas línguas, observam-se significados diferentes.

Dessa forma, é pouco provável que essa palavra se tenha formado em português e que, posteriormente, essas línguas a tenham tomado como empréstimo. Além disso, ao se verificar a datação desse vocábulo em catalão, nota-se que esta é anterior ao registro encontrado para a forma portuguesa.

Seguem abaixo as acepções desse vocábulo nas línguas em que ocorre:

➤ **Catalão**

- **Botifarra:**<sup>229</sup>

Datação: séc. XIV

1. *Embotit elaborat farcint un budell amb carn trinxada, generalment de porc, espècies i sal. Botifarra blanca, negra. Botifarra de sang. Botifarra catalana. Botifarra dolça. Botifarra d'ou; botifarra culana Botifarra feta amb budell culà.*
2. *Gest característic fet amb la mà i el braç, doblegant-lo, que indica negoció, rebuig, menyspreu. Fer botifarra a algú; Per ext. Si m'empipa gaire li faré botifarra i ja s'espavilarà.*
3. *Joc català de cartes, jugat entre dues parelles, en què cada jugador rep dotze cartes i pot triar trumfo rotativament i tots estan obligats a servir i matar la carta de l'adversari; En el joc de la botifarra, partida sense trumfo en què els punts valen el doble.*

- **Etimologia:** seria junção do verbo catalão *botir*<sup>230</sup> “fer bot alguna cosa a algú, especialment causant la tibantor de la pell, de l'embolcall” e *farro*<sup>231</sup> “Farinetes bullides o fregides fetes amb farina de blat de moro.”

Em catalão existe também a palavra *embotifarrar* (“inflar-se un membre, especialment un dit, agafant un aspecte semblant al d'un embotit.”), mas esta parece

<sup>228</sup> Segmentação apontada por estudiosos, como José Pedro Machado (1952: 394).

<sup>229</sup> Extraído do *Diccionari de la llengua catalana*.

<sup>230</sup> Do latim *būtis*: tonel, odre.

<sup>231</sup> Do latim *far*, *fārris*: trigo ou qualquer cereal.

ter-se derivado do substantivo *botifarra*, como aponta o *Gran diccionari de la llengua catalana*.

➤ **Espanhol**<sup>232</sup>

Em espanhol há duas formas distintas, mas designam o mesmo objeto. Ocorre que há significados regionais para a entrada *butifarra*, como se vê a seguir:

Datação: segundo quartel do séc. XIX

1. *Embuchado que se hace principalmente en Cataluña, las Baleares y Valencia.*
2. *Calza o media muy ancha o que no ajusta bien.*
3. *Embutido a base de carne de cerdo.* (usado na Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, Panamá e Uruguai)
4. *Pan dentro del cual se pone un trozo de jamón y un poco de ensalada.* (usado no Peru)

Para a entrada *botifarra*, há apenas uma acepção:

- *Embutido de carne picada de cerdo con especias, que se come frito, hervido o asado.*

- **Etimologia:** Ambas dadas como provindas do catalão *botifarra*.

➤ **Galego**

✓ **Botifarra:**

- *Embutido cheo de carne picada ou sangue cocido de porco, orixinario de Cataluña, Valencia e Baleares*<sup>233</sup>.

Ainda que o dicionário não aponte a etimologia, a descrição do verbete indica que a palavra seja de origem catalã. Ao consultar o *Dicionário Estraviz da língua galego-portuguesa* é possível identificar também o significado: *bota grande e grossa*, como primeira acepção. Entretanto, é preciso tomar essa informação com reserva, uma vez que esse dicionário adverte, em sua apresentação, que abarca o léxico comum dessa língua e o léxico patrimonial galego, português, incluindo o brasileiro, e de outros países lusófonos. Assim, esse significado pode não ser próprio do galego.

<sup>232</sup> Extraído de DRAE.

<sup>233</sup> Extraído do DRAG.

➤ **Asturiano**

✓ **Butifarru**, el:

- *Barriga*<sup>234</sup>

➤ **Provençal**

✓ **Boutifarre**<sup>235</sup>:

- “*homem gordo e meio disforme*”

De acordo com o que foi visto, é possível apontar como língua de origem o catalão, já que designa uma comida típica da Catalunha, fato que também se comprova pelos registros de datação. O significado referente à “*persona gorda e meio disforme*”, que está presente em provençal e em português, explica-se pela transformação metafórica, já que o embutido é completamente preenchido de carne, conferindo aparência roliça. Desse modo, esse objeto é usado em comparações com pessoas ou a outros objetos que apresentam aparência semelhante, como se vê na acepção 2 do espanhol “*calza o media muy ancha o que no ajusta bien*”. Portanto, trata-se de um processo de espraiamento de significado, motivado pela metáfora, operando uma mudança que afeta tão somente o nível semântico.

Entretanto, o significado presente apenas em português “*bota muito grande e malfeita de corpo*”, traz consigo, além da nítida mudança de significado, em relação à língua de origem, uma transformação formal do vocábulo. Indica uma re-estruturação dos elementos formantes da palavra, apontando uma nova organização desses elementos. Isso indica que o vocábulo fora reanalisado, caso contrário não teria sido possível o surgimento dessa nova estrutura, bem como do novo significado. Desse modo, a existência do elemento de ligação *-if-*, ainda que não possa ser explicada semanticamente, pode ser compreendida dentro desse processo. O fato de esse elemento não possuir significação nessa nova estrutura não constitui um problema, pelo menos não para o usuário comum da língua, o qual é responsável pela *reanálise*.

Contudo, é preciso esclarecer que essas transformações não ocorrem deliberadamente. Há razões e condições que favorecem essas modificações. Ullmann (1964: 401-473) aponta algumas motivações para isso. Muitas vezes, a explicação

<sup>234</sup>Extraído de DALA.

<sup>235</sup>Extraído do *Dicionário Houaiss*, na etimologia do verbete *botifarra*.

extrapola os limites linguísticos e se apóia também em elementos socioculturais e históricos.

Se se tomar o caso específico de *botifarra*, podem-se indicar alguns fatores que provavelmente tiveram influência sobre a *reanálise* dessa palavra. É possível apontar como causa preponderante na reorganização do vocábulo a *aquisição da motivação morfológica*, gerada pelo processo conhecido como *etimologia popular* ou *etimologia associativa*, como querem alguns estudiosos. Ullmann (1964: 212) explica porque isso se dá: “*a força impulsora que está por detrás da etimologia popular é o desejo de motivar na linguagem aquilo que é ou se tornou, opaco.*”

Nesse caso, nota-se que a *etimologia popular* afetou não só o significado, mas também, antes disso, alterou a estrutura do vocábulo. O fato de essa modificação ter ocorrido com a palavra *botifarra* pode se dever a sua origem estrangeira. Ullmann (1964: 213) argumenta que esses vocábulos são mais expostos à etimologia popular, já que não possuem raízes no idioma e, tão pouco, apresentam motivação na língua que as toma de empréstimo. Assim, a falta de familiaridade com o vocábulo cria a necessidade de motivá-lo para que esse seja sentido como algo inerente a sua língua. O autor chama a atenção para a força desse processo de transformação semântica, mostrando que se deve dar a exata importância à etimologia popular: “*As idéias do homem vulgar acerca da derivação das palavras são um fato lingüístico digno da atenção do filólogo, mesmo quando estão em contradição com o seu conhecimento próprio das etimologias.*” (Ullmann, 1964:215)

Também é importante ressaltar que a *re-estruturação* e *ressemantização* só são possíveis quando os elementos gramaticais são bem delimitados e identificáveis semanticamente na língua em questão. É necessário, portanto, estabelecer a pertinência de *-arro(a)* e *-orro(a)* em língua portuguesa, explicando, assim, sua influência nesse processo. No caso dos sufixos, equivale dizer que este deve ser produtivo<sup>236</sup> ou que sua ocorrência seja frequente, ainda que em poucos vocábulos e/ou em contextos específicos.

As palavras derivadas com esses elementos formativos não estão em grande número nos dicionários, mas alguns desses vocábulos atingem expressivos índices de

---

<sup>236</sup> O sufixo deve formar outros vocábulos, de acordo com as regras de formação de palavra que o regem, ou ser reconhecido nas derivações de uma determinada língua pelos seus falantes. (Aronoff, 1976)

frequência de uso<sup>237</sup>, como *bocarra* que chega, aproximadamente, a 80 mil ocorrências em pesquisa feita em *sites* de língua portuguesa<sup>238</sup>. Além disso, o fato de serem poucas as palavras derivadas com esse sufixo, registradas pelo dicionário, não significa que o sufixo seja improdutivo. Apoiando-se em sua regra de formação de palavras é possível formar aumentativos ao agregar o referido afixo a algumas bases nominais. Assim, é possível a ocorrência de palavras como *coparro*, *beicarra*, *peitarra* etc.

A partir desse modelo de formação de palavra, o falante pode comparar e associar os elementos com outros vocábulos que tenham essa sequência. Por meio de falsas analogias, o falante segmenta a palavra e lhe confere um novo significado. A nova interpretação pode suplantear o sentido original, fazendo com que esse caia em desuso e, posteriormente, desapareça.

Pelo exposto ao longo dessas seções, é possível afirmar que para analisar os sufixos *-arro(a)(s)* e *-orro(a)(s)* é necessário considerar presença de terminações semelhantes anterior ao latim; os sufixos *-ar*, *-(k)or* do basco e as modificações morfológicas e morfossintáticas; a influência e contribuição do espanhol ao disseminar as palavras com esses segmentos finais, tanto de origem basca, quanto de formação autóctone; a contribuição de outras línguas no tocante aos empréstimos linguísticos; e, finalmente, atentar para os processos morfológicos e semânticos que atuaram em algumas palavras com essa terminação.

---

<sup>237</sup> Pode-se considerar também a influência de uma palavra que tenha sido bastante representativa em épocas pretéritas, mas não refletir, atualmente, essa condição.

<sup>238</sup> Pesquisa realizada em 18/01/2010.

## **2. Análise dos verbetes do Dicionário Houaiss**

Faz-se necessário explicar a separação feita aqui para a apresentação dos vocábulos derivados com os sufixos *-arro* e *-orro*. Apesar de esses sufixos apontarem para a mesma língua de origem, essas sequências provêm de sufixos distintos e, podem ter-se desenvolvidos de modo diverso.

Para tornar clara a organização e classificação dos dados a serem analisados, será preciso fazer conhecer os critérios adotados nessa pesquisa. Assim, foram selecionadas para este estudo as palavras que se enquadram nestes contextos:

- Vocábulos derivados de *-(k)or* e *-ar*, oriundos do basco, podendo ou não apresentar influência ou intermediação do espanhol ou do catalão;
- Empréstimos: palavras derivação de *-arro* e *-orro* formadas nas línguas românicas (espanhol, catalão, francês, italiano);
- Palavras que se desenvolveram em português, sejam por meio da derivação ou pelo processo de reanálise e re-estruturação vocabular.

### **2.1. O sufixo *-arro(a)(s)***

Como já foi descrito na introdução deste trabalho, a base de dados para a análise inicial é extraída do Dicionário Houaiss. Assim, constam neste dicionário 121 palavras com esta terminação. Dessas, a grande maioria, 72 palavras possuem datação, o que auxilia na identificação da língua de origem e/ou língua de transmissão.

Em 55 palavras, a sequência final *-arro(a)* não desempenha função de sufixo. Entre essas palavras podem-se citar alguns exemplos: *amarra*; *agarra*; *esbarro*; *escarro*, as quais são formadas a partir de derivação regressiva dos verbos: *amarrar*, *agarrar*, *esbarrar*, *escarrar*, respectivamente. Há também os verbetes *algazarra*, *almanjarra*, *alcaparra* e *cafarro*, os quais são empréstimos tomados do árabe e, portanto, são apenas terminações coincidentes e não afixos derivacionais. Assim como

ocorre com as palavras tomadas de outras línguas, como: *cucharra* < espanhol *cuchara*, *fanfarra* < francês *fanfare* e *cimitarra* < italiano *scimitarra*. Deve-se advertir que algumas palavras, nas quais não se vê etimologicamente o sufixo, passaram por transformações que alteraram seus significados, provavelmente por influência do elemento derivacional.

Outras 23 palavras são derivações compostas ou prefixadas, como por exemplo: *amassa-barro*, *autocarro*, *contrabarra*, *peixe-cigarra*, *guarda-catarro*, *anticarro* etc. Sete palavras constituem variantes ortográficas de outras entradas do dicionário. Esse é o caso das palavras *gabarro* (*gavarro*), *almajarra* e *manjarra* (*almanjarra*), *gambarra* (*gabarra*), *piçarro* (*piçarra*) e *pecaparra* (*picaparra*). Dez verbetes não apresentam nenhuma informação etimológica<sup>239</sup>, são eles: *casmarra*, *namarra*, *guarra*, *tigarro*, *zanguizarra*, *masmarro*, *pixarro*, *zarro*, *caparro* e *tarro*<sub>3</sub>. Em dois casos há, na verdade, as formas sufixais: *-arra* e *-arro*, que são apresentadas como entradas separadas no Houaiss. Outros dois vocábulos são formas reduzidas de palavras compostas: *jarro* e *gangarra*, as quais são reduções das palavras *jarro-de-itália* e *periquito-gangarra*, respectivamente. Há também um vocábulo que se constitui como flexão de gênero: *chibarra* < *chibarro*.

As palavras sufixadas em *-arro*, cujo total compreende 21 palavras<sup>240</sup>, serão classificadas de acordo com o valor semântico que esse formante lexical atribui à base, como será possível verificar a seguir.

### 2.1.1. Descrição e apresentação dos grupos semânticos do sufixo *-arro(a)*

#### ➤ Aumentativos

Encaixam-se aqui as palavras: *bocarra* (1776), *bicarra* (*s/d*), *naviarrá*<sup>241</sup> (1517), *botifarra* (*s/d*) e *sopetarra* (1819-1854). Essas podem ser lidas por meio da paráfrase “X grande”, apresentando em alguns casos o traço depreciativo, como se viu,

<sup>239</sup> Chama atenção que dessas dez palavras, cuja etimologia se desconhece, quatro vocábulos inserem-se no campo semântico campestre: *namarra* (planta), *tigarro* (planta), *caparro* (tipo de macaco) e *pixarro* (tipo de ave). Alguns desses casos serão reconsiderados na análise. Em outros casos podem-se verificar traços pejorativos como em *masmarro* (frade interesseiro); *zanguizarra* (toque desarmônico, desordem).

<sup>240</sup> Na análise semântica, outras palavras foram integradas a esse grupo, como se verá ao longo das seções 2.3 a 2.5.

<sup>241</sup> De acordo como Bernadim Ribeiro (1982) teria valor depreciativo por ter sido usado por Gil Vicente, em *O Auto da barca do Inferno*, em referência a barca do Diabo “*He esta naviarra vossa?*”

anteriormente, ao se analisar o verbete *botifarra*. Quanto à questão gramatical, o sufixo *-arra* pode se unir a bases femininas e radicais masculinos, mudando o gênero desse último, assim como em *bicarra* “*bico*” e *naviarra* “*navio*”, por exemplo.

Dentre os exemplos dados, *sopetarra* “*sopa grande*” merece maior destaque, uma vez que há outro sufixo envolvido na derivação, o qual se torna de difícil explicação quando se toma a proposta etimológica dada pelo Dicionário Houaiss: *sopa* + *-eta* + *-arra*. Sabe-se que a junção de dois sufixos em uma mesma base não se dá simultaneamente. Portanto, deveria existir uma base “*\*sopeta*”, à qual *-arra* ter-se-ia unido. Entretanto, essa palavra é inexistente em língua portuguesa<sup>242</sup>, o que coloca em dúvida o étimo apontado e a estrutura proposta pelo dicionário. Outra possibilidade seria admitir que *-et-*, nessa formação, exerça função de interfixo.

É possível considerar ainda outro vocábulo como base para essa formação. Pode-se apontar a palavra-base *sopetear*, que significa:

1. *embeber muitas vezes (pão, biscoito etc.) num líquido;*
2. *desfrutar, saborear;*
3. *repetir (a comida) tornar a comer.*

Analisando esses significados, é possível notar a presença do traço de iteração nas acepções 1 e 3. Verbos que possuem a terminação *-ear*, geralmente, apresentam significado frequentativo (Monteiro, 2002:172-173). A ideia de repetição pode, não raro, culminar na noção de intensidade ou de aumento. A terminação verbal *-ear* dá lugar ao sufixo nominal *-arra*, reforçando esse significado. Essa hipótese explicaria a sequência *-eta* nesta derivação<sup>243</sup>.

---

<sup>242</sup>A palavra não está presente nos dicionários de língua portuguesa. Também não se encontrou nenhuma ocorrência em pesquisas realizadas em sites escritos em português. Ampliando-se a busca pelo vocábulo em outras línguas, encontrou-se a palavra no dialeto andaluz, significando “*pedazo de pan mojado en vino*”, forma atestada pelo *Vocabulario Andaluz* (1980:584). Há em asturiano e em espanhol o vocábulo *sopetón*. Na primeira é adjetivo e designa “*fartón, que come muncho*”, na segunda é substantivo e significa “*pan tostado que se moja en aceite*”.

<sup>243</sup> Além disso, se se considerar a segunda acepção de *sopetarra* “*naco grande de pão*” nota-se uma intersecção semântica, já que esse é um dos alimentos que pode ser embebido na sopa, como indica a primeira acepção de *sopetear*.

➤ **Nomina Essendi**

O grupo reserva-se a paráfrases “*que é X*”, “*aquilo/aquele que é X*”. Assim como se pode interpretar a palavra *baitarra*, cujo significado será reproduzido a seguir: *homem alto e corpulento, homenzarrão, colosso*. A base da palavra designa *algo muito grande, imenso, enorme, desenvolvido, crescido*.

➤ **Inalterado**

Grupo no qual se encaixam palavras que não alteraram seu valor semântico após o processo derivativo. Nesses casos, o sufixo não atribui valor semântico à base, mas não se pode dizer que o elemento formativo seja dispensável. O afixo funciona como reforço, ou seja, é convocado para conferir maior expressividade à base, indicando uma função pragmática, como os exemplos dados no Capítulo 2. Enquadra-se nesse caso a palavra *chibarro*, a qual se liga a base *chibo*, que apresenta significados bastante semelhantes, a saber:

**Chibarro (1712)**

1- *bode novo castrado*

2 - *bode não castrado; chibo*

**Chibo (1680)**

1- *chibato,*

2 - *bode não capado; chibarro*

A palavra *chibarro* apresenta ainda outros significados<sup>244</sup> que não se relacionam a essa base, indicando, possivelmente, o desenvolvimento semântico a partir da extensão de sentido.

➤ **Não-parafraseável**

Entram nesse grupo os verbetes em que se constatou a presença do sufixo, mas o seu significado não pode ser precisado por meio de paráfrase, como ocorre com o vocábulo *pamparra*. Esse adjetivo se refere a *algo de ótima qualidade, excelente* ou ainda designa aquilo que é *muito saboroso/gostoso*. O vocábulo em questão toma como base o significado da locução adverbial “*à pampa*”, termo que apresenta valor de

<sup>244</sup> Esse vocábulo também pode se referir a “*mestiço, mulato*”; “*pessoa que exala mau cheiro*” e “*veado macho*”, todos apontados pelo Houaiss como regionalismos do Rio Grande do Sul.

intensidade – em grande quantidade ou intensidade. Desse modo, embora se possa visualizar com nitidez a presença do sufixo bem como resgatar os significados da base a qual se une, seu valor semântico não pode ser manifestado por meio de paráfrase.

Abaixo, segue o Quadro 17 que reúne os significados desempenhados pelo sufixo *-arro(a)*:

Valores semânticos	Paráfrases	Vocábulos
Aumentativo/intensidade	“X grande”, “muito X”	<i>Bocarra, bicarra, naviarra, sopetarra, botifarra</i>
Não - parafraaseáveis	-	<i>Pamparra</i>
<i>Nomina Essendi</i>	“que é X”	<i>Baitarra</i>
Inalterado	-	<i>Chibarro</i>

Quadro 17 - Valores semânticos do sufixo *-arro(a)(s)* no Dicionário Houaiss.

As demais palavras consideradas derivadas serão apresentadas posteriormente, ao longo das seções 2.3, 2.4 e 2.5, já que exigem um maior detalhamento.

## 2.2. Sufixo *-orro(a)*

### 2.2.1. Descrição e apresentação dos grupos semânticos do sufixo *-orro(a)*

Apresentar-se-ão os dados relativos aos verbetes do Dicionário Houaiss que possuem a sequência final *-orro*. Neste dicionário há 140 palavras com esta terminação. Em 42 palavras desse total, o elemento formativo *-orro(a)* não desempenha função de sufixo. A exemplo do que se viu na descrição dos dados da terminação *-arro(a)*, há palavras formadas a partir da derivação regressiva de alguns verbos, como *desforrar* → *desforro*; *acorrer* → *acorro*; *socorrer* → *socorro*; *esborrar* → *esborro*; *esporrar* → *esporro*. Também há empréstimos do árabe como podem atestar as palavras *forro*<sub>1</sub> ← *hurr*; *alforro* ← *al-hurr*; *masmorra* ← *matmúra*; *mazorro* ← *manzur*. O número de palavras registradas com datação é menor do que os verbetes em *-arro(a)* - 67 palavras, o que percentualmente, representa aproximadamente 48% do total.

Há composição em 57 vocábulos tais como: *entreforro*, *rosa-de-cachorro*, *tartaruga-de-morro*, *pé-de-cachorro*, *bonito-cachorro*, *fula-forro* etc. Existem seis

variantes ortográficas<sup>245</sup>; em sete verbetes não há nenhuma indicação etimológica<sup>246</sup>; três verbetes são formas flexionadas dos sufixos (*machorra*, *sapatorra* e *cachorra*). Há também um verbete formado por redução de palavra composta: *socorro*<sub>2</sub> ← *pneu de socorro*. Duas dessas entradas do dicionário apresentam o próprio sufixo e sua flexão: *-orro* e *-orra*.

As palavras sufixadas em *-orro*, cujo total compreende 22 palavras, serão classificadas de acordo com o significado do sufixo, como será possível verificar no quadro abaixo.

Valores semânticos	Paráfrases	Vocábulos
<b>Aumentativo/intensidade</b>	“X grande”, “muito X”	<i>Beijorra</i> , <i>cabeçorra</i> , <i>cabeçorro</i> , <i>manzorra</i> , <i>ganchorra</i> , <i>patorra</i> <sup>247</sup> , <i>gatorro</i> ,
<i>Nomina essendi</i>	“que é X”	<i>Beatorro</i> <sup>248</sup>
<b>Tipo/espécie de x</b>	“espécie/tipo de X”	<i>Tintorro</i> , <i>pichorra</i> <sub>1</sub> <sup>249</sup>
<b>Pejorativo</b>	“X ruim”	<i>Machorro</i> <sup>250</sup> , <i>sapatorro</i>
<b>Diminutivo</b>	“X pequeno”	<i>Piorra</i>

Quadro 18 - Valores semânticos do sufixo *-orro(a)* do Dicionário Houaiss.

Assim como o sufixo *-arro(a)*, o *-orro(a)* também forma aumentativos, sendo sua função mais comum. O traço pejorativo acompanha, muitas vezes, esses derivados.

<sup>245</sup> *Madorra* (*modorra*), *cachamorra* (*cachaporra*), *matamorra* (*masmorra*), *sorro* (*zorro*<sub>1</sub>), *jorra*<sub>2</sub> (*zorra*<sub>2</sub>), *pitorra* (*piorra*).

<sup>246</sup> *Pichorro*, *caporro*, *mindorra*, *gangorra*<sub>1</sub>, *gangorra*<sub>2</sub>, *mangorra* e *pichorra*<sub>2</sub>. Assim como no caso das formações em *-arro(a)(s)*, essas palavras serão reconsideradas na análise semântica das seções 2.3 a 2.5.

<sup>247</sup> Essa palavra também designa um tipo de uva. Pelo fato de o Dicionário Houaiss não trazer datação para cada acepção, não se pode afirmar, seguramente, qual teria sido seu primeiro significado. No entanto, pode-se supor que o significado metafórico – denominação de um tipo de uva (talvez pela semelhança das folhas da videira com o formato de um pé) – tenha surgido posteriormente. Do mesmo modo, esse processo pode ter ocorrido com a palavra *peixorra*, a qual designa um tipo de videira cultivada em Portugal.

<sup>248</sup> Essa palavra apresenta traço marcadamente pejorativo em sua segunda acepção, no entanto, esse significado, certamente, é fruto da extensão de sentido.

<sup>249</sup> Em basco há a palavra com base e significado semelhantes. Trata-se do vocábulo *pitxar* que designa um tipo de *jarro*. Mas, para admitir que a palavra em português originou-se no basco, seria necessário explicar a mudança da vogal *a* para *o*. Além disso, a ausência dessa palavra em espanhol, catalão e asturiano, dificulta a aceitação desse étimo.

<sup>250</sup> Essa palavra também está presente no espanhol e apresenta os mesmos significados. Para Corominas (1991), a base do vocábulo – *macho*, presente em espanhol, é de origem portuguesa. Os registros de datação colaboram para essa afirmação: Português (sec. XIII) e espanhol (1605). Piel (1953:205-206) chama atenção para o fato de a palavra ser feminina – *machorra*. O autor afirma que o adjetivo refere-se a uma ovelha que possui características masculinas, pelo fato de não procriar.

Mas também pode aparecer compondo o valor semântico do vocábulo, deixando de ser apenas um traço, como se vê nas palavras *machorro* e *sapatorro*.

O sufixo *-orro* apresenta dois valores semânticos, não encontrados nas palavras derivadas de *-arro*. Esses valores serão apresentados a seguir:

➤ **Diminutivo**

O significado de diminutivo aparece em apenas uma palavra *piorra*, que apresenta a forma variante *pitorra*. Essa palavra apresenta, além dos significados próprios de *piorra*, as acepções de *criança pequena; pessoa gorda e de baixa estatura*. No entanto, esses valores, certamente, foram conseguidos por extensão de sentido.

➤ **Espécie / Tipo de X**

As palavras *tintorro* e *pichorra*<sub>1</sub>, exemplos desse valor semântico, designam, respectivamente, *tipo de uva tinta*<sup>251</sup> e *espécie de picho ou pichel*<sup>252</sup>. No caso de *tintorro*, a base *tinta* também designa tipo de uva “*designação comum a várias castas de uva que apresentam intensidade colorante muito elevada*”. Vale ressaltar que a palavra derivante é hiperônimo da unidade derivada.

A palavra *tintorro* também aparece em galego e em espanhol. Na primeira, apresenta o mesmo significado casta de uva, já em espanhol a palavra designa um tipo de vinho, apresentando traço pejorativo: “*vino tinto, especialmente si es de mala calidad*”.

### 2.3. Desenvolvimento semântico em processo: Influências do significado do sufixo

Algumas palavras encontram-se em um processo intermediário ao caso do vocábulo *botifarra*, já analisado. Há nelas traços da influência dos valores semânticos típicos dos sufixos *-arro/-orro*, atuando em um de seus significados, muito embora, não tenha sido essa a primeira acepção e, muitas vezes, nem mesmo tenha existido etimologicamente um sufixo. Para tornar clara essa ideia e descrever esse processo,

<sup>251</sup> Certa casta de uva tinta; tintureiro.

<sup>252</sup> Pichel dotado de bico.

alguns exemplos serão descritos mais detidamente. O primeiro caso a ser analisado é o da palavra *bandarra*<sub>2</sub>, que em português apresenta os seguintes significados:

✓ **Bandarra**<sub>2</sub>:

1. (1712) *indivíduo ocioso ou preguiçoso; mandrião, vadio;*
2. *indivíduo de vida airada; farrista; frequentador habitual de reuniões festivas;*
3. (no Brasil do século XVIII) *casquilho ou peralta;*
4. (1899) *reunião festiva ou ruidosa; pândega;*
5. (1899) *mulher prostibular; meretriz.*

Na etimologia desse verbete aponta-se que essa seria uma formação portuguesa de *bando*+ *-arra*, tendo o sufixo função expressiva. Entretanto, esse vocábulo ocorre em espanhol e em catalão, apresentando significados semelhantes, como se pode verificar a seguir.

➤ Espanhol

✓ **Bandarra**<sup>253</sup>:

1. *referido a una persona, que es descarada y que actúa en contra de las normas sociales;*
2. *sinvergüenza*

➤ Catalão<sup>254</sup>

✓ **Bandarra**:

1. *prostitut, prostituta;*
2. *brétol, brétola*

Desse modo, é pouco provável que a palavra tenha sido formada em português. Contudo, ao se observarem as acepções, nessa língua, vê-se que a quarta definição (“*reunião festiva ou ruidosa; pândega*”) não está presente nas demais línguas, sendo um desenvolvimento particular da língua portuguesa. Essa acepção pode ser interpretada pelas paráfrases “*situação em que há X*” e “*típico de X*”. Sendo assim, esse

---

<sup>253</sup> Significados encontrados, respectivamente, em *Diccionario clave de lengua española* e *Diccionario de la real academia española*.

<sup>254</sup> Extraído de DIEC<sub>2</sub>.

significado, provavelmente, desenvolveu-se de forma independente dos demais, tomando como base a palavra *bando*.

Outro caso intrigante é o do vocábulo *bizarro*, que está presente em muitas línguas, entre elas o italiano, espanhol, francês e basco. Primeiramente, serão analisadas as acepções em português:

➤ **Bizarro**

1. *que se destaca pela boa aparência ou expressão pessoal, bem-apessoado; que tem bom porte ou boa postura corporal, garboso; elegante nos gestos e nos trajés.*
2. *que se faz notar pelo refinamento das maneiras ou pela pureza do caráter; primoroso no comportamento, gentil; dotado de magnanimidade; nobre, generoso, liberal.*
3. *que demonstra seu valor pessoal em grandes feitos; dotado de valentia; brioso.*
4. *digno de admiração ou louvor; magnífico, esplêndido* (derivação por extensão de sentido).
5. *que se impõe ou tenta se impor perante os demais, que demonstra insolência, arrogante; jactancioso, bazofiador.*
6. *bem-disposto física e/ou moralmente; que tem ou está com boa saúde* (uso informal)
7. *que é esquisito, estranho, excêntrico* (uso informal)

Como foi possível perceber, esse vocábulo apresenta, na maioria dos significados, traços positivos. No entanto, quanto ao uso, parece ser mais comum a ocorrência da sétima acepção, a qual possui traço negativo.

De acordo com o Houaiss, o vocábulo provém do italiano *bizzarro*, e esse, por sua vez, seria formado a partir de *bizza* “ira, raiva momentânea” + *-arro*. Contudo, o fato de esse sufixo ser raro em italiano padrão<sup>255</sup>, provoca questionamentos em relação a essa etimologia. Por outro lado, ao pesquisar a palavra nas diferentes línguas em que está presente, a filiação desse vocábulo ao espanhol ou ao basco, como propõe alguns

---

<sup>255</sup>Iribarren Argai (2005: 345) afirma: “Claramente los vocabulos con verdaderos sufijos romances em -rr- son escasos em italiano estándar. Ela cita alguns vocábulos derivados: *buzurro, fusciarra, nasorre e bizzarro*.”

estudiosos<sup>256</sup>, mostra-se incoerente no tocante à datação. Segundo Corominas (1991: 467-468), não há registro de *bizarro* em espanhol medieval, aparecendo somente no século XVII. Enquanto que, em italiano, essa palavra era utilizada já no século XIII no sentido de “*furioso, feroso, iracundo*”, o que parece ser seu primeiro significado<sup>257</sup>, o qual não consta em português.

O elemento formativo *-arro* é explicado, ainda de acordo com Corominas, pelos resquícios etruscos em *-arra, -arru*<sup>258</sup>, os quais passaram ao latim e dessa ao italiano, como atestam os exemplos: *tabarro*<sup>259</sup> e *ramarro*<sup>260</sup>, existentes ainda hoje nessa língua.

A transmissão dos significados dessa palavra se deu de forma distinta em português, francês e espanhol. Para Corominas (1991) o significado original de “*iracundo, furioso, feroso*” passou ao sentido mais comum hoje. Foi com esta acepção de *estranho, fantástico, caprichoso*, que o vocábulo teria entrado no francês, sendo datado no século XVI.

Essa acepção passou ao espanhol e ao português. No entanto, naquela língua esse significado é apontado como galicismo, não sendo considerado como típico da língua. No espanhol, os dicionários apresentam os seguintes significados:

1. *valiente*;
2. *generoso, lúcido, espléndido*.

Já em português o significado mais comum atualmente é aquele documentado em francês. Isso pode indicar que, ao contrário do que afirma o Houaiss, a palavra teria entrado em português via francês e não pelo espanhol. Essa ideia parece coerente já que o vocábulo aparece empregado com esse significado já em 1587<sup>261</sup>, ao passo que em espanhol, como se viu, aparecerá apenas no século seguinte.

<sup>256</sup>Baltasar de Echaue (1607); F. Diez (1890); Zambaldi (1889).

<sup>257</sup>*Tutti gridavano: “A Filippo Argent!”; / e’l Fiorentino spirito bizzarro/ In sè medesimo se volvea co’ denti.* (Dante, *A divina comédia - Inferno*, canto VIII, 61-63)

<sup>258</sup>Essa terminação está presente tanto nos dialetos italiano quanto na língua padrão. Estudos apontam que *-rra* está presente em 40 vocábulos do léxico da língua padrão e 43 palavras possuem a terminação *-rro*. Isso coloca as terminações nos postos de frequência 118 e 113, respectivamente. (Mario Alinei, 1962, *apud*: Iribarren Argaiç, 2005).

<sup>259</sup>*Ampio e pesante mantello da uomo da indossare sull’ abito o anche sopra il cappotto*, datado no século XIV (Battisti, 1954).

<sup>260</sup>*Grossa lucertola col dorso di colore verde brillante a macchie brune o bianche e addome giallo-verdastro*, datado no século XIII (Battisti, 1954).

<sup>261</sup>Esse registro é um pouco anterior à datação oferecida pelo Houaiss (1595).

Traz esse gentio os beijos furados, e pedras n'elles e no rosto, como os Tupinambás; e ainda, se fazem mais furos n'elle, e se fazem mais **bizarros**; e quando se enfeitam o fazem na fôrma dos Tupinambás, e trazem ao pescoço colares de dentes dos contrarios como elles, e na guerra usam dos mesmos tambores, trombetas, buzinas que costumam trazer os Tupinambás; os quaes são muito mais sujeitos ao peccado nefando, do que são os Tupinambás, e os que servem de machos se prezam d'isso, e o tratam, quando se dizem seus louvores<sup>262</sup>.

Desse modo, vê-se que o valor semântico inicial do sufixo foi o de *nomina essendi* já que é possível interpretar o vocábulo em italiano como “*aquele que é X*” (*aquele que é iracundo/furioso*). Mas em português, o significado que atual é resultado da derivação de toda a palavra e não só do sufixo. Muito embora, seja possível considerar a influência dos valores semânticos típicos desse elemento formativo nessa palavra. O que indicaria a atuação de um processo analógico que teria auxiliado na preservação desse significado em português.

#### ➤ **Gambiarra**

Outro caso a ser analisado é o vocábulo *gambiarra* que designa *uma extensão elétrica, geralmente de fio comprido e que possui grande mobilidade, permitindo a sua utilização em diferentes lugares*. Inicialmente, o vocábulo não possuía sentido pejorativo, designando tão somente o tipo de instalação, não havendo referência ao fato de ser ilegal.

De acordo com o DHLP, *gambiarra* é de origem duvidosa. Entretanto, Nascentes (1952) acredita que poderia ligar-se a *gâmbia* (*perna*), do italiano *gamba*, de igual significado. A inexistência desse vocábulo em outras línguas românicas reforça a hipótese de sua formação em português. Essa raiz está presente em uma série de vocábulos de uso informal como: *gambito*<sup>263</sup> e sua variante *cambito* (“*perna fina*”); *cambeta* ou *cambaio* (“*que tem pernas tortas*”); *engambitar* (“*atravessar a pé, transpor*”), *gambéria* (“*golpe com o pé nas pernas de outrem para derrubá-lo*;

<sup>262</sup>SOUSA, Gabriel Soares. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1938.

<sup>263</sup> Em espanhol esta palavra significa “*en el ajedrez, jugada que consiste en sacrificar alguna pieza al principio de la partida para lograr una posición favorable.*”

*ambapé, rasteira*”), *gambeteação* (“ação ou efeito de gambetear”) e *gambeta*<sup>264</sup> (1- “movimento oscilante do corpo e das pernas, em pessoa ou animal, para esquivar-se de adversário, em combate ou de perseguidor”; 2- Sentido Figurado: “procedimento manhoso, astucioso, pouco decente”).

Há também raízes semelhantes no espanhol. Podem-se citar *gamberro*<sup>265</sup> (*persona grosera o poco cívica; libertino, dissoluto*), *gamberradas* (*acción propia del gamberro*), *gamberrear*. Essas palavras também estão presentes em catalão e em asturiano, apresentando significados idênticos. Pode-se observar que tanto em português quanto em espanhol há a raiz *gamb-*, a qual se liga a termos relacionados, semanticamente, a “perna” e outro que aponta para termos pejorativos.

A partir desses dados apresentam-se algumas hipóteses. Ao contrário do que acredita Nascentes (1952), a palavra que serviu de base para formação de *gambiarra* seria *gambeta* em sua segunda acepção “procedimento manhoso, astucioso, pouco decente”. A datação registrada pelo Houaiss, 1573, auxiliaria nessa hipótese. Nesta situação, o sufixo teria valor expressivo.

A segunda proposta explora a atuação da metáfora na formação desse vocábulo. Assim como se pode usar o termo *braço* para se referir a uma *ramificação do rio e de uma árvore*, também é possível utilizar *perna* na seguinte acepção: “qualquer haste ou peça comprida que se bifurca em ramos, linhas etc.; peça que serve de apoio ou suporte a objetos diversos”. Os valores semânticos conseguidos por meio da metáfora, também podem ter incidido sobre o termo sinônimo – *gâmbia*. Dessa forma, o sufixo configuraria como reforço nessa formação.

Apesar de não ser possível indicar peremptoriamente qual seja étimo dessa palavra, verifica-se que em ambas as hipóteses o sufixo apareceria exercendo uma função expressiva, não contribuindo com valor semântico à base. É relevante ressaltar que o traço pejorativo decorre, posteriormente, fruto da extensão de sentido de todo o vocábulo. Todavia, o desenvolvimento desse traço pode dever-se também à influência das palavras arroladas acima.

Também é interessante observar a sequência do desenvolvimento semântico ocorrido na palavra *almanjarra*, de origem árabe – *al-majarr* (*trave, barrote; curso de*

<sup>264</sup> Também existe em espanhol, contudo apresenta outro significado: *en danza, movimiento que se hace con las piernas cruzándolas en el aire*.

<sup>265</sup> Dado como de origem incerta e datado no espanhol em 1883. (Corominas, 1991: 58)

água). Nota-se que não se trata de um verdadeiro sufixo, mas ainda assim a análise traz elementos importantes para o estudo semântico do sufixo.

➤ **Almanjarra**

1. *Pau ou trave a que se atrela o animal para movimentar a nora<sub>2</sub> ou a atafona;*
2. *Rodo usado para juntar o sal nas salinas;*
3. *Móvel muito grande e mal-acabado;*
4. *Coisa ou pessoa grande e disforme (derivação: sentido figurado)*

A primeira acepção se aproxima bastante do significado da língua de origem, uma vez que ambas as definições se referem a uma trave usada como instrumento para movimentação necessária para retirar água de poços. A segunda acepção parece ter-se desenvolvido a partir da primeira, pelo fato de igualmente designar um instrumento usado para movimentação. Já os significados apresentados em 3 e 4 afastam-se das primeiras acepções, mas pode ser explicado por elas. Os instrumentos descritos em 1 e 2 são objetos de grande dimensão. Essa característica pode ter servido de base para a designação de outros elementos de tamanho semelhante, isto é, para descrever objetos de grande porte. Assim, a acepção 4 poderia ser explicada no que se refere ao traço de grandeza. Já o traço pejorativo, presente nas duas últimas acepções, pode ter decorrido da ideia de grandeza, o que é bastante comum. Outra hipótese possível, que não descartaria a primeira, seria a influência da terminação *-arra*, sendo interpretada como sufixo.

Ainda é possível citar as palavras *gabarra* e *gambarra*. No dicionário Houaiss, a primeira é associada ao francês *gabarre* e a segunda é dada como de origem obscura. Desperta a atenção o fato de ambas as palavras possuírem significados bastante parecidos:

➤ **Gabarra (1858)**

1. *Embarcação de grande porte e características variáveis, podendo ser a vela com até três mastros; usado para transporte de pessoal e carga e descarga dos navios nos portos;*

2. *Canoa grande com gurupés e dois mastros, velas latinas quadrangulares, pequena tolda à popa e cobertura plana até a proa, usada para transporte de gado;*
3. *Grande rede de arrastar.*

➤ **Gambarra** (1899)

- *embarcação a vela que contém pequena tolda a ré, dois mastros e gurupés, e panos latinos quadrangulares; serve para transportar gado nas águas de Marajó.*

Como se pode atestar observando as definições acima apresentadas, as palavras são formalmente parecidas e possuem significados semelhantes. É necessário salientar que, diferentemente de *gabarra*, que está presente em espanhol, galego, asturiano, catalão, francês, italiano e basco, a palavra *gambarra* só existe em português. Esse fato faz supor que essa última seja uma variante de *gabarra*, tendo sido formada pela nasalização da vogal da primeira sílaba. A nasalização provavelmente formada por analogia com o vocábulo *gambadonos* (*gambadonas*), que também está inserido no campo semântico da marinha e tem como significado – “*cabos que envolvem os mastros para reforçá-los*”. A datação desses vocábulos colabora com essa proposta, visto que *gambadonos* aparece registrada em 1858 e *gambarra*, como se viu é de 1899.

De acordo com a datação é possível apontar o francês *gabarre* como responsável pela entrada do vocábulo em português. É preciso dizer, no entanto, que a história dessa palavra é mais antiga. De acordo com Corominas (1991), o vocábulo greco-latino *carābus* teria se transformado em *gabarra* em território basco, já que apenas ali as alterações em sua estrutura, como a metátese, a mudança do acento, a duplicação de -r, poderiam ser explicadas. Posteriormente, o vocábulo, depois de ter-se transformado, passou ao francês (1338) e ao espanhol (1631).

O vocábulo francês significa, de acordo como o *Le petit Robert*, “*Ancien bâtiment de charge dans la marine de guerre; Embarcation, souvent plate, pour le transport des marchandises*”, não havendo nenhum traço de grandeza<sup>266</sup>.

Já em espanhol o vocábulo é descrito da seguinte forma:

---

<sup>266</sup> Ao consultar os verbetes *gabarre* e *gabare*, dados como variantes, no *Dictionnaires d'autrefois* percebe-se que no segundo há a presença do traço de pequenez.

✓ **Gabarra<sub>1</sub>**

1. *Embarcación mayor que la lancha, con árbol y mastelero, y generalmente con cubierta. Suele ir remolcada, y cuando no, se maneja con vela y remo, y se usa en las costas para transportes;*
2. *Barco pequeño y chato destinado a la carga y descarga en los puertos.*

O traço de grandeza aparece apenas como elemento de comparação com outro tipo de embarcação. Isso pode ser confirmado ao se comparar a definição em outro dicionário dessa língua. Assim, no *Diccionario Clave de lengua española* o verbete é descrito como: “*Barco pequeño de forma achatada, que se utiliza para la carga y descarga en los puertos.*”

Nas outras línguas em que a palavra está presente, o traço de grandeza também não aparece, como podem atestar as definições abaixo:

➤ Galego

✓ **Gabarra:**

- *Embarcación pequena de fondo chato, destinada á carga e descarga nos portos.*

➤ Catalão

✓ **Gavarra (1803):**

- *Embarcació robusta de bordes paral leles i caps mínimament afuats destinada al transport fluvial de càrrega.*

➤ Asturiano

✓ **Gabarra:**

- *Embarcación (pequeña que s’usa pa carga y descarga).*

➤ Basco

✓ **Kabar (Gabar):**

- *Lancha, sem honra, imunda.*

➤ Italiano

✓ **Gabarra:**

- *Galleggiante a fondo piatto, usato nei porti per carico e discarico di navi*<sup>267</sup>.

Após observar as definições, é possível perceber que o traço de dimensão oscila de acordo com a língua. Essa alternância pode ser verificada dentro de um mesmo idioma, dependendo da obra lexicográfica consultada. Apesar da imprecisão vista nas obras lexicográficas, pode-se dizer que o traço de grandeza aparece apenas em português. A oscilação que se encontra em asturiano, galego, espanhol e francês é a presença ou não do traço diminutivo. Já em catalão, italiano e basco não há indicações a respeito da dimensionalidade do objeto.

Dessa forma, o aspecto de grandeza é particular do português. Como o exemplo anterior, esse traço foi desenvolvido, provavelmente, por influência da terminação, a qual teria sido interpretada como sufixo. Esse fato poderia explicar também o surgimento do significado “*grande rede de arrastar*”, exposto na acepção 3.

Como se verá no decorrer deste trabalho, o valor aumentativo é mais comum em português do que em outras línguas pesquisadas. Sendo assim, o desenvolvimento desse traço em vocábulos de língua portuguesa é bastante indicativo quanto à influência desse elemento formativo.

Assim como *gabarra*, há outros vocábulos que são comuns a um grande número de línguas, românicas e não-românicas. A palavra *modorra* (1154), por exemplo, pode ser encontrada em português, espanhol, catalão, galego e basco. Em todas essas línguas esse vocábulo apresenta significados semelhantes: “*sonolência ou sensação de sono, preguiça, desânimo*”. Em basco, encontra-se *modorro* e *modorra* e, nesta língua, há a mesma diferença vista em português. A forma masculina designa o adjetivo, isto é, se refere à *pessoa que sente modorra*. Já a forma feminina é um substantivo e nomeia a *sensação de preguiça, sonolência*. É importante ressaltar que o adjetivo é bem mais recente que o substantivo, assim como também são as variantes desse vocábulo encontradas em português: *madorra* (1716) e *madorna*<sup>268</sup> (1622-1682). Consta também *madornice*, entretanto, não há registro de datação para este verbete.

Para Corominas (1991: 398-400), o vocábulo, apresenta origem incerta, pois, apesar de ser antigo em basco, não é possível dizer que esse tenha se originado nessa

<sup>267</sup> *Dizionario Garzanti di italiano* 2006 (CD-ROM).

<sup>268</sup> Corominas (1991: 399) e Iribarren (2005) afirmam ser comum, em palavras de origem pré-romana a transformação de *rr* em *rn*.

língua. Para o estudioso a palavra proveio de uma raiz pré-romana - \**mūtūrru-*, a qual seria aparentada com o basco.

Muito semelhante é o caso de *pachorra* (1720) que está presente em galego, espanhol, asturiano e basco. Corominas (1991) acredita que esta palavra possua raiz expressiva. De acordo com o autor, a raiz possui sentido de “*gordura*” ou “*rechonchez*”, da qual extrai o significado de *fleuma* “*frieza, indiferença, calma excessiva*”. Vale destacar que em português o significado de *gordura* e *plenitude* também pode ser visto no verbo *empachar*, como também em seus cognatos.

Ao comparar as palavras *modorra* e *pachorra* vê-se que os significados são próximos, contudo, a sensação de sonolência, no caso da *modorra*, é causada por uma enfermidade ou outro fator:

### **Pachorra**

**Português (1720):** falta de pressa ou de aplicação; calma excessiva, paciência embotada.

**Galego:** Lentitude na maneira de face-las cousas ou de ocorreren estas.

**Espanhol:** Flema, tardanza, indolência; Calma o despreocupación excesivas en la forma de actuar.

**Basco:** 1. "Pachorra" "Cachaza, pachorra" 2. (*patxor*). tranquilo, sosegado.

**Asturiano:** Paciencia y tranquilidad (desaxerada).

### **Modorra**

**Português: (1154):** sonolência causada por certos tipos de doença, desejo irresistível de dormir, ainda que não provocado por doença, grande desânimo ou prostração; apatia, indolência

**Galego:** Sensación de sono producida pola calor, o cansazo, etc.

**Espanhol:** Que padece de modorra patológica; Inadvertido, ignorante, que no distingue las cosas; Somnolencia, sopor profundo

**Basco:** 1. *Sot*, *stupide*; *stupide*, *insensible* ; 2. *modorra* "Arbol trasmochado", "trasmochado"; "Rama, tronco podado; desgajado después de podado" 3. (Sust.). "animal que debiendo tener cuernos no los tiene".

**Catalão:** Somnolència o sopor intenso.

Outro vocábulo que mantém relação semântica com os termos acima analisados é o vocábulo *camorra*. Esse parece ter entrado em língua portuguesa via italiano, como pode indicar a sua primeira acepção – “*qualquer organização que, à maneira da Camorra, antiga associação criminosa de Nápoles, formada por volta de 1820, lança mão de métodos ilegais para a obtenção de lucros e de poder*”. Entretanto, esse vocábulo foi difundido em muitas outras línguas, nas quais se podem encontrar datações anteriores. Isso indica que o vocábulo, apesar de ter entrado por influência do italiano, não se originou nessa língua.

De acordo como o dicionário etimológico de italiano (DEI), grande parte dos etimologistas aponta que o italiano tomou o vocábulo de empréstimo do espanhol. Em Corominas (1991) e em Batisti (1954)<sup>269</sup> encontram-se registros de datação que dão conta da anterioridade desse termo em espanhol, sendo datação em 1735, enquanto no italiano aparece apenas no século XIX.

Também vale destacar que o sentido mais comum, o qual fora difundido em diversas línguas, aparecendo até mesmo em romeno – *organização criminosa napolitana* - não foi o primeiro significado desse vocábulo. Corominas (1991: 788-789) aponta que a palavra pode ter-se derivado a partir do adjetivo *camorro* que designava “*rês que padecia de modorra, doença que atacava a cabeça dos animais*”. Por isso, o autor afirma que a palavra pode ter indicado, originalmente, a *modorra*<sup>270</sup>. Isso explicaria também o significado que *camorra* assume em asturiano: *cabeça de animal ou pessoa*. Ele assegura também que, embora o vocábulo tenha sido difundido pelos aragoneses bascos, a palavra é de origem românica.

Outra palavra que também pode ser aqui elencada é *chamorro*. Para Corominas (1991: 13-14) seria um vocábulo pré-romano, tomado pelo basco e, posteriormente, difundido pela Espanha. Para ele está clara a presença da terminação pré-romana *-orro*. O autor descarta a hipótese de Moraes (1949-1959) que filia o vocábulo ao basco *txamorro*, já que para Azkue (1906) essa palavra não tem relação com os significados encontrados no espanhol, assim como nas outras línguas em que o vocábulo se difundiu. Para o estudioso a palavra basca *txamorro* designa “*gorgojo*” (tipo de inseto). Entretanto, ao se consultar o dicionário da Real Academia de la lengua Vasca (DRAV), pode-se verificar que há um significado bastante semelhante ao encontrado nas línguas

<sup>269</sup> Ambos os dicionários apontam que se trata de vocábulo de origem incerta.

<sup>270</sup> Corominas (1991) afirma que a palavra em questão não deriva de *modorra*, ainda que originalmente tenha servido como sinônimo dessa enfermidade.

iberorromânicas – “*la parte superior de la cabeza trasquilada*”. Desse modo, não se pode descartar a hipótese dessa palavra ter-se originado no basco, assim como também não é possível excluir a proveniência pré-romana. Entretanto, o que se pode afirmar, de forma decisiva, é a presença da terminação *-orro*.

#### **2.4. Vocábulos de origem obscura ou controversa: alguns esboços**

Como se viu anteriormente em relação aos verbetes com a terminação *-arra*, constantes no *Dicionário Houaiss*, grande número dessas palavras apresentam datação e fornecem dados etimológicos. Poucos foram os casos em que o dicionário não trazia nenhuma informação a respeito sobre o verbete<sup>271</sup>. Nesses casos, a análise do vocábulo fica comprometida, já que não há indícios sobre sua história e desenvolvimento. Além disso, esses vocábulos, geralmente, não são encontrados em outras línguas aparentadas ao português, o que dificulta ainda mais a sua investigação.

Contudo, em alguns casos tentou-se traçar hipóteses que explicassem sua formação. Sendo assim, foi possível apontar alguns indícios em relação aos verbetes *gibarra*, *pigarro*, *mindorra*, *pichorra*<sub>2</sub> e *cachorro*.

##### **✓ *Gibarra***

A palavra *gibarra* é apresentada como sendo de origem obscura, mas apresenta registro de datação – 1913. O dicionário classifica o verbete como regionalismo do Norte do Brasil e designaria algo “*de estatura elevada; muito alta*”. Esse significado se aproxima bastante do da palavra *giba*, proveniente do latim *gibba* (*corcova, corcunda, convexidade*). Em português, a palavra derivante apresenta quase os mesmos significados, espalhando-se por outros campos semânticos como botânica e marinha. No entanto, uma ideia continua sendo preservada nos diferentes campos semânticos - algo que se destaca em uma estrutura ou objeto, como se pode verificar nas acepções abaixo:

1. *saliência convexa nas costas, peito ou dorso de homem ou animal;*
2. *proeminência em forma de corcova em um órgão laminar ou maciço;*

<sup>271</sup> As palavras são: *namarra, masmarra, pigarro, picarro, gibarra, pixarro, casmarra, gambarra, zanguizarra e tigarro*.

3. *vela de proa, de forma triangular e que se prende no pau de mesmo nome, situada logo na antevante da bujarrona;*
4. *pau de vante da proa, que espiga para fora do pau da bujarrona e onde é amurada a vela de mesmo nome.*

Desse modo, é razoável supor que *giba*, datada em 1557, tenha servido de base para a palavra *gibarra*. Assim, o valor semântico do sufixo *-arra* seria apenas de reforço, não alterando substancialmente o significado da palavra. No entanto, modifica sua classe gramatical, passando de substantivo a adjetivo.

### ✓ *Pigarro*

A mesma classificação – origem obscura – recebe a palavra *pigarro* (1720) que designa:

1. *uma perturbação na garganta ocasionada pela aderência de mucosidades ou por outro motivo, e que se procura superar por movimentos musculares locais que produzem ruído cavo e característico;*
2. *som produzido pelo esforço de livrar a garganta dessa mucosidade.*

Neste verbete o dicionário não traz informações sobre sua etimologia, mas dá indícios de sua origem ao descrever a entrada *pigarr-*, na qual indica dois caminhos possíveis. O primeiro aponta como base a palavra *pegar*, com o alçamento da vogal *-e*. A proposta não procede, uma vez que, nesse contexto,<sup>272</sup> esse processo fonético não se verifica. Quanto ao significado, pode-se dizer que a palavra derivante apresenta semelhanças com o termo derivado, uma vez que *pegar* também significa “*aderir, fixar-se, colar*”, ligando-se à primeira acepção de *pigarro*.

A segunda hipótese indica a base *picarro* “*que se notabiliza por alguma coisa*”, “*famoso*”, com sonorização da consoante velar. Essa proposta parece não se encaixar perfeitamente quanto ao significado, uma vez que a palavra *picarro*, também apontada como de origem obscura, possui significado bastante diverso do da palavra *pigarro*.

Analisando essas informações, outras hipóteses podem ser aventadas. Tomando com base o tema do verbo *picar*, nas acepções “*causar irritação a; espicaçar, ferir, afligir*”

<sup>272</sup> Contexto: [e] antes de vogal tônica

e “causar sensação de comichão em”, pode-se verificar alguma semelhança com palavra derivada. Desse modo, a sonorização da consoante velar também aqui seria admitida, porém em relação à base *pica* ← *picar*, a qual receberia o sufixo *-arro*, com valor semântico de agentivo: “aquilo que X<sup>v</sup>”, em que X é ocupado pelo tema verbal de *picar*. A datação dos verbetes colabora também para essa hipótese, já que *picar* aparece registrada já em 1269.

Ademais, deve-se ressaltar que, possivelmente, *pigarro* tenha sofrido influência de outra palavra circunscrita nesse campo semântico – *catarro*<sup>273</sup>, datada em 1557.

### ✓ *Pichorra*<sub>2</sub>

Podem-se traçar também alguns comentários sobre o verbete *pichorra*<sub>2</sub>, o qual, em sua primeira acepção, apresenta significados bastante semelhantes à *pachorra*, já abordado neste trabalho, ao se referir a um “estado de lassidão, de preguiça”. O dicionário não traz nenhuma informação sobre a origem, como também não aponta datação. Ainda assim, é possível conceber que essa palavra possa ser uma variante de *pachorra*. A transformação de *a* para *i*, apesar de não ser uma alteração muito comum em português<sup>274</sup>, ocorre em outros casos atestados pelo dicionário, como mostram as palavras *mijacão*; *mijicão* e *tamão*, *timão*. A ausência dessa palavra em outras línguas iberorromânicas e a impossibilidade de relacioná-la a uma base portuguesa reforçam a ideia de formação por alternância vocálica.

### ✓ *Mindorra*

No caso da palavra *mindorra*, é possível relacioná-la com outros dois vocábulos que apresentam radical semelhante e significado idêntico. É o caso de *minduba* e *mindubinha*, as quais designam “água ardente de cana; cachaça”. Entretanto, não se pode dizer qual a palavra derivante e quais são derivadas, uma vez que não há indicações de datação para nenhuma das palavras acima citadas. Pode-se supor que o sufixo *-orra* teria, nesse caso, valor expressivo. A julgar pela frequência de uso que esta palavra apresenta, ocorrendo apenas 13 vezes em pesquisas na *internet*, é possível

<sup>273</sup> Processo semelhante pode ser visto na formação do vocábulo *catamurra*, a qual teria derivado da palavra *amorra* “res que padece ele moquillo, enfermedad catarral”, que por sua vez se deve a influência do vocábulo *catarro* (Corominas, 1991: 789)

<sup>274</sup> Comparando-se com as alternâncias de *e* para *i* ou de *u* para *o*, as quais são bem mais frequentes.

pensar que se trata de uso restrito de um autor, o qual buscava por uma forma mais expressiva.

### ✓ *Cachorro*

O dicionário Houaiss, Corominas (1991) e Machado (1959) classificam esse vocábulo como de origem incerta ou duvidosa. Em Corominas encontra-se, além da proposta etimológica que aponta para reduplicação afetiva do latim *catŭlus*<sup>275</sup>, sugerida também por Cunha (1982), a possibilidade de uma derivação calcada na palavra-base *cacho*. Vocábulo que, originalmente, teria significado “*filhote de cão*”, assim como seu derivado - *cachorro*.

Esse autor também menciona a proposta que filia a palavra portuguesa ao basco *txakur*<sup>276</sup>, embora não concorde com essa ideia. Corominas (1991) cita a posição de Lecoy que acredita ser improvável uma metátese desse tipo em espanhol e afirma ainda outra incoerência – o fato de a palavra em basco não designar “*filhote de cão*” e sim *cão*. Quanto a isso, o estudioso acresce que, em algumas regiões bascas, *txakur* pode ser usado como diminutivo, mas não como *cria de cão*.

Para considerar essa proposta, seria preciso admitir além da atuação da metátese, a transformação da vogal *-u* para *-o*, se se considerar que o processo atingiu apenas os sons consonantais. Caso se considere que a primeira sílaba inteira *-txa* deslocou-se para segunda posição, ter-se-ia que reconhecer a mudança da vogal *a* para *o* e da vogal *u*, da sílaba *-kur*, para *a*. Nota-se, portanto, que para adotar essa etimologia seria preciso aceitar uma série de transformações fonéticas e semânticas<sup>277</sup>. Por isso, essa proposta é pouco interessante tendo em vista as vastas explicações de natureza diversa que precisam ser evocadas para acatar esse étimo.

Pelo exposto, vê-se que em duas das propostas apresentadas, é preciso considerar a atuação do sufixo. Tanto a proposta que aponta para a formação baseada

---

<sup>275</sup> Em relação à proposta que filia a palavra ao latim, lê-se em Nascentes (1952) a indicação de que a sequência *-tl-*, formada pela queda do *-u*, não passa a *-ch-* em espanhol, o que inviabilizaria tal formação. Cabe destacar que em português essa sequência pode se palatalizar em *-lh*, em uma transformação semelhante a que teria originado a palavra *velho*:  $\sqrt{\text{vet. ul-}} > \sqrt{\text{vet. l-}} > * \sqrt{\text{vec. l + u.m}} > \sqrt{\text{ve. lh.o}}$ . (Viaro, 2004:138)

<sup>276</sup> Os autores Nascentes (1952), Silva Neto (1979), Entwistle (1948) e Rohlfs (1969) propõem essa etimologia.

<sup>277</sup> O vocábulo *txakur*, que também pode ser usado como diminutivo em algumas regiões bascas, teria passado ao português com esse significado e, posteriormente, teria sido interpretado como *cria do animal*.

em *cacho*, quanto àquela que indica como palavra derivante *catūlus*, pressupõem a adjunção de *-orro*.

Já na hipótese de o étimo provir do basco *txakur*, não haveria um sufixo etimológico e sim uma alteração final do vocábulo como consequência da posposição do artigo definido *a*. Ainda assim, essa sequência final poderia ter sido reinterpretada, recebendo valor de sufixo.

Sendo assim, embora não se possa afirmar, seguramente, qual o étimo do vocábulo *cachorro*, sabe-se que há um elemento de formação, seja etimológico ou conseguido por meio de reanálise, o qual contribui com o valor semântico de diminutivo ou “*cria de*”. Contudo, não se observa atualmente, no português brasileiro, a distinção entre *cachorro* “*filhote*” e *cão* “*animal adulto*”, a qual se mantém ainda em Portugal.

### ✓ *Caparro*

Esse verbete é definido pelo Dicionário Houaiss como “*m.q. barrigudo (designação comum)*”, esse vocábulo, por sua vez, é definido como “*designação comum às espécies de primatas amazônicos, do gênero Lagothrix, da família dos cebídeos; de pêlo macio e lanoso, cauda preênsil, barriga arredondada e volumosa; caparro, caparu, macaco-barrigudo*”. Desse modo, percebe-se que a palavra nomeia uma espécie de macaco, a qual apresenta como característica *barriga arredondada e volumosa*. Essa característica faz supor uma relação com o termo *capão<sub>1</sub>*, já analisado neste trabalho (Capítulo 2). Como se viu, *capão<sub>1</sub>* é o animal que sofre capadura, procedimento que auxilia no processo de engorda<sup>278</sup> do animal. Sendo assim, é possível que a palavra em apreço tenha relação com o vocábulo *capão<sub>1</sub>* (1159), ou com seus cognatos, *capar*, *capação*, *capadura*.

---

<sup>278</sup> Algumas acepções da palavra cognata *capado* apresentam de modo mais nítido a relação entre os processos de engorda e capação, a saber: “*porco castrado para engorda*”; “*qualquer pessoa ou animal muito gordo*” (por analogia).

## 2.5. Re-organização e classificação dos significados dos sufixos -arra e -orro, traços e campos semânticos

Após a exposição realizada nas seções 2.3 e 2.4, é possível re-organizar o Quadro 17, incluindo dois novos significados - *tipicidade* e *agentivo*, como se verifica a seguir.

Valores semânticos	Paráfrases	Vocábulos
Agentivo	“aquilo que X”	<i>Pigarro</i>
Aumentativo-intensivo	“X grande”, “muito X”	<i>Botifarra, naviarra, bocarra, bicarra</i>
Não-parafra-seável	-	<i>Pamparra</i>
<i>Nomina essendi</i>	“que é X”	<i>Baitarra, bizarro</i> <sup>279</sup>
Inalterado	-	<i>Gibarra, chibarro, gambiarra</i>
Tipicidade	“situação em que há X”, “típico de X”.	<i>Bandarra</i>

Quadro 19 - Re-organização dos valores semânticos do sufixo -arro(a) em português

Algumas palavras apontadas como derivadas não puderam ser parafraseadas pelo fato de terem se tornado obscuras, impossibilitando a criação de paráfrases que evidenciem a palavra-base. Todavia, pode-se classificá-las de acordo com o traço e/ou campo semântico que possuem. O quadro subsequente traz a divisão proposta para os vocábulo em -*arro(a)(s)* não-parafraseados.

Campos e traços semânticos	Vocábulo
Dimensional	<i>Gabarra, almanjarra</i>
Fauna (epiceno)	<i>Cigarra, chicharro</i>
Instrumento ou objeto	<i>Gamarra, piçarra, samarra</i> <sup>280</sup>
Nome de planta	<i>Chaparro</i>

Quadro 20 - Campos e traços semânticos das palavras terminadas em -*arro(a)* do português

<sup>279</sup> Note-se que o valor semântico se refere à primeira acepção, já que em português esse significado não é mais recuperável.

<sup>280</sup> Essa palavra possui as variantes *chimarra* e *chamarra*.

As palavras expostas no grupo dimensional já foram analisadas nesse trabalho (Seção 2.3). Portanto, reserva-se o espaço para tratar, brevemente, dos demais vocábulos.

- ✓ **Cigarra (1562):** “designação comum aos insetos homópteros da família dos cicadídeos, que reúne os maiores representantes da ordem, notáveis devido à cantoria entoada pelos machos”

Apesar de ser controversa sua origem, é possível afirmar que chegou ao português por intermédio do espanhol (*cigarra*, 1250). Cunha (1982), Corominas (1991) e Pharies (2002) apontam como étimo a palavra latina *cicāda,ae*, sobre a qual teria sido adicionado o sufixo *-arra* em substituição à terminação *-āda*<sup>281</sup>.

- ✓ **Chicharro (1899):** “peixe teleósteo perciforme da família dos carangídeos (*Trachurus trachurus*).

A palavra pode ser encontrada em espanhol, galego e asturiano, apresentando o mesmo significado. O DHLP classifica como vocábulo de origem duvidosa, ao passo que Corominas (1991) relaciona a palavra com a forma *chicharra*, variante de *cigarra*. Já o DRAE indica que a palavra tenha origem onomatopéica, o que não exclui a proposta de Corominas (1991), visto que *chicharra* também teria sido formada sob base onomatopéica, com auxílio da palavra *cigarra*.

- ✓ **Gamarra (1635):** “parte do arreio que consiste numa correia passada das cilhas à focinheira e usada para impedir que a cavalgadura levante demais a cabeça”

O DHLP aponta o verbete como de origem duvidosa, mas menciona a proposta de Nascentes (1952) que filia o vocábulo ao latim *cāmus* de significado semelhante “espécie de freio”. Contudo, encontra-se a indicação, no DRAE, de que a palavra é proveniente do basco *gamarra*. Colabora para essa hipótese o fato de o termo aparecer apenas em português e em espanhol, não sendo encontrada nas demais línguas

---

<sup>281</sup> O mesmo processo teria ocorrido também com o vocábulo *tábano*, o qual passou a *tabarra*.

românicas. Desse modo, parece se encaixar nos casos de palavras, com a terminação -arra, inseridas no campo semântico rural/campestre, visto que em basco apresenta o mesmo significado verificado em português.

- ✓ **Piçarra (1537-1583):** “material semidecomposto, originado da mistura de fragmentos de rocha, areia e concreções ferruginosas, conservando, ainda, vestígios da textura original da rocha”

Palavra também encontrada em espanhol, asturiano e basco. A datação em espanhol (1475) permite apontar que o vocábulo tenha entrado em português por meio dessa língua. O DHLP aponta como origem provável o basco *lapitz-arri*, que possui o mesmo significado visto em português (DRAV).

- ✓ **Samarra (século XV):** “espécie de túnica ou bata vestida pelos clérigos; chamarra, chimarra, cimarra; espécie de casaca; casaco ornado ou forrado de peles; antiga vestimenta de pastores feita de pele ou lã de ovelha ou carneiro”

Está presente em espanhol (*zamarra*, 1335); catalão (*samarra*, 1336<sup>282</sup>), galego (*zamarra*), asturiano (*zamarra*) e basco<sup>283</sup> (*zamar<sub>1</sub>*, 1075). Por meio das datações encontradas, bem como pelas afirmações coletadas nos dicionário DHLP, DRAE e GDLC é possível certificar que a origem do vocábulo seja basca. Vê-se que a passagem do basco as demais línguas se deu com a forma *zamarra*, isto é, com o vocábulo já acoplado ao artigo definido. Deve-se ressaltar que em todas essas línguas encontram-se significados similares, os quais apontam para um tipo de vestimenta, geralmente, rústica. Já a palavra basca parece ter designado, inicialmente, “*pêlo de gado lanar*”, significado que se relaciona com a última acepção reproduzida acima.

- ✓ **Chaparro (1844):** “*m.q. chaperreiro (arvoreta tortuosa, cujo tronco é próprio para lenha)*”

<sup>282</sup> Datação extraída de GDLC.

<sup>283</sup> No DRAV há nove entradas para essa palavra.

O termo chegou ao português por meio do espanhol e pode ser encontrado em asturiano (*chaparru*) e em catalão (*xaparro*, 1891). Os dicionários GDLC e DHLP<sup>284</sup> apontam que seja de origem pré-romana, mantendo relação com o basco. Já o DRAE filia o vocábulo diretamente ao basco.

O mesmo procedimento foi adotado para as palavras com a terminação -orro(a)(s). O Quadro 21 expõe a reorganização dos valores semânticos desse sufixo. O Quadro 22 apresentará os campos semânticos nos quais essas palavras estão inseridas, além de apontar os traços semânticos mais comuns presentes nessas terminações.

Valores semânticos	Paráfrases	Vocábulos
<b>Aumentativo/intensidade</b>	“X grande”, “muito X”	<i>Beijorra, cabeçorra, cabeçorro, manzorra, ganchorra, patorra, gatorro</i>
<i>Nomina essendi</i>	“que é X”	<i>Modorro, beatorro</i>
<b>Não - parafraseáveis</b>	-	<i>Pachorra, pichorra<sub>2</sub>, modorra<sup>285</sup>, mindorra, camorra</i>
<b>Tipo/espécie de x</b>	“espécie/tipo de X”	<i>Tintorro, pichorra<sub>1</sub></i>
<b>Pejorativo</b>	“X ruim”	<i>Machorro, saporro</i>
<b>Diminutivo</b>	“X pequeno”	<i>Piorra<sup>286</sup>, cachorro</i>

Quadro 21 - Campos e traços semânticos das palavras terminadas em -orro(a) do português

Nota-se que nesse quadro reside apenas uma diferença em relação àquele apresentado na Seção 2.2.1, a qual remete a classe dos não - parafraseáveis. Como se viu (Seção 2.4.), as palavras *pachorra*, *pichorra<sub>2</sub>*, *mindorra* e *modorra* não pode ser parafraseada, entretanto, é inegável que o sufixo -orro esteja presente nessas formações.

<sup>284</sup> Ambos os dicionários asseveram que o vocábulo seria forma diminutiva de *sapharra* “matagal”. A acepção dada em português impede a visualização dessa possibilidade, contudo, ao consultar a definição espanhola nota-se o traço diminutivo: “mata de encina o roble, de muchas ramas y poca altura.”

<sup>285</sup> As palavras *pachorra*, *pichorra* e *modorra* se referem a uma enfermidade ou a sintomas de uma doença.

<sup>286</sup> No Houaiss há ainda a palavra *pitorra*, que além do significado idêntico ao de *piorra*, também designa uma criança pequena ou uma pessoa gorda e de baixa estatura, certamente, formada por extensão de sentido. Em espanhol e em asturiano *pitorra* designa um tipo de ave.

<b>Campos e traços semânticos</b>	<b>Vocábulos</b>
<b>Avaliativo</b>	<i>Chamorro</i> <sup>287</sup>
<b>Instrumento ou objeto</b>	<i>Chinchorro</i> <sup>288</sup>

Quadro 22 - Campos e traços semânticos das palavras terminadas em *-orro(a)* do português

Tomando todo o conjunto de palavras que possuem os sufixos *-arro* ou *-orro* percebeu-se que muitas fazem parte do campo semântico campestre. Ademais, encontraram-se outros vocábulos, com essas terminações, os quais também poderiam figurar nessa mesma rede de significados, contudo não foi possível certificar a presença de um afixo derivacional, por falta de informações precisas. Esse é o caso das palavras *namarra* (planta, *m.q. lablabe*), *tigarro* (planta, *m.q. escólimo-malhado*), *pixarro* (ave, *m.q. trinca-ferro*), *pichorro*<sup>289</sup> (*variedade de milho*), *zorro* (*macho da raposa*), *peixorra* (*casta de uva*).

<sup>287</sup> Designação dada aos portugueses pelos espanhóis, à época de D. João I (1385-1433), abordada na Seção 2.3.

<sup>288</sup> Do espanhol *chinchorro*, que possui o mesmo significado em português, designando um tipo de rede de arrastar.

<sup>289</sup> Provavelmente, a designação proveio em função do lugar em que fora cultivado (Sobral Pichorro), uma vez que o verbete é apontado como sendo regionalismo de Portugal.

### 3. Os sufixos *-arro(a)* e *-orro(a)* nas línguas iberorromânicas

#### 3.1. Espanhol

Esses sufixos teriam se desenvolvido, em espanhol, por meio do contato linguístico com o basco. De acordo com Pharies (2002: 104-106), esse processo teria se iniciado com os falantes bilíngues:

Primero hablantes bilíngües de la región habitada por los vascos y zonas colindantes transfieren gran número de vocablos vascos em -VrrV- en al léxico de los dialectos hispanorrománicos locales (navarro, aragonés, riojano, bilbaíno), creando um caudal de prestamos que constituye uno de los rasgos más destacados de los dialectos de esta región.

Ainda segundo esse autor, os falantes bilíngues aplicam esses afixos a outras palavras de origem românica, criando derivados híbridos. Os empréstimos adotados pelo espanhol circunscreviam-se, de modo geral, em três campos semânticos, a saber: *nomes de plantas, nomes de instrumento, fenômenos naturais/acidentes geográficos*. Atualmente, é possível encontrar também outros significados como de *gentílico, filiação, diminutivo e depreciativo*. A seguir, serão apresentadas algumas palavras para exemplificar esses valores:

- ✓ ***Abejorro***<sup>290</sup>: (*abeja*). *Insecto himenóptero, de dos a tres centímetros de largo, velludo y con la trompa casi de la misma longitud que el cuerpo. Vive en enjambres poco numerosos, hace el nido debajo del musgo o de piedras y zumba mucho al volar; escarabajo sanjuanero; persona de conversación pesada y molesta.*
- ✓ ***Bizkaitarra*** ou ***vizcaitarra***: *Partidario de la independencia o autonomía de Vizcaya.*

<sup>290</sup> Possui como sinônimo *abejón*.

- ✓ **Botifarra:** *Embutido de carne picada de cerdo con especias, que se come frito, hervido o asado.*
- ✓ **Cacharro**<sup>291</sup>: *(cacho) Vasija tosca; pedazo de ella en que se puede echar algo; vasija o recipiente para usos culinários; aparato viejo, deteriorado o que funciona mal*
- ✓ **Chamorro**, rra: *(Dicho de un animal) - que tiene la cabeza esquilada; se dice del habitante de las Islas Marianas; perteneciente o relativo a este pueblo; en las carnes de abasto, pantorrilla de un animal. (México); cabeza esquilada. (uso coloquial)*
- ✓ **Chatarra**<sup>292</sup>: *Escoria que deja el mineral de hierro; conjunto de trozos de metal viejo o de desecho, especialmente el hierro; máquina o aparato viejo, que ya no funciona; conjunto de monedas metálicas de poco valor; adorno personal de poco valor; conjunto de condecoraciones o de joyas que lleva alguien*<sup>293</sup>.
- ✓ **Chicharra:** *m.q. cigarra*
- ✓ **Chicharro:** *chicharrón (residuo de las pellas del cerdo); chicharrón ( residuo del sebo de otros animales); jurel; chicharra (juguete que usan los niños por Navidad)*
- ✓ **Chinchorro:** *Red a modo de barredera y semejante a la jábega, aunque menor; Embarcación de remos, muy chica y la menor de a bordo; hamaca ligera, tejida de cordeles o fibra.*
- ✓ **Chistorra**<sup>294</sup>: *Embutido parecido al chorizo pero más delgado, propio de algunas zonas del norte español.*
- ✓ **Cigarra:** *insecto*
- ✓ **Cochorro:** *(De cocho) abejorro.*
- ✓ **Cotarro:** *(Del despectivo de coto<sub>1</sub>) Ladera de un barranco; colectividad en estado de inquietud o agitación (uso coloquial); recinto en que se daba albergue por la noche a pobres y vagabundos que no tenían posada.*
- ✓ **Donostiarra:** *Natural de San Sebastián; perteneciente o relativo a esta ciudad, capital de la provincia de Guipúzcoa, en España.*
- ✓ **Etarra:** *Perteneciente o relativo a la organización terrorista ETA*<sup>295</sup>.

<sup>291</sup> Em basco essa palavra não possui traço depreciativo.

<sup>292</sup> Em basco há a palavra *txatarra* que se refere a algo insignificante, de pouco valor.

<sup>293</sup> Há ainda uma sétima acepção que informa sobre o uso específico dessa palavra no México e no Uruguai: “usado en aposición para indicar que lo designado por el sustantivo al que se postpone es de muy baja calidad.”

<sup>294</sup> A etimologia aponta para a palavra basca *txistor*.

- ✓ **Gamarra:** *Correa de poco más de un metro de longitud que, partiendo de la cincha, pasa por entre los brazos del caballo, se asegura en el pretal de la silla y llega a la muserola, donde se afianza. Se ha usado para afirmar la cabeza del caballo e impedir que este despape o picotee.*
- ✓ **Guijarro:** *(De guija) Pequeño canto rodado.*
- ✓ **Machorra:** *Hembra estéril (el término machorra se aplica solo a animales); Mujer que tiene aspecto o modales que se consideran masculinos.*
- ✓ **Matorro:** *(mata<sub>1</sub>) Cantb. mata (planta de tallo bajo, ramificado y leñoso).*
- ✓ **Pitorro**<sup>296</sup>: *(pito) En un botijo o un porrón, tubo cónico que sirve para moderar la salida del líquido que en ellos se contiene; pieza semejante a este tubo*
- ✓ **Pizarra:** *Roca metamórfica, de grano muy fino, generalmente de color negro, que se divide con facilidad en hojas o láminas planas y delgadas.*
- ✓ **Tabarra:** *Conversa o escena llarga i enutjosa, lata; persona xerraire i enutjosa.*
- ✓ **Tabarro**<sup>297</sup>: *(tábano) Insecto parecido a la mosca pero de mayor tamaño, con aparato bucal chupador muy desarrollado, y que suele picar a las caballerías para alimentarse de su sangre.*
- ✓ **Vidorra:** *Vida muy satisfactoria o muy placentera.*
- ✓ **Zahorra**<sup>298</sup>: *Mezcla de arena y piedras de diversos tamaños que se suele usar para la pavimentación; lastre de una embarcación.*
- ✓ **Zamarra**<sup>299</sup> / **chamarra:** *Prenda de vestir, rústica, hecha de piel con su lana o pelo; pelliza; Piel de carnero*

Abaixo serão apresentados quadros que auxiliam a visualização dos campos semânticos abarcados por esse grupo de palavras (Quadro 23), como também ajudam a identificar os significados do sufixo em seu desenvolvimento em espanhol (Quadro 24).

<sup>295</sup> Essa definição deixa transparecer, de forma incontestada, aquilo que toda obra lexicográfica se empenha em ocultar – a sua ideologia.

<sup>296</sup> No DRAE também há outra entrada para *pitorro*<sub>2</sub>: *adjetivo (dicho de un carnero: que tiene cuernos fuertes y largos; pitón (de los botijos)*

<sup>297</sup> Substituição da terminação -ada, por -arra. (vide *cigarra*)

<sup>298</sup> O DRAE aponta como étimo o latim *saburra*.

<sup>299</sup> A forma masculina *zamarro* apresenta derivação por extensão de sentido, passando a designar também, no uso coloquial: *hombre tosco, lerdo, rústico, pesado; hombre astuto, pillo*.

<b>Campo semântico</b>	<b>Vocábulos</b>
<b>Avaliativo</b>	<i>Tabarra, chatarra, chicharro, chamorro</i>
<b>Fauna (epiceno)</b>	<i>Chicharra, cigarra, tabarro, abejorro, cochorro, chicharro</i>
<b>Flora</b>	<i>Matorra</i>
<b>Instrumento ou objeto</b>	<i>Zamarra/chamarra, zahorra, pizarra, gamarra, cacharro, chinchorro, pitorro</i>

Quadro 23 - Campos semânticos das palavras terminadas em *-arro(a)* do espanhol

Deve-se ressaltar que se optou por classificar como *avaliativos* as palavras que possuíssem, essencialmente, esse significado, por isso *zamarra* (*chamarra*) e *cacharro*, apesar de apresentarem traço depreciativo, foram inseridos no campo semântico dos *instrumentos ou objetos*.

<b>Valores semânticos</b>	<b>Paráfrases</b>	<b>Vocábulos</b>
<b>Depreciativo</b>	“X ruim”	<i>Cotarro</i> <sup>300</sup> , <i>machorra</i>
<b>Diminutivo</b>	“X pequeno”	<i>Guijarro</i>
<b>Filiação</b>	“adepto / partidário de X”	<i>Bizcaitarra, etarra</i>
<b>Gentílico</b> <sup>301</sup>	“natural/ originário de X”	<i>Donostiarra</i>
<b>Melhorativo</b>	“X bom”	<i>Vidorra</i>

Quadro 24 - Valores semânticos do sufixo *-arro(a)* em espanhol

### 3.2. Catalão

De acordo com Badia (1962:311), o sufixo *-arro(a)* possui significado aumentativo como nas palavras *homenarro* e *veuarra*. Entretanto, teria um uso bastante limitado, sendo utilizado apenas em linguagem vulgar ou familiar. Ao analisar alguns casos, é possível notar que a variedade de significado é maior do que a apontada pelo estudioso acima citado.

<sup>300</sup> Semelhante ao campo semântico dos empréstimos basco “*acidentes geográficos*”.

<sup>301</sup> Em português, encontram-se as palavras *navarro* e *cagarro* que designam respectivamente, “*relativo a Navarra (Espanha) ou aquele que é o seu natural ou habitante; navarrês, navarrino*” e “*relativo à ilha de Santa Maria AçR ou o seu natural ou habitante*”, apresentando, portanto, valor gentílico. Contudo, esse valor não pode ser atribuído ao sufixo. No primeiro caso, a palavra-base é *navarra*, o que indica que o nome da ilha foi tomado para designar a população local. No segundo caso, o termo designa um pássaro (*Calonectris diomedea borealis*) típico dos Açores.

Assim como no espanhol, em catalão, esse sufixo apresenta valor semântico de *gentílico*, *filiação*, *diminutivo* e *depreciativo*. Nessa língua também é possível encontrar vocábulos que designam nomes de plantas, animais e instrumento, indicando que o basco também forneceu elementos a essa língua, seja diretamente, ou por meio do espanhol. Além disso, o afixo também apresenta valor semântico de *agente*.

Abaixo seguem alguns exemplos dessa língua:

- ✓ **Beuarra:** m.q. *beuedor* - *persona que beu molt*.
- ✓ **Bogarró:** *Cria de la boga* .
- ✓ **Caparra:** *Pesadesa de cap*.
- **Caparró:** 1- *Cap petit*; 2- *Persona eixelebrada, de conducta lleugera*.
- **Cotorra:** 1- *Ocell exòtic de l'ordre dels psitaciformes, semblant al papagai, però més petit, de colors vius i variats*; 2- *Persona que parla fora mesura*.
- **Donostiarra:** 1- *De donostia (São Sebastião), natural de Sant Sebastià*; 2 - *Relatiu o pertanyent a Sant Sebastià o als seus habitants*.
- **Etarra:** 1- *de ETA (Euskadi ta Askatasuna), relatiu o pertanyent a l'organització armada independentista basca ETA, Euskadi ta Askatasuna*; 2- *Membre d'ETA*.
- ✓ **Futarra:** m.q. *bavosa* - *Peix de qualsevol espècie de la família dels blènnids, de petites dimensions i pell coberta d'una mucositat abundant i molt llenegadissanome*.
- ✓ **Gafarró:** *Ocell de la família dels fringíl·lids, d'uns 10 centímetres de llargada, de plomatge verd groguenc amb vires fosques la femella, i el pit, la gola i el carpó llisos, de color groc viu, el mascle (Serinus serinus)*
- ✓ **Gavarró:** m.q. *galda* - *Herba de la família de les resedàcies, de tija força robusta, erecta, fulles oblongues, sovint amb el marge ondulat, flors grogues, disposades en raïms espiciformes, i fruit en càpsula tridentada, que es fa en ambients ruderals, antigament emprada per a obtenir un colorant groc (Reseda luteola nome de planta)*.
- ✓ **Llobarro:** *Peix de la família dels serrànids, de cos fusiforme, que pot atènyer els 100 centímetres de llargada, amb el dors de color gris plom i el ventre blanc argentat, amb una taca negra sobre la part posterior de l'opercle, de cap i boca grossos, amb forts maxil·lars, d'hàbits costaners i de carn molt apreciada (Dicentrarchus labrax)*.

- ✓ **Llogarró:** llogaret
- ✓ **Lloparró:** Cadell del llop.
- ✓ **Moixarra:** m.q. orada: Peix de la família dels espàrids, de cos alt i comprimit, que pot atènyer 70 centímetres de llargada, d'esquena gris blavosa i costats argentats, amb una taca daurada entre els ulls i una taca fosca sobre l'opercle (*Sparus aurata*)
- ✓ **Panarra**<sup>302</sup>: Que menja molt pa.
- ✓ **Pissarra:** 1- Llicorella, especialment en forma de Llosa; 2 - Placa de pissarra o superfície pintada de negre o d'un color fosc per a escriure-hi, dibuixar-hi, amb una barra de guix; 3 - Superfície rígida de color clar apta per a escriure-hi i dibuixar-hi amb retoladors especials.
- ✓ **Pontarró:** pont petit
- ✓ **Samarra/ samarró:** gec de pell usat pels pastors.
- ✓ **Tabarra:** Conversa, explicació, llarga i enutjosa.
- ✓ **Xicarró:** Molt petit, nen.

Campos semânticos	Vocábulos
Avaliativo	Tabarra
Fauna (epiceno)	Gafarró, futarra, llobarro, moixarra, cotorra,
Instrumento ou objeto	Pissarra, samarra, samarró
Nome de plantas	Gavarró

Quadro 25 - Campos semânticos das palavras terminadas em -arro(a) do catalão.

Valores semânticos	Paráfrases	Vocábulos
Agentivo	“pessoa que V X”	Panarra, beuarra
Aumentativo-intensivo	“X grande”, “muito X”	Homenarra, veuarra
Depreciativo	“X ruim”	Caparra
Diminutivo	“X pequeno”	Caparró, llogarró, pontarró, xicarró
Cria de animais	“filhote de X”	Bogarró, lloparró
Filiação	“adepto / partidário de X”	Etarra
Gentílico	“natural/ originário de X”	Donostiarra

Quadro 26 - Valores semânticos do sufixo -arro(a) em catalão.

<sup>302</sup> Há em espanhol a palavra *panarra*, no entanto possui significados bastante distintos (1-morcego, 2-homem tonto ou simples) e se filia ao latim *\*pannaria*.

Nos casos das terminações em *-arró*, forma acentuada, deve-se ter cuidado para que esse elemento formativo não seja confundido ao *-ó*, sufixo diminutivo, com feminino em *-ona*, sendo equivalente ao *-ão* do português. Assim, na palavra *barró* e *guitarró* que designam, respectivamente, “*barra pequena*” e “*guitarra pequena*”, o valor diminutivo é dado pelo sufixo *-ó* e não pelo afixo *-arró*.

### 3.3. Asturiano

O sufixo *-arro(a)(s)* também está presente em asturiano, língua em que é classificado como semi-produtivo. Em asturiano, não se verificou a propriedade de alterar a classe gramatical da palavra a qual se liga, sendo classificado como não-categorizador, unido-se a bases adjetivas. De acordo com a *Gramática de La llingua asturiana* (2001), o afixo possuiria significado pejorativo. Entretanto, os exemplos dados apontam para o valor semântico de aumentativo-intensivo, como se pode observar abaixo:

- ✓ *Nañarru*: *Mui grande y fuerte* (un neñu)
- ✓ *Mozarru*: *Mui fuerte y altu* (un mozu).
- ✓ *Tontarru*: *Daqué tontu*

O traço pejorativo existente parece decorrer da palavra derivante, no caso de *tontu*. Vale destacar que esse sufixo pode, muitas vezes, comutar-se em *-arriu*<sup>303</sup>, como apontam as variantes das palavras acima: *nañarriu*, *mazarriu* e *tontarriu*. Abaixo seguem mais exemplos desse elemento formativo em asturiano.

- ✓ *Bandorru, -a, -o*: *Que-y abulta muncho la bandorra; de poca altura y regordeta* (una persona); *torpe, con pocu arremangu*.
- ✓ *Cachorru, -a, el/la*: - *Cría* (del perru)
- ✓ *Canzorru, el*: - *Maderu horizontal o vertical de los que formen una portiella o portellera*.
- ✓ *Chamarra*: *Prenda de vistir (más curtia que l’abrigu que se pon penriba la ropa pa tornar el fríu)*.

<sup>303</sup> Para Iribarren Argáiz (1995) esse sufixo teria origem poligenética, tendo recebido influência da palavra *casório*, na criação de vocábulos semelhantes, e sendo influenciada pelas formas análogas *-arra/-orro*.

- ✓ **Chicharru:** *Peixe comestible; inseutu; tipu de saltapraos; saxicola torquata, páxaru insectívoru .*
- ✓ **Cigarra:** *Cantariella; restos (mui pequenos de metal que van quedando nes fragües.*
- ✓ **Cimorra, la:** *Enfermedá qu'afeuta a les vaques na cabeza; catarru fuerte.*
- ✓ **Cocorru, el:** *Frutu (mui menudu de la peruyal).*
- ✓ **Cogorra, la:** *Ustilago maydis, cogorda, fungu (qu'ataca al maíz y produz un polvu negro na planta);enfermedá del maíz, producida pol Ustilago maydis; tipu de fungu que s'emplega pa facer esca.*
- ✓ **Cotorra, la:** *Páxaru de les families Conurus, Paleornis y Amazona (que pue aprender a emitir soníos paecíos a los de la fala humana);cuetu pequenu; persona que fala mucho.*
- ✓ **Machorra, la:** *Palu (col que se da a otru palu nel xuegu del paliyu).*
- ✓ **Patarru:** *De poca estatura y cuerpu mal proporcionáu (una persona); de pates curties; de pates torcés.*
- ✓ **Pigarra:** *Persona qu'atrái clientes con engaños en porgüeyu del vendedor.*
- ✓ **Pitorra<sup>304</sup>, la:** *Páxaru (de color acolorazao asemeyáu a la perdiz).*
- ✓ **Pizarra:** *Piedra (de color prieto, brillante y llixero, qu'apaez en fueyes delgaes y chasca fácil);enceráu (preparáu pa escribir nél); oxetu (fechu con una llámina de piedra de color prieto, brillante y llixero, qu'apaez en fueyes delgaes y chasca fácil arrodada por un marcu de madera y que s'usa pa escribir nél).*
- ✓ **Pizarru:***Oxetu de pizarra que s'usa pa escribir nuna pizarra.*
- ✓ **Vidorra, la:** *Vida bona.*
- ✓ **Zamarra:** *Pelliza, chaqueta (llarga, de munchu abrigo, que se fai con pelleyu curtío d'un animal.*

---

<sup>304</sup> Há ainda **pitorru**, palavra que se refere não apenas ao pássaro, mas também designa: *parte (saliente y aguzada de daqué); parte (saliente y aguzada per onde se bebe nun cacú de barru poroso).*

Campos semânticos	Vocábulos
Avaliativo	<i>Pigarra, chamorro</i>
Doença	<i>Cimorra, cogorra</i>
Fauna (epiceno)	<i>Cigarra, chicharru, cotorra, pitorra</i>
Flora	<i>Cocorru</i>
Instrumento ou objeto	<i>Chamarra, zamarra, pizarra, pizarru, machorro<sup>305</sup>, canzorro</i>

Quadro 27 - Campos semânticos das palavras terminadas em -arro(a) em asturiano.

Valores semânticos	Paráfrases	Vocábulos
Aumentativo-intensivo	“muito X”, “X grande”	<i>Neñarru, mozarru, tontarru</i>
Depreciativo	“X ruim”	<i>Patarru</i>
Melhorativo	“X bom”	<i>Vidorra</i>

Quadro 28 - Valores semânticos do sufixo -arro(a) em asturiano

### 3.4. Galego

Quando se toma como base o DRAG encontram-se poucas formações derivadas em -arro(a) ou -orro(a), indicando que esse elemento formativo é menos comum em relação às outras línguas iberorromânicas. Contudo, ao consultar o DEE<sup>306</sup> verifica-se um número maior de vocábulos com esses afixos. A seguir serão dados alguns exemplos:

- ✓ **Atuarro:** *atum pequeno*
- ✓ **Bisbarra:** *Territorio de límites pouco precisos, que xeralmente rodea un núcleo de poboación de certa relevancia e que pode abranguer outras entidades de poboación.*
- ✓ **Biscaítarra:** *Partidario de la independencia o autonomía de Vizcaya.*
- ✓ **Cacharro:** *Calquera tipo de recipiente, como os usados na cociña.*
- ✓ **Cachorro:** *Cam novo e pequeno, cria de leom, de lobo e de animais congéneres; peça que sobressai numa construción e que sustenta uma cimalha ou um friso; (Náut.) peças de artilharia com que se dá caça a um navio.*

<sup>305</sup> Significado diferente daqueles observados em português e em espanhol.

<sup>306</sup> Como já observado na Seção 1.3, é preciso tomar os dados desse dicionário com reserva, uma vez que se encontra a advertência de que fazem parte, além do léxico comum dessa língua, o léxico patrimonial galego, português, incluindo o brasileiro, e de outros países lusófonos.

- ✓ **Camorra:** *Discussom violenta e ruidosa; associação de malfeitores, organizada outrora em Nápoles.*
- ✓ **Canzorro:** *Pedra ou madeira que sobressai da parede, para sustentar uma viga, cambota, balcom, cornija, etc; fecho de uma porta.*
- ✓ **Chamorro:** *Pelado, tosquiado, sem pelo; designação injuriosa que os espanhóis deram aos portugueses por usarem a cara rapada e o cabelo curto; Monte ou serra sem vegetação.*
- ✓ **Chatarra:** *Conxunto de obxectos vellos de ferro ou doutros metais; metal que non é nobre, sen valor; diñeiro en moedas.*
- ✓ **Chicharro:** *Peixe mariño comestible, de cor gris verdosa ou azulada polo lombo e gris prateada polos costados, que vive en mar aberto, case sempre lonxe da costa.*
- ✓ **Chinchorro:** *Rede semelhante à xávega; bote pequeno de remos que leva o barco para que faça o serviço dentro dos portos; cada uma das três cordas que ia ao mar no aparelho chamado corda.*
- ✓ **Cigarra:** *Inseto*
- ✓ **Cimorro:** *Angina.*
- ✓ **Cinzarra:** *Instrumento de metal, semellante a unha campañña, que se pendura ó pescozo das reses de gando.*
- ✓ **Cochorra**<sup>307</sup>: *Melro (Turdus mérula).*
- ✓ **Cotarro:** *Montículo penhascoso pouco elevado junto a outros; monte de pouca altura. outeiro; reuniom de muita gente num local.*
- ✓ **Donostiarra:** *De Donosti ou dos seus habitantes; pessoa natural ou habitante de Donosti.*
- ✓ **Gamarra:** *Correia que se ata da cilha ao bocal da cavalgadura para que non eleve muito a cabeça.*
- ✓ **Machorro:** *Fêmea estéril, diz-se sobretudo da vaca.*
- ✓ **Modorra**<sub>1</sub>: *Vontade mórbida de dormir; apatia, insensibilidade; moleza, preguiça.; doença do gado lanar.*
- ✓ **Modorra**<sub>2</sub><sup>308</sup>: *Montom de pedras miúdas ou de terra.*
- ✓ **Pitorro:** *Nome dado ao pássaro marinho Plautus alle.*

<sup>307</sup> Apresenta como variantes as formas: *cochorda, cochosa, cochoso, chocorosa.*

<sup>308</sup> Forma variante: *madorra (túmulo romano; montom circular em que se juntam os feixes com que logo se faz o medeiro no seu centro.)* Nota-se traço de aumento nesse vocábulo.

- ✓ **Xibarro:**- *mq xibardo: peixe*
- ✓ **Zamarra:** *Peza de roupa de abrigo, en forma de chaqueta, feita de pel ou tecido grosso.*

<b>Campos semânticos</b>	<b>Vocábulos</b>
<b>Acidentes geográficos</b>	<i>Bisbarra</i>
<b>Avaliativo</b>	<i>Chatarra</i>
<b>Doença</b>	<i>Modorra<sub>1</sub>, ciorra</i>
<b>Fauna (epiceno)</b>	<i>Cigarra, xibarro, chicharro, pitorro, cochorra</i>
<b>Instrumento ou objeto</b>	<i>Cacharro, zamarra, gamarra, cinzarra, chinchorro, canzorro</i>

Quadro 29 - Campos semânticos das palavras terminadas em -arro(a) do galego

<b>Valores semânticos</b>	<b>Paráfrases</b>	<b>Vocábulos</b>
<b>Diminutivo</b>	“X pequeno”	<i>Atuarro, bufarro, cotarro, cachorro</i>
<b>Filiação</b>	“adepto / partidário de X”	<i>Biscaítarra</i>
<b>Gentílico</b>	“natural/ originário de X”	<i>Donostiarra</i>
<b>Depreciativo</b>	“X ruim”	<i>Machorro</i>

Quadro 30 - Valores semânticos do sufixo -arro(a) em galego

Observando as palavras derivadas que aparecem em galego, vê-se que grande parte são vocábulos presentes em outras línguas. Isso pode vir a confirmar a ideia de que esse sufixo não seja muito produtivo nessa língua, já que são poucas as palavras de origem autóctone. Grande parte dos exemplos citados são empréstimos do espanhol. Essa afirmação também é verdadeira para os dados apresentados em asturiano, confirmando a indicação extraída da *Gramática de La llingua asturiana* (2001), a qual afirmava que o afixo era semi-produtivo. Já em catalão e em espanhol observou-se uma maior produtividade desses formantes lexicais, apresentando, inclusive, valores semânticos não encontrados em português como de gentílico e filiação.

## Capítulo 4

### Sufixos aumentativos do português: uma análise comparativa

#### 1. Afixos aumentativos e seus traços avaliativos

São muitos os afixos portugueses que podem contribuir com o traço pejorativo ou melhorativo nas derivações de que participam. Por essa razão é bastante complexo inventariá-los<sup>309</sup>. Porém, em geral, são os sufixos aumentativos os mais requisitados para descrever noções avaliativas. Em alguns vocábulos, percebe-se que essa ideia não se apresenta apenas como um traço, mas atribui valor semântico à palavra derivante. Nesses casos, essa função parece ser preenchida, exclusivamente, pelos sufixos aumentativos.

Para delimitar os valores avaliativos, é imprescindível que se considerem algumas questões bastante pertinentes para a análise. Um ponto fundamental a ser esclarecido refere-se à precisão desses valores, tendo em vista que palavras classificadas como pejorativas, no estágio atual da língua, podem não ter apresentado esse valor anteriormente. Desse modo, vê-se que o momento da criação do vocábulo é imprescindível para a realização de uma pesquisa histórica, para que não haja imprecisões quanto à atribuição dos traços avaliativos. Vale lembrar a observação feita por Lakoff e Johnson (1980:145-146) sobre as mudanças no sistema conceitual dos falantes: *“It is reasonable enough to assume that words alone don’t change reality. But changes in our conceptual system do change what is real for us and affect how we perceive the world and act upon those perceptions.”*

---

<sup>309</sup> Rifón (1994, *apud*: Lázaro Mora, 1999 ) adota uma postura mais radical, pois afirma que não se pode falar da existência de sufixos aumentativos, nem diminutivos, nem pejorativos, já que todo sufixo pode expressar uma ou outra noção.

Desse modo, a questão dos avaliativos deve ser vista com cuidado, para que não se tomem, como valor negativo ou positivo do sufixo, traços que se agregaram posteriormente, fruto de uma derivação de todo o vocábulo, ou ainda de mudanças socioculturais. Outro fator que deve ser considerado na análise é concernente à distinção dos traços avaliativos da palavra-base e do elemento formativo, para que os valores do vocábulo não sejam interpretados como pertencentes ao sufixo.

No estudo *la derivación apreciativa*, Fernando Lázaro Mora (1999) propõe uma classificação para os sufixos avaliativos em espanhol. O autor os divide em diminutivos, aumentativos e pejorativos. Os formantes *-orro(a)* e *-uça* aparecem classificados como pejorativos, já os sufixos *-ão* e *-aço* são apontados como aumentativos. Mas, essa separação não é rígida, como o próprio estudioso adverte. Assim, a inclusão daqueles sufixos no grupo dos pejorativos deve-se a uma maior tendência na atribuição desse traço ou valor semântico em espanhol.

Em relação ao português, é possível fazer algumas considerações acerca dos traços pejorativos e apreciativos desempenhados por esses sufixos. No que tange ao sufixo *-arro(a)*, chama a atenção o fato de o traço pejorativo aparecer em apenas um verbete: *botifarra*. Nos demais casos em que se vê uma noção depreciativa como em *bandarra* ou *bizarro*, esse traço não se deve, unicamente, à atuação do sufixo. No primeiro caso o significado pejorativo já está presente em sua base *bando<sub>1</sub>* “grupo de pessoas que atua em atividades ilegais ou anti-sociais; quadrilha; reunião de quatro ou mais pessoas com a finalidade de praticar crime(s)”. Em relação à palavra *bizarro*, como se viu, o valor pejorativo é decorrente da evolução semântica de todo o vocábulo. Todavia, como se apontou no Capítulo 3, o sufixo pode ter contribuído para o desenvolvimento desse valor.

Já no tocante ao sufixo *-orro*, pode-se apontar as palavras *sapatorro* “sapato tosco, mal-acabado” e *machorro* “incapaz de procriar” como exemplos da presença do valor pejorativo. Nesses dois casos a ideia depreciativa apresenta-se como valor semântico. Há ainda outras palavras, com esse elemento formativo, as quais apresentam traços pejorativos, contudo não se pode afirmar que esse traço seja proveniente do sufixo. Esse é o caso de *beatorro*, que em sua primeira acepção, significa “homem muito devoto”, não apresentando valor negativo. Já na segunda acepção, observa-se o desenvolvimento desse traço, como se verifica na definição “indivíduo que apresenta religiosidade marcadamente exagerada ou hipócrita.” Do mesmo modo, palavras como

*beijorra* e *cabeçorra*, podem desempenhar, no discurso, a ideia depreciativa, muito embora, não se possa atribuir essa função ao sufixo.

Dentre os vocábulos formados a partir de *-uço* (*-ouço*) acham-se quatro casos em que o sufixo contribui com a noção pejorativa. Em três dos verbetes a ideia apresenta-se como valor semântico. Esse é o caso das palavras *ganhuça* “*lucro, vantagem*”; *vinhuça* “*vinho ordinário*” e *marouço* “*mar revolto*”. Já em *gentuça* “*conjunto de pessoas pertencentes às camadas mais baixas da sociedade*” o valor depreciativo constitui-se como traço semântico.

Assim como se observou nos elementos formativos *-arro* e *-orro*, outras palavras formadas em *-uço* também possuem o traço pejorativo, entretanto esse valor não se deve ao sufixo. Esse é o caso de *pinguço*, *dentuço* e *magruço*<sup>310</sup>, as quais apresentam sentido negativo por razões culturais. O conceito aristotélico da virtude, pautada na *justa medida*<sup>311</sup>, a qual rege a cultura ocidental, em que são mal vistos o exagero e a falta, talvez tenha levado a ideia depreciativa dessas palavras.

Ao analisar o traço avaliativo dos sufixos *-aço* e *-ão*, vê-se que esses não se limitam aos significados depreciativos. No que se refere ao sufixo *-aço*, pode-se indicar mais uma distinção em relação ao afixo espanhol *-azo*. De acordo com Lázaro Mora (1999) esse sufixo é apontado como formador de nomes aumentativos e pejorativos, entretanto, ressalta que no espanhol, falado no continente americano, o valor melhorativo possui maior vitalidade. Do mesmo modo, em português, o *-aço* apresenta mais comumente a noção melhorativas do que pejorativa. Isso se verifica quando a ideia se configura como significado e também quando se apresenta como traço semântico. Foram encontradas 10 formações com valor semântico melhorativo, a saber: *vidaço* “*vida boa*”, *gauchaço* “*gaúcho completo, perfeito*”, *vaqueanaço* “*vaqueano competente*”, *mestraço* “*mestre muito destro*”, *raparigaça* “*rapariga robusta e atraente*”, *estudantaço* “*estudante aplicado*”, *ginetaço* “*ginete garboso*”, *golaço* “*gol feito com habilidade*”, *timaço* “*time de excelente nível técnico*”, *campeiraço* “*campeiro conhecedor de seu ofício*”.

Com valor marcadamente pejorativo encontram-se os verbetes *falaço* “*boato*” *doutoraço* “*homem que se cobre de ridículo ao pôr-se pretensiosamente na pele do*

<sup>310</sup> Há diversas formas sufixais ligadas a essa mesma base e indicando os mesmos significados. Figuram tanto sufixos aumentativos quanto diminutivos, indicando que o significado selecionado para a derivação é o de intensidade, também desempenhado pelos diminutivos. Podem-se citar os exemplos: *magricela*, *magriço*, *magrete*, *magrote*, *magrelo* etc.

<sup>311</sup> *Ética a Nicômaco*: A virtude moral (Livro II).

sábio”, *jornalaço* “*jornal polpudo, mas sem grande conteúdo*”, *professoraço* “*mau professor*”, *literataço* “*indivíduo sem talento literário*”, *poetaço* “*mau poeta*”, *populaça* “*grupo menos favorecido de uma camada social*”. Sendo assim, as ocorrências de significado melhorativo são, numericamente, superiores ao valor pejorativo. Certamente, essa situação apresenta-se de forma diferente da do espanhol europeu, já que Lázaro Mora (1999) classifica esse sufixo como formador de pejorativos.

A situação torna-se mais equilibrada quando a ideia avaliativa aparece como traço semântico ou quando ocorre como segunda acepção do verbete. Assim, o traço melhorativo é encontrado nas palavras *raparigaça* “*rapariga robusta e atraente*”; *morenaço* “*indivíduo muito moreno, moreno dotado de grande beleza*” e *mulataço* “*mulato grande, mulato bonito*”. Já o traço pejorativo está presente em *gentaçã* “*conjunto de pessoas pertencentes às camadas mais baixas da sociedade*”; *vinhaça* “*vinho ordinário, de má qualidade*” e *fradalhaço* “*frade inescrupuloso*”.

Verificou-se também que esse sufixo contribui de modo mais incisivo na atribuição de traços de intensidade do que do traço de grandeza. Isso, possivelmente, ocorre em função da natureza categorial da base selecionada, isto é, das bases adjetivas, como se verá na Seção 2, deste capítulo.

Ao analisar os significados avaliativos dos vocábulos formados em -ão, viu-se que a noção melhorativa é sempre mais frequente seja quando se apresenta como traço, seja quando aparece como valor semântico<sup>312</sup>. Ressalta-se que a noção pejorativa ocorre, mais comumente, quando se apresenta como traço, mas ainda assim a ideia apreciativa é numericamente superior. Com valor melhorativo podem-se citar: *garotão*, *festão*, *carrão*, *mulherão*, *estadão*, *casarão*, *bailão*, *bolão*. Já com traço depreciativo tem-se: *espertalhão*, *carão*, *mandão*, *sabão*<sub>2</sub>, *dramalhão*.

Por meio dessa análise, foi possível constatar que os sufixos aumentativos contribuem bastante na atribuição de traços avaliativos para os vocábulos derivados. Entretanto, não se pode afirmar que o traço depreciativo seja o mais frequente e comum dentre esses significados. Esse fato chama atenção em razão de esses sufixos serem, costumeiramente, classificados como pejorativos em diversos materiais, sejam gramáticas normativas ou históricas.

<sup>312</sup> Os significados apreciativos, quando se apresentam como valor semântico, aparecem com maior frequência, de acordo com o que se viu no Capítulo 2 (Seção 4.3 - avaliativos).

Nesse sentido é preciso considerar que, muito possivelmente, essa classificação seja decorrente de análises situacionais nas quais os afixos são utilizados. Sabe-se que as palavras dentro de um contexto podem modificar sensivelmente os significados e traços que apresentam em estado de dicionário. Inseridas em um discurso, os vocábulos estão sujeitos a sofrer a atuação de processos semânticos diversos (metáforas, metonímia, antífrase, elipse etc.). Inclusive, esta é uma das causas da polissemia e da mudança semântica.

Desse modo, o método de pesquisa adotado, isto é, a investigação pautada em obras lexicográficas possibilitou isolar os valores avaliativos pertencentes, exclusivamente, aos sufixos daqueles surgidos em consequência do contexto no qual o elemento formativo é ou foi empregado. Pode-se afirmar, portanto, que esses sufixos são, potencialmente, pejorativos. Contudo, ao serem tomados, fora da situação discursiva, não se observa a presença constante do traço, marcadamente, pejorativo, como, geralmente, as formações aumentativas são descritas.

Outro ponto a ser ressaltado é concernente à natureza semântica das bases selecionadas pelos sufixos. Ocorre que, muitas vezes, o traço pejorativo já está presente na base e, desse modo, não se pode atribuir esse traço ao sufixo. Assim, o fato de o afixo ter-se associado a bases com valor negativo ou a bases tabuísticas pode ter ajudado na construção da imagem pejorativa desses sufixos.

## 2. Natureza categorial das bases selecionadas pelos sufixos aumentativos

Sabe-se que o valor semântico do sufixo depende, em parte, da classe gramatical da palavra derivante. Assim, o sufixo *-ão*, ao se unir a bases verbais, pode atribuir significado de agente, ação ou resultado de ação, como indicam os exemplos: *gabão*, *rasgão*, *abanão*, respectivamente. Ao passo que, ao se ligar a bases substantivas, confere valor de grandeza na maioria dos casos.

Atentando para essas considerações, busca-se investigar a relevância da classe gramatical da palavra derivante no desenvolvimento semântico desses sufixos e na construção da polissemia presente em cada um dos formantes lexicais em apreço. Deve-se ressaltar que as bases substantivas aparecem sempre em maior número, já que na língua, também estão em maior quantidade em relação às demais classes de palavras. Portanto, a intenção é verificar com que frequência outras classes gramaticais são selecionadas por cada sufixo e, em que medida, isso reflete nos seus significados. Para isso, serão considerados apenas os vocábulos formados em português.

O primeiro a ser analisado será o sufixo *-uço*. As 17<sup>313</sup> palavras derivadas com esse afixo em português distribuem-se da seguinte maneira:

---

<sup>313</sup>A palavra *ricalhouço* foi excluída já que compartilhava a mesma base da palavra *ricouço*, diferentemente do que ocorre no par *dentuça/dentuço*. Também foi excluída a palavra *garruço*, já que não foi possível apontar, com certeza, qual seria a palavra derivante, como se viu no Capítulo 2.

Vocábulo	Classe gramatical	Palavra-base	Classe gramatical
<i>Aranhuço</i>	Substantivo	<i>Aranha</i>	Substantivo
<i>Carduça</i>	Substantivo	<i>Carda</i>	Substantivo
<i>Dentuça</i>	Substantivo	<i>Dente</i>	Substantivo
<i>Dentuço</i>	Adjetivo	<i>Dentuça</i>	Substantivo
<i>Feduço</i>	Adjetivo	<i>Feder</i>	Verbo
<i>Ganhuça</i>	Substantivo	<i>Ganho</i>	Substantivo
<i>Gentuça</i>	Substantivo	<i>Gente</i>	Substantivo
<i>Magruço</i>	Adjetivo	<i>Magro</i>	Adjetivo
<i>Manhuço</i>	Substantivo	<i>Mão (maunça)</i>	Substantivo
<i>Marouço</i>	Substantivo	<i>Mar</i>	Substantivo
<i>Medouço</i>	Substantivo	<i>Meda</i>	Substantivo
<i>Neguça</i>	Substantivo	<i>Nego</i>	Adjetivo
<i>Pedrouço</i>	Substantivo	<i>Pedra</i>	Substantivo
<i>Pinguço</i>	Adjetivo	<i>Pinga</i>	Substantivo
<i>Ricouço</i>	Adjetivo	<i>Rico</i>	Adjetivo
<i>Rodouça</i>	Substantivo	<i>Roda</i>	Substantivo
<i>Vinhuça</i>	Substantivo	<i>Vinho</i>	Substantivo

Quadro 31 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo -uço e das formas derivadas

Analisando o quadro acima, vê-se que o sufixo seleciona na maioria dos casos bases substantivas (76%), mas pode unir-se também a bases adjetivas e verbais. Contudo, vê-se que essas estão em número bem reduzido, aparecendo apenas uma vez no caso dos verbos (6%) e três no caso dos adjetivos (18%). Nota-se também que esse afixo tem a capacidade de alterar a classe gramatical das palavras às quais se une: verbo (*feder*) > adjetivo (*feduço*); substantivo (*pinga*) > adjetivo (*pinguço*) e adjetivo (*nego*) > substantivo (*neguça*).

Percebe-se, desse modo, que a diversidade semântica desse afixo não se deve, unicamente, à variedade das classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo. Se se considerarem as palavras formadas a partir de substantivos, os significados encontrados foram: instrumento (*carduça*); pejorativo (*ganhuça*, *vinhuça*, *marouço*); conjunto (*pedrouço*, *gentuça*); quantidade locativa (*manhuço*); agentivo (*pinguço*); aumentativo (*aranhuço*) e posse (*dentuço*). Nas bases adjetivas encontrou-se o valor semântico de semelhança (*neguça*) e de *nomina essendi* (*ricouço*, *magruço*), mesmo valor apresentado pela base verbal (*feduço*).

No caso do sufixo *-orro*<sup>314</sup>, nota-se menor abrangência nas bases selecionadas, o que reflete em sua na capacidade heterocategorial, como se verifica a seguir:

<b>Vocábulo</b>	<b>Classe gramatical</b>	<b>Palavra-base</b>	<b>Classe gramatical</b>
<i>Beatorro</i>	Substantivo	<i>Beato</i>	Adj., subs.
<i>Beijorra</i>	Substantivo	<i>Beijo</i>	Substantivo
<i>Cabeçorra</i>	Substantivo	<i>Cabeça</i>	Substantivo
<i>Cabeçorro</i>	Substantivo	<i>Cabeço</i>	Substantivo
<i>Ganchorra</i>	Substantivo	<i>Gancho</i>	Substantivo
<i>Gatorro</i>	Substantivo	<i>Gato</i>	Substantivo
<i>Machorro</i>	Adjetivo	<i>Macho</i>	Adjetivo
<i>Manzorra</i>	Substantivo	<i>Mão</i>	Substantivo
<i>Patorra</i>	Substantivo	<i>Pata<sub>2</sub></i>	Substantivo
<i>Pichorra</i>	Substantivo	<i>Picho</i>	Substantivo
<i>Piorra</i>	Substantivo	<i>Piã</i>	Substantivo
<i>Sapatorro</i>	Substantivo	<i>Sapato</i>	Substantivo
<i>Tintorro</i>	Substantivo	<i>Tinto</i>	Substantivo

Quadro 32 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo *-orro* e das formas derivadas

De acordo com este quadro, ocorre apenas uma transformação na classe gramatical no par *beato* > *beatorro*. Em quase todas as formações, a base selecionada foi substantiva, sendo de igual categoria gramatical o produto conseguido após o processo derivativo. Nesse caso, nota-se que variedade dos significados é limitada, já que o sufixo não forma nenhum vocábulo inscrito no grupo de ação, por exemplo. O afixo restringe-se aos valores semânticos: aumentativo (*gatorro*, *cabeçorro*, *cabeçorra*, *ganchorra*, *manzorra*, *beijorra*, *patorra*); diminutivo (*piorra*); pejorativo (*sapatorro*, *machorro*); tipo/espécie (*pichorra*, *tintorro*); e *nomina essendi* (*beatorro*).

Já o sufixo *-arra* liga-se a bases de natureza diversa, como informa o Quadro 3:

<sup>314</sup> Foram excluídas as palavras cujas origens não eram assentes.

Vocábulo	Classe gramatical	Palavra-base	Classe gramatical
<i>Baitarra</i>	Substantivo	<i>Baita</i>	Adjetivo
<i>Bandarra</i>	Substantivo	<i>Bando</i>	Substantivo
<i>Bicarra</i>	Substantivo	<i>Bico</i>	Substantivo
<i>Bocarra</i>	Substantivo	<i>Boca</i>	Substantivo
<i>Chibarro</i>	Substantivo	<i>Chibo</i>	Substantivo
<i>Gibarra</i>	Adjetivo	<i>Giba</i>	Substantivo
<i>Naviarra</i>	Substantivo	<i>Navio</i>	Substantivo
<i>Pamparra</i>	Adjetivo	<i>Pampa</i>	Advérbio
<i>Pigarro</i>	Substantivo	<i>Pegar ou picar</i>	Verbo
<i>Sopetarra</i>	Substantivo	<i>Sopetear</i>	Verbo

Quadro 33 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo -arro e das formas derivadas

Assim, a capacidade heterocategorial desse sufixo pode ser observada nas seguintes situações: substantivo > adjetivo; adjetivo > substantivo; advérbio > adjetivo e verbo > substantivo. Mas, apesar da diversidade categorial das bases selecionadas, o sufixo não apresenta uma grande variedade de significados, limitando-se aos valores semânticos: aumentativo (*bicarra*, *bocarra*, *naviarra*, *sopetarra*); *nomina essendi* (*baitarra*); tipicidade (*bandarra*) e agentivo (*pigarro*).

Para análise das palavras-base selecionadas pelo sufixo -aço, será dispendioso apresentar os dados em tabela, devido ao grande número de verbetes derivados. Sendo assim, apontar-se-á o valor total de cada classe gramatical selecionada<sup>315</sup>.

Formações em -aço		Total
Classe gramatical 177	Bases adjetivas	48
	Bases substantivas	123
	Bases verbais	6

Tabela 5 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo -aço

As bases adjetivas são requisitadas em 27% dos casos. Esse número é superior aos encontrados nos sufixos -arro (20%), -orro (14%) e -uço (18%). Dentre os valores semânticos apresentados pelas formações com base adjetiva estão: *nomina essendi*,

<sup>315</sup> Para essa tabela foram excluídas as palavras que possuíam equivalentes no espanhol, já que nesses casos não se pode afirmar que a formação se deu nessa língua ou em português.

avaliativo (melhorativo), semelhança e intensidade. Chama atenção o número bastante reduzido de bases verbais, as quais são selecionadas em apenas seis casos, o que representa 3% do total: *cagar* → *cagaço*; *cansar* → *cansaço*; *andar* → *andaço*; *lamber* → *lambaças*; *beber* → *bebaço* e *pear* → *peaça*.

Ao se analisar os valores semânticos dos verbetes de base substantiva, encontram-se significados comuns nas bases verbais e adjetivais. Contudo, não foram encontrados os valores semânticos de agentivo, instrumento, presentes nas bases verbais, bem como não se observou o significado de *nomina essendi*, bastante comum nas bases adjetivas.

O sufixo *-aço* também possui a capacidade de transpor a classe gramatical da palavra derivante, mas isso só ocorre nas bases verbais. Dos cinco casos de bases verbais, todas passaram a substantivos, após o processo derivativo, como se viu nos exemplos acima.

O mesmo procedimento foi adotado para a apresentação dos dados do sufixo *-ão*, isto é, será apresentado apenas o valor total de cada classe gramatical da base selecionada para a formação.

Formações em <i>-ão</i>		Total
Classe gramatical 256	Bases adjetivas	34
	Bases substantivas	185
	Bases verbais	35
	Bases numerais	2

Tabela 6 - Classes gramaticais das bases selecionadas pelo sufixo *-ão*.

Dentre os sufixos analisados, o *-ão* é aquele que se apresenta, mais comumente, ligado a bases verbais (13, 67% do total). O valor semântico mais frequente com as bases verbais é o de agentivo, aparecendo em 20 dos 35 casos. As formações de bases adjetivas possuem porcentagem semelhante, ocorrendo em 13, 28% dos casos.

Analisando a distribuição das bases selecionadas pelos sufixos é possível constatar que são as bases substantivas as que possibilitam um maior desenvolvimento semântico. Contudo, alguns significados são encontrados especificamente nas formações de bases adjetivas, como é o caso do valor semântico de *nomina essendi*. Nas bases substantivas, por exemplo, apesar de ter sido identificado valor semântico de *ação* ou *resultado de ação*, estes são bastante reduzidos, aparecendo em apenas três casos:

*arrastão*, *encontrão* e *beliscão*. Além disso, vale destacar que, nesses casos, são todos substantivos deverbais.

No que tange à capacidade heterocategorial do sufixo, vê-se que a mudança gramatical ocorre em um grande número de formações. A tabela abaixo exemplifica essa característica do sufixo *-ão*, tomando-se como base apenas as bases verbais e adjetivas.

Classe gramatical da base	Classe gramatical do derivado	Nº de formações
<b>Verbo</b> 35	Substantivo	20
	Adjetivo	15
<b>Adjetivo</b> 34	Adjetivos	5
	Substantivos	17
	Adj. ou substantivos	12

**Tabela 7 - Capacidade heterocategorial do sufixo *-ão* em bases verbais e adjetivas**

Foi possível verificar, nesse estudo, que a natureza categorial das bases selecionadas pelos sufixos não é decisiva para a polissemia desses elementos formativos, embora tenha se constatado que alguns significados se desenvolvem tão somente quando ligados a determinado tipo de base, como se viu nas formações do sufixo *-aço*, com valor semântico de *nomina essendi*, o qual aparecia, exclusivamente com bases adjetivas. Viu-se também que o sufixo *-ão* é aquele que apresenta maior diversidade quanto às classes gramaticais selecionadas.

Em relação à capacidade heterocategorial dos sufixos, observou-se que todos os sufixos estudados apresentam essa função em menor ou maior grau. O afixo *-orro(a)* é aquele que apresenta menor capacidade heterocategorial, seguido pelos elementos formativos *-aça*, *-uça*, *-arra* e *-ão*.

### 3. Os sufixos de função aumentativa no português: dados históricos

A língua portuguesa conhece muitos sufixos que possuem como função a formação de aumentativos. Dentre os afixos citados pelas gramáticas estão: *-aça*, *-aço*, *-ázio*, *-uça*, *-anzil*, *-arro*, *-orro*, *-astro*, *-az*. Mas nenhum desses conseguiu alcançar o prestígio do elemento formativo *-ão*.

A preferência pelo *-ão*, na formação de aumentativos, não parece ser característica do português atual. Ao se comparar o número de palavras criadas com *-ão*, ao longo do tempo, em relação aos demais sufixos é possível identificar que esta é uma tendência da língua portuguesa desde o século XIII, como possível verificar ao se analisarem os gráficos de 8 a 17.

Foram produzidos gráficos de todos os sufixos estudados a fim de empreender uma comparação a respeito da produtividade desses afixos aumentativos ao longo do tempo. Primeiramente, será analisado o gráfico<sup>316</sup> que mostra o número absoluto de palavras, terminadas em *-ão*, datadas em cada século.

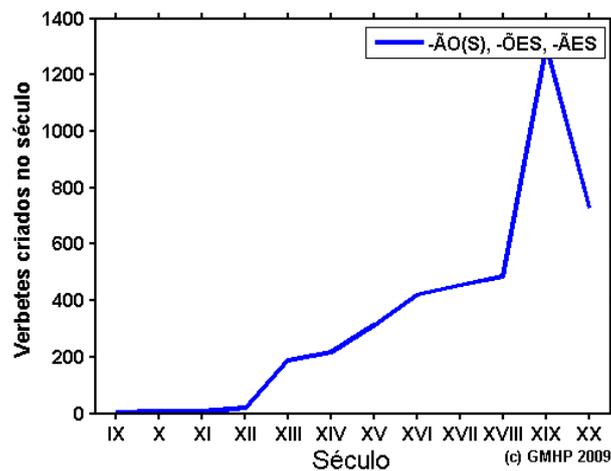


Gráfico 8 - Valores absolutos: número de palavras datadas em cada século com as terminações *-ão(s)*, *-ões*, *-ães*

<sup>316</sup>Ainda que esse gráfico represente todo o conjunto de terminações em *-ão* e não apenas o sufixo *e*, portanto, engloba não só o valor aumentativo, mas também outros significados admitidos por esse afixo, os dados permitem que se façam algumas reflexões a respeito da produtividade desse elemento formativo. O mesmo procedimento foi adotado nos demais gráficos.

De acordo com o Gráfico 8<sup>317</sup>, vê-se que as palavras com estas terminações estão presentes em quase 1400 verbetes datados no século XIX. Número bastante elevado, principalmente se se comparar aos gráficos dos sufixos *-aço* e *-arro*, os quais serão apresentados a seguir:

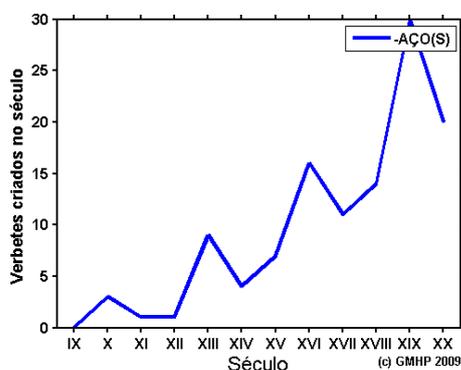


Gráfico 10 - Valores absolutos: número de palavras datadas em cada século com a terminação *-aço(s)*

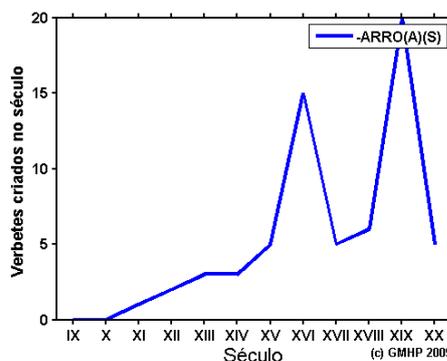


Gráfico 9 - Valores absolutos: número de palavras datadas em cada século com a terminação *-arro(s)*

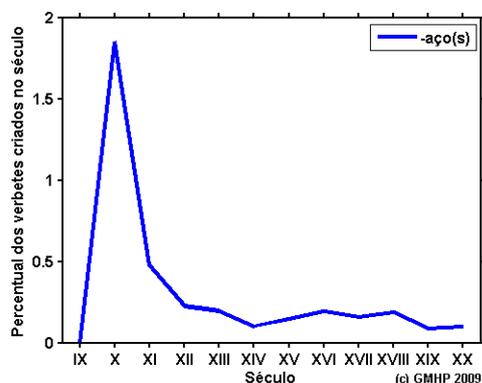
Analisando os Gráficos 9 e 10, que indicam o número de palavras datadas em cada século com as terminações *-aço* e *-arro*, é possível perceber que os picos alcançados por essas terminações não ultrapassam 30 palavras, no caso de *-aço* e 20 em *-arro*. É pertinente salientar que os picos atingidos por essas sequências finais ocorrem no século XIX. Assim como se verifica no Gráfico 8.

Isso pode se dever ao fato de ter sido o século XIX um período de vasta produção literária, propiciada pelo advento do Romantismo. Em função do novo estilo artístico e avanços técnicos nesta época. Tipografias tornaram-se mais comuns e, desse modo, a produção escrita ganhou volume. Sendo assim, o número de textos disponíveis neste século é superior aos demais, fazendo também com que o número de palavras datadas seja maior do que em séculos anteriores.

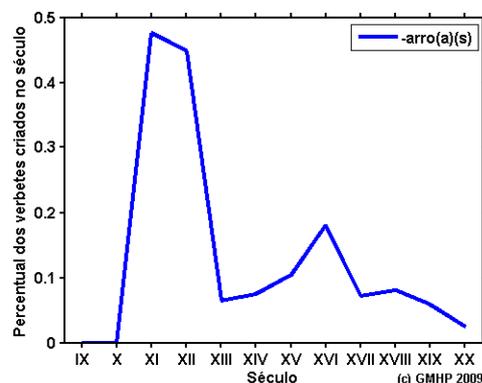
Por essa razão, um levantamento que procure minimizar a discrepância da produção escrita entre os séculos é mais indicado para que se possa verificar mais atentamente a produtividade das palavras com as terminações estudadas. Desse modo, serão analisados, a seguir, os gráficos que representam, em cada século, a porcentagem de palavras, com determinado sufixo, sobre o total de palavras datadas nesse mesmo

<sup>317</sup> Gráficos 8 ao 17 - elaborados por Zwinglio O. Guimarães Filho, pesquisador da Université de Provence e integrante do Grupo de Morfologia Histórica do Português.

século. Esses gráficos, portanto, não trazem valores absolutos do número de criação em cada período, mas sim, estão em conformidade com os vocábulos datados em determinado século. Os gráficos 11 e 12 trazem o número de criações com os sufixos *-aço* e *-arro* em termos relativos.



**Gráfico 11 - Valores relativos: número de palavras, com as terminações *-aço(a)(s)*, em cada século, em relação as demais palavras do dicionário**

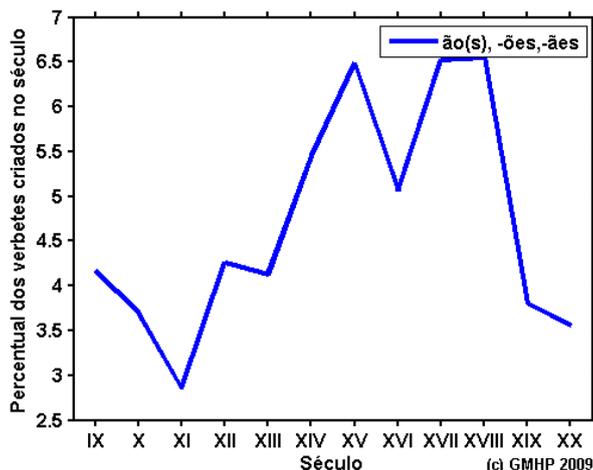


**Gráfico 12 - Valores relativos: número de palavras, com as terminações *-arro(a)(s)*, em cada século, em relação as demais palavras do dicionário**

O Gráfico 11 mostra que o pico do segmento *-aço* ocorre no século X, não possuindo outros picos relevantes. Assim, pouco mais de 1,5% das palavras datadas neste século apresentavam a sequência final *-aço*. É possível perceber também que o número de palavras com essa terminação apresenta relativa estabilidade a partir do século XIV.

Já no Gráfico 12 o pico atingido pelo sufixo *-arro* ocorreu no século XI. No século seguinte pode-se observar uma ligeira queda e, posteriormente, no século XIII, a queda é ainda mais acentuada. Vale ressaltar que o pico, nesse caso, não excede 0,5%, isto é, em seu momento mais produtivo, o *-arro* está em apenas 0,5% dos vocábulos criados neste mesmo século.

Desse modo, é possível verificar a alteração dos picos de produtividade ao se considerar a criação vocabular em termos relativos. O gráfico 13 traz os valores relativos das formações em *-ão*, as quais também se mostram mais produtivas do que as criações em *-aço* e *-arro*.



**Gráfico 13 - Valores relativos: número de palavras, com as terminações *-ão(s)*, *-ões*, *-ães*, em cada século, em relação às demais palavras do dicionário**

De acordo com o Gráfico 13, é possível perceber que nos séculos XV e XVII o *-ão* apresenta seus picos de produtividade. Deve-se ressaltar que no século XVIII esse sufixo mantém sua porcentagem de criações em relação ao século anterior.

O grande número de formações no século XV pode ser decorrência do processo de convergência das terminações nasais *-am* e *-om* em *-ão*, assim como se apontou no Capítulo 1. Também é possível associar o pico do século XVII a esse fato, já que, segundo alguns autores, o processo de convergência teria sido finalizado no século XVI.

Tomando como base os picos desse gráfico, vê-se que a sequência final em questão apareceu em 6,5% das palavras que foram criadas nesses séculos. Isso significa que de todas as palavras criadas ou datadas no século XV, por exemplo, 6,5% desse total apresentavam essa terminação.

Após a análise dos gráficos acima apresentados, viu-se que os picos de produtividade alteraram-se, consideravelmente, em relação aos gráficos de 8 a 10. Nenhum dos gráficos de 11 a 13 apresentou pico no século XIX, assim como indicavam os gráficos anteriores. Ao contrário disso, apresentam-se em suave declínio neste século, no caso de *-arro* e *-aço* e em queda mais brusca no caso de *-ão*.

Os sufixos *-orro* e *-uço* têm comportamento diferente do verificado em *-arro* e *-aça*, tanto quando se consideram as criações em números absolutos, quanto os dados relativos, como mostram os gráficos 14 e 15.

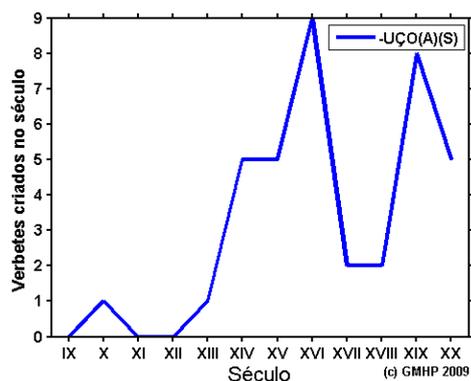


Gráfico 15 - Valores absolutos: número de palavras datadas em cada século com a terminação *-uço(a)(s)*

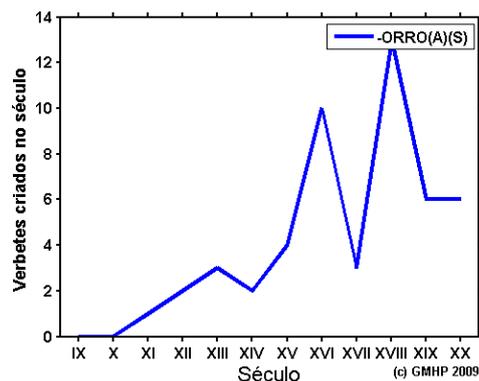
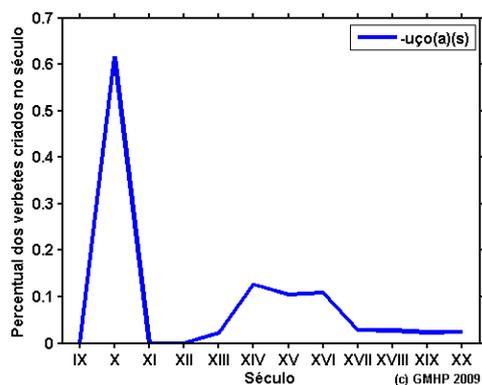


Gráfico 14 - Valores absolutos: número de palavras datadas em cada século com a terminação *-orro(a)(s)*

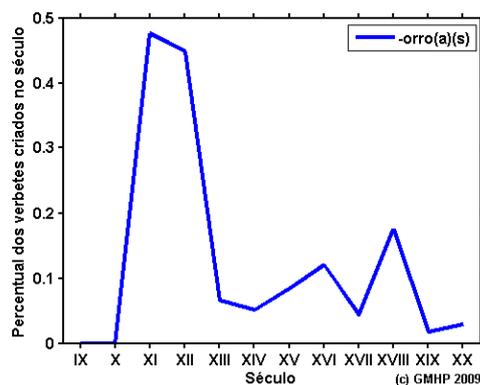
Em nenhum desses gráficos, que apontam as datações em número absoluto, os picos ocorrem no século XIX, diferentemente do que se viu nos demais sufixos. No Gráfico 15, a maior produtividade alcançada pelo afixo *-uço* foi no século XVI, período em que foram datadas/criadas nove palavras. Já no Gráfico 14, o pico ocorre no século XVIII com 14 vocábulos formados em *-orro*.

A localização dos picos nesses séculos pode se explicada por razões históricas. Como se sabe, o século XVI é o período de grande desenvolvimento português, estimulado por D. João III (1521 a 1557), o qual buscou desenvolver e incentivar as letras e o ensino. Ademais não se pode esquecer o expansionismo empreendido nessa época, bem como a introdução do renascimento literário em território português. O século XVIII também registrou acontecimentos importantes, sendo o principal deles o surgimento do Iluminismo e das suas produções mais características – as enciclopédias.

No entanto, assim como se observou na comparação entre os gráficos em termos absolutos e relativos dos sufixos *-ão*, *-aço*, *-arro*, esses também apresentaram alteração significativa nos picos de produtividade, como se pode verificar abaixo:



**Gráfico 17 - Valores relativos: número de palavras datadas em cada século com a terminação *-uço(a)(s)***



**Gráfico 16 - Valores relativos: número de palavras datadas em cada século com a terminação *-orro(a)(s)***

O Gráfico 17 assemelha-se ao Gráfico 11, o qual aponta a produtividade relativa do sufixo *-aço*, no que se refere ao pico, uma vez que ambos ocorrem no século X. Contudo, o afixo *-uço* mostra-se menos produtivo, apresentando um percentual de 0,6% palavras datadas/criadas neste século em relação às demais terminações.

A mesma semelhança se vê nos gráficos 16 e 12, já que o pico alcançado pelos sufixos *-arro* e *-orro* ocorreu no século XI. E, a exemplo do que se pode observar no Gráfico 12, há um pequeno declínio, seguido de uma queda mais acentuada no século XIII. A paridade entre os dois elementos formativos também se verifica na soma de suas produtividades, uma vez que, nos dois casos, os picos não excedem 0,5%.

Pode-se perceber que, ao se considerarem os dados em termos relativos, as terminações *-arro* e *-orro*, assim como as sequências finais *-aço* e *-uço*, apresentam picos de produtividade coincidente. Pertinente também é verificar que esses picos tenham ocorrido no período em que os limites entre as línguas iberorromânicas ainda não estavam delimitados. Esse fato, no que se refere aos sufixos *-arro* e *-orro*, auxilia na hipótese de que esses afixos tenham sido passados ao português por meio de contato linguístico, assim como se apresentou no Capítulo 3.

Desse modo, de acordo com os gráficos de valores relativos também é possível afirmar que o segmento *-ão* é sempre o mais produtivo, em todos os séculos. Vale frisar que o pico do Gráfico 13 atinge 7%, enquanto *-aço* apresenta 2%, *-uço* possui 0,6%, *-orro* e *-arro* 0,5%. Assim, a grande produtividade do *-ão*, frente aos outros, pode indicar sua preferência na formação dos nomes aumentativos. Desse modo, apesar de

esses sufixos apresentarem a mesma função, não se pode dizer que sejam, verdadeiramente, concorrentes, uma vez que a produtividade do *-ão* é muito mais elevada em relação aos outros elementos estudados.

#### 4. Frequência de uso dos sufixos aumentativos: uma análise sincrônica

Nesse estudo, utilizou-se em alguns momentos a frequência de uso, seja como recurso para seleção de palavras a serem analisadas, como no realizado no Capítulo 2, seja para reforçar a argumentação de que alguns valores semânticos não se constituíam como típicos da língua portuguesa, como na investigação do afixo *-aço* (Capítulo 3). Como já esclarecido, essa frequência foi estimada a partir de pesquisas em *sites da internet*, escritos em português. Nesta seção busca-se utilizar esses dados para empreender uma comparação entre as frequências de uso dos sufixos formadores de aumentativos, enriquecendo a análise, exposta acima, uma vez que nesta etapa é possível isolar os casos de terminação coincidente dos de formações derivadas.

Como se viu, a análise das palavras sufixadas com *-ão* utilizou para a seleção de vocábulos a serem analisados, um filtro inicial baseado na frequência de uso igual ou superior a 20.000 ocorrências, essa mesma marca será utilizada para a comparação com os demais sufixos. Sendo assim, identificou-se que 399 das palavras derivadas em *-ão* possuem tal frequência de uso. Esse número é bastante elevado se se comparar aos demais elementos formativos.

No caso das palavras sufixadas em *-orro*, constata-se que essas são pouco usadas no universo pesquisado. Dentre os vocábulos derivados, apenas três palavras ocorrem mais de 20.000 vezes<sup>318</sup>, são elas *cachorro* (2.240.000 ocorrências), *chamorro* (65.400 ocorrências) e *pachorra* (165.000 ocorrências). As formações em *-arra* são um pouco mais frequentes do que as derivadas em *-orro*. São nove os vocábulos que alcançam número igual ou maior do que 20.000 ocorrências, a saber: *bandarra* (100.000 vezes), *gambiarra* (91.600 vezes), *gamarra* (36.1000 vezes), *samarra* (39.800 vezes), *pigarro* (22.500 ocorrências), *charro* (4.8700 ocorrências), *chicharro* (26.900 ocorrências), *chaparro* (102.000 vezes) e *bizarro* (900.000 vezes).

---

<sup>318</sup> Utiliza-se esse número de ocorrências como marco, pois foi o usado nas análises anteriores dos sufixos *-ão* e *-aço*.

No caso do afixo *-uço*, encontraram-se apenas 4 verbetes que superavam essa faixa de frequência: *aguça* (71.800), *louça* (703.000), *pinguço* (35.300) e *carapuça* (129.000). Nota-se, portanto, que os sufixos *-arro*, *-orro* e *-uço* não são muito frequentes, fato também atestado por Sandmann no livro *Formações de palavras no português brasileiro contemporâneo* (1989), em que analisa os modelos de formação mais produtivos da língua, já que não cita esses sufixos, o que é bastante representativo no que se refere à atuação desses afixos em corpus constituídos de texto de jornal, já que o autor coletou 42 publicações dos jornais *O Globo*, *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Brasil* de 1984.

Já o sufixo *-aço* apresenta, dentre os afixos estudados, um número mais expressivo de formações que atingem uma frequência de uso mais elevada. Foram encontradas 36 palavras que ocorreram mais de 20.000 vezes no *corpus* pesquisado. A Tabela 8 informa quais são essas palavras:

<b>Vocábulo</b>	<b>Frequência de uso</b>
<b>Agraço</b>	266.000
<b>Bagação</b>	342.000
<b>Balaço</b>	20.500
<b>Barçaça</b>	55.900
<b>Buzinaço</b>	33.700
<b>Cachaça</b>	995.000
<b>Cachaço</b>	23.600
<b>Cagaço</b>	35.800
<b>Cangaço</b>	89.700
<b>Cansaço</b>	1.220.000
<b>Caraça</b>	226.000
<b>Chalaça</b>	46.300
<b>Chumaço</b>	22.100
<b>Couraça</b>	71.000
<b>Esfregaço</b>	50.700
<b>Espinhaço</b>	68.800
<b>Estdalhaço</b>	88.900
<b>Estilhaço</b>	26.100
<b>Fogaça</b>	542.000
<b>Fumaça</b>	1.610.000
<b>Golaço</b>	180.000
<b>Linhaça</b>	188.000
<b>Melaço</b>	104.000
<b>Melgaço</b>	581.000
<b>Mordaça</b>	110.000
<b>Mormaço</b>	71.400
<b>Palhaço</b>	944.000
<b>Panelaço</b>	22.400
<b>Populaça</b>	42.000
<b>Ricaço</b>	22.800
<b>Tarifaço</b>	24.900
<b>Terraço</b>	820.000
<b>Timaço</b>	31.100
<b>Trapaça</b>	97.300
<b>Vidraça</b>	129.000
<b>Vinhaça</b>	41.600

Tabela 8 - Frequência de uso, com valor igual ou superior a 20.000 ocorrências, dos vocábulos derivados em *-aço*.

## 5. Produtividade: Neologismos

Para a realização desse estudo, contou-se com os dados do Observatório de Neologismos do Português Contemporâneo<sup>319</sup>, projeto que coleta neologismos de revistas e jornais de grande circulação no país, como *Isto é*, *Veja*, *O Globo* e *Folha de São Paulo*. Coletaram-se, dessa base de dados, as palavras com as terminações *-arra*, *-orra*, *-aça*, *-uço* e *-ão*, a fim de investigar alguns indícios da produtividade desses elementos formativos no estágio atual da língua. Sabe-se que para uma análise mais detalhada da produtividade desses sufixos seria necessária a ampliação dos gêneros textuais, no entanto, a partir dos dados coletados foi possível tecer algumas considerações pertinentes.

Antes de passar a análise dos dados obtidos, cumpre explicar, brevemente, o conceito de produtividade adotado para esse estudo. Esse conceito é discutido por Aronoff (1976) em termos de regras de formação de palavras (RFPs), assim como também propõe Basílio (1980). No entanto, esses autores divergem no que se refere à gradação da produtividade. Enquanto Aronoff considera que a produtividade é gradual, Basílio a concebe como pontual. Para o estudioso, se uma regra de formação de palavras ainda pode ser reconhecida pelos falantes da língua, ela é considerada produtiva, mesmo que não forme novos vocábulos. Nesse caso, a regra é apontada como pouco produtiva, em relação a outras que continuam a criar novos vocábulos. Já Basílio considera improdutivas as regras que não produzem novas lexias. O fato de o falante ser capaz de reconhecê-las, segundo a autora, deve-se a atuação das regras de análise estrutural (RAEs).

A produtividade concebida em termos de gradação é retomada por Katamba (1993), que recorda o elemento histórico, admitindo que uma regra de formação possa ter apresentado uma grande produtividade em um período, mas atualmente não possui a mesma abrangência. Sendo assim, as RFPs são mais ou menos produtivas ou mais ou menos gerais, isto é, atuam em diferentes tipos de base.

---

<sup>319</sup> Esse projeto, coordenado pela professora Ieda Maria Alves, teve início no ano de 1988 e pode ser consultado no site [http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/pesquisa\\_termneo.php](http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/pesquisa_termneo.php)

Para essa análise, toma-se o conceito de produtividade visto em Aronoff (1976) e Katamba (1993). Considerando o *continuum* proposto por esses estudiosos será possível medir a produtividade desses sufixos, uma vez que esses apresentam a mesma regra de formação de palavras – criação de aumentativos. Ademais, tendo em vista o estudo, já foi realizado, a respeito das categorias gramaticais das bases selecionadas por esses elementos formativos, será possível determinar a abrangência e generalidade desses processos de derivação.

### 5.1. Formações neológicas em -orro(a)(s), -arro(a)(s) e -uço(a)(s)

De acordo com a base de dados do Observatório de Neologismos do Português Contemporâneo encontraram-se: sete ocorrências com a terminação -orro(a)(s), a saber: *porta-cachorro*, *disque-cachorro*, *boneco-cachorro*, *soldado do morro*, *mate-ou-morra* (duas ocorrências) e *operação-socorro*. Em todos os casos a neologia produz-se pela composição, portanto, essas formações não entram, efetivamente, na análise. A mesma situação se vê nas formações em -arro(a)(s). Das 11 criações com a sequência -arro(a)(s), 3 vocábulos são formados por composição, são eles: *pé-de-barro*, *cheio de marra*, *agarra-agarra* e 7 são formas prefixadas: *minimultimarra*, *nanoguitarra*, *sem-cigarro*, *supercarro*, *minicarro* (2 ocorrências), *ex-guardador de carro*. Os exemplos acima citados não representam o sufixo, constituem-se apenas como terminação coincidente. Portanto, também foram excluídas da análise.

Encontrou-se também a palavra *gambiarra*, registrada em 1993 em ocorrência no jornal *Folha de São Paulo*. Nesse texto o vocábulo é empregado no sentido de *algo mal feito*, como se pode depreender pelo contexto: *A obra foi do prefeito Paulo Maluf, amigo pessoal de Júlio Neves, em sua passagem anterior pelo cargo. “O Minhocão foi uma alternativa viária que talvez hoje não se fizesse”; afirma Neves. “É uma gambiarra”*.

Essa palavra aparece no Dicionário Houaiss, sendo datada em 1881. Contudo, essa acepção não é registrada por esse dicionário. Sendo assim, trata-se de uma neologia semântica e como tal também não pode ser contabilizada na análise.

Achou-se apenas uma palavra com a terminação -uço(a)(s), a qual é formada por prefixação: *antipinguço*. Desse modo, é possível constatar, levando-se em conta o

corpus analisado, que esses sufixos são pouco produtivos, já que não formaram novas lexias.

## 5.2. Formações neológicas em -aço(a)(s)

A terminação -aço(a)(s) aparece em 50 casos<sup>320</sup> nos textos pesquisados. Muitos vocábulos são formados por composição ou por prefixação, dos quais se citam: *mulher-palhaço*, *biografia-calhamaço*, *megaespaço*, *ciberespaço* etc. As formações neológicas, criadas por derivação sufixal, serão apresentadas no quadro subsequente de acordo com o seu valor semântico.

Valor Semântico	Neologismos
Ação/ Manifestação	<i>Apitação, caminhonaço e carteiraço</i>
Aumentativo	<i>lucraço, sorrisaço, apartamentação, pacotaço, bananaço</i>
Conjunto	<i>Dentaças</i> <sup>321</sup>
Intensidade	<i>Caidaça</i> <sup>322</sup>
Melhorativo	<i>Goleiraço</i> <sup>323</sup> , <i>programaço</i> <sup>324</sup>
Pejorativo	<i>Filmaço</i> <sup>325</sup>

Quadro 34 - Valores semânticos das criações neológicas em -aço.

Consta na base de dados do Observatório de Neologismos a palavra *tarifaço*, entretanto, esse vocábulo não foi incluído no Quadro 34. Isso porque, no Dicionário

<sup>320</sup> Esse número inclui todas as ocorrências, incluindo as repetições. A palavra *ciberespaço*, por exemplo, aparece 16 vezes.

<sup>321</sup> Contexto: “O que Chávez virá a ser, os seus seis meses de presidente não permitem prever. Mas seu primeiro semestre de governo voltado para as questões sociais demonstrou que a herança nociva da Guerra Fria está viva. Nas formas de avaliar, analisar e, portanto, de agir diante de possibilidades concretas, como um governo de ação pública sem o controle e o benefício da oligarquia, do poder econômico. Os dentes se afiam e as **dentaças** se engatilham - e o instrumento primordial para isso é a imprensa. Já está se vendo, com as raras exceções de sempre”. (*Folha de São Paulo*, 1999)

<sup>322</sup> Contexto: “Monique chegou a se ajoelhar várias vezes para sustentar o peso de seus 39 anos, desmaiou na dispersão e chegou carregada ao posto médico. **Caidaça**”. (*Veja*, 1996)

<sup>323</sup> Contexto: “O Brasil tem muitos goleiros de boa qualidade, desde jovens como Rogério e André, passando por menos jovens como Dida e Danrlei, seguindo com os já andados como Velloso e Carlos Germano, bastante experientes como Ronaldo e Zetti, até um digno símbolo como Taffarel. Mas falta um que seja tão indiscutível como Gilmar nas campanhas de 1958 e 1962, apesar de seu reserva, Castilho, ter sido um **goleiraço**”. (*Folha de São Paulo*, 1997)

<sup>324</sup> Contexto: “Na Bandeirantes, o número de demitidos foi menor - cerca de cem -, mas também houve conseqüências perceptíveis para o telespectador. O ‘**Programaço**’, comandado por Astrid Fontanelle, foi cancelado, e toda a sua equipe - com exceção da apresentadora - foi demitida. (*Folha de São Paulo*, 2000)

<sup>325</sup> Se você é uma garota solteira no pedaço, eu sugiro poder. Você tem que trabalhar duro para conseguir, e ninguém vai te ajudar. Você vai ganhar muitas inimigas entre as mulheres. Isso porque você eventualmente vai aparecer por aí dando uma de mulher de um puta editor - que está vivo e simplesmente gosta de você - em algum **filmaço** e todos os inúteis que trabalham nas revistas dele você poderia comer se quisesse, mas não vai fazer isso porque garotas malvadas nunca abusam do poder, uma vez que o tenham adquirido, a não ser para fins sexuais apenas. (*Folha de São Paulo*, 1997)

Houaiss, a palavra aparece registrada já em 1990, enquanto que a primeira ocorrência neste corpus é de 1994 na revista *Veja*. Tanto nas três ocorrências coletadas no *corpus* quanto na definição dada pelo dicionário há o mesmo significado - o de aumento de tarifas.

Os valores semânticos mais recorrentes, isto é, o de aumentativo e de ação, serão explicados separadamente. Em relação aos outros significados, podem-se fazer algumas considerações.

O valor semântico de conjunto aparece na palavra *dentaças*, usada no contexto em oposição a *dentes* “*Os dentes se afiam e as dentaças se engatilham*”, o que justifica sua forma no plural. O Dicionário Houaiss registra as palavras *dentuça*, no singular, com o mesmo valor de coleção, e *dentuças*, no plural, para designar o *indivíduo dentuço*. Isso pode indicar que a palavra possa ser uma alteração do vocábulo derivado e não da palavra primitiva *dente*. De todo modo, a criação vocabular pautou-se em uma base substantiva, formando também um substantivo.

O adjetivo neológico *caidaça* forma-se a partir da palavra *caída*, no sentido de *fraquejar; perder força ou intensidade* contribuindo com o significado de intensidade para a base substantiva. Assim, vê-se a que o sufixo altera a classe gramatical da palavra derivante, mostrando sua capacidade heterocategorial.

O valor avaliativo aparece nas palavras *goleiraço*, *programaço* e *filmaço*<sup>326</sup> descrevendo sentido melhorativo. No caso de *programaço*, deve-se lembrar que o termo nomeava um programa de televisão e, certamente, foi construído calcado na noção apreciativa que o sufixo aumentativo pode suscitar. Cumpre ressaltar que esses vocábulos são substantivos, ao contrário do que possa parecer, ao se tomarem as palavras isoladamente. Abaixo segue o quadro que apresenta e detalha as palavras com valor semântico de aumentativo:

---

<sup>326</sup> Apesar de seu uso irônico no texto, o significa apreciativo mantém-se.

Aumentativos	Nº de ocorrências	Fonte	Ano
<i>Apartamentação</i>	1	<i>Veja</i>	1997
<i>Bananaço</i> <sup>327</sup>	1	<i>Folha de São Paulo</i>	1997
<i>Lucraço</i>	1	<i>Veja</i>	1996
<i>Pacotaço</i>	5	<i>Folha de São Paulo; Folha de São Paulo; Veja; Folha de São Paulo; Veja</i>	07/1996; 09/1996; 1997; 07/1998; 10/1998
<i>Sorrisaço</i>	1	<i>Veja</i>	1996

Tabela 9 - Neologismos, formados em sufixo -aço, com valor semântico aumentativo

As palavras *apartamentação* e *sorrisaço* possuem, além do significado de aumento, o traço apreciativo, uma vez que não descrevem apenas a dimensionalidade do objeto, mas também associa a ele traços de avaliação positiva, como se pode depreender a partir do contexto em que foram usadas e que abaixo se reproduz:

➤ *Apartamentação*:

“Móveis russos - A bolada desembolsada pelo publicitário é respeitável, mas perde feio diante das extravagâncias de alguns brasileiros milionários, que se sentem mais seguros acumulando tesouros longe do país. Um grande empresário mantém seis telas do pintor francês Henri Matisse em sua residência nova-iorquina. Em outra, há móveis russos da era czarista avaliados em 1 milhão de dólares. Tímidas excentricidades se comparadas ao triplex do empresário Leo Kryss, dono de uma indústria de produtos eletrônicos. Cada um dos três andares de seu apartamento, avaliado em 4 milhões de dólares, tem um estilo de decoração diferente. "Os corrimãos das escadas são folheados a ouro", descreve uma amiga de Kryss. Há colunas de mármore nobres, banheiros cor-de-rosa do teto ao chão e pesadas cortinas de veludo. A cozinha, com equipamentos industriais, lembra a de um grande hotel. O **apartamentação** conta ainda com três quartos só para abrigar empregados. As más línguas dizem que ficaria melhor em Miami”

➤ *Sorrisaço*:

“Com Clinton por testemunha e com sua Florianópolis natal grudada na tevê, Fernando Scherer mergulhou em sua derradeira chance. Na mesma raia 1 da qual Gustavo Borges arrancara a medalha de prata, ele foi garimpar o pódio. Respirou uma só vez na empreitada quase demente

<sup>327</sup>Contexto: “**Bananaço** (título) O estaleiro não trabalha se não receber o novo ervanário. Os financiadores japoneses querem as unidades trabalhando para pegar de volta o que investiram. A Petrobrás precisa do óleo porque está torrando bilhões em dólares. A seguradora precisa que seja proclamado o mau serviço da IVI para pagar um seguro que, como o próprio nome diz, banca seu desempenho. Ouvidos individualmente, todos os personagens dessa história serão mocinhos, mas a banana só será descascada se alguém ficar no papel de Jack Palance.”

que é a prova dos 50 metros e saiu com a careca erguida, **sorrisaço** para todos os lados.”

O mesmo não se pode dizer do vocábulo *lucraço*, uma vez que a palavra derivante já denota sentido positivo. Portanto, o sufixo acrescentaria tão somente valor aumentativo como indica o contexto em que aparece:

“Aproveitaram a oportunidade de trocar moedas podres nos leilões de privatização e agora saíram da jogada com moeda saudável. Conseguiram um **lucraço**. ‘A tradição das siderúrgicas é de margens de lucro muito reduzidas’, diz o ex-presidente de uma delas.’ Se o fundo de pensão está em busca de lucratividade, deveria estar investindo em outras áreas”.

Do mesmo modo, também em *pacotaço* atua somente o valor aumentativo. Esse vocábulo forma-se a partir da base *pacote* no sentido de “*série de medidas ou de leis autônomas editadas com o propósito de superação de problemas em determinada área política, econômica ou administrativa*”. Essa acepção é registrada como regionalismo brasileiro e datada em 1960. A forma aumentativa aparece pela primeira vez em 1996 para designar ideia semelhante a da palavra primitiva:

“No xadrez de FHC, montado para definir um **pacotaço** político para os dois últimos anos do que o tucano ambiciona ser seu primeiro mandato, elegeu-se um ‘vice-rei’: Luís Eduardo Magalhães, presidente da Câmara.”

Nota-se que o emprego de *pacotaço* no contexto acima pode ou não ser lido como aumentativo, visto que a palavra-base pode exprimir esse mesmo conceito. Assim, o exemplo acima não é definitivo para a determinação desse significado. Nesse caso, o uso desse termo pode ser explicado pelo desgaste da forma de base que, como se viu, aparece em 1960 com esse significado.

Mas, analisando outros contextos em que o termo aparece, pode-se entrever o significado aumentativo. Abaixo será reproduzido o contexto em que o significado aumentativo se apresenta de forma mais nítida:

“Todo esse **pacotaço** já recebeu o sinal verde do FMI, que ofereceu um crédito de 15 bilhões de dólares para que o Brasil recomponha suas reservas e articula um socorro suplementar de mais 15 bilhões - de outros organismos internacionais”.

Já a criação vocabular *bananaço* requer uma análise mais detalhada. Tomando-se apenas o contexto em que fora empregada, a palavra parece indicar que se liga à base

*bananosa* “situação muito complicada, embananamento”, como deixa entrever o trecho a seguir:

➤ **Bananaço:**

**Bananaço** (título) O estaleiro não trabalha se não receber o novo ervanário. Os financiadores japoneses querem as unidades trabalhando para pegar de volta o que investiram. A Petrobrás precisa do óleo porque está torrando bilhões em dólares. A seguradora precisa que seja proclamado o mau serviço da IVI para pagar um seguro que, como o próprio nome diz, banca seu desempenho. Ouvidos individualmente, todos os personagens dessa história serão mocinhos, mas a banana só será descascada se alguém ficar no papel de Jack Palance. Isso numa economia de mercado, daquelas que FFHH gosta. Fora daí, é fácil: basta meter a mão no bolso da Viúva e dizer que tudo não passou de um mal-entendido.

Pela leitura do trecho, percebe-se que se trata de uma série de divergências entre os “personagens” da história, já que a ação (ou não-ação) de cada um prejudica os demais envolvidos no impasse. Isso reforça a ideia de que a palavra derivante seja, realmente, *bananosa* e não *banana* como faz crer uma análise superficial do vocábulo, associado ao fato de, nesse excerto, a palavra *banana* aparecer substituindo *abacaxi* no dito popular “*descascar o abacaxi*”. A leitura de todo o texto<sup>328</sup>, intitulado “*Uma PetroEncrenca de US\$ 160 milhões*”, mostra a irreverência do autor em jogar com as palavras, criando uma isotopia com a palavra *banana*, presente desde a primeira linha do texto: “*Há uma banana na mesa do presidente da Petrobrás, Joel Rennó.*” e culminando na subversão do dito popular acima citado.

Desse modo, a análise do texto leva a acreditar que a palavra derivante seja, de fato, *banana*, já que o vocábulo nesse texto assume o valor do vocábulo *abacaxi*, visto no dito popular, aproximando-se também ao significado de *bananosa*.

No entanto, é possível encontrar essa palavra com significado de *manifestação*<sup>329</sup>, sendo registrada em 2006. Isso aponta que a palavra já se apresenta polissêmica. Muito provavelmente, a formação toma como base a palavra *banana*, no sentido de “*gesto considerado obsceno e ofensivo*”<sup>330</sup>, já que o gesto denota valor de desprezo, descaso, desdém, como é possível depreender pela análise do contexto, reproduzido a seguir:

<sup>328</sup> Reportagem na íntegra extraída do site: <http://infoener.iee.usp.br/infoener/hemeroteca/imagens>. Esse texto pode ser consultado no Anexo B.

<sup>329</sup> Pesquisa realizada em sites da internet (consulta feita em 05/2010)

<sup>330</sup> O gesto consiste em “*apoiar a mão na dobra do outro braço, mantendo erguido, e de punho fechado, o antebraço que ficou livre*”.

“O comando da paralisação nacional da Polícia Federal decidiu radicalizar, ontem, o movimento de advertência e o transformou numa greve por tempo indeterminado. Durante o protesto, a categoria distribuiu simbolicamente **bananas** para denunciar o resultado das negociações com o governo federal e a decisão imposta pelo Tribunal Superior Eleitoral em não permitir reajuste a 180 dias das eleições. Segundo o presidente do Sindicato dos Policiais Federais em Alagoas, Jorge Venerando, o ‘**bananaço**’ é o símbolo do descaso do governo com o comando da categoria.”<sup>331</sup>

O termo parece ter prosperado com esse significado, já que reaparece em outros textos. Podem-se citar duas outras ocorrências bastante pertinentes:

“Bastante interessante o movimento que o sindicato dos bancários do Rio Grande do Norte vem realizando nas agências bancárias de Natal. Denominado de **bananaço** são distribuídas mil bananas aos clientes e bancários nas agências que mais recebem reclamações pelo mau atendimento. Como a banana é rica em potássio, ajuda a prevenir câimbras. É a fruta ideal para os clientes que tem que ficar em pé por horas nas filas. Já para os patrões é aquilo que você está pensando mesmo...”<sup>332</sup>

Chama atenção o fato de as duas ocorrências, acima reproduzidas, aparecerem em manifestação do nordeste, assim como a passagem a seguir. Isso indica que o termo seja um regionalismo:

“Vinte e um dias depois do início da greve dos servidores federais no Ceará, o movimento foi marcado ontem pela irreverência. Um "**bananaço**" foi realizado em frente ao Núcleo Estadual do Ministério da Saúde (MS), pela manhã, na rua do Rosário, no Centro de Fortaleza. Mas a manifestação não ficou só na distribuição de 3 mil bananas e nas palavras de ordem. Teve direito à apitação e lavagem da escadaria que dá acesso à sede do MS, tudo para mostrar a insatisfação com o reajuste de 0,1% proposto pelo governo federal para este ano. Junto às reivindicações, críticas ao 'Mensalão' e à crise política do país. A manifestação acabou com um forró na sede da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), na avenida Santos Dumont na Aldeota.”<sup>333</sup>

Além do significado de aumentativo e do significado de “manifestação”, também se encontrou, em busca feita em *sites* de pesquisa da *internet*, o valor de intensidade, formado a partir de *banana*, no sentido de *pessoa sem iniciativa, covarde*:

<sup>331</sup> Disponível em <http://gazetaweb.globo.com/v2/gazetadealagoas>.

<sup>332</sup> Retirado do site: [samuelnariojunior.zip.net/arch2007-12-01](http://samuelnariojunior.zip.net/arch2007-12-01).

<sup>333</sup> Extraído de: <http://www.cutceara.org.br/imprime.asp?id=1946>

“Eu sei, mas acho o time deles em mau momento, e o treinador um **bananaço**, o que é a receita pro insucesso.”<sup>334</sup>

A tabela subsequente traz as informações referentes aos verbetes classificados como valor de ação/manifestação:

Ação/manifestação	Nº de ocorrências	Fonte	Ano
<i>Apitaço</i>	2	<i>Isto é; Veja</i>	1997, 1997
<i>Caminhonaço</i>	2	<i>Veja</i>	1995, 1999
<i>Carteiraço</i> <sup>335</sup>	1	<i>Veja</i>	1996

Tabela 10 - Neologismos, formados em sufixo -aço, com valor semântico de ação/manifestação

Os dois primeiros exemplos designam manifestação ou revolta. *Apitaço*, palavra mais comum, aparecendo aproximadamente 25 mil vezes em páginas da *internet*, escritas em português, descreve um protesto realizado com sons de apitos. Esse tipo de manifestação pode apresentar razões e objetivos de natureza diversa<sup>336</sup>. Provavelmente, por esse motivo é bem mais frequente do que a palavra *caminhonaço*, que ocorre apenas 3.400 vezes nos *sites* em português. Esse termo designa protesto, realizado, geralmente, por agricultores, como se percebe nos trechos:

“Agricultores e políticos se desentendem na disputa pela liderança do **caminhonaço** em Brasília”

“Para dar um calote no governo, que pode chegar a 18 bilhões de reais, os ruralistas mobilizaram sua bancada de 195 deputados no Congresso e apresentaram um projeto de lei que lhes concede perdão de até 60% das dívidas. Reforçaram a iniciativa com um **caminhonaço**, estacionando um pelotão de veículos pesados nas vizinhanças do Congresso.”

O aparecimento de *apitaço* no *corpus* do Observatório de neologismo ocorre em 1997 com esse significado de protesto:

<sup>334</sup> Extraído do site: [www.haloscan.com/comments/blogflanet/6313062195075492485](http://www.haloscan.com/comments/blogflanet/6313062195075492485)

<sup>335</sup> Contexto: “Bandeira ordenou ao motorista que seguisse em frente. Em vez de ser atendido, levou uma carteiraada: “Você sabe com quem está falando, seu tenentinho de m...?”, perguntou-lhe o passageiro. (...) Antes que a ordem de apreensão fosse cumprida, Batista Filho usou o telefone celular para fazer valer seu **carteiraço**”.

<sup>336</sup> Registram-se apitaços contra a violência, contra o aumento de tarifas de transporte público, contra a corrupção, pelos direitos da mulher etc. A palavra também é empregada para se referir à ação promovida por torcedores com intuito de pressionar o time adversário.

“E, finalmente, assumiu ares de final de campeonato em dois episódios que mostram a semelhança entre políticos e cartolas: no mesmo dia em que os deputados da oposição promoveram um **apitaço** de meia hora no plenário para barrar a tramitação da emenda sobre a reforma administrativa, o *Jornal Nacional* divulgou as negociações do presidente da Comissão de Arbitragem do futebol brasileiro, Ivan Mendes”

Mas, no mesmo ano, já apresenta outro significado: “Sem muito **apitaço**, todo o sistema ferroviário está passando para a iniciativa privada”. Nesse emprego a palavra designa *alarde, alvoroço, agitação*. Assim, o valor semântico seria o de intensidade, considerando que a palavra-base, signifique, nesse caso, *barulho, rumor, estrondo*. Já na palavra *carteiraço*, vê-se significado semelhante ao de *carteirada*, já dicionarizado, e também empregado no mesmo trecho:

“Bandeira ordenou ao motorista que seguisse em frente. Em vez de ser atendido, levou uma *carteirada*: "Você sabe com quem está falando, seu tenentinho de m...?", perguntou-lhe o passageiro. (...) Antes que a ordem de apreensão fosse cumprida, Batista Filho usou o telefone celular para fazer valer seu **carteiraço**”.

Desse modo, a palavra designa figurativamente a ação de mostrar a carteira, isto é, de identificar-se com o intuito de certificar sua importância ou autoridade. Observando-se os valores semânticos das inovações neológicas, criadas a partir do sufixo *-aço*, nota-se que as formações aumentativas são as mais frequentes, não aparecendo nenhuma formação com significado de golpe. Desse modo, assim como indicaram os dados da frequência de uso, a análise dos neologismos também permite afirmar que o significado de golpe não é comum em língua portuguesa.

### 5.3. Formações neológicas em -ão

As inovações vocabulares, com a sequência final *-ão*, aparecem em 1.252 casos, registrados no *corpus* do Observatório de Neologismo do Português Contemporâneo. Mas, 953 desses vocábulos não se referem à sequência final *-ão*. Essas são formadas em *-ção, -são* ou *-zão*, como os seguintes exemplos: *antiglobalização, teleportação, megafusão, auto-ilusão, anti-razão* etc. Das formações em *-ão* devem ser excluídas também as criações compostas, prefixadas, e aquelas criadas por neologismo semântico.

Entram nesses casos as palavras: *estilo felipão, pró-timão, arrastão, fundão* etc. Além disso, também foram eliminadas as formações já registradas e datadas pelo Dicionário Houaiss.

Abaixo consta o quadro com informações sobre os neologismos com o afixo -ão e seus respectivos valores semânticos:

Valores Semânticos	Neologismos
Agente	<i>Grudão, entrão, amarelão</i>
Aumentativo	<i>Provão, grampão, feriadão, calçadão, pirocão, negão</i>
Local em que há X	<i>Lixão</i> <sup>337</sup>
Nomina essendi	<i>Mensalão</i>
Pragmático/avaliativo	<i>Domingão, rockão, tucanão, becão</i>
Quantidade	<i>Sopão</i> <sup>338</sup>

Quadro 35 - Valores semânticos das criações neológicas em -ão.

Apesar do número expressivo de neologismo com a sequência final -ão, a grande maioria apresentava, na verdade, o sufixo -ção. Em outros casos a palavra foi criada a partir de outros processos de formações de palavras. De modo que se extraíram, do *corpus* analisado, apenas 16 inovações vocabulares. Contudo, esse número é superior às formações em -aço.

Como se verifica no Quadro 35, as palavras foram classificadas com o valor semântico de aumentativo, agentivo, local em que V X, *nomina essendi*, pragmático e avaliativo. Observa-se também que o grupo mais numeroso é o dos aumentativos, seguido pelo grupo dos avaliativos, e, posteriormente, pelos vocábulos de valor agentivo. Por isso, esses casos serão tratados separadamente.

Concernente a outras formações – *lixão, sopão, domingo* e *mensalão*– pode-se fazer alguns apontamentos. A primeira palavra pode ser lida pela paráfrase “*local em que há X*”, “*local em que V X*”, já que designa o lugar em que se deposita lixo, conforme o contexto no qual foi empregado:

“Segundo ela (assessora da Urbes) a situação é mais crítica no **lixão** da cidade onde moram 450 famílias”.<sup>339</sup>

Nota-se que neste trecho o vocábulo é usado com significado especializado. Vale destacar que esse é um valor semântico que não foi encontrado nos dados

<sup>337</sup>Há, no *corpus*, três ocorrências, todas na *Folha de São Paulo*, nos anos de 1994, 1999, 2000.

<sup>338</sup>No *corpus* pesquisado aparece duas vezes: *O Globo*, 1997 e *Folha de São Paulo*, 1998.

<sup>339</sup>Extraído da *Folha de São Paulo*, 1994.

analisados no dicionário Houaiss<sup>340</sup>. Mas, é possível admitir que o significado decorra da noção de quantidade, ainda verificável no vocábulo<sup>341</sup>. A palavra pode não se referir ao local, previamente, destinado ao depósito de lixo, designando qualquer local onde há lixo ou objetos sem valor<sup>342</sup>.

Na criação neológica *sopão* observa-se o significado de *nomina quantitatis*, somado ao traço de grandeza, já que o vocábulo pode ser lido pela paráfrase “*grande quantidade de X*”, segundo o que se depreende no excerto a seguir:

“Pesquisa feita em 1996 pela PUC de Minas aprovou a PM como uma das instituições mais confiáveis, com 84,5 de aprovação. A PM, que ganhou cem veículos da comunidade, distribui o popular **sopão** nos bairros pobres.”<sup>343</sup>

Já a palavra *domingão* possui valor pragmático, o qual pode ser definido como aquele que cumpre uma função meramente discursiva, atendendo a algum objetivo do texto como, por exemplo, cativar a simpatia do leitor, por meio de um estilo mais informal, por exemplo. Os textos em que esses valores ocorrem utilizam uma linguagem mais descontraída do que, geralmente, consta em textos jornalísticos.

Pelo contexto em que é produzida vê-se que se trata de um valor pragmático, já que o termo não apresenta alteração semântica, como é possível observar em:

“Uma das pérolas da ‘rapeize’ durante o chat room: ‘Até que o Flusão fez bonito’. Afinal, pode entrar no Guinness Book, por ter realizado o jogo mais longo da história. Começou no **domingão** e acabou na segundona...” (O Globo, 1996)

Quanto à estrutura vocabular, esses três neologismos comportam-se de modo semelhante, isto é, sofrem apócope ao se unir ao sufixo -ão, assim como ocorre, comumente, nas derivações sufixais.

No tocante à palavra *mensalão*, é possível descrever seu valor semântico como o de *nomina essendi*, somado ao traço de grandeza. Assim, pode ser interpretado pela

<sup>340</sup> Deve-se ressaltar que o vocábulo *sacolão* apresenta também esse mesmo valor semântico, contudo, o significado parece ter-se desenvolvido com auxílio de algum processo semântico, como a metonímia, por exemplo.

<sup>341</sup> O desenvolvimento do valor locativo, não raro, provém da ideia de quantidade: *formigueiro*, *açucareiro*, *padaria* etc.

<sup>342</sup> “Lixão dos mares”, designação dada ao Oceano Pacífico por possuir grande quantidade de detritos. Disponível em: [http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/ambiente/conteudo\\_293401.shtml](http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/ambiente/conteudo_293401.shtml)

<sup>343</sup> Extraído do jornal *O Globo*, 1997.

paráfrase *que é X*, isto é, referindo-se a algo que é mensal. Percebe-se, pela leitura do fragmento abaixo, que não se trata do significado pelo qual o termo ficou conhecido e se popularizou:

“A partir de agosto passado, a dedução mensal permitida para cada dependente passou de 40 Ufir para 100 Ufir. Assim, na base de cálculo do IR/fonte, bem como do carnê-leão e do **mensalão** do referido mês, será reduzido R\$ 59,11 por dependente. (Fundo MP nº 596/94)”<sup>344</sup>

Nesse caso verifica-se que se trata de um pagamento/dedução mensal, não se relacionando ao *pagamento mensal de propina*. Essa palavra assemelha-se ao significado dos vocábulos *mensalidade* ou *mesada*, mas só no neologismo há a ideia de aumento.

### ➤ Grupo dos Aumentativos

Como se viu, esse é o grupo mais numeroso, contando com seis formações. Abaixo, esses vocábulos foram dispostos em uma tabela, na qual constam informações acerca do número de ocorrências, fonte e do ano em que foram produzidas.

<sup>344</sup> Extraído da *Folha de São Paulo*, 1994.

Aumentativos	Nº de ocorrências	Fonte	Ano
<i>Provão</i> <sup>345</sup>	6	<i>Folha de São Paulo; Folha de São Paulo; Folha de São Paulo; Veja; Folha de São Paulo</i>	05/1997; 07/1997; 09/1997; 10/1997; 2000
<i>Grampão</i> <sup>346</sup>	1	<i>Isto é</i>	1998
<i>Feriadão</i> <sup>347</sup>	1	<i>O Globo</i>	1996
<i>Calçadão</i> <sup>348</sup>	2	<i>Isto é</i>	1994; 1996
<i>Pirocão</i>	1	<i>Folha de São Paulo</i>	1996
<i>Negão</i>	1	<i>Isto é</i>	1996

Tabela 11 - Neologismos, formados em sufixo *-ão*, com valor semântico de aumentativo.

Chama a atenção o grande número de palavras de significado especializado, ou seja, que designam determinado objeto, como é o caso de: *provão*, *grampão* e *calçadão*. Esse processo de especialização de termos é bastante comum em palavras com sufixo diminutivo no espanhol como aponta Lázaro Mora (1999), citando as palavras *pañuelo*, *ganchillo*, *gallito* etc. Parece, no caso desses vocábulos aumentativos, já terem sido criados com a intenção de nomear especificamente algum objeto. Ainda assim, nota-se que a formação pautou-se, inicialmente, na noção aumentativa dada pelo sufixo. Desse modo, *provão* se refere a um tipo de avaliação longa, por abranger um grande conteúdo. A mesma interpretação pode ser dada para *calçadão*<sup>349</sup>, *calçada mais larga e de grande extensão* e para *grampão*, *grandes pregos/grampos na sola da bota*.

<sup>345</sup> Contexto: “São vários os problemas que afetam essa área vital para o país: vão desde o despreparo dos profissionais até sua insuportável morosidade, passando por questões organizacionais. Em primeiro lugar, existe um notório despreparo de escolas que ‘formam’ pessoas sem condições mínimas de atuação. Nesse sentido, um maior rigor do poder público na fiscalização de escolas - apesar de iniciativas ainda incipientes como o ‘**provão**’ - é um imperativo.”

<sup>346</sup> Contexto: “O grupo prosseguia montanha acima agarrando-se nas saliências e cravando no gelo os **grampões** - grades de pregos na sola dos botas.”

<sup>347</sup> “Medidas excepcionais foram tomadas para receber os chefes de Estado e de Governo. As autoridades portuguesas decretaram feriado em Lisboa e arredores, e terça-feira haverá um ponto facultativo. Os lisboetas ganharam um **feriadão**, e os mais de três mil policiais mobilizados para o evento terão melhores condições para garantir a segurança dos participantes da conferência.”

<sup>348</sup> No Rio, as cuecas femininas podem ser vistas a qualquer hora do dia e da noite pelos **calçadões** de Ipanema e Leblon.

<sup>349</sup> Essa palavra consta registrada pelo Dicionário Houaiss, entretanto, esse dicionário não traz datação, por isso a palavra foi considerada neologismo e foi contabilizada nessa análise.

Na palavra *feriadão* verifica-se, de modo menos acentuado, esse processo de especialização. No entanto, esse vocábulo tem sido cada vez mais usado<sup>350</sup>, em textos jornalísticos, para designar o *feriado que se estende até o fim de semana*.

O neologismo *negão* também foi classificado como aumentativo, mas nada obsta para que o vocábulo possa ser interpretado como possuidor do significado de intensidade ou até mesmo portador de valor avaliativo, já que o contexto em que foi empregado permite também essa leitura:

“Quando foi apresentada por uma amiga ao traficante Jorge Luiz dos Santos, sob o som ensurdecedor de um baile funk na favela de Acari, Márcia Frigues Vieira não imaginava o quanto sua vida mudaria. Contava apenas 12 anos e desconhecia que aquele ‘**negão** narigudo’, como passou a tratá-lo, era o chefe do tráfico local e um dos mais perigosos do Rio. (Francisco Alves Filho).”

Já a palavra *pirocão* é, na realidade, o nome informal, dado pelos moradores do Rio de Janeiro, para a uma obra arquitetônica dessa cidade<sup>351</sup>. Essa obra foi projetada pelo arquiteto Paulo Casé, na gestão de César Maia (1993-1996) e por isso a citação no trecho remete ao *pirocão de Cesar Maia*:

“Moradores de Londrina, Porto Alegre, São Paulo, Florianópolis, vocês não têm idéia do que é o **pirocão** do César Maia.”

### ➤ Grupo dos valores avaliativos

A palavra *rockão* possui, no contexto, significado apreciativo, pois se refere a algumas músicas de rock clássicas, de uma determinada banda, como se lê no fragmento abaixo:

“Embora as 18 faixas do CD cubram o período de 1971 a 1993 (quando o grupo já não ostentava em seus trabalhos a força intensa dos anos 60), ainda assim as canções reunidas aqui, mesmo as menos inspiradas, brilham como diamantes diante do lodaçal no qual o pop contemporâneo está chafurdado. Todos os matizes da banda estão bem representados: os **rockões** básicos (Start me up, Respectable), as investidas no funk, soul e R & B (Harlem Shuffle, Miss You, Hot Stuff) ou aquelas baladas derramadas e maravilhosas (como Fool to Cry ou a celebre Angie, que Jagger compôs em homenagem a Angela Bowie, quando ela fazia par com o Camaleão)”. (*Isto é*, 1994)

<sup>350</sup> Esse termo aparece mais de 720 mil vezes em páginas da *internet*, escritas em português.

<sup>351</sup> A imagem dessa obra arquitetônica pode ser consultada no Anexo C (imagens 5 e 6).

Nota-se pelo contexto que a noção apreciativa deve-se ao fato de serem sucessos musicais antigos da banda, indicando, provavelmente, uma valorização do que é antigo ou tradicional.

Sentido semelhante encontra-se na palavra *tucanão* no seguinte contexto:

“Dois **tucanões** históricos - os professores Hélio Jaguaribe e Cândido Mendes - continuam aliados do governo FHC”. (Veja, 1995)

O sintagma *tucanões históricos* colabora com essa interpretação, uma vez que transparece a importância desses indivíduos em um cenário político anterior.

O neologismo *becão* possui uma formação bastante singular e, dificilmente, é entendida se apartada de seu contexto, o qual será reproduzido a seguir:

“Nesta tarde, contra o Coritiba, estréia Márcio Santos no tricolor. Não sei como anda o craque das pernas. Mesmo porque, desde a grave contusão que sofreu, pela seleção, há mais de ano, Márcio só conseguiu jogar significativa sequência de jogos pelo Atlético-MG, na temporada passada. Logo, não se pode exigir muito do **becão**”. (Folha de São Paulo, 1997)

Com a leitura do excerto verifica-se que a palavra se liga ao termo do inglês *back* que designa zagueiro, uma vez que Márcio Santos, jogador citado no texto, atuava nesta posição. O vocábulo é criado a partir de uma forma aportuguesada da palavra inglesa. Também nesse exemplo é possível notar que o sentido apreciativo baseia-se em atuações anteriores do jogador, pois o zagueiro pouco jogou, no período de um ano e meio, como afirma o jornal.

### ➤ Grupo dos Agentivos

São três as formações neológicas com esse significado, a saber: *grudão*, *amarelão* e *entrão*<sup>352</sup>. Vê-se que em todos os casos o sufixo associa-se a bases verbais, formando substantivos ou adjetivos, dependendo de seu emprego no contexto. Deve-se ressaltar que esse último exemplo foi classificado, pelo Observatório de Neologismo, como uma formação criada por neologismo semântico. Contudo, foi

<sup>352</sup> Essa palavra é classificada no site do Observatório de Neologismo como uma formação, criada por neologismo semântico, contudo, nesse estudo o vocábulo recebeu uma classificação diferente.

incluído nesse estudo, pois a derivação semântica parece ter atingido a palavra-base *entrar*. No contexto em que é utilizada a palavra desempenha função de substantivo:

“Seco, fechado e de fala curta, Szajman não parece ter nada do **entrão** que seus negócios indicam. Mas sua fama, no mundo dos negócios, é a de um investidor sorrateiro.” (Veja, 1996)

Observa-se, no trecho acima, que o vocábulo apresenta valor de agentivo, pois designa *aquela que entra*, no sentido de *introduzir-se, invadir, prosseguir sem temor*.

Também se comporta como substantivo o vocábulo *grudão*. A palavra derivante é *grudar*, na acepção de *ficar junto, próximo de alguém*, apontada como regionalismo brasileiro. Assim, a palavra apresenta valor semântico de agente, bem como possui traço de intensidade como se depreende na leitura do trecho:

“Estresse A dica é um cão companheiro, mas que não seja ‘**grudão**’ nem dependente demais. Melhor: bulldog francês. Piores: filhotes em geral; procure cães treinados ou adote um que já tenha entre um e dois anos de idade”. (Folha de São Paulo, 2000)

Já a palavra *amarelão*<sup>353</sup> desempenha função de adjetivo, ligando-se a base verbal *amarelar*, no sentido figurado de *perder a coragem*. Assim, o termo designa o indivíduo que *amarela diante de situações perigosas*:

“Quando a turma do jiu-jítsu entra em uma boate, as patricinhas suspiram, os garotos ficam receosos e os seguranças redobram a vigilância. Com fama de briguentos e encrenqueiros, eles se engalfinham com o primeiro que olhar torto e rolam pelo chão. (...) Lutadores (...) Gírias: **Amarelão** – medroso.” (Veja, 1997)

Algumas outras formações, excluídas da análise acima, serão brevemente comentadas, em razão de apresentarem particularidades pertinentes no que tange às criações em *-ão*. Esse é o exemplo do neologismo *vaneirão* que designa um tipo de dança típica da região centro-sul do Brasil<sup>354</sup>, como se identifica pela leitura do trecho:

“Para conquistar o gosto nordestino, o som gaúcho, que também é conduzido pela sanfona, passou por ligeiras transformações. Originalmente, o **vaneirão** é mais lento, mais arrastado que o forró.

<sup>353</sup> Essa palavra aparece no Dicionário Houaiss, mas não apresenta a acepção presente no contexto.

<sup>354</sup> Trata-se de uma dança que se assemelha ao forró. É uma dança típica do Rio Grande do Sul e no Mato Grosso do Sul.

Tocado por nordestinos, ele ganhou ritmo. Ao fundir os dois estilos, o grupo Brasas do Forró deu um novo impulso à própria carreira. Até pouco tempo atrás, a banda vivia de apresentações em gafieiras, onde tocava para um público na faixa dos 40 anos de idade”. (Veja, 1998)

Essa dança, de acordo com *Manual de Danças Gaúchas* (1956) dos pesquisadores Luiz Carlos Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, originou-se a partir da *vanera* e esta, por sua vez, da dança cubana<sup>355</sup> *habanera*. A comparação com danças semelhantes permite apontar que o sufixo deposita na base traço de intensidade, já que os ritmos variantes *vanera* e *vanerinha*, diferem-se no tocante à intensidade rítmica, segundo sua definição:

“Sem sombra de duvida, a *vanera* é o ritmo mais apreciado e mais executado nos bailes gaúchos. Ritmo afro-cubano a *Habaneira* influenciou vários ritmos dos países hispano-americanos sendo difundida na Espanha. Conhecida também como *Havaneira*, acredita-se que seu nome tenha sido uma homenagem a capital de Cuba, Havana ou também como é conhecida *La Habana*. Chegou ao Brasil por volta de 1866 e influenciou não só ritmos do RS como também o samba canção dos cariocas. No Rio Grande do Sul, a *Vaneira* ou *vaneira* ganhou outros nomes, de acordo com o andamento da música. *Vaneirinha* para ritmo lento, *vaneira* para ritmo moderado e *vaneirão* para ritmo rápido”.

<sup>356</sup>

Nota-se assim, que o sufixo parece trazer a ideia de intensificação, já que *vaneirão* ou *vanerão* é caracterizada por apresentar ritmo mais rápido do que a *vaneira*.

A palavra *tresoitão*<sup>357</sup> foi excluída pelo fato de se tratar de uma derivação por composição, entretanto, sua formação suscita questões pertinentes. O vocábulo refere-se a um tipo de arma, conhecida como *trinta e oito* (calibre 38), assim fica evidente que a formação se deu a partir da releitura numérica, isto é, da leitura individual de cada número dessa dezena. Desse modo, a reestruturação numérica *três* e *oito* recebe o sufixo -ão, o qual não altera semanticamente a base, atribuindo, talvez, valor pragmático, já que o termo é associado a uma linguagem informal:

“Revólver calibre 38 SPL (...) É a arma mais usada para defesa em todo o mundo. Tem bom poder de fogo e um recuo (uma espécie de coice que a arma dá quando se aperta o gatilho) suportável. É de fácil manejo.

<sup>355</sup> Criada em Havana, por isso o nome: *habanera*.

<sup>356</sup> Extraído do site: [http://www.dancasgauchas.com.br/historia\\_ritmos.php](http://www.dancasgauchas.com.br/historia_ritmos.php)

<sup>357</sup> Ocorre duas vezes no *corpus*. Ambas as ocorrências na revista *Veja*, a primeira em 1996 e a outra em 1999.

Batizado pela marginalidade de 'trezoitão'<sup>358</sup>, é muito popular porque tem o maior calibre entre os revólveres permitidos para civis. Como é muito simples, é a arma mais barata. Dá cinco tiros." (Veja, 1996)

Chama atenção também a formação do vocábulo *zilhão*<sup>359</sup>, já dicionarizado, porém não datado pelo Houaiss. Como se verifica pelo contexto, o termo designa grande quantidade de algo ou intensidade:

“O PT viu crescer sob suas barbas a articulação em torno de Fernando Henrique, intelectual e político **zilhões** de furos acima de Collor, presenciou o encaminhamento do Plano Real e...nada fez”. (Folha de São Paulo, 1994)

Vê-se que o elemento formativo *-ilhão*, comum aos numerais multiplicativos como *milhão*, *bilhão*, *trilhão* é unido à letra *z*. Esse elemento formativo parece contribuir sozinho com o significado numérico. Mas, a escolha pela última letra do alfabeto indica que a intenção é criar um termo que designa a maior quantidade possível, já que desse modo, estariam esgotadas as possibilidades, pelo menos em relação ao alfabeto, de criar um termo que designe uma quantidade ainda maior.

No *corpus* pesquisado também se achou a palavra *sucatão*, alcunha criada por Fernando Henrique Cardoso para designar o avião presidencial do Brasil em sua gestão entre os anos de 1995 e 2002. O vocábulo é formado por derivação sufixal, mas sofre alterações semânticas, já que é usada para se referir a um avião antigo, porém não imprestável ou inútil como apontam as acepções da palavra derivante *sucata*: “1- *ferro ou qualquer outro objeto de metal não precioso já usado e considerado inútil, que se refunde para poder ser novamente utilizado*; 2 *qualquer peça metálica imprestável*; 3 *estabelecimento que compra e vende metal usado ou depósito em que é guardado*; *ferro-velho*; 4 *coisas sem importância, sem interesse, reles; em determinadas atividades, trabalho imperfeitamente executado, em geral inaproveitável*.”

A utilização do sufixo nesse caso pode se dever, inicialmente, ao fato de o termo ser usado para nomear um objeto de grandes dimensões, uma vez que se trata de um avião (Boeing 707). Assim, por comparação, surgiram também os *sucatinhas*, nome

<sup>358</sup> A palavra foi grafada desse modo pela revista.

<sup>359</sup> A palavra ocorre duas vezes no *corpus* pesquisado. A primeira na Folha de São Paulo em 1994 e a segunda na *Veja* em 1999.

dado a outros dois aviões presidenciais de menor porte (modelo: Boeing 737-200)<sup>360</sup>. O apelido, muito provavelmente, baseou-se no tempo de uso da aeronave - 28 anos<sup>361</sup>.

Após a análise dos neologismos formados a partir dos sufixos estudados, é possível verificar uma relação entre a frequência de uso e a produtividade desses afixos na criação vocabular. Os sufixos *-arro*, *-orro* e *-uço* que possuíam frequência de uso bastante reduzida, como se viu na seção anterior, também foram aqueles que apresentaram menor produtividade na formação dos neologismos. Do mesmo modo, sendo o *-ão*, o sufixo que possui maior frequência de uso, foi também o mais utilizado na formação de novos vocábulos, tendo formado 16 palavras enquanto o sufixo *-aço* criou 13 neologismos.

---

<sup>360</sup> O Boeing 707 possui, aproximadamente, 45 metros de comprimento, enquanto o Boeing 737-200 tem 30 metros. Dados extraídos do site: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/fab/aeronaves.html>. As imagens dos aviões podem ser consultadas no Anexo C (imagens 7 e 8).

<sup>361</sup> Dados extraídos do site: <http://veja.abril.com.br/especiais/anos-fhc/reforma-sucatao-64113.shtml>

## Considerações Finais

A análise realizada ao longo dessa pesquisa possibilitou mostrar a diversidade semântica dos afixos aumentativos. Essa polissemia se desenvolveu de forma particular em cada um dos sufixos estudados.

No caso do -ão, viu-se que a proliferação de valores semânticos se deu também em decorrência da homonímia verificada nesse elemento formativo. Como foi visto, no Capítulo 1, o sufixo -ão, apresenta vários significados, podendo indicar os valores de *ação, agentivo, instrumento, diminutivo, aumentativo, coletivo, relacional, posse, denominação de vento, “macho de X”, matéria, gentílico e nomina essendi*.

Além dos valores semânticos desempenhados por esse sufixo, há ainda traços que dão nuances a esses significados, como o de *intensidade, o afetivo, o pragmático, o melhorativo e o pejorativo*. Esses traços, não raro, passam a figurar como significados essenciais da palavra, atuando de forma absoluta, ou seja, independentes de outros valores. Desse modo, resumir esse afixo em uma única função - a de *aumentativo-*, ainda que esta seja a mais produtiva, é um procedimento, além de restritivo, equivocado.

A homonímia, fruto da convergência das formas latinas *-onem, -anum e -anem*, foi preponderante para a diversidade semântica desse afixo. Contudo, tanto *-onem* quanto *-anum* apresentavam, isoladamente, significados variados já em latim. Apesar de muitos estudiosos filiarem o valor aumentativo e o de ação ao sufixo *-onem* e indicarem para o afixo *-anum* os significados relacionais e de o gentílico, percebeu-se que esses sufixos compartilham algumas funções semelhantes como a formação de *gentílico, nomina essendi e posse*. Desse modo, é possível considerar que esse fato também tenha auxiliado na confluência desses afixos.

Os estudos a respeito da convergência das formas nasais em -ão elegem motivações analógicas e fonéticas. Entretanto, nada obsta a aceitação também de razões semânticas para a fusão dessas formas, uma vez que as semelhanças entre significados desempenhados por esses sufixos poderiam contribuir para sua indistinção, o que facilitaria também a convergência. Deve-se considerar também que formas participiais,

derivadas do acusativo *-ĩñem*, possam ter contribuído para o desenvolvimento do valor semântico de *ação* e *resultado de ação*.

Já em relação aos significados encontrados nos neologismos (Capítulo 4, Seção 5.3.) verificou-se que o significado *aumentativo* é o mais requisitado nessas formações, com seis criações (*provão, grampão, feriadão, calçadão, pirocão, negão*). Viu-se que o valor *avaliativo* ou *pragmático* apareceu em quatro formações (*domingão, rockão, tucanão, becão*), sendo o segundo significado mais requerido nos vocábulos de formação recente (1988-2000). O valor *agentivo* aparece em três neologismos (*grudão, entrão, amarelão*). Ocorrem também os significados de *nomina essendi*, “*quantidade de X*” e “*local em que há X*”, verificados nas palavras *mensalão, sopão* e *lixão*, respectivamente.

No Capítulo 2, viu-se que a explicação de Malkiel (1959), para a polissemia do sufixo *-aço*, baseada na homonímia não se mostrou, morfológicamente, coerente, apesar de explicar a baixa frequência de uso, em português, do valor semântico de *golpe*.

Os dados revelaram que os outros significados assumidos pelo sufixo *-aço*, encontrados nas acepções do dicionário Houaiss, apresentam uma frequência de uso maior do que palavras com valor de *golpe*. Isso mostra que esse valor, apesar de estar em maior número no dicionário, é raramente usado, indicando que não é típico do português. Chega-se à mesma conclusão, ao se tomar como base a análise dos valores semânticos dos neologismos, empreendida no Capítulo 4. Portanto, a proposta de Malkiel (1959) seria aceitável apenas em termos semânticos.

Já o significado de “*manifestação realizada com X*”, ocorre em três criações, apontando que esse valor, surgido no espanhol, tem sido desenvolvido em português atual. Uma explicação possível para o desenvolvimento de apenas um, dos dois valores típicos do espanhol, pode estar no fato de o português possuir o sufixo *-ada*, o qual expressa a noção de *golpe*. Esse afixo pode associar-se a qualquer substantivo potencialmente usado para golpear ou a partes do corpo que podem golpear ou sofrer o golpe. Já no caso do significado de “*manifestação realizada com X*”, o português não conhece nenhum sufixo que cumpra esta função.

Desse modo, os valores semânticos do sufixo *-aço* mais comuns, levando em conta a frequência de uso seriam, na ordem: *nomina essendi* (associado ao traço de intensidade), *aumentativos, coleção, pejorativo, melhorativo* e *golpe*.

Tomando todo o conjunto das palavras derivadas com *-aço*, pode-se dizer que esses vocábulos não são muito frequentes. Nota-se que são poucas as palavras que

atingem mais de 20.000 ocorrências. Analisando as palavras dessa faixa de frequência de uso, verificou-se que apenas 8% dos *nomina essendi* estão nesta faixa; no caso dos *aumentativos* e do valor de *coleção* essa porcentagem sobe para 13%. Enquanto que os *avaliativos* apresentam 17% (*melhorativo*) e 18% (*pejorativo*). Vale lembrar que o significado de *golpe* não atinge frequência superior a 20.000 ocorrências.

Na pesquisa realizada no *corpus*, composto por textos dos séculos XIII ao XX, (Capítulo 2, Seção 3), verificou-se que o grupo semântico mais numeroso foi o dos *aumentativos*, seguidos pelo grupo de *nomina essendi* e logo depois o de *golpe*. Em *neologismos* encontrados nesse *corpus*, os valores mais comuns foram o de *nomina essendi* e o de *aumentativo*, como indicam as palavras *tolaço*, *prudentaço*, *ignorantaço*, *malcriadaço*, *gataço*, *pinotaço*, *peitaço* e *bigodaço*. Isso pode indicar que esses significados seriam mais familiares e comuns assumidos do afixo -aço português.

A análise com base em neologismos recentes (Capítulo 4, Seção 5.2) mostrou que o valor semântico mais comum do -aço continua sendo o *aumentativo*, contando com cinco formações (*lucraço*, *sorrisaço*, *apartamentoço*, *pacotaço*, *bananaço*). Chama a atenção o fato de o significado de “*manifestação realizada com X*”, assumir o segundo lugar, com três criações (*apitaço*, *caminhonaço* e *carteiraço*). O significado *melhorativo* aparece em duas formações neológicas (*filmaço* e *goleiraço*). Os valores de *intensidade*, *coleção* e *pejorativo* apresentam apenas um neologismo: *caidaça*, *dentaças* e *filmaço*, respectivamente.

Assim, percebeu-se que a maioria das palavras com valor de *golpe*, descritas pelo dicionário Houaiss, infla o número de verbetes, indicando uma ideia equivocada sobre a produtividade e uso do sufixo. Contudo, como os dicionários são obras de referência, nas quais o consulente vai buscar palavras e/ou significados que desconhece, a presença dessas palavras não é condenável ou desnecessária.

O sufixo -aço parece ter contribuído no desenvolvimento semântico de -uço. A análise deste elemento formativo demonstrou que os significados nele encontrados coincidem com os valores vistos em -aço, os quais ocorrem sempre anteriormente em relação aos significados de -uço. Para essa ideia, colabora ainda o fato de, ao se comparar os dados da frequência de uso desses dois sufixos, vê-se que o -uço apresenta menor número de ocorrências.

O estudo do -uço revelou também a sequência final -ouço, a qual desempenha, em alguns casos, a função de sufixo. Observou-se ainda que este elemento formativo ocorre apenas em português, não aparecendo em nenhuma das línguas românicas pesquisadas

(galego, espanhol, catalão, asturiano e italiano). Em relação a essas línguas, foi possível observar que o *-uço* também não é muito produtivo. Em italiano, atribui valor *diminutivo* e *avaliativo* (*melhorativo*, *pejorativo*, *afetivo*). Em espanhol, além dos significados de *diminutivo* e *pejorativo* encontrou-se o valor de *tipo/espécie*. Já em catalão, o afixo apresentou uma maior variedade de significados, desempenhando, além das funções de *diminutivo* e *pejorativo*, o valor *aumentativo* e de *ação*.

A baixa produtividade, em português, do formante lexical *-uço* também pôde ser observada no estudo pautado em criações neológicas, já que não se encontraram derivações a partir desse afixo. O mesmo índice de produtividade foi apresentado pelos sufixos *-arro(a)* e *-orro(a)*.

No tocante à análise dos elementos formativos acima citados, verificou-se que suas origens têm raízes bem antigas, remontando ao período pré-romano. Viu-se que o basco desempenhou papel preponderante na disseminação desses elementos. Observou-se também que a presença dessas terminações nas línguas iberorromânicas se deve mais ao contato entre estas línguas e o basco do que à preservação do latim, visto que poucas palavras com essa terminação remontavam ao étimo latino.

O basco não só contribuiu com a propagação desses segmentos finais às demais línguas com as quais manteve contato, mas também colaborou com palavras e elementos autóctones, como os formados com os sufixos *-or*, *-ar*. Assim, a afirmação de Argaiz (1997), que atribui o desenvolvimento dessas terminações a dois influxos, identificáveis em épocas distintas (“*una muy lejana*”, substrato mediterrâneo, e outra “*más cercana*”, basco), mostrou-se pertinente, já que condiz com os dados analisados. Muitos vocábulos em *-arro* e *-orro* provêm de empréstimos do espanhol, os quais, por sua vez, provêm do basco. Sendo assim, também se deve destacar a importância dessa língua na passagem de tais elementos ao português, uma vez que a maioria dos vocábulos com essa sequência final é registrada em português após o século XVI.

A análise dos significados em português mostrou que, dentre os sufixos aumentativos estudados, o *-arro* e o *-orro* são aqueles que apresentaram menor variedade semântica. O primeiro atribui os significados de *agentivo*, *aumentativo*, *nomina essendi*, “*tipo de X*”, já o segundo desempenha os valores de *aumentativo*, *diminutivo*, *nomina essendi*, *pejorativo* e “*tipo de X*”, no caso de *-orro*. Isso pode ser explicado pelo fato de ser restrito o número de palavras em que desempenha função de sufixo. A esse respeito é pertinente ressaltar que a variedade semântica em espanhol e em catalão é maior. Em espanhol, ocorrem os significados *avaliativos* (*pejorativo*,

*melhorativo*), *diminutivo*, *filiação* e *gentílico*. Em catalão, além dos valores vistos em espanhol, encontram-se ainda as significados de *agentivo*, *aumentativo* e “*filhote de X*”.

De acordo com o estudo, realizado no Capítulo 4, acerca da natureza categorial das bases selecionadas pelos sufixos, foi possível verificar que a classe gramatical da palavra-base não é decisiva para a polissemia desses elementos formativos. Contudo, observou-se que alguns significados se desenvolvem tão somente quando ligados a determinado tipo de base, como se viu nas formações do sufixo *-aço*, com valor semântico de *nomina essendi*, o qual aparecia, exclusivamente com bases adjetivas. Estudos a respeito dos sufixos *-ada* (Takahashi<sup>362</sup>) e do *-eiro* (Viaro: 1999-2005) chegaram à mesma conclusão.

No que tange à função aumentativa desses afixos, verificou-se que o sufixo *-ão* é o mais produtivo. Fato comprovado tanto pelo estudo da produtividade, baseada em dados históricos (Capítulo 4, Seção 3), bem como pela pesquisa pautada nas criações neológicas (Capítulo 4, Seção 5), quanto pela análise da frequência de uso (Capítulo 4, Seção 4). A grande produtividade do sufixo *-ão* frente aos outros, com os quais foi posto em contraste, indica sua prolificidade em língua portuguesa, tanto na formação de aumentativos como na formação de outros valores semânticos.

O estudo diacrônico mostrou-se, mais uma vez, indispensável, já que a dinamicidade da língua é inquestionável, sendo as transformações, portanto, parte constitutiva de toda língua natural. Ocorre que, muitas vezes, a trajetória percorrida pela língua encontra-se obscurecida. Nesse sentido, a investigação histórica funciona como uma luz que se projeta nesse percurso. A pesquisa sufixal, aqui desenvolvida, pôde iluminar pequenos trechos desse curso, dando visibilidade ao que Sapir (1971) concebeu como invisível e impessoal que é a vida da língua.

---

<sup>362</sup> Trabalho inédito: *Aspectos semânticos do sufixo -ada*.

## Referências Bibliográficas

ACADEMIA DE LA LINGUA ASTURIANA. *Gramática de la llingua asturiana*. Oviedo: Academia de la llingua asturiana, 2001.

ALCALÁ, Antonio Venceslada. *Vocabulario andaluz*. Madrid: Gredos, 1980.

ALVAR, Manuel; POTTIER, Bernard. *Morfología Histórica Del Español*. Madrid: Gredos, 1983.

ÁLVAREZ, R.; MONTEAGUDO, H & REGUEIRA, X.L. *Gramática galega*. Vigo: Galaxia, 6ª Ed., 1995.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ANDERSON, James M. *Structural Aspects of Language Change*. Londres: Longman, 1973.

AREÁN-GARCÍA, Nilsa. *Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo -ista no português e no galego*. 2007. 2 volumes., 463 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2007.

ARGAIZ, Mary Carmen Iribarren. *Los vocablos em -rr- de la lengua sarda. Conexiones con la península ibérica*. 1997

\_\_\_\_\_. *Vocablos de tipologia vasca en el italo-romance. Otra hipótesis de contato de las lenguas*. 2005.

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts and London: The MIT press, 1976

BADIA I MARGARIT, Antoni Maria. *Gramática catalana*. Madrid: Gredos, 1962.

BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Editorial Gredos, 1972.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, Produção e Criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

\_\_\_\_\_. *Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*. São Paulo, Global, 1981.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português: Uma Abordagem Gerativista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. Produtividade e função do processo de formação de palavras do português. *Anais do Congresso Internacional da Associação de Lingüísticas e Filologia da América Latina*. Campinas: ALFAL,1-9, 1990.

\_\_\_\_\_. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

**BASSETO**, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2005.

**BATTISTI**, Carlo & **ALESSO**, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano*. Firenze: Barbera, 1950-1957.

**BECHARA**, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

**BIDERMAN**, Maria Tereza Camargo. Conceito lingüístico de palavra, in: *Palavra*, nº 5, 81-9. Rio de Janeiro, 1999.

**BLOOMFIELD**, L. *Language*. London: George Allen & Unwin, 1958.

**BLUTEAU**, D. Rafael. *Vocabulário portuguez e latino*. Lisboa, Officina de Pascoal da Silva, 1720. Disponível em: [www.ieb.usp.br](http://www.ieb.usp.br). Acessos entre 2009 e 2010.

**BOURCIEZ**, Édouard. *Éléments de Linguistique Romane*. Paris: Éditions Klincksieck, 1967.

**BRÉAL**, Michel. *Ensaio de semântica: Ciência das significações*. São Paulo: Educ, 1992.

**BUENO**, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.

**BYBEE**, Joan L. *Morphology: a study of relation between meaning and form*. Amsterdam/philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

**CALDAS AULETE**. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 5ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Delta, 1987. Disponível em : [www.auletedigital.com.br](http://www.auletedigital.com.br)

**CÂMARA JR.**, Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

**CARDOSO**, Elis. Almeida. A criação neológica estilística. In: *Matraga: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/ UERJ*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004, v.16.

**CINTRA**, Geraldo Ulhoa. *Dicionário latino-português* São Paulo: Anchieta, 19??

**CONDÉ**, Valéria. Gil. *Estudo comparativo do sufixo -aría/-ería nas línguas galega e asturiana em contraste com a língua portuguesa*. In: *CALIGRAMA*, Belo Horizonte, 14: 35-50, dezembro 2009.

**COROMINAS**, Joan. *Breve Diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid, Gredos, 1987.

\_\_\_\_\_. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano Hispánico*. Madrid: Gredos, 1991.

**CORTELAZZO**, Manlio & **ZOLLI**, Paolo. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1988

**COSERIU**, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

**CRETELA JR**, José; **CINTRA**, Geraldo Ulhoa. *Dicionário latino-português* São Paulo: Nacional, 1956.

**CUNHA**, Antônio. Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

\_\_\_\_\_. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

**CUNHA**, Celso Ferreira da & **CINTRA**, L. F. Lindley. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

**D'OVIDIO**, F. & **MEYER-LÜBKE**, Wilhelm. *Grammatica Storica della Lingua e del Dialetti Italiani*. Milão: Ulrico Hoepli, 1919.

**DAPENA**, José Álvaro Porto. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

**DE MAURO**, Tullio. *Grande dizionario italiano dell' uso*. Torino: UTET, 2000.

DICCIONARIO da lingua galega. Real Academia Galega. Disponível em: <http://www.edu.xunta.es/diccionarios/index>. Acessos entre 2009 e 06/2010.

DICCIONARIO de la lengua española. 23ª. ed. Madrid: Real Academia Española, 2005. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acessos entre 2009 e 06/2010.

Dicionário da lingua galego-portuguesa. Dicionário e-Estraviz. Associação Galega da Língua. Disponível em: <http://www.agal-gz.org/estraviz/>. Acessos entre 2009 e 06/2010.

*DICTIONARY English-basque/ basque-english*. Disponível em: [www1.euskadi.net/morris](http://www1.euskadi.net/morris). Acessos entre 2009 e 06/2010.

DIZIONARIO Etimológico de Italiano. Dicionário Etimológico online. Disponível em: <http://www.etimo.it/> Acessos entre 2009 e 06/2010.

DICCIONARI de la llengua catalana 2ª edição. Disponível em: <http://dlc.iec.cat/>. Acessos entre 2009 e 06/2010.

DICCIONARIO clave de la lengua española. Disponível em: <http://clave.librosvivos.net/>. Acessos entre 2009 e 06/2010.

DICCIONARIU de la Academia de la llingua asturiana. Disponível em: <http://www.academiadelalingua.com/diccionariu/index.php>. Acessos entre 2009 e 06/2010.

DIZIONARIO *Garzanti di italiano*. Firenze-Milano: Garzanti Linguística, Edizione Aggionarta, 2006. CDROM

DICTIONNAIRE de L'Académie Française. Neuvième édition, version informatisée. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/academie9.htm>. Acessos entre 2009 e 06/2010

**DIEZ**, Frédéric. *Grammaire des langues romanes*. Paris: A. Franck, 1874. v. 2.

**DOSUNA**, J. Méndez, & **PENSADO**, Carmen. Los diminutivos infijados en español. In: VARELA, Soledad. *La formación de palabras*. Madrid, Taurus Universitaria, 1993.

**DUBOIS**, Jean. et al. Dicionário de lingüística. 9ª ed. São Paulo, Cultrix, 1993.

**DUBOIS**, Jean & **LAGANE**, René. *La nouvelle grammaire du français*. Paris: Larousse: 1973.

**ENTWISTLE**, J. William. *The Spanish Language*. London: Faber & Faber, 1948.

**ERNOU**T, A., **MEILLET**, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1967.

**ERNOU**T, Alfred. *Morphologie historique du latin*. 3. ed. rev. Paris: Klincksieck, 1974.

**FARIA**, Ernesto. *Vocabulário latino-português: significação e história das palavras agrupadas por famílias segundo os programas atuais*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1943.

**FARIA**, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Fename, 1975.

**FERNÁNDEZ**, Emílio N. *El diminutivo. Historia y función em el español clásico y moderno*. Madrid: Gredos, 1973.

**FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

**FERREIRA**, Antonio Gomes Porto. *Dicionario de Latim-Português* Porto: 1999.

**FREIRE**, M. Lugrís. *Gramática do idioma galego*. A Coruña: Imprenta Moret, 1931. Disponível em: <http://consellodacultura.org/mediateca/pubs.pdf/lugris.pdf/>

**FREITAS**, Érica. de . *Em busca do mento perdido. Análise semântico-diacrônica do sufixo -mento, no português*. 2008. 2 volumes., 506 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2008.

**GAFFIOT**, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

**GONÇALVES**, Anielle Aparecida Gomes. *Diacronia e produtividade dos sufixos -agem, -igem, -ugem, -ádego, -ádigo e -ádiga no português*. 2009. 361 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2009.

GRAN diccionari de la llengua catalana. Disponível em: <http://www.enciclopedia.cat/>. Acessos entre 2009 e 06/2010.

**GRANDGENT**, Charles Hall. *Introduccion al Latin Vulgar*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Miguel de Cervantes, 1952

**GUÉRIOS**, Rosário Frarâni Mansur. *Tabus Linguísticos*. São Paulo: Ed. Nacional; [Curitiba]: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

**GUILBERT**, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

**HECKLER**, Evaldo; **BACK**, Sebald; **MASSING**, Egon A. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo: Unisinos, 1984.

**HEINE**, Bernd; **KUTEVA**, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

**HOPPER**, Paul e **TRAUGOTT**, Elisabeth. *Grammaticalization*. New York : Cambridge University Press, 1994

**HOUAISS**, Antonio; **VILLAR**, Mauro. *Dicionário eletrônico da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

**HUBER**, Joseph. *Gramática do Português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

**JESPERSEN**, Otto. *A Modern English Grammar on Historical Principles: part VI Morphology*. London: Bradford & Dickens Drayton House, 1961.

**KATAMBA**, Francis. *Morphology*. New York: St. Martin's Press, 1993.

**LACOTIZ**, Andréa. *Valores semânticos dos sufixos -ança/-ença -ância/-ência no português*. 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2007.

**LAKOFF**, George; **JOHNSON**, Mark. *Metaphors we Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

**LAPA**, Manuel. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1975.

**LAPESA**, Rafael. *Historia de la lengua española*. Real Academia Española. Colección Nebrija y Bello. Madri: Espasa Calpe, 6ª Ed., 2003.

**LÁZARO MORA**, Fernando A. La derivación apreciativa. In: **BOSQUE**, Ignacio; **DEMONTTE**, Violeta (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española, Espasa Calpe, 1999.

**LESSA**, Luiz Carlos Barbosa; **CÔRTEES**, Paixão. *Manual de Danças Gaúchas*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1956.

**LIDDELL**, Henry George; **SCOTT**, Robert. *A greek-english lexicon*, 9ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

**LOBATO**, Lúcia Maria Pinheiro. *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

**LOURO**, José Inês. “Origem e flexão dalguns nomes portugueses em -ão”. In: *Boletim de Filologia*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1952. 13 vol.

**LÜDTKE**, Helmut. *Historia del léxico románico*. Madrid: Gredos, 1974.

**MACAMBIRA**, José Rebouças. *Português estrututral*, 2ª Ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1978.

**MACHADO**, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1959

**MAIA**, Clarinda de Azevedo. *História do galego português*. Coimbra: Fundação Calouste

**MALKIEL**, Yakov. Los interfijos hispánicos: Problema de lingüística histórica y estructural. *Miscelánea homenaje a André Martinet*. La Laguna: Universidad de La Laguna, 1958.

\_\_\_\_\_. The two Sources of the Hispanic suffix. In: *Language*, XXXV, 1959.

\_\_\_\_\_. Genetic Analysis of Word Formation, In: SEBEOK, Thomas A. *Current Trends in Linguistics*. Paris: Mouton, 1970.3 vol.

\_\_\_\_\_. El análisis genético de la formación de palabras. In: VARELA, Soledad. *La formación de palabras*. Madrid, Taurus Universitaria, 1993.

\_\_\_\_\_. *Etymology*. Madrid : Cátedra, 1996.

**MARTINET**, André. *Syntaxe générale*. Paris, Armand Colin, 1985.

**MARTINS**. Ana Maria. A evolução das vogais nasais finais [ã], [õ], [e], no português. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (orgs.), *Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

**MATTOS E SILVA**, Rosa Virgínia *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do Português arcaico* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. (Org). *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, 2001, v:2.

**MAURER JR** , Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental* (tese de livre docência). São Paulo: FFLCH, 1951.

\_\_\_\_\_. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

**MEILLET**, Antoine. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris: Hachette, 1928.

**MEYER-LÜBKE**, Wilhelm, *Grammaire des langues romanes*. Tomo II: Morphologie. Paris: H. Welter Éditeur, 1906. Vol. 2

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo da Glotologia*. (tradução de António da Guerra Júdice). Lisboa: Livraria Clássica Editora de A.M.Teixeira, 1916.

**MONGE**, Félix. Sufijos españoles para la desigacion de “golpe”. *Homenaje a Francisco Ynduráin*. Zaragoza: Facultad de Filosofia y Letras, 1972.

**MONTEAGUDO**, Henrique. *Historia social da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 1999.

**MONTEIRO**, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002

**NASCENTES**, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

**NEBRIJA**, Elio Antonio. de. *Gramática Castellana*. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, 1992.

\_\_\_\_\_. *Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín*. Madrid, Münster : Nodus Publikationen, 1996.

**NUNES**, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica*. Lisboa: Clássica, 1945.

**OGDEN**, C. K.; **RICHARDS**, I. A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

**OROTARIKO** Euskal Hiztegia Dicionário da Real Academia de la lengua Vasca , *Euskaltzaindia* , Disponível em <http://www.euskaltzaindia.net/>. Acessos entre 2009 e 06/2010.

**PORTOLÉS**, José. Sobre los interfijos en español. In: VARELA, Soledad. *La formación de palabras*. Madrid, Taurus Universitaria, 1993.

**PHARIES**, David. *Diccionario Etimológico De Los Sufijos Españoles*. Madrid: Gredos, 2002.

**PIDAL**, Ramón Menéndez. *Orígenes del español: estado lingüístico de la península ibérica hasta el siglo XI*. Madrid: Hernando, 1929.

\_\_\_\_\_. *Manual de gramática histórica española*. 7. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1944.

**PIEL**, Joseph. *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega*. Coimbra: Coimbra Editora, 1953.

\_\_\_\_\_. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

**REY-DEBOVE**, Josette & **REY**, Alain (ed.) *Le nouveau petit Robert*. Paris: Le Robert, 1993.

**RIO-TORTO**, Graça Maria. *Formação de palavras em português: Aspectos da construção de avaliativos* (Dissertação de doutoramento). Coimbra: 1993.

\_\_\_\_\_. *Morfologia Derivacional*. Coimbra: Porto Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. (org). *Verbos e nomes em Português*. Coimbra: Almedina, 2004.

**ROBERT**, Paul. *Le nouveau Petit Robert*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.

**ROCHA**, Luiz C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

**ROHLFS**, Gerhard. *Estudios sobre el léxico románico*. Madrid: Gredos, 1979.

**ROHLFS**, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: sintassi e formazione delle parole*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1969.

**SAID ALI**, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

**SAMPSON**, Rodney. *Nasal vowel evolution in romance*. New York: Oxford University, 1983.

**SANDMANN**, Antonio José. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor: ícone Editora, 1988.

\_\_\_\_\_. *Competência Lexical: Produtividade, Restrições e Bloqueio*. Curitiba. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

\_\_\_\_\_. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

**SAPIR**, Edwar. *A Linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

**SARAIVA**, F. R. dos Santos. *Novo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

**SILVA NETO**, Serafim. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

**SOUSA**, Gabriel Soares. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1938.

**SOUTER**, Alexander. *Glossary of later Latin to 600 A.D.* Oxford : Clarendon Press, 1957.

**SPINA**, Segesmundo. *Poesia de Gregório de Matos*. São Paulo: Edusp, 1995.

**STELTEN**, Leo F. *Dictionary of Ecclesiastical Latin*. Peabody: Hendrickson, 1997.

**TAKAHASHI**, Monica Y. *Aspectos semânticos do sufixo -ada (inédito)*.

**TEKAVIČIĆ**, Pavão. *Gramática stórica dell' italiano*. Bologna: Il mulino, 1980. 3 vol.

**TILANDER**, Gunnar. *Porque -am e -om se tornaram -ão em português?* Revista de Portugal, série A: Língua portuguesa, 24, n° 176, 1959.

**TORRINHA**, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. Porto: Edições Marânus, 1945. 3ª ed.

**ULLMANN**, Stephen. *Uma introdução à Ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

**VÄÄNÄNEN**, Veikko. *Introduccion al Latin Vulgar*. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

**VASCONCELLOS**, J. Leite de. *Lições de philologia portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1911.

\_\_\_\_\_. *Opusculos: Dialectologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. Vol. 2.

**VASCONCELOS**, Carolina Michaëlis. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Dinalivro, 1930.

**VIARO**, Mário. Eduardo. Para um estudo de semântica sincrônica dos sufixos derivacionais em português do séc. XIII. *Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. Taubaté: Unitau, 2003. CD-ROM (com. 95).

\_\_\_\_\_. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Editora Globo, 2004.

\_\_\_\_\_. Relatório final de pesquisa: estágio de experimentação RDIDP. São Paulo: 1999-2005.

\_\_\_\_\_. Os sufixos portugueses numa visão diacrônica. In: XVI Seminário do Cellip (Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná), 2005, Londrina. Anais do XVI Cellip. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/Cellip/Fundação Araucária, 2005a.

\_\_\_\_\_. Relação entre produtividade e frequência na produção do significado. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 34, 2005b.

**VILELA**, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

**VILLALVA**, Alina. In: MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1990.

**VILLALVA**, Alina. *Estruturas morfológicas do português: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VOCABULÁRIO ORTOGRAFICO DA LÍNGUA GALEGA. Disponível em: <http://www.realacademiagalega.org/volga/>. Acessos entre 02/2010 e 06/2010.

**WIERZBICKA**, Anna. *Semantics: primes and universals*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1996.

**WILLIAMS**, Edwin B. *Do Latim ao Português*. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

**ZAMARRIPA Y URAGA**, Pablo. *Gramática Vascongada*. Bilbao: Imprensa de José de Lerchundi, 1915.

**ZANOTTO**, Normelio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. 3 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

**ZINGARELLI**, Nichola. *Vocabolario della língua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2001.

**ZUBIRI**, Ilari. *Gramática didática del euskera*. 5<sup>a</sup> ed. Bilbo: Didaktiker, 2000.

### Sites consultados

[http://1.bp.blogspot.com/\\_gGXoKdNpMM/Sgnt0DLNWWI/AAAAAAAAAk8/U7GiQj\\_fwEc/s320/falc%C3%A3o+peregrino.bmp](http://1.bp.blogspot.com/_gGXoKdNpMM/Sgnt0DLNWWI/AAAAAAAAAk8/U7GiQj_fwEc/s320/falc%C3%A3o+peregrino.bmp). Consultado em 05/2010

<http://gaweb.globo.com/v2/gazetadealagoas>. Consultado em 04/2010

<http://montesclaros.com/img/fotos/sucatao.jpg>. Consultado em 05/2010

[http://pt.dreamstime.com/searchkwy\\_cardo\\_thistle-da-alcachofra](http://pt.dreamstime.com/searchkwy_cardo_thistle-da-alcachofra). Consultado em 05/2010

[http://rlv.zcache.com/blue\\_thistle\\_card-p137726118521067170t5tq\\_400.jpg](http://rlv.zcache.com/blue_thistle_card-p137726118521067170t5tq_400.jpg). Consultado em 05/2010

<http://veja.abril.com.br/especiais/anos-fhc/reforma-sucatao-64113.shtml>. Consultado em 04/2010

<http://www.aereo.jor.br/wp-content/uploads/2009/06/737-200-500x331.jpg>. Consultado em 05/2010

<http://www.consciencia.org/tratado-descritivo-do-brasil-em-1587-gabriel-soares-de-sousa/2#capitulo-xviii>. Consultado em 03/2010

<http://www.consellodacultura.org/arquivos/asg/anosafala.php>. Consultado em 04/2010

<http://www.cutceara.org.br/imprime.asp?id=1946>. Consultado em 05/2010

[http://www.dancasgauchas.com.br/historia\\_ritmos.php](http://www.dancasgauchas.com.br/historia_ritmos.php) Consultado em 04/2010

[http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/pesquisa\\_termneo.php](http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/pesquisa_termneo.php). Acessos entre 02/2010 e 06/2010.

<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/fab/aeronaves.html>. Consultado em 05/2010

<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/julho92/fe92007c.asp>. Consultado em 05/2010

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/falcao-peregrino/imagens/falcao-peregrino-2.jpg>. Consultado em 05/2010

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=847864>. Consultado em 06/2010

<http://www.usc.es/gl/institutos/ilg/index.html>. Consultado em 05/2010

<http://polemikos.com/?p=1731>. Consultado em 06/2010

[samuelnariojunior.zip.net/arch2007-12-01](http://samuelnariojunior.zip.net/arch2007-12-01). Consultado em 05/2010

[www.haloscan.com/comments/blogflanet/6313062195075492485](http://www.haloscan.com/comments/blogflanet/6313062195075492485). Consultado em 05/2010

[www.olobo.net/index.php?pg=colunistas&id](http://www.olobo.net/index.php?pg=colunistas&id). Consultado em 04/2010

[www.usp.br/gmhp](http://www.usp.br/gmhp). Acessos entre 02/2008 e 06/2010

## **ANEXOS**

## Anexo A

### 1. Lista das palavras analisadas

#### 1.1. Palavras formadas com o sufixo -ão

Listas dos derivados que atingiram frequência de uso igual ou superior a 20.000 ocorrências.

Vocábulo	Língua de origem e palavra-base	Datação
<i>Abanão</i>	<i>por. abanar</i>	1913 cf. CF2
<i>Agrião<sub>1</sub></i>	<i>lat. acriōnem</i>	sXV cf. IVPM
<i>Agrião<sub>2</sub></i>	<i>lat agriones</i>	1881 cf. Sarv
<i>Aguilhão</i>	<i>lat. *aquileonem</i>	1231 cf. JM3
<i>Airão</i>	<i>fro hairon</i>	sXVI
<i>Alão</i>	<i>spa alano</i>	1209 cf. JM3
<i>Aldeão</i>	<i>por aldeia</i>	sXIII cf. IVPM
<i>Alegrão</i>	<i>por alegre</i>	
<i>Alemão</i>	<i>lat. alamānni</i>	sXIII cf. IVPM
<i>Alvão</i>	<i>lat. albanum &lt; albus</i>	1582 cf. AvRep
<i>Amarelão</i>	<i>por amarelo</i>	1913 cf. CF2
<i>Amigão</i>	<i>por amigo</i>	
<i>Ancião</i>	<i>lat. *antianum</i>	sXIII cf. IVPM
<i>Andorinhão</i>	<i>por andorinha</i>	1899 cf. CF1
<i>Anfitrião</i>	<i>fre. amphitryon</i>	1858 cf. MS6
<i>Apagão</i>	<i>spa. apagón</i>	c1988
<i>Areão</i>	<i>por areia</i>	
<i>Arpão</i>	<i>fre. harpon</i>	sXV cf. IVPM
<i>Arranhão</i>	<i>por arranhar</i>	1881 cf. CA1
<i>Arrastão</i>	<i>por arrasto</i>	1656 cf. DA
<i>Artesão</i>	<i>ita artigiano</i>	sXV cf. IVPM
<i>Artesão</i>	<i>spa artesón</i>	1651 cf. ZT

<b>Avião</b>	<i>fre. Avion</i>	1913 cf. CF2 supl.
<b>Azarão</b>	<i>por azar</i>	
<b>Azeitão</b>	<i>por azeite</i>	
<b>Azulão</b>	<i>por azul</i>	
<b>Babão</b>	<i>por baba</i>	1712 cf. RB
<b>Bailão</b>	<i>por baile<sub>1</sub></i>	
<b>Balão</b>	<i>fre. ballon</i>	1802 cf. JM3
<b>Balcão</b>	<i>ita. balcone</i>	1360 cf. IVPM
<b>Bandejão</b>	<i>por bandeja</i>	a1913 cf. CF2
<b>Barão</b>	<i>lat barōnem</i>	870 cf. JM3
<b>Barracão</b>	<i>por barraca</i>	1871 cf. DV
<b>Bastão</b>	<i>por basto</i>	
<b>Bastião</b>	<i>ita. bastione</i>	1548 FOIP 222
<b>Batalhão</b>	<i>fre. bataillon</i>	1567 JFVascM 41
<b>Beberrão</b>	<i>por beber</i>	sXV cf. IVPM
<b>Beirão</b>	<i>por Beira</i>	1813 cf. MS2
<b>Beliscão</b>	<i>por belisco</i>	1798 cf. MS1
<b>Biberão</b>	<i>fre. biberon</i>	1890 cf. MS8
<b>Bicão</b>	<i>por bico</i>	
<b>Bidão</b>	<i>fre. bidon</i>	
<b>Bilhão</b>	<i>fre. billon</i>	
<b>Blusão</b>	<i>por blusa</i>	sXX cf. AGC
<b>Bocão</b>	<i>por boca</i>	
<b>Boião</b>	<i>por bóia</i>	
<b>Boião</b>	<i>por boi</i>	
<b>Bolão</b>	<i>por bola<sub>1</sub></i>	
<b>Bolão</b>	<i>por bolo<sub>1</sub></i>	
<b>Bolhão</b>	<i>por bolha</i>	1899 cf. CF1
<b>Bolsão</b>	<i>por bolsa</i>	sXIII cf. IVPM

<b>Bonachão</b>	<i>por bonacho</i>	1712 cf. RB
<b>Bonitão</b>	<i>por bonito</i>	
<b>Bonzão</b>	<i>por bom</i>	
<b>Boqueirão</b>	<i>por boqueira</i>	1508 PDias 132
<b>Bordão</b>	<i>lat. bŭrdo,ōnis</i>	sXIII cf. IVPM
<b>Bordão</b>	<i>fre bourdon</i>	1619 cf. MS2
<b>Bordão</b>	<i>por bordo</i>	1899 cf. CF1
<b>Borrão</b>	<i>por borra</i>	1050 cf. JM3
<b>Botão</b>	<i>fro. Boton</i>	sXIV cf. IVPM
<b>Botijão</b>	<i>por botija</i>	1715 LisNeg I 57
<b>Brandão</b>	<i>lat.brandone</i>	sXIII cf. PMH
<b>Brasão<sub>1</sub></b>	<i>fre blason</i>	sXV cf. AGC
<b>Brasão<sub>2</sub></b>	<i>por brasa</i>	
<b>Brejão</b>	<i>por brejo</i>	
<b>Bretão</b>	<i>lat. Brīttōnes</i>	1220 cf. PMH
<b>Brigão</b>	<i>por brigar</i>	sXVI cf. JM3
<b>Brincalhão</b>	<i>por brincar</i>	1871 cf. DV
<b>Bufão</b>	<i>ita. buffone</i>	1257 cf. JM3
<b>Bujão</b>	<i>fre. bouchon</i>	1858 cf. MS6
<b>Bulhão</b>	<i>por bulha</i>	1899 cf. CF1
<b>Bundão</b>	<i>por bunda</i>	1913 cf. CF2 supl.
<b>Cabeção</b>	<i>por cabeça</i>	sXIII cf. IVPM
<b>Cabrão</b>	<i>lat *caprōnem</i>	1141 cf. JM3
<b>Cação</b>	<i>por caçar</i>	sXIII cf. IVPM
<b>Cachorrão</b>	<i>por cachorro</i>	1922 cf. CF3
<b>Cadeião</b>	<i>por cadeia</i>	
<b>Cagalhão</b>	<i>por cagar</i>	1836 cf. SC
<b>Cagão</b>	<i>por cagar</i>	a1836 cf. SC
<b>Caixão</b>	<i>por caixa</i>	sXVI cf. JM3

<b>Caladão</b>	<i>por calado</i>	
<b>Calão<sub>2</sub></b>	<i>por cala<sub>4</sub></i>	a1813 cf. MS2
<b>Calão<sub>4</sub></b>	<i>por cale</i>	
<b>Calçadão</b>	<i>por calçada</i>	
<b>Calção</b>	<i>por calça</i>	1559 DPPI II 317
<b>Caldeirão</b>	<i>por caldeira</i>	1364 cf. IVPM
<b>Calorão</b>	<i>por calor</i>	
<b>Camião</b>	<i>fre camion</i>	1899 cf. CF1
<b>Caminhão</b>	<i>fre. camion</i>	1890 cf. MS8
<b>Camisão</b>	<i>por camisa</i>	1446 cf. OrdAf
<b>Campão</b>	<i>por campo</i>	
<b>Campeão</b>	<i>fre champion</i>	1684 cf. RB
<b>Canastrão</b>	<i>por canastra</i>	1842 cf. AGC
<b>Canhão</b>	<i>ita. cannone</i>	1443 cf. IVPM
<b>Cantão</b>	<i>fre canton</i>	1836 cf. SC
<b>Capão</b>	<i>lat. *capponem</i>	1159 cf. JM3
<b>Capelão</b>	<i>pro. capelan</i>	1153 cf. JM3
<b>Capitão</b>	<i>lat. capitānus</i>	1344 cf. IVPM
<b>Capoeirão</b>	<i>por capoeira</i>	1895
<b>Carão</b>	<i>por cara</i>	a1569 cf. AFerF
<b>Cardão</b>	<i>lat. cardōnem &lt; cardus</i>	1330 cf. IVPM
<b>Carrão</b>	<i>por carro</i>	1595 cf. Rabisco
<b>Cartão</b>	<i>fre carton</i>	1595 cf. LTransf
<b>Carvão</b>	<i>lat. carbōnem</i>	sXIII cf. IVPM
<b>Casarão</b>	<i>por casa</i>	
<b>Cascão</b>	<i>por casca</i>	1789 cf. MS1
<b>Castelão<sub>1</sub></b>	<i>lat. castellānus,a,um</i>	1297 cf. Desc
<b>Castelão<sub>2</sub></b>	<i>por Humberto de Alencar Castelo Branco</i>	
<b>Catalão</b>	<i>spa catalān</i>	sXIII cf. IVPM

<b>Cebolão</b>	<i>por cebola</i>	1258 cf. JM3
<b>Centrão</b>	<i>lat. Centrones</i>	1881 cf. Sarv
<b>Centrão</b>	<i>por centro</i>	
<b>Cerradão</b>	<i>por cerrado</i>	
<b>Chapadão</b>	<i>por chapada</i>	1887 AJChed 58
<b>Charlatão</b>	<i>ita ciarlatano</i>	1643 FSCout I 36
<b>Chavão</b>	<i>por chave</i>	1593 PAvei 154
<b>Chefão</b>	<i>por chefe</i>	d1945
<b>Chimarrão</b>	<i>spa cimarrón</i>	1870 cf. JAIGaúcho
<b>Chorão</b>	<i>por chorar</i>	1562 cf. JC
<b>Cidadão</b>	<i>por cidade</i>	1269 cf. IVPM supl.
<b>Cidão</b>	<i>lat. Cýdones</i>	1881 cf. Sarv
<b>Cifrão</b>	<i>por cifra</i>	1712 cf. RB
<b>Cinturão</b>	<i>por cintura</i>	1712 cf. RB
<b>Cirurgião</b>	<i>lat. *chirurgiānum</i>	1297 cf. IVPM
<b>Clarão</b>	<i>fre clairon</i>	1574-1590 cf. NaufSep
<b>Clarão</b>	<i>por claro</i>	a1819 cf. NascOp
<b>Codornizão</b>	<i>por codorniz</i>	
<b>Coimbrão</b>	<i>lat. Colimbrianum</i>	1391 cf. IVPM
<b>Colchão</b>	<i>por colcha</i>	1439 cf. IVPM
<b>Colonião</b>	<i>por colônia</i>	
<b>Comilão</b>	<i>por comer</i>	1603 cf. DioD
<b>Cordão</b>	<i>fre cordon</i>	sXIII cf. IVPM
<b>Cortesão</b>	<i>ita cortigiano</i>	sXV cf. IVPM
<b>Corujão</b>	<i>por coruja</i>	
<b>Costão</b>	<i>por costa</i>	
<b>Covão</b>	<i>por cova</i>	1336 cf. IVPM
<b>Coxão</b>	<i>por coxa</i>	
<b>Cristão</b>	<i>lat. christiānum</i>	sXIII cf. IVPM

<b>Deão</b>	<i>lat. decānus, i</i>	1789 cf. MS1
<b>Dedão</b>	<i>por dedo</i>	
<b>Dinheirão</b>	<i>por dinheiro</i>	
<b>Doidão</b>	<i>por doido</i>	
<b>Dragão</b>	<i>lat. drāco, -ōnis</i>	sXIII cf. IVPM
<b>Dramalhão</b>	<i>por drama</i>	1880 AJChed 59
<b>Durão</b>	<i>por duro</i>	
<b>Empadão</b>	<i>por empada</i>	1890 cf. MS8
<b>Empurrão</b>	<i>por empurra</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Encontrão</b>	<i>por encontro</i>	1679 cf. AVSerm
<b>Escalão</b>	<i>por escala</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Escrivão</b>	<i>lat. scriba, -ānis</i>	1188-1230 cf. JM3
<b>Esfregão</b>	<i>por esfregar</i>	1562 cf. JC
<b>Esmerilhão</b>	<i>fre. Esmerillon</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Espertalhão</b>	<i>por esperto</i>	
<b>Espião</b>	<i>ita. spione /fre. spion</i>	c1596 PFrias 226
<b>Espigão</b>	<i>por espiga</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Esporão</b>	<i>pro. Esporon</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Esquadrão</b>	<i>ita squadrone</i>	1512 CDP I 164
<b>Estadão</b>	<i>por estado</i>	1873 cf. DV
<b>Estevão</b>	<i>por esteva</i>	
<b>Esticão</b>	<i>por esticar</i>	1899 cf. CF1
<b>Estirão</b>	<i>por estirar</i>	1562 cf. JC
<b>Estradão</b>	<i>por estrada</i>	
<b>Esturjão</b>	<i>fre. Esturgeon</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b>Facão</b>	<i>por faca</i>	1813 cf. MS2
<b>Faisão</b>	<i>pro. Faisan</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Falastrão</b>	<i>por fala</i>	
<b>Falcão</b>	<i>lat. falco, -ōnis</i>	926 cf. JM3

<b>Fanfarrão</b>	<i>spa fanfarrón</i>	1573 GLêão 194
<b>Feirão</b>	<i>por feira</i>	1913 cf. CF2
<b>Ferrão</b>	<i>por ferro</i>	c1543 JFVascE 40
<b>Festão<sub>1</sub></b>	<i>fre feston</i>	1706 cf. InvGB
<b>Festão<sub>2</sub></b>	<i>por festa</i>	
<b>Figurão</b>	<i>por figura</i>	1816 LBourd 231
<b>Filão</b>	<i>fre. Filon</i>	1860 cf. JM3
<b>Florão</b>	<i>por flor</i>	1624 cf. FrElis
<b>Fofão</b>	<i>por fofo</i>	
<b>Fogão</b>	<i>por fogo</i>	1566 MAfon 291
<b>Foguetão</b>	<i>por foguete</i>	1899 cf. CF1
<b>Folião</b>	<i>por folia</i>	1566 DGóisM I 185
<b>Formão</b>	<i>por forma<sub>1</sub></i>	1718 EPerf 21
<b>Formigão<sub>1</sub></b>	<i>spa hormigón</i>	1553 cf. FCastH
<b>Formigão<sub>2</sub></b>	<i>por formiga</i>	
<b>Frontão</b>	<i>fre. fronton</i>	1858 cf. MS6
<b>Fujão</b>	<i>por fugir</i>	1562 cf. JC
<b>Fundão</b>	<i>por fundo</i>	1149 cf. JM3
<b>Furão<sub>1</sub></b>	<i>lat fūrōnes</i>	c1543 JFVascE 46
<b>Furão<sub>2</sub></b>	<i>por furar</i>	c1967
<b>Furgão</b>	<i>fre. Fourgon</i>	1881 cf. CA1
<b>Fuscão</b>	<i>por fusca</i>	sXX
<b>Gabão</b>	<i>por gabar</i>	c1543 cf. JFVascE
<b>Galeão</b>	<i>fre. Galion</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Galrão</b>	<i>por galrar</i>	sXVII cf. JM3
<b>Ganhão</b>	<i>por ganhar</i>	
<b>Garanhão</b>	<i>spa garañón</i>	a1536 RLor 191
<b>Garotão</b>	<i>por garoto</i>	sXX
<b>Garrafão</b>	<i>por garrafa</i>	1789 cf. MS1

<b>Garrão</b>	<i>spa garrón</i>	1881 cf. CA1
<b>Gastão</b>	<i>por gastar</i>	1998 cf. Michaelis
<b>Gatão</b>	<i>por gato<sub>1</sub></i>	
<b>Gavetão</b>	<i>por gaveta</i>	
<b>Glutão</b>	<i>lat. gluttōnem</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b>Gordão</b>	<i>por gordo</i>	
<b>Gostosão</b>	<i>por gostoso</i>	
<b>Grandalhão</b>	<i>por grande</i>	
<b>Grandão</b>	<i>por grande</i>	
<b>Grotão</b>	<i>por grota</i>	
<b>Guardião</b>	<i>lat. guardiānum</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Guião</b>	<i>fro. Guion</i>	1525 ABejP 173
<b>Guidão</b>	<i>fre guidon</i>	1922 cf. CF3
<b>Gurjão</b>	<i>fre. Goujon</i>	d1980
<b>Hortelão</b>	<i>lat. hortulānum</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Irmão</b>	<i>lat. germānum</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Jalapão</b>	<i>por jalapa</i>	1873 cf. DV
<b>Jeitão</b>	<i>por jeito</i>	
<b>Jogão</b>	<i>por jogo</i>	
<b>Lacão<sub>2</sub></b>	<i>lat lacones</i>	sXIX
<b>Ladrão</b>	<i>lat. latrō</i>	1059 cf. JM3
<b>Lagoão</b>	<i>por lagoa</i>	
<b>Lamarão</b>	<i>por lama</i>	1557 cf. DGóisJ
<b>Lameirão</b>	<i>por lameiro</i>	c1634 cf. MNor
<b>Lampião</b>	<i>fre. Lampion</i>	1704 Inv 46
<b>Lapão<sub>1</sub></b>	<i>lat. Lapones</i>	a1710 cf. MBFlos
<b>Lapão<sub>3</sub></b>	<i>por lapa</i>	
<b>Leão</b>	<i>lat. lēōnem</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Lebrão</b>	<i>por lebre</i>	1877 cf. MS7

<b>Leitão</b>	<i>por leite</i>	1059 cf. JM3
<b>Letão</b>	<i>fre letton</i>	1899 cf. CF1
<b>Linhão<sub>1</sub></b>	<i>por linha</i>	
<b>Linhão<sub>2</sub></b>	<i>por linho</i>	
<b>Listão</b>	<i>por lista</i>	1664 cf. JFBarEneid
<b>Lobão</b>	<i>por lobo</i>	
<b>Macacão</b>	<i>por macaco</i>	1862 cf. ACastFast
<b>Macarrão</b>	<i>ita maccherone</i>	c1517 cf. AGC
<b>Machão</b>	<i>por macho</i>	1789 cf. MS1
<b>Malhão</b>	?	982 cf. JM3
<b>Mamão<sub>1</sub></b>	<i>por mamar</i>	1288 cf. Desc
<b>Mamão<sub>2</sub></b>	<i>por mama</i>	sXVI cf. AGC
<b>Mandão</b>	<i>por mandar</i>	1836 cf. SC
<b>Mangueirão</b>	<i>por mangueira<sub>3</sub></i>	
<b>Maranhão</b>	<i>por maranha</i>	1851-1881 cf. CA1
<b>Matão</b>	<i>por matar</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Meão</b>	<i>lat. mediānum</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b>Medalhão</b>	<i>por medalha</i>	1836 cf. SC
<b>Meião</b>	<i>por meio</i>	1813 cf. MS2
<b>Melão</b>	<i>lat. mēlōnes</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b>Mergulhão</b>	<i>por mergulho</i>	1624 cf. CostVer
<b>Mexilhão</b>	<i>por mexelhão</i>	1716 cf. RB
<b>Milhão<sub>1</sub></b>	<i>fre. Million</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Milhão<sub>2</sub></b>	<i>por milho</i>	
<b>Milhão<sub>3</sub></b>	<i>lat. millo,ōnis</i>	
<b>Minhocão</b>	<i>por minhoca</i>	
<b>Montão</b>	<i>por monte</i>	sXIV cf. RLor
<b>Morão</b>	<i>por mora<sub>2</sub></i>	1899 cf. CF1
<b>Morcegão</b>	<i>por morcego</i>	

<b>Mosquetão</b>	<i>por mosquete</i>	1599 cf. DioD
<b>Mulherão</b>	<i>por mulher</i>	1881 cf. CA1
<b>Mundão</b>	<i>por mundo</i>	
<b>Negrão</b>	<i>por negro</i>	
<b>Nortão</b>	<i>por norte</i>	
<b>Orelhão</b>	<i>por orelha</i>	
<b>Outão</b>	<i>lat. altānus,i</i>	1703 cf. MarqVit
<b>Pagão<sub>1</sub></b>	<i>lat. pagānus,i</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Pagão<sub>2</sub></b>	<i>por pagar</i>	c1950
<b>Palavrão</b>	<i>por palavra</i>	1825-1881 cf. CA1
<b>Pancadão</b>	<i>por pancada</i>	
<b>Panelão</b>	<i>por panela</i>	
<b>Papão<sub>1</sub></b>	<i>por papar</i>	1789 cf. MS1
<b>Papão<sub>2</sub></b>	<i>por papo + de+ anjo</i>	
<b>Papelão</b>	<i>por papel<sub>1</sub></i>	1720 cf. RB
<b>Paradão</b>	<i>por parado</i>	
<b>Paredão</b>	<i>por parede</i>	1660 cf. FMMeIE
<b>Parmesão</b>	<i>ita parmigiano</i>	1556 cf. AGC
<b>Partidão</b>	<i>por partido</i>	1875 cf. EQAmar
<b>Passarão</b>	<i>por pássaro</i>	
<b>Pastelão</b>	<i>por pastel<sub>1</sub></i>	1789 cf. MS1
<b>Pavão</b>	<i>lat. pāvō,ōnis</i>	sXIII cf. AGC
<b>Pavilhão</b>	<i>fre. Pavillon</i>	sXV cf. Vita
<b>Peão<sub>1</sub></b>	<i>lat. pedo,ōnis</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Peão<sub>2</sub></b>	<i>spa peón</i>	1642 cf. HELisb
<b>Peão<sub>3</sub></b>	<i>lat Pæōnes</i>	1881 cf. Sarv
<b>Pedraão</b>	<i>por pedra</i>	sXIV cf. AGC
<b>Peladão</b>	<i>por pelado</i>	
<b>Pelotão</b>	<i>fre peloton</i>	c1543 cf. JFVascE

<b><i>Perdigão</i></b>	<i>spa. Perdigón</i>	sXIV cf. FLCron
<b><i>Pesadão</i></b>	<i>por pesado</i>	1899 cf. CF1
<b><i>Petição</i></b>	<i>por petiço</i>	
<b><i>Picão</i></b>	<i>por picar</i>	1364 cf. RP
<b><i>Pilão<sub>1</sub></i></b>	<i>fre. Pilon</i>	1553 cf. FCastH
<b><i>Pilão<sub>2</sub></i></b>	<i>fre. Pylône</i>	1899 cf. CF1
<b><i>Pimentão</i></b>	<i>por pimenta</i>	1652 cf. AVFurt
<b><i>Pimpão<sub>1</sub></i></b>	<i>por pimpar</i>	1826 cf. GarDBr
<b><i>Pinhão</i></b>	<i>spa Piñon</i>	sXV cf. FichIVPM
<b><i>Pisão</i></b>	<i>por pisar</i>	1593 cf. PAvei
<b><i>Plantão</i></b>	<i>fre planton</i>	1881 cf. CA1
<b><i>Plutão</i></b>	<i>lat Plūton, -ōnis</i>	1873 cf. DV
<b><i>Pobretão</i></b>	<i>por pobrete</i>	1817-1819 cf. EliComp
<b><i>Poção</i></b>	<i>por poço</i>	
<b><i>Poceirão</i></b>	<i>por poceiro</i>	
<b><i>Pontão<sub>1</sub></i></b>	<i>por ponta</i>	1441 cf. Desc
<b><i>Pontão<sub>2</sub></i></b>	<i>lat. pōnto, -ōnis</i>	1652 cf. AVFurt
<b><i>Pontilhão</i></b>	<i>por ponte</i>	1844 cf. ZT
<b><i>Portão</i></b>	<i>por porta</i>	1783 cf. ZT
<b><i>Povão</i></b>	<i>por povo</i>	
<b><i>Pregão</i></b>	<i>lat. prēcōnem</i>	1152 cf. JM3
<b><i>Pulgão</i></b>	<i>por pulga</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b><i>Pulmão</i></b>	<i>lat. pulmōnem</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b><i>Puxão</i></b>	<i>por puxar</i>	1844 cf. AGC
<b><i>Quarentão</i></b>	<i>por quarenta</i>	1817-1819 cf. EliComp
<b><i>Quarteirão</i></b>	<i>por quarteiro<sub>1</sub></i>	sXIII cf. CBN
<b><i>Quentão</i></b>	<i>por quente</i>	sXX cf. AGC
<b><i>Quintão<sub>1</sub></i></b>	<i>fre quinton</i>	
<b><i>Quintão<sub>2</sub></i></b>	<i>por quinta</i>	

<b>Rachão</b>	<i>por racha</i>	
<b>Ramalhão</b>	<i>por ramalho</i>	
<b>Rasgão</b>	<i>por rasgar</i>	1817-1819 cf. EliComp
<b>Raspão</b>	<i>por raspar</i>	1881 cf. CA1
<b>Ratão</b>	<i>por rato</i>	1728 cf. RB
<b>Rebelião</b>	<i>lat. rēbēllō,-ōnis</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Recursão</b>	<i>por recursar</i>	
<b>Ribeirão</b>	<i>por ribeiro</i>	1574 cf. JCLDiu
<b>Rodão</b>	<i>por roda</i>	
<b>Rodrigão</b>	<i>spa rodrigón</i>	1881 cf. CA1
<b>Rojão</b>	<i>por rojo</i>	1563 cf. JBarD
<b>Rojão</b>	<i>spa rejón</i>	1680 cf. LacIsa
<b>Rolão<sub>1</sub></b>	<i>por rolo<sub>1</sub></i>	1265 cf. Portel
<b>Rolão<sub>3</sub></b>	<i>por rola</i>	
<b>Romão<sub>1</sub></b>	<i>lat. romānum</i>	1552 cf. JBarD
<b>Roupão</b>	<i>por roupa</i>	1589 cf. Arrais
<b>Ruão<sub>1</sub></b>	<i>lat. *ravīdānum</i>	1053 cf. JM3
<b>Ruão<sub>3</sub></b>	<i>por rua</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Sabão<sub>1</sub></b>	<i>lat. sapōnem</i>	sXIV cf. AGC
<b>Sabão<sub>2</sub></b>	<i>por sábio</i>	
<b>Sabichão</b>	<i>por sábio</i>	1589 cf. Arrais
<b>Sacolão</b>	<i>por sacola</i>	
<b>Sacristão</b>	<i>lat. sacristānus,i</i>	1600 cf. JLuc
<b>Saião<sub>1</sub></b>	<i>lat. sagiōnem &lt; gót. *sagjis</i>	999 cf. JM3
<b>Saião<sub>3</sub></b>	<i>por saio</i>	
<b>Salão</b>	<i>por sala</i>	1672-1693 cf. MonLus
<b>Salmão</b>	<i>lat. salmōnes</i>	sXIII cf. CBN
<b>Salmourão</b>	<i>por salmoura</i>	
<b>Salpicão</b>	<i>spa salpicón</i>	1720 cf. RB

<b>Salsão</b>	<i>por salsa</i>	
<b>Salsichão</b>	<i>por salsicha</i>	1881 cf. CA1
<b>Sangão</b>	<i>por sanga</i>	
<b>Sapatão</b>	<i>por sapato</i>	1858 cf. MS6
<b>Saxão</b>	<i>lat. Saxones</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b>Serão</b>	<i>lat serānum</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Sermão</b>	<i>lat. sermo, -ōnis</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Serrão</b>	<i>lat. serrānus</i>	1576 cf. DNLeO
<b>Sifão</b>	<i>gre síphōn,ōnos, lat. sípho, -ōnis,</i>	1783 cf. ZT
<b>Solteirão</b>	<i>por solteiro</i>	1858 cf. MS6
<b>Supetão</b>	<i>por súpeto</i>	1836 cf. SC
<b>Surrão</b>	<i>eus zorra, spa zurrón ?</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b>Tacão</b>	<i>spa tacón</i>	1721 cf. RB
<b>Talão</b>	<i>lat. talōnem &lt; tālus</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Talhão<sub>1</sub></b>	<i>por talho</i>	1662 cf. SDom
<b>Talhão<sub>3</sub></b>	<i>por talha<sub>2</sub></i>	1899 cf. CF1
<b>Tampão<sub>1</sub></b>	<i>fre. tampon</i>	sXIII cf. CSM
<b>Tapetão</b>	<i>por tapete</i>	
<b>Tartaranhão</b>	<i>por tartaranha</i>	1789 cf. MS1
<b>Tecelão</b>	<i>por tecer</i>	sXIII cf. AGC
<b>Telão</b>	<i>por tela</i>	1881 cf. CA1
<b>Tempão</b>	<i>por tempo</i>	
<b>Temporão</b>	<i>lat *temporānum</i>	sXIII cf. AGC
<b>Tentilhão</b>	<i>por tím-tim</i>	1721 cf. RB
<b>Timão<sub>1</sub></b>	<i>lat. timōnem &lt; tēmo, -ōnis</i>	sXIII    sXV cf. FichIVPM
<b>Timão<sub>3</sub></b>	<i>por time</i>	sXX
<b>Torreão</b>	<i>por torre</i>	1539 cf. JCasD 66
<b>Tostão</b>	<i>fre teston</i>	1515 cf. JM3
<b>Trabalhão</b>	<i>por trabalho</i>	1881 cf. CA1

<b>Trairão</b>	<i>por traíra</i>	
<b>Trancão</b>	<i>por tranco</i>	sXIV cf. AGC
<b>Trapalhão<sub>1</sub></b>	<i>por trapo</i>	1721 cf. RB
<b>Trapalhão<sub>2</sub></b>	<i>spa trapalón</i>	
<b>Travão</b>	<i>por trava</i>	1673 cf. CavAlv
<b>Travessão</b>	<i>por travessa</i>	1552 cf. FCastH
<b>Trintão</b>	<i>por trinta</i>	
<b>Turbilhão</b>	<i>fre. tourbillon</i>	c1750-1799 cf. CSilPoes
<b>Unhão</b>	<i>por unha</i>	1881 cf. CA1
<b>União</b>	<i>lat. ũnio,-ōnis</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b>Valão<sub>1</sub></b>	<i>fre. wallon</i>	1361 cf. JM3
<b>Valão<sub>2</sub></b>	<i>por vala</i>	
<b>Valentão</b>	<i>por valente</i>	1707 cf. CSObs
<b>Varão<sub>1</sub></b>	<i>lat vārōnem</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Varão<sub>2</sub></b>	<i>por vara<sub>1</sub></i>	1721 cf. RB
<b>Varejão</b>	<i>por vara<sub>1</sub>/ varejar</i>	1813 cf. MS2
<b>Varjão</b>	<i>por varja</i>	
<b>Vascão</b>	<i>lat. vascōnes</i>	1721 cf. RB
<b>Vazão</b>	<i>por vazar</i>	1589 cf. Arrais
<b>Verão</b>	<i>lat verānum</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Vergalhão</b>	<i>por vergalho</i>	1692 cf. MS6
<b>Vermelhão</b>	<i>por vermelho</i>	1642 cf. MadMor
<b>Vidão</b>	<i>por vida</i>	
<b>Vilão</b>	<i>lat. vilānum</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Violão</b>	<i>por viola</i>	1615 cf. Consp
<b>Vozeirão</b>	<i>por vozeiro</i>	1821-1875 cf. CA1
<b>Vulcão</b>	<i>lat. Vulcānus</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b>Zangão</b>	<i>spa zang</i>	1609 cf. EtOr
<b>Zilhão</b>	<i>por z + -ilhão</i>	

## 1.2. Palavras formadas com o sufixo -aço

<b>Vocábulo</b>	<b>Língua de origem e palavra-base</b>	<b>Datação</b>
<i>Agraço</i>	<i>lat acre, por agr(i)<sub>2</sub>-</i>	sXIII cf. IVPM
<i>Aguaça</i>	<i>por água</i>	1899 cf. CF1
<i>Alarifaço</i>	<i>por alarife</i>	
<i>Algaço</i>	<i>por alga</i>	1899 cf. CF1
<i>Aljubeiraça</i>	<i>por algibeira</i>	a1922 cf. CF3
<i>Amarelaço</i>	<i>por amarelo</i>	
<i>Amigaço</i>	<i>por amigo</i>	
<i>Amigalhaço</i>	<i>por amigo</i>	1871 cf. DV
<i>Andaço</i>	<i>por andar</i>	a1558 cf. DA
<i>Animalaço</i>	<i>por animal</i>	
<i>Antigaço</i>	<i>por antigo</i>	
<i>Antigalhaço</i>	<i>por antigalha (antigualha)</i>	
<i>Arcabuzação</i>	<i>por arcabuz</i>	1644 cf. DA
<i>Argolaço</i>	<i>por argola</i>	
<i>Aspaço</i>	<i>por aspa</i>	1922 cf. CF3
<i>Assanhaço</i>	<i>por assanho</i>	
<i>Asseadaço</i>	<i>por asseado</i>	1922 cf. CF3
<i>Atrevidaço</i>	<i>por atrevido</i>	1789 cf. MS1
<i>Bagaço</i>	<i>por baga</i>	sXIV cf. IVPM
<i>Balaço</i>	<i>por bala</i>	1675 FBFreL 157
<i>Bandidaço</i>	<i>por bandido</i>	
<i>Barbaça</i>	<i>por barba</i>	
<i>Barbaças</i>	<i>por barba</i>	1712 cf. RB
<i>Barcaça</i>	<i>por barca</i>	1554-1583 FMPin II 146
<i>Barulhaço</i>	<i>por barulho</i>	d1985
<i>Batacaço</i>	<i>spa batacazo</i>	

<b>Batocaço</b>	<i>por batoque</i>	
<b>Batocaço</b>	<i>por batoca<sub>2</sub></i>	
<b>Bebaço</b>	<i>por beber</i>	
<b>Beleguinaço</b>	<i>por belengum</i>	a1958 cf. MS10
<b>Belfaça</b>	<i>por belfa</i>	1899 cf. CF1 supl.
<b>Bicaço</b>	<i>por bico</i>	
<b>Biltraço</b>	<i>por biltre</i>	
<b>Bizarraço</b>	<i>por bizarro</i>	
<b>Bocaça</b>	<i>por boca</i>	
<b>Bolaço</b>	<i>por bolo<sub>1</sub></i>	1922 cf. CF3
<b>Bolaço</b>	<i>por bola<sub>1</sub></i>	
<b>Bonitaço</b>	<i>por bonito</i>	
<b>Borbulhaço</b>	<i>por borbulha</i>	
<b>Borraça</b>	<i>por borra</i>	1836 cf. SC
<b>Brançaço</b>	<i>por branco</i>	c1538 JCasG 185
<b>Broaça</b>	<i>por broa</i>	
<b>Brumaça</b>	<i>por bruma</i>	
<b>Buenaço</b>	<i>spa. Buenazo</i>	
<b>Bulharaça</b>	<i>por bulha</i>	
<b>Bundaça</b>	<i>por bunda</i>	
<b>Buzinaço</b>	<i>por buzina</i>	d1985
<b>Cachaça</b>	?	1635 ACS I 281
<b>Cachaço</b>	<i>por caho<sub>1</sub></i>	sXIII cf. IVPM
<b>Cagaço</b>	<i>por cagar</i>	1873 cf. DV
<b>Campeiraço</b>	<i>por campeiro</i>	
<b>Cangaço</b>	<i>por canga</i>	1789 cf. MS1
<b>Canhamaça</b>	<i>por cânhamo</i>	1913 cf. CF2 supl.
<b>Canhamaço</b>	<i>por cânhamo</i>	1526 MMA I 458
<b>Canhonaço</b>	<i>spa cañonazo</i>	1660 FMMeIE 424

<b>Canivetaço</b>	<i>por canivete</i>	
<b>Cansaço</b>	<i>por cansar</i>	sXIV cf. IVPM
<b>Caraça</b>	<i>por cara</i>	a1771 cf. CGOp
<b>Carnaça</b>	<i>por carne</i>	
<b>Caronaço</b>	<i>por carona</i>	
<b>Chalaça</b>	<i>por charlar</i>	1858 cf. MS6
<b>Chicotaço</b>	<i>spa chicotazo</i>	sXX cf. AGC
<b>Chifraço</b>	<i>por chifre</i>	sXX cf. AGC
<b>Chumaço</b>	<i>lat plumaciŭm,ŭi</i>	959 cf. JM3
<b>Clavinaço</b>	<i>por clavina</i>	
<b>Clavinotaço</b>	<i>por clavinote</i>	
<b>Copaço</b>	<i>por copo</i>	
<b>Cornaça</b>	<i>por corno</i>	
<b>Cornaço</b>	<i>por corno</i>	sXX cf. AGC
<b>Corpaço</b>	<i>por corpo</i>	
<b>Couraça</b>	<i>lat. coriacĕa</i>	sXV cf. IVPM
<b>Curvaça</b>	<i>por curva</i>	1873 cf. DV
<b>Cutelaço</b>	<i>por cutelo</i>	
<b>Doutoraço</b>	<i>por doutor</i>	
<b>Engaço</b>	<i>spa angazo</i>	1713 cf. RB
<b>Engaço</b>	<i>spa angazo</i>	1713 cf. RB
<b>Esfregaço</b>	<i>por esfrega</i>	
<b>Espinhaço</b>	<i>por espinha</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>estardalhaço</b>	<i>por estardalho</i>	1881 cf. CA1
<b>Estilhaço</b>	<i>por estilha</i>	1680 AOCad I 212
<b>Estudantaço</b>	<i>por estudante</i>	
<b>Faceiraço</b>	<i>por faceiro</i>	
<b>Fachudaço</b>	<i>por fachudo</i>	
<b>Falaço</b>	<i>por fala</i>	Séc. XIX (GMHP)

<b>Falçaça</b>	<i>por falca</i>	
<b>Fascaço</b>	<i>por fasco</i>	
<b>Femeaça</b>	<i>por fêmea</i>	
<b>Femeaço</b>	<i>por fêmea</i>	Século XIX (GMHP)
<b>Ferraça</b>	<i>por ferro</i>	1339 cf. JM3
<b>Fidalgaço</b>	<i>por fidalgo</i>	
<b>Filaça</b>	<i>lat filacea</i>	a1727 cf. RB
<b>Flechaço</b>	<i>por flecha</i>	
<b>Fletaço</b>	<i>por flete</i>	1913 cf. CF2
<b>Fogaça</b>	<i>lat focacius</i>	1159 cf. JM3
<b>Fornaça</b>	<i>lat fornacea</i>	sXIV cf. FichIVPM
<b>Fortalhaças</b>	<i>por forte</i>	sXX
<b>Fradaço</b>	<i>por frade<sub>1</sub></i>	1593 cf. PAvei
<b>Frangaço</b>	<i>por frango<sub>1</sub></i>	
<b>Fumaça</b>	<i>por fumo</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Fumaraça</b>	<i>por fumo</i>	1899 cf. CF1
<b>Galeaça</b>	<i>ita galeazza</i>	a1515 TPirS 423
<b>Galhaça</b>	<i>por galha</i>	
<b>Galinhaça</b>	<i>por galinha</i>	
<b>Galinhaço</b>	<i>por galinha</i>	
<b>Gauchaço</b>	<i>por gaúcho</i>	
<b>Gentaça</b>	<i>por gente</i>	sXV cf. FichIVPM
<b>Ginetaço</b>	<i>por ginete</i>	1881 cf. CA1
<b>Golaço</b>	<i>por gol</i>	
<b>Gordaço</b>	<i>por gordo</i>	1576 DNLeO fº 59
<b>Gordalhaço</b>	<i>por gordo</i>	
<b>Grimaça</b>	<i>fre grimace</i>	1858 cf. MS6
<b>Grulhaço</b>	<i>por grulha</i>	
<b>Guampaço</b>	<i>por guampa</i>	1899 cf. CF1

<b>Guapetaço</b>	<i>por guapetão</i>	
<b>Guascaço</b>	<i>por guasca</i>	1881 cf. CA1
<b>Homaça</b>	<i>por homem</i>	
<b>Joelhaço</b>	<i>por joelho</i>	
<b>Jornalaço</b>	<i>por jornal</i>	
<b>Laçaço</b>	<i>spa. Lazazo</i>	1881 cf. CA1
<b>Ladroação</b>	<i>por ladrão (ladro)</i>	a1710 cf. MBFlos
<b>Lagoaça</b>	<i>por lagoa</i>	sXX
<b>Lambaças</b>	<i>por lambão</i>	1913 cf. CF2
<b>Lançaço</b>	<i>spa. lanzazo</i>	1899 cf. CF1
<b>Lategaço</b>	<i>por látigo</i>	
<b>Leigaço</b>	<i>por leigo</i>	
<b>Lendeaço</b>	<i>por lêndea</i>	1789 cf. MS1
<b>Lerdaço</b>	<i>por lerdo</i>	1836 cf. SC
<b>Liaça</b>	<i>fre. liasse</i>	1716 cf. RB
<b>Lindaço</b>	<i>por lindo</i>	1889 cf. DVB
<b>Linhaça</b>	<i>por linho</i>	1286 cf. Desc
<b>Liraça</b>	<i>por lira</i>	
<b>Literataço</b>	<i>por literato</i>	1890 cf. JM3
<b>Loraço</b>	<i>por louro</i>	
<b>Lordaça</b>	<i>por lorde</i>	
<b>Lordaço</b>	<i>por lorde</i>	
<b>Louraça</b>	<i>por loura<sub>2</sub></i>	a1771 cf. CGOp
<b>Mangaço</b>	<i>por mango</i>	
<b>Mangalaça</b>	<i>por magana</i>	a1716 cf. RB
<b>Manotaço</b>	<i>spa. manotazo</i>	1881 cf. CA1
<b>Matronaça</b>	<i>por matrona</i>	1858 cf. MS6
<b>Meirinhaço</b>	<i>por meirinho<sub>1</sub></i>	
<b>Melaço</b>	<i>por mel</i>	1716 cf. RB

<b>Melgaço</b>	<i>por mel</i>	
<b>Mestraço</b>	<i>por mestre</i>	1858 cf. MS6
<b>Mimaça</b>	<i>por mimo<sub>2</sub></i>	
<b>Mordaça</b>	<i>lat mordacia</i>	1609 cf. MonLus
<b>Morenaço</b>	<i>por moreno</i>	
<b>Mormaço</b>	?	1716 cf. RB
<b>Morrudaço</b>	<i>por morrudo</i>	
<b>Mosquetaço</b>	<i>por mosquete<sub>1</sub></i>	1789 cf. MS1
<b>Mostaço</b>	<i>por mosto</i>	
<b>Mulataço</b>	<i>por mulato</i>	Século XVII (GMHP)
<b>Mulheraça</b>	<i>por mulher</i>	1845-1881 cf. CA1
<b>Munhecação</b>	<i>por munheca</i>	sXX
<b>Murraça</b>	<i>por murro</i>	1789 cf. MS1
<b>Negraço</b>	<i>por negro</i>	1576 cf. DNLeO
<b>Nevoaça</b>	<i>por névoa</i>	d1441 cf. FLJoa
<b>Palhaço</b>	<i>ita pagliaccio</i>	1513 cf. AAlbCar
<b>Panaço</b>	<i>por pano</i>	sXX cf. AGC
<b>Panelaço</b>	<i>por panela</i>	
<b>Pardaço</b>	<i>por pardo</i>	1679 cf. MetLus
<b>Pataço</b>	<i>por pata</i>	
<b>Peaça</b>	<i>por pear</i>	1789 cf. MS1
<b>Pecadaço</b>	<i>por pecado</i>	1789 cf. MS1
<b>Pecadoraço</b>	<i>por pecador</i>	1789 cf. MS1
<b>Pelotaço</b>	<i>por pelota<sub>1</sub></i>	
<b>Pernaça</b>	<i>por perna</i>	1858 cf. MS6
<b>Pernaço</b>	<i>por perna</i>	
<b>Picaço</b>	<i>spa picazo<sub>4</sub></i>	
<b>Pinaça</b>	<i>spa pinaza</i>	sXIII cf. FichIVPM
<b>Pingaço</b>	<i>por pingo<sub>2</sub></i>	1899 cf. CF1

<b><i>Pistolaço</i></b>	<i>por pistola</i>	1783 cf. AGC
<b><i>Plumaço</i></b>	<i>lat plumaciũm,ũi</i>	1899 cf. CF1
<b><i>Poetaço</i></b>	<i>por poeta</i>	1836 cf. SC
<b><i>Polmaço</i></b>	<i>por polmo</i>	
<b><i>Ponchaço</i></b>	<i>por poncho</i>	
<b><i>Pontaço</i></b>	<i>por ponta</i>	1899 cf. CF1
<b><i>Populaça</i></b>	<i>por população/popul-</i>	1772 cf. PerBibl
<b><i>Professoraço</i></b>	<i>por professor</i>	
<b><i>Puaço</i></b>	<i>por pua</i>	
<b><i>Quartilhaça</i></b>	<i>por quartilho</i>	
<b><i>Quedaço</i></b>	<i>por queda</i>	
<b><i>Raivaço</i></b>	<i>por raiva ou raivar</i>	1450-1516 cf. CGer
<b><i>Raparigaça</i></b>	<i>por rapariga</i>	1882 cf. CCBBrasP
<b><i>Rebençaço</i></b>	<i>por rebenque</i>	1881 cf. CA1
<b><i>Reinaço</i></b>	<i>por reino</i>	
<b><i>Relhaço</i></b>	<i>por relho</i>	
<b><i>Ricaço</i></b>	<i>por rico</i>	c1560 cf. JFVascUlis
<b><i>Ricalhaço</i></b>	<i>por rico</i>	
<b><i>Rosaça</i></b>	<i>lat rosacẽus,a, um</i>	a1899 cf. CF1
<b><i>Rufianaço</i></b>	<i>por rufiãõ</i>	1866 cf. ADGDona
<b><i>Sabraço</i></b>	<i>por sabre</i>	
<b><i>Sebaça</i></b>	<i>por sebo</i>	
<b><i>Sedaço</i></b>	<i>lat saetacẽum</i>	1673 cf. CavAlv
<b><i>Senhoraça</i></b>	<i>por senhora</i>	
<b><i>Senhoraço</i></b>	<i>por senhor</i>	1615 cf. FeioFesta
<b><i>Soberbaço</i></b>	<i>por soberbo</i>	1836 cf. SC
<b><i>Sofrenaço</i></b>	<i>spa. sofrenazo</i>	
<b><i>Sogaço</i></b>	<i>spa. sogazo</i>	
<b><i>Tacapaço</i></b>	<i>por tacape</i>	

<b>Tagantaço</b>	<i>por tagante</i>	
<b>Talaço</b>	<i>por tala<sub>1</sub></i>	
<b>Talentaço</b>	<i>por talento</i>	1899 cf. CF1
<b>Tarifaço</b>	<i>por tarifa</i>	1990
<b>Tarraço</b>	<i>por tarro</i>	
<b>Terraço</b>	<i>fre terrasse</i>	sXVI
<b>Testaça</b>	<i>por testa</i>	1881 cf. CA1
<b>Timaço</b>	<i>por time</i>	
<b>Tiraço</b>	<i>por tiro<sub>1</sub></i>	
<b>Tirambaço</b>	<i>por tiro</i>	
<b>Torenaço</b>	<i>por torena</i>	
<b>Trancaço</b>	<i>spa trancazo<sub>2</sub></i>	
<b>Trapaça</b>	<i>por trapa</i>	1562-1575 cf. PaivSerm
<b>Trompaço</b>	<i>por trompa</i>	sXX cf. AGC
<b>Unhaço</b>	<i>por unha</i>	
<b>Urcaço</b>	<i>por urco</i>	
<b>Uvaça</b>	<i>por uva</i>	1881 cf. CA1
<b>Valentaço</b>	<i>por valente</i>	Séc. XIX (GMHP)
<b>Vaqueanaço</b>	<i>por vaqueano</i>	1899 cf. CF1
<b>Velhacaço</b>	<i>por velhaco</i>	
<b>Velhaças</b>	<i>por velho</i>	
<b>Vermelhaço</b>	<i>por vermelho</i>	1603 cf. DioD
<b>Vidaço</b>	<i>por vida</i>	sXX
<b>Vidraça</b>	<i>por vidro</i>	1521-1558 cf. MirOp
<b>Vidraço</b>	<i>por vidro</i>	1498 cf. DiárioVC
<b>Vilanaço</b>	<i>por vilão</i>	1881 cf. CA1
<b>Vinhaça</b>	<i>por vinho</i>	sXV cf. Guiné
<b>Vinhaço</b>	<i>por vinho</i>	1881 cf. CA1
<b>Vivaço</b>	<i>por vivo</i>	

### 1.3. Palavras formadas com o sufixo *-uço*

<b>Vocábulo</b>	<b>Língua de origem e palavra-base</b>	<b>Datação</b>
<i>Carduça</i>	<i>por carda</i>	
<i>Aguça</i>	<i>lat acutiã</i>	sXIII cf. IVP
<i>Neguça</i>	<i>por nego</i>	
<i>Ganhuça</i>	<i>por ganho</i>	1890 cf. JM3
<i>Vinhuça</i>	<i>por vinho</i>	
<i>Rodouça</i>	<i>por roda</i>	
<i>Louça</i>	<i>lat lutěa</i>	sXV cf. FichIVPM
<i>Carapuça</i>	<i>spa carapuza</i>	1452 cf. IVP
<i>Dentuça</i>	<i>por dentuço</i>	c1543 JFVascE 182
<i>Gentuça</i>	<i>por gente</i>	
<i>Feduço</i>	<i>por feder</i>	1913 cf. CF2
<i>Pinguço</i>	<i>por pinga</i>	
<i>Manhuço</i>	<i>por maunça</i>	1899 cf. CF1
<i>Aranhuço</i>	<i>por aranha</i>	
<i>Cambaluço</i>	<i>por cambalear</i>	1899 cf. CF1
<i>Arcabouço</i>	?	a1587 cf. DA
<i>Ricouço</i>	<i>por rico</i>	
<i>Alcouço</i>	?	sXIV-sXV cf. Eluc
<i>Medouço</i>	<i>por meda<sub>1</sub></i>	
<i>Ricalhouço</i>	<i>por rico</i>	a1899 cf. CF1
<i>Marouço</i>	<i>por mar</i>	1599 cf. DioD
<i>Pedrouço</i>	<i>por pedra</i>	1720 cf. RB
<i>Carapuço</i>	<i>por carapuça</i>	
<i>Magruço</i>	<i>por magro</i>	1922 cf. CF3
<i>Garruço</i>	<i>por gorro, garrir ?</i>	
<i>Dentuço</i>	<i>por dente</i>	1836 cf. SC

---

<i>Dentuças</i>	<i>por dentuça</i>	<i>sXX</i>
-----------------	--------------------	------------

#### 1.4. Palavras formadas com o sufixo *-arro*

<b>Vocábulo</b>	<b>Língua de origem e palavra-base</b>	<b>Datação</b>
<i>Algazarra</i>	<i>ara al-gazárâ</i>	sXV cf. IVPM
<i>Almanjarra</i>	<i>ara al-majarr</i>	c1550 cf. DA
<i>Baitarra</i>	<i>por baita</i>	
<i>Bandarra</i>	<i>por bando ?</i>	1712 cf. RB
<i>Bicarra</i>	<i>por bico</i>	
<i>Bimbarra</i>	<i>fre brimbale</i>	1836 cf. SC
<i>Bizarro</i>	<i>ita. bizarro</i>	a1595 Jorn 72
<i>Bocarra</i>	<i>por boca</i>	c1776 JDan I 88
<i>Botifarra</i>	<i>cat botifarra</i>	
<i>Cagarro</i>	<i>?</i>	
<i>Caparro</i>	<i>por capar, capão<sub>1</sub></i>	
<i>Catarro</i>	<i>lat catārrhus</i>	1557 cf. AHP III 184
<i>Chamarra</i>	<i>spa chamarra</i>	1899 cf. CF1
<i>Chaparro</i>	<i>spa chaparro</i>	1844 cf. AGC
<i>Charro</i>	<i>eus txar, spa charro</i>	1543 cf. JFVascE
<i>Chibarra</i>	<i>por chibarro</i>	1922 cf. CF3
<i>Chibarro</i>	<i>por chibo</i>	1712 cf. RB
<i>Chicharro</i>	<i>spa chicharro</i>	1899 cf. CF1
<i>Chimarra</i>	<i>fre simarre, ita zimarra</i>	1858 cf. MS6
<i>Cigarra</i>	<i>lat cicada, spa cigarra</i>	1562 cf. JC
<i>Egovarro</i>	<i>lat egouāri, ōrum</i>	1881 cf. Sarv
<i>Fanfarra</i>	<i>fre fanfare</i>	1881 cf. CA1
<i>Gabarra</i>	<i>fre gabarre</i>	1858 cf. MS6

<i>Gabarro</i>	<i>spa gabarro</i>	1899 cf. CF1
<i>Gamarra</i>	<i>eus gamarra</i>	a1635 cf. TratGin
<i>Gambarra</i>	<i>por gabarra ?</i>	1899 cf. CF1
<i>Gambiarra</i>	<i>por gâmbia/gambeta ?</i>	1881 cf. CA1
<i>Gavarro</i>	<i>spa gavarro</i>	1670 cf. CavGin
<i>Gibarra</i>	<i>por giba</i>	1913 cf. CF2
<i>Mamparra</i>	?	1899 cf. CF1
<i>Masmarro</i>	?	1789 cf. MS1
<i>Namarra</i>	?	
<i>Navarra</i>	<i>spa Navarra</i>	1899 cf. CF1
<i>Naviarra</i>	<i>por navio</i>	1517 cf. GVicBare
<i>Pamparra</i>	<i>por à pampa</i>	
<i>Piçarra</i>	<i>spa pizarra</i>	c1537-1583 cf. FMPin
<i>Picarro</i>	?	
<i>Pigarra</i>	<i>por pigarro</i>	
<i>Pigarro</i>	<i>por pegar ou picar ?</i>	1720 cf. RB
<i>Samarra</i>	<i>eus zamar, spa zamarra</i>	sXV cf. FichIVPM
<i>Sopetarra</i>	<i>por sopa / sopetear ?</i>	1819-1854 cf. CA1
<i>Tigarro</i>	?	
<i>Zanguizarra</i>	?	1525 cf. GVicJBeir

### 1.5. Palavras formadas com o sufixo *-orro*

<b>Vocábulo</b>	<b>Língua de origem e palavra-base</b>	<b>Datação</b>
<i>Modorro</i>	<i>spa modorro</i>	1562 cf. JC
<i>Chorro</i>	<i>spa chorro</i>	1552 cf. FCastH
<i>Cachorro</i>	<i>lat catūlus/spa cacho ?</i>	sXIV cf. IVPM
<i>Pichorro</i>	<i>por top. Sobral Pichorro</i>	1899 cf. CF1
<i>Chinchorro</i>	<i>spa chinchorro</i>	1500 cf. IVPM

---

<b>Jorro</b>	<i>spa chorro</i>	1552 cf. JBarD
<b>Chamorro</b>	<i>spa chamorro</i>	sXV cf. IVPM
<b>Beatorro</b>	<i>por beato</i>	sXIX
<b>Gatorro</b>	<i>por gato</i>	1899 cf. CF1
<b>Sapatorro</b>	<i>por sapato</i>	1899 cf. CF1
<b>Madorra</b>	<i>por modorra</i>	1716 cf. RB
<b>Modorra</b>	<i>spa modorra</i>	1154 cf. JM3
<b>Pachorra</b>	<i>spa. Pachorra</i>	1720 cf. RB
<b>Pichorra</b>	<i>por picho</i>	1720 cf. RB
<b>Ganchorra</b>	<i>por gancho</i>	1727 cf. RB
<b>Piorra</b>	<i>por pião</i>	a1720 cf. RB
<b>Patorra</b>	<i>por 2pata</i>	1881 cf. CA1
<b>Pitorra</b>	?	1720 cf. RB
<b>Zorra</b>	<i>spa zorra</i>	1534 cf. GVicMof

## 2. Palavras formadas com o sufixo -aço encontra no corpus (séculos XIII-XX)

Palavras sufixadas em -aço - Cantigas de Santa Maria	
Vocábulo	Trecho
<i>Espiaço</i>	<i>Esta aranna andando per cima do espiaço</i>
<i>Colaço</i>	<i>e chamou un seu colaço e esfolá-la mandou,</i>
<i>Regaço</i>	<i>o menino e deitó-o eno seu regaço,</i>
Palavras sufixadas em -aço - Gil Vicente	
Vocábulo	Trecho
<i>Tolaço</i>	<i>Entra, tolaço eunuco,</i>
<i>Espinhaço</i>	<i>açoutando o espinhaço,</i>
<i>Espinhaço</i>	<i>rota pelo espinhaço</i>
<i>Chumaço</i>	<i>Nem vós não tendes chumaço,</i>

José de Anchieta – XVI		
Vocábulo	Obra	Trecho
<i>Balaços</i>	Auto de S. Lourenço	<i>mas enfim, nossos balaços</i>
<i>Canhonaços</i>	Auto de S. Lourenço	<i>com bem poucos canhonaços</i>

Gregório de Matos XVII		
Vocábulo	Obra	Trecho
<i>Madraço</i>	Poesias satíricas	<i>vendo, que o algoz madraço</i>
<i>Espinhaço</i>	Poesias satíricas	<i>me vai limpando o espinhaço</i>
<i>Madraços</i>	Poesias satíricas	<i>entre os alcaides madraços,</i>
<i>Madraço</i>	Poesias satíricas	<i>responde o Juiz madraço,</i>
<i>Ladronaço</i>	Poesias satíricas	<i>O ladronaço em rigor</i>
<i>Ladronaço</i>	Poesias satíricas	<i>quando o ladronaço medra</i>
<i>Madraço</i>	Poesias satíricas	<i>Dâmaso, aquele madraço,</i>
<i>Arreitaços</i>	Poesias satíricas	<i>E enfim dos arreitaços alveitar:</i>
<i>Mulataço</i>	Poesias satíricas	<i>quando um Mulataço harpia</i>
<i>Madraço</i>	Poesias satíricas	<i>fazeis de mim tão madraço,</i>
<i>Madraço</i>	Poesias satíricas	<i>que fazia o tal madraço</i>
<i>Espinhaço</i>	Poesias satíricas	<i>sacudia-lhe o espinhaço</i>
<i>Ricaço</i>	Poesias satíricas	<i>Arma-lhe a tenda um ricaço,</i>
<i>Gataço</i>	Poesias satíricas	<i>até no ofício um gataço</i>
<i>Porraços</i>	Poesias satíricas	<i>e tirando-me porraços</i>
<i>Espinhaço</i>	Poesias satíricas	<i>mui ético do espinhaço</i>
<i>Espinhaço</i>	Poesias satíricas	<i>e esburgar-me do espinhaço</i>
<i>Prudentaço</i>	Poesias satíricas	<i>Diz logo prudentaço, e repousado,</i>

Antônio Jose da Silva – XVIII		
Vocábulo	Obras	Trecho

<b>Espinhaço</b>	Vida do grande d. Quixote	<i>D. Quixote. Ai de mim! Acode-me, Sancho, que quebrei o espinhaço.</i>
<b>Espinhaço</b>	Vida do grande d. Quixote	<i>É tal a vontade que tenho de fazer justiça, que logo me sobe a cólera uma mão travessa pelo espinhaço acima</i>
<b>Cachaço</b>	O labirinto de Creta	<i>Mandando Vossa Majestade que o embaixador supra esta falta, que, como tem grande cabeça e muita carne no cachaço, terá o monstro que roer.</i>
<b>Cachaço</b>	Guerras do alecrim	<i>veio descendo um homem por uma corda; e, cuidando que eu era poial, me pôs o pé no cachaço.</i>
<b>Inchaço</b>	Vida de esopo	<i>Grande peso tenho sobre as minhas costas! Não bastava esta corcova, mas sobre ela ainda um amor, como um inchaço!</i>

**Qorpo Santo – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obras</b>	<b>Trecho</b>
<b>Madraços</b>	Um parto	<i>Se eu não espanto estes madraços - nem para o chá ganhariam hoje!</i>
<b>Estilhaço</b>	As relações naturais	<i>Lá vai um estilhaço. Toma relação!</i>

**Martins Pena – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obras</b>	<b>Trecho</b>
<b>Espinhaço</b>	Quem casa quer casa	<i>mas havia ser no espinhaço; e essa rabeça havia de a fazer em estilhas nessa cabeça desmiolada... Não arregale os olhos, que não me mete medo.</i>
<b>Espinhaço</b>	O usuário	<i>Eu caio-lhe em cima do espinhaço.</i>
<b>Cachaço</b>	O noviço	<i>e os noviços todos fazendo roda, coçando o cachaço.</i>
<b>Espinhaço</b>	As desgraças de uma criança	<i>Tomara eu que o tal Manuel Igreja por cá apareça, que lhe quero rezar a ladainha e repicar-lhe o sino no espinhaço</i>

**França Junior – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Cachaço</b>	Direito por linhas tortas	<i>Minha mulher, como geralmente se diz, pôs-me o pé no cachaço</i>

**Arthur Azevedo – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Ricaço</b>	Amor por anexis	<i>Não me interrompa!.. E entre eles há um ricaço que em outro tempo...</i>
<b>Ricaço</b>	Amor por anexis	<i>Não me interrompa, já disse! E entre eles há um ricaço que noutra tempo se esqueceu da promessa...</i>
<b>Ricaço</b>	Amor por anexis	<i>Se tiver verga e tempo! E quem é esse... ricaço?</i>

**Almeida Garret – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Melaço</b>	O corcunda por amor	<i>Melaço à rapariga, que é tão quente!</i>
<b>Melaço</b>	O corcunda por amor	<i>Qual melaço, Senhora Carangueja? Você parece-me que também perdeu o juízo</i>
<b>Ricaço</b>	Falar verdade a mentir	<i>Meu amo, o Senhor Brás Ferreira, que é um ricaço como tu sabes</i>
<b>Madraços</b>	A sobrinha do marques	<i>Pobre D. Luís, quem te diria! (Alto) Qu'é do Sr. Luís, madraços?</i>
<b>Madraços</b>	A sobrinha do marques	<i>Nós é que semos os madraços, sim, senhor...</i>
<b>Pesoço</b>	Viagens na minha terra	<i>jámais que ci-devant jeune homme, o pesoço entalado na inflexível gravata, os pés pegando-se-lhe, como os de Ovídio,</i>

**Visconde de Taunay – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obras</b>	<b>Trecho</b>
<b>Malcriadaço</b>	Inocência	<i>Vejam só, continuou Pereira retendo o seu interlocutor para deixar Meyer</i>

		<i>distanciar-se, em boas me fui eu meter!... Se não fosse a tal carta do mano, o cujo dançava ao som do cacete... Malcriadaço!</i>
<b>Valentim de Magalhães – XIX</b>		
<b>Vocábulos</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<i>Vermelhaço</i>	Flor de sangue	<i>O chefe da família era um velhote vermelhaço e grisalho</i>
<i>Ignorantaço</i>	Flor de sangue	<i>A clientela da casa, composta na maioria de ignorantaços e frívolos,</i>
<b>Raul Pompéia – XIX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<i>Ricaço</i>	Uma tragédia no Amazonas	<i>a resolução de procurá-los para com eles assaltarem a casa do tal ricaço</i>
<i>Ricaço</i>	Uma tragédia no Amazonas	<i>vocês não farão mais do que esperar pelo meu assobio, que conhecem, para começarem a luta, distraindo o ricaço</i>
<i>Estilhaços</i>	Uma tragédia no Amazonas	<i>Eustáquio ouviu também o ruído de estilhaços de vidro que caíram no chão da sala, donde acabava de sair.</i>
<i>Estardalhaço</i>	O ateneu	<i>indiferentes mesmo e sorrindo do estardalhaço da fama</i>
<i>Bagaço</i>	O ateneu	<i>famoso pela gargalhada soez, bagaço espremido da vaidade, da cobiça,</i>
<i>Estardalhaço</i>	O ateneu	<i>que nos despertam com um estardalhaço de pesadelo, que fogem,</i>
<b>Manuel de oliveira – XIX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obras</b>	<b>Trecho</b>
<i>Ricaço</i>	Dona Guidinha	<i>Pousado o corpo, alegrado o espírito pela descoberta do tio ricaço</i>
<i>Peitaço</i>	Dona Guidinha	<i>seu camisolão de chita encarnada e amarela, amostrando o peitaço que parecia uma chã de rês</i>
<i>Espinhaço</i>	Dona Guidinha	<i>enorme tanque natural cavoucado pela torrente como que no espinhaço de uma montanha subterrânea</i>
<i>Ricaço</i>	Dona Guidinha	<i>Imaginava negociar muito, comprar gado, e em breve estar um ricaço casadinho com a Lalá.</i>
<i>Erbaço</i>	Dona Guidinha	<i>Na serra da Buretama Se descobriu duas mina... O caroço do erbaço, Da maniçoba a resina!</i>
<i>Ricaço</i>	Dona Guidinha	<i>Ele ricaço e infamado, o outro pobre e morto de desgraça.</i>
<i>Falaço</i>	Dona Guidinha	<i>se o falaço dos vaqueiros na Ipueirinha não seria obra de satanás, para plantar a cizânia naquela casa.</i>
<i>Falaço</i>	Dona Guidinha	<i>Deixa lá o mundo co seu falaço.</i>
<b>Manuel Antonio de Almeida – XIX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<i>Meirinhaço</i>	M. de sargento de milicias	<i>Nada, não atendo, compadre... vou com isto à justiça, e apesar de ser ele um meirinhaço muito velhaco</i>
<b>Machado de Assis – XIX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<i>Ricaço</i>	Quincas borba	<i>Rubião, um ricaço de Minas.</i>
<i>Ricaço</i>	Esaú e Jacó	<i>Todas as incertezas, angústias e melancolias vinham acabar nos braços de um ricaço, estimado, respeitado,</i>
<i>Andaço</i>	Dom Casmurro	<i>Havia então um andaço de febres; José Dias curou o feitor e uma escrava, e não quis receber nenhuma remuneração.</i>
<i>Bagaço</i>	A causa secreta	<i>até deixar um bagaço de ossos</i>
<b>Júlio Ribeiro – XIX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obras</b>	<b>Trecho</b>
<i>Bagaço</i>	A carne	<i>Ouviu-se um estalejar de fibras esmagadas, o bagaço vomitado picou de branco o desvão escuro em que giravam as moendas,</i>
<i>Melaço</i>	A carne	<i>As espumadeiras destras atiravam ao ar em louras espadananas o melaço fumegante</i>

<i>Melaço</i>	A carne	<i>Dirigia o trabalho, tomando o ponto ao melaço em um tachinho de cobre muito limpo</i>
<i>Melaço</i>	A carne	<i>Quando o melaço começava na esfriadeira a engrossar, a cobrir-se de espuma amarela</i>
<i>Melaço</i>	A carne	<i>Um dia um preto que tinha a seu cargo guiar a carroça de bagaço para o bagaceiro</i>
<i>Guampaço</i>	A carne	<i>Uma dentada oblíqua, um guampaço, uma parrelha de coices tinha dado ganho de causa ao mais forte.</i>
<i>Espinhaço</i>	A carne	<i>achatando o perigalho de encontro ao seu espinhaço.</i>
<i>Pontaço</i>	A carne	<i>invulnerável a tiros de arma de fogo, a pontaços de arma branca;</i>

**Jose do Patrocínio – XIX**

Vocábulo	Obra	Trecho
<i>Andaço</i>	Coqueiro	<i>Carolina amanheceu boa, diziam; alegre, como sempre andou, febres não eram, porque não teve os calafrios das sezões, andaço na localidade;</i>
<i>Amigalhaço</i>	Coqueiro	<i>Ora, o juiz de paz é um amigalhaço do Coqueiro, não iria nem para o céu em companhia dele. Vê, pois, você que está seguro.</i>

**José de Alencar – XIX**

Vocábulo	Obra	Trecho
<i>Espinhaço</i>	Til	<i>Sô Filipe, venha alguma coisa que se masque, para despregar a barriga do espinhaço!</i>
<i>Ricaço</i>	Til	<i>Foi nestas condições que um ricaço, informado da valentia de João, o tomou para capanga;</i>
<i>Espinhaço</i>	Til	<i>Apesar da torção que lhe vergara o espinhaço como uma hastea de taquaruçu</i>
<i>Estilhaço</i>	Til	<i>um estilhaço do alcantil rolou sobre a laje</i>
<i>Estilhaço</i>	Til	<i>o estilhaço que ela escachara do rochedo e sustinha aos ombros.</i>
<i>Estilhaço</i>	Til	<i>para que este rolasse e partindo-se o tronco, o estilhaço tombasse esmagando-o a ele e a seus inimigos.</i>
<i>Estilhaço</i>	Til	<i>Desabaria o estilhaço de rocha, que servia de abóbada à caverna,</i>
<i>Espinhaço</i>	Til	<i>Um desses corta jaca no espinhaço do pai</i>
<i>Ricaço</i>	Til	<i>O rei era o pajem de um ricaço da vizinhança;</i>
<i>Ricaço</i>	Sonhos d ouro	<i>Soares... Um ricaço?</i>
<i>Ricaço</i>	Senhora	<i>Toda essa gente que rodeia um velho ricaço, ministros, senadores e fidalgos,</i>
<i>Ricaço</i>	Senhora	<i>em vez de atirá-lo pela janela fora como fazem os filhos dos ricaços.</i>
<i>Estilhaço</i>	O guarani	<i>atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio</i>
<i>Estilhaço</i>	O guarani	<i>entre os estilhaços de madeira apareceu um rolo de pergaminho achatado pela pressão em que estivera.</i>

**Joaquim M. Macedo – XIX**

Vocábulo	Obras	Trecho
<i>Atrevidaço</i>	O moço loiro	<i>Quer fosse, quer não; tenho sede naquele atrevidaço.</i>

**Inglês de Souza – XIX**

Vocábulo	Obra	Trecho
<i>Madraços</i>	O missionário	<i>os hábitos madraços não estavam em relação com a sua posição doméstica</i>

**Franklin Távora – XIX**

Vocábulo	Obra	Trecho
<i>Estilhaços</i>	O cabeleira	<i>A estaca bateu a meio no balcão, e metade dela voou pelos ares em estilhaços que foram quebrar as panelas de barro e as poentas botijas</i>
<i>Espinhaço</i>	O cabeleira	<i>A seus pés mostrava-se um sulco deixado no terreno pelas águas que, descendo ao longo do estreito espinhaço,</i>

**Eça de Queirós – XIX**

Vocábulo	Obra	Trecho
<b>Femeação</b>	Os maias	<i>E para mim, muito comido, ali ao pé do Grémio... Então não voltas cá acima, a cavaquear com o femeação? Até logo... Está hoje chic a valer a Gouvarinho! E está a pedir homem! Good-bye.</i>
<b>Estilhaços</b>	Os maias	<i>Tudo jazia em estilhaços, no lodo imundo.</i>
<b>Ricaços</b>	Primo Basílio	<i>partidas de monte até de madrugada com ricaços do Alentejo; u</i>
<b>Ricaço</b>	Primo Basílio	<i>um desdém ricaço, dardejando olhadelas sobre Luísa, através dos seus óculos de ouro</i>
<b>Estilhaços</b>	Primo Basílio	<i>rolou no chão com estilhaços de louça, e uma nódoa escura de azeite alastrou-se na esteira.</i>
<b>Cachaço</b>	Primo Basílio	<i>pondo com ruído a bengala sobre a mesa e deitando o chapéu para o cachaço.</i>
<b>Cachaço</b>	Crime do padre amaro	<i>apartado até ao cachaço numa risca perfeita.</i>
<b>Cachaço</b>	Crime do padre amaro	<i>Salta-me no cachaço do ímpio!</i>
<b>Cachaço</b>	Crime do padre amaro	<i>tio Osório acariciou o cachaço e disse com um tom finório:</i>
<b>Inchaço</b>	Crime do padre amaro	<i>ainda que, louvado Deus, não havia fratura, nem inchaço</i>
<b>Cachaço</b>	Crime do padre amaro	<i>O cônego coçava estupidamente o cachaço</i>
<b>Ricaço</b>	Crime do padre amaro	<i>cônego Dias, o ricaço, estava interessado na pesquisa.</i>
<b>Ricaço</b>	Crime do padre amaro	<i>e apenas um ricaço excêntrico de ao pé de Alcobaça que comprara aquela velha propriedade dos fidalgos de Poiais,</i>
<b>Madraço</b>	Crime do padre amaro	<i>e iam, num vagar madraço.</i>
<b>Talentaço</b>	A relíquia	<i>onvidava-me a declinar arbor, arboris; currus, curri; proclamava-me com afeto "talentaço"</i>
<b>Ricaço</b>	A relíquia	<i>Estivera passando esse mês no Alentejo, com seu tio, ricaço ilustre, o Barão de Alconchel.</i>
<b>Ricaço</b>	A relíquia	<i>O Barão de Alconchel, o ricaço, tio daquele rapaz que foi meu condiscípulo</i>
<b>Espinhaço</b>	A relíquia	<i>E este foi o começo dessa anelada liberdade que eu conquistara laboriosamente, vergando o espinhaço diante da Titi, macerando o peito diante de Jesus!</i>
<b>Espinhaço</b>	A relíquia	<i>Ora venha cá, venha cá! - disse ele, mal eu assomei curvando o espinhaço</i>
<b>Cachaço</b>	A relíquia	<i>vergava o cachaço reverente e nédio; o assessor sorria, atento.</i>
<b>Cachaço</b>	A relíquia	<i>agarro-o pelo cachaço...</i>
<b>Espinhaço</b>	Ilustre casa de Ramires	<i>le demolira o Cavaleiro! E subiria agora, de espinhaço vergado,</i>
<b>Femeação</b>	Ilustre casa de Ramires	<i>Sem sabor - resumiu André. - Poeirada horrenda, femeação medíocre... E já me esquecia. Sabes quem</i>

**Domingos Olimpo – XIX**

Vocábulo	Obra	Trecho
<b>Pontaço</b>	Luzia homem	<i>o Borburema perdeu o gibão, e foi ferido com um pontaço nas cruces;</i>

**Bernardo Guimarães – XIX**

Vocábulo	Obra	Trecho
<b>Ricaço</b>	O guarimpeiro	<i>e fazia a corte ao Major que o não olhava com maus olhos; pois via nele um ricaço em esperança, e por conseguinte um excelente genro.</i>
<b>Estilhaços</b>	O ermitão	<i>sua cabeça a enorme e truculenta clava fazia saltar pelos ares em estilhaços os tacapes inimigos,</i>

**Apolinário Porto – XIX**

Vocábulo	Obra	Trecho
----------	------	--------

<b>Pinotaços</b>	O vaqueiro	<i>A fome é lei. Nós havemos de conchavar sem pinotaços.</i>
<b>Pontaço</b>	O vaqueiro	<i>ele cujo punho robusto macerava os músculos das garras da onça, cuja clavina não errava um tiro, cuja faca não falhava um pontaço?</i>

**Aluísio de Azevedo – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Andaço</b>	O mulato	<i>Andaço! resmungou este. Dê cá um cigarro.</i>
<b>Cachaço</b>	O mulato	<i>as tocinhudas espáduas e as roscas taurinas do cachaço</i>
<b>Ricaço</b>	O mulato	<i>tinha até certo emproamento ricaço</i>
<b>Cachaço</b>	O homem	<i>Tinha papadas, e fazia roscas no cachaço</i>
<b>Ricaço</b>	O coruja	<i>Nunca depenei um ricaço por amor ao seu dinheiro,</i>
<b>Ricaço</b>	O coruja	<i>om sua avareza mal disfarçada e com a sua proa de ricaço</i>
<b>Cachaço</b>	O cortiço	<i>e saias arrepanhadas no quadril, o cachaço grosso e negro</i>
<b>Estardalhaço</b>	O cortiço	<i>Mas nisto um estardalhaço de formidáveis pranchadas</i>
<b>Cachaço</b>	O cortiço	<i>a socar-lhe o cachaço de murros contínuos, desgrenhada,</i>
<b>Cachaço</b>	O cortiço	<i>as róseas lustrosas do seu cachaço lembravam grossos chouriços de sangue,</i>
<b>Bagaço</b>	Livro de uma sogra	<i>o seco e frio bagaço do seu passado. Não se esquece do menor episódio;</i>
<b>Ricaço</b>	Girândula de amores	<i>dilatava os lábios nesse risinho discreto e malicioso dos ricaços condecorados.</i>
<b>Estardalhaço</b>	Filomena Borges	<i>E carruagens a galope cortavam as ruas, em várias direções, num estardalhaço febril</i>
<b>Estardalhaço</b>	Filomena Borges	<i>Ouviu-se um estardalhaço de portas que se abrem precipitadamente</i>
<b>Estardalhaço</b>	Casa de pensão	<i>Já ninguém se entendia com o estardalhaço das vozes,</i>
<b>Estardalhaço</b>	Casa de pensão	<i>Ouvi-se logo o estardalhaço impetuoso dos gritos</i>
<b>Ricaço</b>	A condessa vésper	<i>o nédio ricaço que brincava com muitos contos de réis</i>
<b>Espinhaço</b>	A condessa vésper	<i>Jorge declarou que tinha o estômago no espinhaço</i>

**Adolfo Caminha – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Espinhaço</b>	Bom crioulo	<i>Deslizar no espinhaço negro do marinheiro</i>
<b>Espinhaço</b>	Bom crioulo	<i>Descendo pelo espinhaço e espalhando-se por todo o organismo.</i>
<b>Bigodaço</b>	A normalista	<i>mordendo com desespero as guias do bigodaço.</i>
<b>Ricaços</b>	A normalista	<i>os políticos e ricaços, que o pobre em Fortaleza, ainda que pesasse quilogramas</i>

**Bernardo Guimarães – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Cachaço</b>	A orgia dos duendes	<i>Que tirou do cachaço de um frade</i>

**Raul Pompéia – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Estilhaço</b>	A tona d água	<i>imerso no ocaso um estilhaço de lua que dissolve</i>
<b>Estardalhaço</b>	A batalha dos livros	<i>esgrimindo um estardalhaço de raios e reerguia-se à eminência</i>

**Arthur Azevedo – XIX**

<b>Vocábulo</b>	<b>Obras</b>	<b>Trecho</b>
<b>Poetaço</b>	A réclame	<i>Pois sim, mas peço-te que não te debruces nessa janela quando o tal poetaço estiver no seu caramanchão.</i>

<b>Ricaço</b>	A moça mais bonita do Rio de Janeiro	<i>E muito bonita, é, mas não tem vintém, e se se casasse à força com algum ricaço</i>
<b>Ricaço</b>	A moça mais bonita do Rio de Janeiro	<i>esse ricaço comodista se abalasse de Botafogo para vir assistir a missa rezada por alma de um funcionário obscuro,</i>
<b>Mario de Sá Carneiro – XX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Estilhaços</b>	Confissões de Lucio	<i>voará em estilhaços</i>
<b>Lindolfo Rocha – XX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Ricaço</b>	Dusá	<i>esquecerem jamais os modos altivos e os tiques de ricaços de outros tempos.</i>
<b>Panaços</b>	Dusá	<i>Tomaram uns panaços de facão</i>
<b>Estilhaços</b>	Dusá	<i>enquanto voavam estilhaços de móveis,</i>
<b>Lima Barreto – XX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Ricaços</b>	Recordações do escrivão	<i>como antes o fizeram aos ricaços que ali tinham habitado</i>
<b>Ricaços</b>	Recordações do escrivão	<i>Os magnatas: ministros, juízes, coronéis, ricaços, engrossadores com as suas mulheres e filhas,</i>
<b>Estardalhaço</b>	O cemitério dos vivos	<i>com o seu estardalhaço, que não me permitiam ler com atenção.</i>
<b>Estilhaço</b>	O cemitério dos vivos	<i>em estilhaços de pensamentos,</i>
<b>Júlia Lopes – XX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obras</b>	<b>Trecho</b>
<b>Cachaço</b>	A falência	<i>Era o Lélío; viram-lhe o gordo cachaço, através dos vidros da porta, quando ele passou pelo corredor.</i>
<b>Estardalhaço</b>	A falência	<i>com estardalhaço, chocalhando ferragens, e um rumor compacto de vozes</i>
<b>Manuel de Oliveira Lima – XX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Ricaço</b>	O movimento da independência	<i>abrangendo 50 e tantos ricaços, entre eles o visconde do Rio Seco</i>
<b>Andaço</b>	O movimento da independência	<i>A agitação nos espíritos era grande e deu-se como que um andaço de insubordinações</i>
<b>João S. Lopes – XX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obras</b>	<b>Trecho</b>
<b>Ginetaço</b>	O negrinho do pastoreiro	<i>E o Negrinho, de em pêlo, agarrou-se como um ginetaço.</i>
<b>Trompaço</b>	O negrinho do pastoreiro	<i>O trompaço das mil onças tinha-lhe arreventado a alma.</i>
<b>Bagaço</b>	A salamanca	<i>como o sumo se aparta do bagaço</i>
<b>Ricaço</b>	A salamanca	<i>Para seres ricaço de campo e gado e manadas de todo o pelo</i>
<b>Atrevidaços</b>	A salamanca	<i>pra lá tocavam-se ao escurecer, outros, atrevidaços iam à meia-noite</i>
<b>João do Rio – XX</b>		
<b>Vocábulo</b>	<b>Obra</b>	<b>Trecho</b>
<b>Valentaço</b>	A menina	<i>Ainda para os fundos moravam a velha mãe de Flora, com um tipo</i>

	amarela	valentação, que lhe batia diariamente
--	---------	---------------------------------------

## Anexo B

Texto citado no Capítulo 4 – Seção 5.2

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO 16/03/97

n. 17.202

# Uma PetroEncrença de US\$ 160 milhões

Há uma banana sobre a mesa do presidente da Petrobrás, Joel Rennó. Em 1995 ele abriu uma licitação internacional para a conversão de dois navios e uma plataforma semi-submarina em unidades produtoras de petróleo. Colocadas em alto mar, serviriam para separar o petróleo dos poços da Bacia de Campos da água e do gás que o acompanham no esguicho.

Coisa de gente grande, não só pelo ervanário envolvido, como pela importância do equipamento. A três unidades produziriam 250 mil barris por dia, equivalentes a mais de 25% de toda a produção nacional de hoje.

A concorrência foi ganha pelo estaleiro Indústrias Verolme-Isibrás, o IVI. Um navio, o Prudente de Moraes, deveria ficar pronto em fevereiro. Outro, o Vidal de Negreiros, em maio, e a plataforma em setembro.

Tudo combinado com os financiadores japoneses e, por via das dúvidas, com os prazos segurados junto a empresas americanas. Foi o maior seguro de desempenho já feito no Brasil. Ele é a suprema garantia contra enxaquecas de empreiteiros. Se saem fora do prazo ou do preço, a seguradora tem que comparecer para cobrir o prejuízo.

Há poucas semanas o estaleiro informou a Petrobrás que não tem como entregar as mercadorias. Precisa de mais 160 milhões de dólares. A esta altura o navio de fevereiro só fica pronto em maio, o de setembro em novembro e a plataforma de maio, em julho.

Pelo manual, seria coisa fácil: a Petrobrás avisaria a seguradora que o desempenho desandou e estaria protegida.

A banana brotou quando a seguradora USF&G informou que só desembolsa algum se a Petrobrás cumprir o ritual do negócio. Ele passa, necessariamente, pela declaração, na Justiça, de que o estaleiro descumpriu o contrato.

Bananaço.

O estaleiro não trabalha se não receber o novo ervanário.

Os financiadores japoneses querem as unidades trabalhando para pegar de volta o que investiram.

A Petrobrás precisa do óleo porque está torrando bilhões em dólares.

A seguradora precisa que seja proclamado o mau serviço da IVI para pagar um seguro que, como o próprio nome diz, banca seu desempenho.

Ouvidos individualmente, todos os personagens dessa histó-



ria serão mocinhos, mas a banana só será descascada se alguém ficar no papel de Jack Palance.

Isso numa economia de mercado, daquelas que FFHH gosta. Fora daí, é fácil: basta meter a mão no bolso da Viúva e dizer que tudo não passou de um mal-entendido.

## ANEXO C

### Imagens

**Imagem 1**



*Cardo marítimo*

[http://rlv.zcache.com/blue\\_thistle\\_card-p137726118521067170t5tq\\_400.jpg](http://rlv.zcache.com/blue_thistle_card-p137726118521067170t5tq_400.jpg)

**Imagem 2**



*Cardo - thistle da alcachofra*

[http://pt.dreamstime.com/searchkwy\\_cardo\\_thistle-da-alcachofra](http://pt.dreamstime.com/searchkwy_cardo_thistle-da-alcachofra)

**Imagem 3**



*falcão*

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/falcao-peregrino/imagens/falcao-peregrino-2.jpg>

**Imagem 4**



*falcão*

[http://1.bp.blogspot.com/\\_gGXoKdNpMM/Sgnt0DLNWWI/AAAAAAAAAk8/U7GiQj\\_fwEc/s320/falc%C3%A3o+peregrino.bmp](http://1.bp.blogspot.com/_gGXoKdNpMM/Sgnt0DLNWWI/AAAAAAAAAk8/U7GiQj_fwEc/s320/falc%C3%A3o+peregrino.bmp)

**imagem 5**



<http://polemikos.com/?p=1731>

**Imagem 6**



<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=847864>

**Imagem 7**



“Sucatão” - <http://montesclaros.com/img/fotos/sucatao.jpg>

**Imagem 8**



“Sucatinha” - <http://www.aereo.jor.br/wp-content/uploads/2009/06/737-200-500x331.jpg>

**Imagem 9**



*Guatambu – pau-marfim*

**Imagem 10**



**Imagem 11**

